



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

MARCELO DAISUKE YAMAKI

**IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA
CRISE DEMOGRÁFICA JAPONESA**

CAMPINAS

2019

MARCELO DAISUKE YAMAKI

**IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA
CRISE DEMOGRÁFICA JAPONESA**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Demografia.

Orientadora

MARIA COLETA FERREIRA ALBINO DE OLIVEIRA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO MARCELO DAISUKE
YAMAKI, E ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. MARIA COLETA FERREIRA
ALBINO DE OLIVEIRA.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

Y144i Yamaki, Marcelo Daisuke, 1982-
Implicações sociais da crise demográfica japonesa / Marcelo Daisuke
Yamaki. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Demografia. 2. Crise demográfica. 3. Dinâmica demográfica. 4. Crise
demográfica japonesa. 5. Cultura - Japão. I. Oliveira, Maria Coleta Ferreira
Albino de, 1947-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Social implications of the Japanese demographic crisis

Palavras-chave em inglês:

Demography

Demographic crisis

Demographic dynamics

Japanese demographic crisis

Culture - japan

Área de concentração: Demografia

Titulação: Doutor em Demografia

Banca examinadora:

Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira [Orientador]

Rosana Aparecida Baeninger

Glaucia dos Santos Marcondes

Leiko Matsubara Morales

Roberta Guimarães Peres

Data de defesa: 11-09-2019

Programa de Pós-Graduação: Demografia

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2899-7853>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/2735071763770786>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 11 de setembro de 2019, considerou o candidato Marcelo Daisuke Yamaki aprovado.

Profa. Dra. Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira

Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger

Profa. Dra. Glaucia dos Santos Marcondes

Profa. Dra. Leiko Matsubara Morales

Profa. Dra. Roberta Guimarães Peres

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedicatória

A Pat



Esposa dedicada

Ajudadora que enfrenta

Irmã em Cristo

Agradecimentos

Agradeço a Deus.

Agradeço à Pat por ouvir e me fazer ouvir; por olhar por mim e me fazer enxergar; pelas risadas e pelos conselhos; pela esperança em tempos bons e pela sinceridade nas dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Humberto e Midori, e à minha irmã, Claudia, por me apoiarem de todas as formas possíveis.

Agradeço à Profa. Maria Coleta Ferreira Albino de Oliveira pela dedicação na orientação e paciência nestes quatro anos de doutorado; pelo privilégio de poder assistir às suas aulas de Questões Demográficas Atuais; e, pelas manhãs de Leitura Dirigida seguidas de almoço.

Agradeço aos professores do departamento com quem tive aulas e/ou contribuíram para a tese (em ordem alfabética): Álvaro Oliveira D'Antona, Ana Silvia Volpi Scott, Everton Emanuel Campos de Lima, Glaucia dos Santos Marcondes, Joice Melo Vieira, José Marcos Pinto da Cunha, Luciana Correia Alves, Marta Azevedo, Rosana Aparecida Baeninger.

Agradeço à professora Adriana Capuano de Oliveira que tem acompanhado a minha trajetória acadêmica desde o mestrado.

Agradeço às professoras Leiko Matsubara Morales e Roberta Guimarães Peres.

Agradeço aos colegas de pós e aos amigos que se disponibilizaram para ler alguma versão da minha tese e ouvir argumentos ainda mal estruturados no início da minha pesquisa; muitos contribuíram com comentários, em particular aqueles com quem comi pizza na casa da Tath e do Thiago (é gente demais para listar aqui).

Agradeço a todos que me ouviram falar da minha pesquisa sem parar durante as caronas entre São Paulo e Campinas, inclusive a aqueles que fingiram estar dormindo e a aqueles que teriam descido na estrada se tivessem esta opção.

Agradeço à Lourdes que me ensinou que “o papel aceita tudo” e se algo está ruim “tem que jogar lá no mato”.

Agradeço a quem orou por mim.

Agradeço ao Jet e à Benson.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Epigrafe

<https://anond.hatelabo.jp/20160215171759>

2016-02-15

■^{ほいくえんお}保育園^{にほんし}落ちた日本死ね!!!

^{なに}何^{にほん}なんだよ日本。

^{いちおくそうかつやくしゃかい}一億総活躍社会^{じゃねー}じゃねーのかよ。

^{きのうみごと}昨日見事^{ほいくえんお}に保育園落ちたわ。

どうすんだよ^{わたしかつやくでき}私活躍出来ねーじゃねーか。

^{こども}子供を^う産んで^{こそだ}子育てして^{しゃかい}社会に出て^{はたら}働いて^{ぜいきんおさ}税金納めて^いやるって^{にほん}言ってるのに日本

^{なに}は何が^{ふまん}不満なんだ？

^{なに}何が^{しょうしか}少子化だよクソ。

^{こども}子供産んだはいいけど^{きぼうどお}希望通り^{ほいくえん}に保育園^{あず}に預けるの^{むり}ほぼ無理だからwって^い言っ

て^{こども}子供産むやつ^{なんかい}なんかいねーよ。

^{ふりん}不倫してもいいし^{わいろ}賄賂受け取るのも^とどうでもいいから^{ほいくえんふ}保育園増やせよ。

オリンピックで^{なんひやくおくえんむだ}何百億円無駄^{つか}に使ってたよ。

エンブレムとか^{ほいくえんつく}どうでもいいから保育園作れよ。

^{ゆうめい}有名な^{ほら}デザイナー^{かね}に払う金^{ほいくえんつく}あるなら保育園作れよ。

どうすんだよ^{かいしゃ}会社やめなくちゃならねーだろ。

^{にほん}ふざけんな日本。

^{ほいくえんふ}保育園増やせないなら^{じどうてあて}児童手当^{まん}20万にしろよ。

^{ほいくえん}保育園も^ふ増やせないし^{じどうてあて}児童手当も^{すうせんえん}数千円しか^{はら}払えないけど^{しょうしか}少子化^{はなし}なんとかしたい

^{はなし}んだよねーってそんなムシのいい話あるかよボケ。

^{くに}国が^{こども}子供産ませないで^{どうすんだ}どうすんだよ。

^{かね}金があれば^{こども}子供産むってやつが^とゴマンといるんだから^{かねだ}取り敢えず^{こども}金出すか子供に

^{ひようすべ}かかる費用^{むしやう}全てを無償にしろよ。

^{ふりん}不倫したり^{わいろ}賄賂受け取ったり^{つく}ウチワ作ってるやつ^{みつろ}見繕って^{こっかいぎいん}国会議員を^{はんぶんぐらい}半分位クビ

^{ざいげんつく}にすりゃ財源作れるだろ。

^{かげん}まじいい加減^{にほん}にしろ日本。

^{ついき}追記

<https://twitter.com/hoikuenochita>

...

Resumo

O Japão passa por uma crise demográfica. Esta pesquisa estuda como a crise demográfica do Japão foi construída culturalmente, ou seja, define o conceito de crise demográfica; analisa o contexto demográfico japonês e sua dinâmica; e, aborda dilemas sociais comuns a outros países. A atual crise demográfica do Japão é caracterizada por baixíssima quantidade de filhos por mulher; taxas de mortalidade por faixa etária em declínio lento, compondo uma mortalidade cada vez maior para a população como um todo; e, saldo insuficiente entre emigrantes e imigrantes para compensar a diferença entre óbitos e nascimento. A interpretação e percepção destes indicadores demográficos é permeado por uma ideia de ameaça, um senso de urgência para a eliminação ou diminuição dos efeitos desta ameaça; e, uma falta de consenso quanto a causas e contramedidas possíveis. Interpretação e indicadores considerados em conjunto permitem explicar o contexto demográfico japonês do presente e vislumbrar possíveis trajetórias para o futuro.

Palavras-Chave

Crise; crise demográfica; crise demográfica japonesa; demografia do Japão; estudos populacionais do Japão; Japão.

Abstract

Japan is going through a demographic crisis. This research studies how the demographic crisis of Japan was culturally constructed, in other words, defines the concept of demographic crisis; analyzes the Japanese demographic context and its dynamics; and addresses social dilemmas common to other countries. Japan's current demographic crisis is characterized by extremely low number of children per woman; mortality rates by age range in slow decline, increasing mortality rate for the population as a whole; and, a balance between emigrants and immigrants insufficient to compensate the difference between death and birth. The interpretation and perception of these demographic indicators is permeated by an idea of a threat, a sense of urgency to eliminate or diminish the effects of this threat; and a lack of consensus on possible causes and countermeasures. Interpretation and indicators taken together allow us to explain the Japanese demographic context of the present and trace possible trajectories for the future.

Keywords

Crisis; demographic crisis; Japanese demographic crisis; demography of Japan; population studies of Japan; Japan.

Lista de figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Pirâmide etária - Japão - 2018..... | 28 |
| Figura 2 - Baixa fecundidade, envelhecimento e queda de população – Mundo – 2010-2015..... | 39 |
| Figura 3 – Termos indicando filhos de pai estrangeiro e mãe japonesa ou pai japonês e mãe estrangeira por ano do uso – Japão – 1860-2010..... | 59 |
| Figura 4 – População – Japão – 1920-2015..... | 68 |
| Figura 5 – Taxa Bruta de Natalidade, Taxa Bruta de Mortalidade e Crescimento Natural – Japão – 1947-2014..... | 69 |
| Figura 6 – Proporção da população com idade abaixo de 15 anos e com idade de 65 anos ou mais – Japão – 1920-2015..... | 70 |
| Figura 7 – Razão de Dependência dos Jovens, dos Idosos e Total – Japão – 1920-2015..... | 72 |
| Figura 8 – Pirâmide etária – Japão – 1920-2015..... | 73 |
| Figura 9 – Pirâmide etária em forma de “colmeia” – Austrália – Projeção para o ano 2098..... | 74 |
| Figura 10 - Pirâmide etária em forma de “caixão” – Austrália – Projeção para o ano 2098..... | 75 |
| Figura 11 – Número de mulheres com idade de 15 a 49 anos e proporção em relação ao total de mulheres– Japão – 1920-2015..... | 76 |
| Figura 12 – Taxa de Fecundidade Total – Japão – 1947-2014..... | 77 |
| Figura 13 – Idade Média da Mãe ao Nascimento do Primeiro Filho normalizado pelo valor de 1950 (24,4 anos) – Japão – 1950-2015..... | 79 |
| Figura 14 – Taxas Específicas de Fecundidade – Japão – 1950-2015..... | 79 |
| Figura 15 – Variação percentual no tempo das Taxas Específicas de Fecundidade em relação a 1950 – Japão – 1950-2015..... | 80 |
| Figura 16 – Taxas de casamento e de divórcio – Japão – 1947-2015..... | 83 |
| Figura 17 – Taxa Bruta de Mortalidade – Japão – 1947-2014..... | 85 |
| Figura 18 – Logaritmo das Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária – Japão – 1950-2015..... | 86 |
| Figura 19 - Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária de zero a 64 anos – Japão – 1950-2015..... | 87 |
| Figura 20 – Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária de 65 anos em diante – Japão – 1950-2015..... | 88 |
| Figura 21 – Curvas de sobrevivência lx – Japão – 1947-2014..... | 89 |
| Figura 22 – 1º Quartil, Mediana e 3º Quartil da idade do Óbito – Japão – 1947-2014..... | 90 |
| Figura 23 – Intervalo Interquartil da Idade do Óbito – Japão – 1947-2014..... | 90 |
| Figura 24 – Distribuição dos óbitos por idade simples – Japão – 1947-2014..... | 91 |
| Figura 25 – Expectativa de vida em cada idade – Japão – 1947-2014..... | 92 |
| Figura 26 - Proporção de algumas causas de óbito em relação ao total - Japão - 1899-2016..... | 94 |
| Figura 27 - Taxa de Bruta de Natalidade e Razão de Sexo ao nascer – Japão – 1900-1980..... | 97 |
| Figura 28 – Pirâmide etária dos imigrantes internacionais - Japão – 2015..... | 114 |

| | |
|--|-----|
| Figura 29 – Pirâmide etária – Japão – 2015 | 115 |
| Figura 30 - Total de imigrantes com status de residência de médio e longo prazo por nacionalidade - Japão - 1960-2016..... | 119 |
| Figura 31 – Entrada e saída de migrantes e saldo migratório – Japão – 1950-2016 | 125 |
| Figura 32 – Entrada e saída de japoneses e estrangeiros e saldo migratório – Japão – 1950-2016 | 126 |
| Figura 33 - Variação da população – Províncias do Japão – 2010-2015 | 128 |
| Figura 34 - Pirâmides etárias - Províncias japonesas de Yamaguchi, Okinawa, Tóquio e Aichi - 1955, 1985 e 2015..... | 130 |
| Figura 35 – Projeção ONU (2017) – Japão – 2015-2100 | 135 |
| Figura 36 – Projeção populacional IPSS (2017) – Japão – 2015-2115..... | 135 |
| Figura 37- Projeção ONU (2017) Median - Grupos etários - Japão 2015-2100 . | 136 |
| Figura 38 - Projeção IPSS (2017) Média Fecundidade Média Mortalidade - Grupos Etários - Japão - 2015-2115..... | 137 |
| Figura 39 - Projeção IASA SSP2 (2015) Idade Mediana e Prospective Median Age - Japão - 2010-2100..... | 138 |
| Figura 40 - Número médio de moradores por domicílio – Japão – 1965-2015 .. | 140 |
| Figura 41 - Domicílios ocupados somente por casal de idosos (homem com 65 anos ou mais e mulher com 60 anos ou mais) - Japão - 1980-2015..... | 141 |
| Figura 42 - Idosos morando sozinhos por faixa etária - Japão - 1980-2015 | 141 |
| Figura 43 - Territórios pertencentes ao Império Japonês - Japão - 1942..... | 144 |
| Figura 44 – Paro, “o robô mais terapêutico do mundo” | 145 |
| Figura 45 - Tecnologia como solução para a crise demográfica | 147 |
| Figura 46 - Proporção de mulheres em cursos de bacharelado por área de estudo - Países selecionados - 2013..... | 151 |
| Figura 47 - Pedidos de avaliação de trabalhadores para doenças psiquiátricas supostamente relacionadas a trabalho - Japão - 2000-2017 | 155 |
| Figura 48 - Suicídios relacionados a questões de trabalho - Japão - 2008-2017 | 155 |
| Figura 49 – Mulheres com emprego em cada faixa etária – Japão – 1956-2012 | 156 |
| Figura 50 - Estrutura etária da renda anual de homens e mulheres por grau de instrução - Japão - 2017..... | 157 |
| Figura 51 – Campanha de conscientização por uma paternidade ativa - 1999.. | 159 |
| Figura 52 – Modificação da Figura 50 - 1999..... | 160 |
| Figura 53 – Representação de Maria com Jesus no colo em um altar - 2019 ... | 161 |
| Figura 54 - Campanha de conscientização por paternidade ativa - 2002 | 163 |
| Figura 55 - Modificação da Figura 54..... | 163 |
| Figura 56 - Artemision | 164 |
| Figura 57 - Posição de Tai Chi "Fan through the back"..... | 164 |
| Figura 58 - Tempo médio diário em minutos dedicado por homens e mulheres a tarefas domésticas; cuidado de idosos, doentes e crianças; e, compras – Japão – 1976-2016 | 166 |
| Figura 59 – Relevância de características de um futuro cônjuge - Japão - 2015 | 169 |
| Figura 60 - Domicílios, imóveis e imóveis vazios (akiyas) - Japão - 1958-2013. | 171 |
| Figura 61 - Estrutura etária do funcionalismo público federal (cargos não-eletivos) - Japão – 2007-2017 | 174 |

| | |
|---|-----|
| Figura 62 - Pirâmide etária do funcionalismo público federal (cargos não-eletivos) - Japão - 2017 | 174 |
| Figura 63 - Estrutura etária dos cargos de comando do exército japonês por patente hierárquica - Japão - 2009..... | 177 |
| Figura 64 – Número de detidos pela polícia por faixa etária – Japão – 1998-2017 | 178 |

Lista de Tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 – Número de resultados de busca de termos técnicos da demografia relacionados à crise em jornais japoneses selecionados e bases bibliográficas.. | 35 |
| Tabela 2 – Efeito da estrutura etária e das TEMs na diferença entre TBMs para anos selecionados- Japão - 1950, 1980 e 2010..... | 87 |
| Tabela 3 - Índice de Whipple e idades afetadas em cada Censo Demográfico pelos nascidos nos anos do Cavallo de Fogo – Japão – 1846, 1906 e 1966 | 100 |
| Tabela 4 - Estatísticas Vitais – Japão – 1870-1920 | 105 |
| Tabela 5 - Estatísticas Vitais – Japão – 1920-1975 | 105 |
| Tabela 6 - Entradas de estrangeiros por status de residência – Japão - 2017 .. | 117 |
| Tabela 7 - Quatro perfis demográficos - Províncias japonesas -2015..... | 129 |
| Tabela 8– Maiores e menores taxas brutas de natalidade, mortalidade e de crescimento natural por província (por mil pessoas) – Japão – 2015 | 131 |
| Tabela 9 – Imigrantes internacionais e população por província (em milhares) – Japão – 2015..... | 132 |
| Tabela 10 - Maiores e menores saldos migratórios entre províncias – Japão – 2015 | 133 |
| Tabela 11 - Tempo médio diário em minutos dedicado por maridos e esposas em domicílios de dupla renda a tarefas domésticas; cuidado de idosos, doentes e crianças; e, compras – Japão – 1986-2016 | 167 |

Sumário

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO 1 – Um debate inicial sobre crise, demografia, Japão e seus conceitos decorrentes | 30 |
| CAPÍTULO 2 – Crescimento natural, estrutura etária, antecedentes dos indicadores atuais de fecundidade e mortalidade e o Cavalo de Fogo | 67 |
| 2.1 Crescimento natural e estrutura etária da população japonesa | 67 |
| 2.2 Fecundidade total e específica, postergação dos nascimentos e nupcialidade | 75 |
| 2.3 Mortalidade bruta e específica, expectativa de vida e estratificação de óbitos conforme a causa | 84 |
| 2.4 O Cavalo de Fogo enquanto argumento a favor da importância dos estudos culturais e motivações individuais para informar a análise demográfica | 95 |
| CAPÍTULO 3 – Crítica à aplicação da teoria da transição demográfica ao Japão, migração internacional e impactos da crise demográfica por província | 103 |
| 3.1 A fragilidade da aplicação das teorias de transição demográfica ao Japão | 104 |
| 3.2 Tipos de vistos e principais grupos de imigrantes internacionais | 113 |
| 3.3 Reflexos da crise na escala subnacional das províncias | 126 |
| CAPÍTULO 4 – Perspectivas sem expectativas e os difíceis dilemas duradouros | 134 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 179 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 182 |
| Apêndice A - Mapa do Japão – Regiões e Províncias | 205 |

INTRODUÇÃO

O Japão está passando por uma crise demográfica e este é um conceito indispensável para entender o Japão contemporâneo e os japoneses. Esta tese preenche uma lacuna na literatura através do desenvolvimento teórico do conceito de crise demográfica japonesa. Praticamente não há textos sobre a demografia japonesa em língua portuguesa. Estudos japoneses no Brasil estão fortemente concentrados nas áreas de letras, linguística e antropologia. Nos textos em língua inglesa, o contexto de crise demográfica é explicado de forma inadequada. O debate nestes textos muitas vezes é fundamentado em teorias generalizantes, que não permitem uma compreensão profunda do caso japonês. O Japão, em geral, é tratado como exceção.

Quais são as características, antecedentes e implicações futuras da atual crise? Esta tese se ocupa desta pergunta. No Japão, esta questão orienta o trabalho de demógrafos, sociólogos, economistas, políticos, membros de ONGs e jornalistas. Ela afeta o dia a dia de milhões de japoneses ao influenciar leis, planos econômicos, políticas de imigração e um vasto volume de produção acadêmica. Seus efeitos parecem mensuráveis e triviais. Entretanto, quando se reflete sobre a sua natureza e a sua razão de ser, é possível até mesmo questionar se possui componentes concretos, algum aspecto não-subjetivo. O tipo de resposta que satisfaz a pergunta de pesquisa é uma que contém não só uma definição, mas também uma análise da sociedade japonesa e uma justificativa para tal ponto de vista, justamente pelas controvérsias e abusos suscitados pela ideia de crise demográfica. Propõe-se, portanto, fornecer um descritivo acompanhado de uma interpretação, que pode ser utilizado como diretriz para ações.

O propósito desta pesquisa é estudar como a crise demográfica do Japão foi construída culturalmente. O objetivo de pesquisa é chamado de “propósito”. Reforça-se a ideia de explorar o porquê a crise existe e os usos da crise. A relação da pergunta de pesquisa com o objetivo se observa na noção de que a crise é um construto sendo reconstruído em um processo histórico sem vista de ser interrompido. Esta reconstrução é uma significação-ressignificação, ou seja, um processo de relacionar e conectar os sinais (signos) de crise para se fazer entender o contexto demográfico. A tese mostra que não faltam sinais das implicações sociais da crise. Decorrem do objetivo três necessidades que serão satisfeitas ao longo do trabalho:

compreender o conceito de crise demográfica; analisar o contexto demográfico japonês e sua dinâmica; e, abordar dilemas comuns a sociedades contemporâneas sob um viés sistêmico e interdisciplinar, com ênfase em aspectos demográficos.

Dependendo do enquadramento teórico e das premissas das projeções demográficas, espera-se que o destino de outros países dos diversos continentes seja o mesmo do Japão e este é um dos motivos pelos quais o caso japonês é visto com interesse por pesquisadores do mundo todo. O presente trabalho não interessa apenas a acadêmicos e curiosos com os olhares voltados para a terra do sol nascente; ao buscar entender este Outro distante, é possível enxergar possíveis e urgentes respostas a dificuldades em outros pontos do globo.

Os estudos demográficos podem ser divididos em dois grandes grupos, a saber, a demografia dita formal e os estudos populacionais. Como argumenta Xie (2000), isso decorre de definições do campo da ciência demográfica¹. A fronteira entre os grupos não pode ser delimitada com muita precisão, mas, grosso modo, na demografia dita formal, ocorre a aplicação de um método estatístico com alto poder de exploração sobre um conjunto de dados quantitativos específico, a fim de analisar em profundidade tudo aquilo que o conjunto formado por método e base de dados tem a oferecer enquanto ferramenta. Algumas vezes, pesquisas deste grupo mostram aplicações de métodos já conhecidos no campo da demografia em um recém compilado conjunto de dados; em outras, desenvolvem novos métodos para aplicar em estatísticas já utilizadas em outros trabalhos; casos mais raros apresentam métodos novos e dados novos. Nesta tese não há ênfase em uma técnica estatística específica ou em um conjunto de dados numéricos.

Este texto é uma revisão sistemática da literatura a partir de um enquadramento conceitual desenvolvido pelo autor da tese. Há um anseio evidente em explicitar boa parte dos conhecimentos exigidos para compreender esta revisão, e todos estes pré-requisitos estão incluídos no texto como parte do argumento. O

¹ Segundo Hauser e Duncan (1959, pág. 2, tradução minha), a demografia é “o estudo do tamanho, distribuição territorial e composição da população, mudanças nesta composição e os componentes destas mudanças, que podem ser identificadas como natalidade, mortalidade, movimentação territorial (migração) e mobilidade social (mudança de status)”. A demografia dita formal é “confinada ao estudo das componentes da variação populacional e mudanças” (Ibid., pág. 2, tradução minha). Os estudos populacionais, por sua vez, “não se ocupam apenas com indicadores populacionais, mas também com as relações entre mudanças na população e outras variáveis – sociais, econômicas, políticas, biológicas, genéticas, geográficas e afins” (Ibid., pág. 2, tradução minha). Os estudos populacionais são uma “área de substantivas investigações em que inúmeros enquadramentos teóricos podem ser empregados” (Ibid., pág. 3, tradução minha).

resultado disso é o uso extensivo de uma abordagem interdisciplinar, ainda que demográfica, e isso decorre da natureza do objeto. A crise, no nível individual, se conecta com o modo de viver a própria vida, do dar a vida a uma nova criatura, de como envelhecer e morrer. No nível social, lida com as ideias de manutenção e de extinção de um povo ou de uma nação, de qualidades perenes e temporárias de uma sociedade. Em concordância com o que advoga Billari (2015), um estudo da dinâmica populacional não se basta na descrição de tendências no nível macro; aspectos comportamentais individuais e interações no nível micro são essenciais para explicar processos populacionais². É fundamento da demografia o estudo de coletivos de pessoas conforme determinados critérios ao longo de um período - tamanho, composição e taxas de variação – em paralelo a consequências individuais (PRESTON et al., 2001, p. 1). A capitulação e a estrutura do argumento levam em conta estas aspirações.

Existe uma busca condicionada nas ciências humanas e sociais, uma marcha hesitante em direção a uma profunda intimidade marcada por uma reserva. É na impossibilidade de conciliar subjetivo e objetivo onde se vê o retrato mais realista do mundo que nos cerca. Isso dá sabor à narrativa contida no argumento, a leitura se torna estimulante. Um dos *insights* que obtive durante o doutorado é que a boa ciência entretém. Um leitor informado sobre o autor da pesquisa consegue apreciar melhor a jornada da introdução até a conclusão. Com o propósito de situar minha posição como um analista do Japão contemporâneo, apresento experiências e reflexões pessoais ao longo de uma curta narrativa biográfica de três gerações de homens da minha família. Desta escolha, fica claro que esta pesquisa é para mim uma ruptura com um *corpus* de conhecimento tácito e uma redescoberta após um estranhamento. A sabedoria popular diz que a riqueza só permanece em uma família por três gerações, então procuro fazer bom proveito da minha herança.

O pai de meu pai, nascido no Japão como eu, faleceu em 2009. Ele era conhecido na colônia japonesa³ no Brasil por seu trabalho como escritor. Foi repórter do *Jornal Paulista* e redator-chefe do *Diário Nippak*, jornais de São Paulo em língua

² O argumento é de apropriação pela demografia das relações entre agência e estrutura, indivíduo e sociedade, já debatido nos primórdios da sociologia em trabalhos como “O Suicídio” de Durkheim (DURKHEIM, 2000 [1897]). A abordagem interdisciplinar adotada nesta tese se justifica dentre outros motivos a partir desta característica da demografia de incorporar fundamentos de outras ciências.

³ Comunidade formada por japoneses imigrantes e descendentes.

japonesa. Publicou, traduziu e ganhou prêmios por seus *tankas*^{4,5}. Fez incontáveis traduções de prosa e poesia, desde *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo para o japonês até antologias de *tankas* e *haikais*⁶ para o português. Tenho na memória ocasiões na ACEL⁷ e no Bunkyo⁸ na qual me perguntaram se eu era parente de Masuo Yamaki, pai de meu pai.

Sua impressão amarga sobre a obtenção da nacionalidade brasileira ficou registrada em uma coletânea de ensaios de diversos autores, publicada em comemoração aos cem anos da imigração japonesa no Brasil:

“No momento em que me naturalizei brasileiro, fui apagado dos registros públicos de meu município de origem. Sobre o meu nome escrito em meu documento de identidade, foi riscado um grande X. A partir daí estava proibido de assinar o meu nome em japonês usando *kanjis* e era autorizado a usar somente *katakana*⁹” (YAMAKI, M.; 2008).

O meu avô descreve a experiência de forma melancólica em seu ensaio. Ele era um contador de histórias criativo e experiente. Até que ponto era real a sua angústia no ensaio, não há como saber. Conhecendo-o bem, é improvável que ele apenas buscasse a empatia dos leitores em um momento de celebração do centenário da imigração. A perda parece ter sido superada somente às vésperas de completar seu sexagésimo aniversário na primavera de 1980. Neste ano, pela primeira vez

⁴ Em japonês, 短歌, literalmente *poema curto*. É um dos formatos mais conhecidos de poesia japonesa, criado aproximadamente 1300 anos atrás, estruturado silabicamente na forma 5-7-5-7-7.

⁵ Quando não houver indicação de tradutor, a versão em inglês ou em português de termos e expressões em japonês serão traduções livres realizadas pelo autor desta tese.

⁶ Em japonês, 俳句, se lê *haiku*, mas no Brasil se manteve a grafia antiga da palavra, anterior à reforma ortográfica de 1943. Em seu livro *Trovas Populares Brasileiras*, Afrânio Peixoto, um dos primeiros autores de haikais do Brasil, descreve o *haikai* da seguinte forma: “Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o *haikai*, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o epigrama lírico. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam, entretanto, emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos... de encanto intraduzível. E não são alguns japões que as fazem, senão todos, com mais ou menos facilidade. O *haikai* é uma sensação lírica que todos sentem ou podem exprimir” (PEIXOTO, 1919, pp. 18-19).

⁷ A ACEL é a Associação Cultural e Esportiva de Londrina. É uma associação fundada em 1933, formada principalmente por membros da colônia japonesa na cidade de Londrina, Paraná. Site oficial: < <http://www.acellondrina.com.br>>. Acesso em: 19 out 2017.

⁸ O Bunkyo é a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social. É uma associação fundada em 1955 com sede no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo. Site oficial: < <http://www.bunkyo.org.br>>. Acesso em: 19 out 2017.

⁹ A língua japonesa possui três alfabetos. O *katakana* é um alfabeto fonético da língua japonesa utilizado para palavras e nomes estrangeiros e onomatopeias. Os outros dois alfabetos são o *kanji* e o *hiragana*.

desde a emigração ao Brasil aos nove anos de idade, pôde visitar o pomar onde nasceu. Sua saga relata de forma tocante a visita ao pomar, ainda em atividade após tantos anos e sob o mesmo nome, *Hyakkaen*¹⁰, dado pelo meu bisavô. A história nostálgica se completa no reencontro com um colega de escola da infância, lamentos ao descobrir que conhecidos faleceram na Segunda Guerra, e no compartilhar à mesa de caranguejo com missô¹¹, uma das receitas preferidas de Masuo quando criança.

Em um prefácio de um dos livros em que atuou como tradutor, ele se identifica como “*semi-nissei*, geração situada entre o *issei*¹² e o *nissei*¹³” (NAKABAYASHI & NAKABAYASHI, 2003, p. 15). É interessante o fato de ele não se identificar como “semi-issei”. Talvez a escolha, que transfere o problema para a segunda geração, o tenha ajudado a conciliar a estrutura do termo com a ilegitimidade sugerida pelo prefixo semi. Quiçá a causa seja uma deferência à epopeia dos pioneiros japoneses no Brasil. Segundo o prefácio mencionado, a expressão comumente utilizada, “migração infantil”¹⁴, não se aplicava à situação de pessoas como ele, pois sua vinda ao Brasil foi sob uma condição de total dependência de seus pais e irmãos mais velhos. Diz ele que não veio ao Brasil por vontade própria e que considerar-se imigrante era inapropriado por conferir uma falsa agência a uma criança. Sua fala reflete uma humildade exigida pelo contexto do centenário da imigração, marcado pela exaltação da imagem do imigrante japonês como um desbravador determinado, capaz e bem sucedido. Por outro lado, é possível que seu senso de autonomia e independência tenha surgido só nos anos em que se “instruiu por autodidaxia”, conforme suas palavras, após a conclusão do ensino fundamental em português e japonês (NAKABAYASHI & NAKABAYASHI, 2003, p. 17). Ele não menciona, mas vivenciou no estado de São Paulo o período conturbado da Segunda Guerra Mundial em que a circulação de materiais em japonês, inclusive textos didáticos, foi proibida.

Eu e meu avô somos brasileiros nascidos no Japão, mas, por puro acaso, o fato de ter nascido em outra época me permitiu manter minha nacionalidade

¹⁰ Em japonês, 百果園, *Pomar das Cem Frutas*. Hoje o local é parte do território do município de Date, na província de Fukushima. Na época a região pertencia à aldeia de Tomino.

¹¹ Pasta de soja fermentada utilizada como tempero. É comum o seu consumo como ingrediente em uma sopa chamada em japonês de 味噌汁, *missoshiru*, caldo de missô,

¹² Em japonês, 一世, *issei*, literalmente *primeira geração*. São os imigrantes japoneses.

¹³ Em japonês, 二世, *nissei*, *segunda geração*. Filhos de imigrantes japoneses. Fala-se também em *sanseis* (三世) e *yonseis* (四世), respectivamente, netos e bisnetos de imigrantes.

¹⁴ Em japonês, 子供移民, *kodomo imin*

japonesa. Imagino que as diferenças entre eu e meu avô nas circunstâncias das nossas viagens para o Brasil tenham refletido nas reflexões posteriores sobre nossas identidades japonesas. Eu vim bebê, com dois anos, de avião; ele, um pouco mais velho, de navio. Apesar de criança, ele já tinha uma boa noção de sua realidade e viagens mais demoradas permitem muito tempo para pensar na distância percorrida. Existe um ato de resistência por parte de Masuo na manutenção dos costumes japoneses, no seu profundo domínio da língua e no uso de formas tradicionais de poesia que não tenho como equiparar, tanto na técnica, quanto por eu não ter experimentado de forma tão profunda a repressão da japonesidade. A liberdade cobra seu preço. Felizmente os referenciais familiares incluem conhecimentos, valores, hábitos, vícios e virtudes, tudo faz parte do pacote.

Meu pai, brasileiro nascido em São Paulo, aparentemente nunca teve conflitos internos por ser um *nissei* legítimo, conseqüentemente, sem necessidade de hifens e de justificativas para o uso do prefixo *semi*. A educação sempre ocupou um lugar de destaque em nossa família e com meu pai não foi diferente¹⁵. Ele graduou-se na USP e fez mestrado e doutorado na Universidade de Osaka, no Japão. Arquiteto e urbanista, se especializou nos usos do espaço das cidades e em paisagens históricas, que encham a vista, mas só se aprecia de longe. Outro de seus trabalhos mais interessantes persegue um detalhe distintivo da estrutura de uma construção, essencial na marcenaria japonesa, que são os encaixes de madeira em casas sem pregos. Seu pós doutorado em Oxford, em 1989, ocorreu pouco tempo após o nascimento de minha irmã mais nova e ele foi sozinho para a Inglaterra. Nos anos 1990, foi convidado para dar aulas na Universidade de Saga, no Japão, e desta vez foi decidido que minha mãe, eu e minha irmã iríamos junto.

A estadia em Saga, de um ano, não foi minha primeira, contudo foi a mais longa no Japão desde que nasci. Fui matriculado em uma escola pública tradicional onde o uniforme incluía uma camisa branca sobreposta por um blazer preto, com botoeiras douradas gravadas com o nome da escola. Este blazer tinha o sobrenome de seu dono bordado em amarelo discretamente no peito e, de toda a escola, eu era o único com o escrito em *katakana*. Isso e o fato de eu ser o único aluno “estrangeiro” – entre aspas por eu ter nascido no Japão e possuir dupla nacionalidade, a japonesa e a brasileira – acabava chamando a atenção das outras crianças. Eu gostava desta

¹⁵ Link para o currículo Lattes de Humberto Yamaki: <<http://lattes.cnpq.br/4677741821909670>>.

atenção e a vaidade me alienava de um confronto com quaisquer reflexões similares às do ensaio do meu avô.

Para orgulho dos pais japoneses de minha mãe japonesa, após me formar em engenharia fui trabalhar na montadora Toyota, aqui no Brasil. A politicagem no ambiente de trabalho e os embates culturais entre brasileiros e japoneses me levaram a aprender mais e mais sobre o Japão, sobre o Brasil e sobre o papel dos descendentes de japoneses como mediadores de culturas. À custa de muito esforço e tempo ganhei fluência no “Toyotês”¹⁶; aprendi a cultura de trabalho e a etiqueta de ambiente de trabalho; memorizei *hobbies* de dezenas de gestores para ter assunto para conversar nos intervalos de reuniões e nas noites de hora extra, porque era “necessário”. Passei por uma crise ao aceitar uma visão estereotipada do trabalho na cultura japonesa e incorporar uma caricatura de masculinidade em que o excesso de trabalho faz parte da identidade. Simultaneamente vivenciei a situação toda como um conjunto de más práticas de gestão e relações desumanas e insustentáveis, beirando o assédio moral. Depois de quase cinco anos na multinacional automobilística, decidi fazer um mestrado em ciências sociais. Contei com muito apoio de minha esposa, a primeira pessoa não-descendente de japoneses na minha família, e por um tempo mantive segredo para os meus avós em relação à minha aventura acadêmica.

Refletindo sobre a minha dissertação, vejo que ela me permitiu uma reinterpretção do valor daquilo que é autenticamente japonês. Em síntese, o (ab)uso desta imagem do Japão e do japonês permitiu o desenvolvimento de um sistema de produção industrial extremamente eficiente na exploração da força de trabalho (YAMAKI, M. D.; 2014). Se a forma de trabalhar é associada a uma cultura nacional e se esta forma se traduz na linguagem universal do sucesso financeiro, é extremamente útil a uma empresa trabalhar os funcionários e fazê-los trabalhar maquiando a exploração através de um discurso de conflito cultural inerente à globalização à japonesa. Politicamente, foi bastante conveniente ao Japão escolher esta empresa como representante do modelo de gestão nacional. A Toyota foi uma resposta à Ford como modelo de excelência em sistema de produção em massa. Em

¹⁶ Vocabulário técnico da indústria automobilística característico da empresa Toyota. Não é inglês, nem japonês, nem uma simples mistura dos dois. Envolve nomes de equipamentos, peças, jargão de gestão de produção e de administração de empresas e muitas palavras que caíram em desuso. Por exemplo, durante um estudo de eficiência de montagem participei de uma reunião onde se utilizou um documento explicando em detalhes a velocidade de montagem do ムーンルーフ (*mu-nru-fu*) de um certo modelo de carro. O termo vem do inglês *moon roof* com pronúncia japonesada, o teto lunar, que, por algum motivo, veio a se tornar teto solar nos dias de hoje.

um momento posterior, no qual a cultura de trabalho desta empresa japonesa foi convertida em um conjunto de técnicas – verbalizadas, reproduzíveis em larga escala e passíveis de uma pedagogia estruturada – o Toyotismo é desmistificado. Não é coincidência que esta racionalização ocidental, esta contenção do exótico japonês, ocorre concomitantemente a uma crise das bolsas asiáticas nos anos 1990. O sistema de produção Toyota então recebe um novo nome na língua universal do *business*, *Lean Manufacturing*, que passa a ser adotado na forma original ou às vezes traduzido no Brasil, como “Produção Enxuta” (WOMACK, JONES, ROOS; 2004). É descaracterizada de suas origens, do nome da empresa familiar que a criou¹⁷.

Uma das advertências que recebi durante o processo de aprender a fazer pesquisa foi de não transformar o meu trabalho em terapia. O risco do texto final deste doutorado se tornar um esboço de autobiografia ou a reprodução de sessões fictícias com um psicólogo pareceu relativamente distante no começo do processo de escrita, afinal, esta tese lida com a demografia do Japão atual. O ato de contar pessoas e aplicar métodos estatísticos prescinde de introspecção e tensão emocional, como qualquer outra forma insípida de pesquisa quantitativa. Entretanto, questões de identidade pessoal e coletiva do demógrafo são parte integrante de seu trabalho, a enumeração de populações se baseia em critérios pendendo a determinado viés e os números passam por uma interpretação pincelada por nuances de subjetividade. A ética de pesquisa requer transparência e reflexividade. Próximo ao lugar onde objeto, método e campo científico se encontram estão a vivência pessoal do pesquisador, sua intuição e seu estilo. Estas não são replicáveis e alguns aspectos da pesquisa seguem incomunicáveis, inviáveis de se comunicar devido aos gêneros textuais exigidos na produção acadêmica e incompreensíveis em sua totalidade. A própria escolha da pergunta de pesquisa muitas vezes representa uma extensão de dramas individuais do pesquisador vinculados a temas universais da experiência humana, como nacionalidade, gênero, raça, trabalho, classe, educação, saúde, envelhecimento e família.

¹⁷ O atual presidente da Toyota, Akio Toyoda, é neto do fundador. Ele tem tentado conciliar um discurso de gestão pautada em um retorno às raízes da empresa ao mesmo tempo em que tenta conduzir modernizar as tecnologias empregadas na Toyota para fazer frente a seus concorrentes. Recentemente tenho meditado sobre alguns paralelos da minha vida com a vida de Akio, mas não convém detalhar nesta tese,

A falta de consenso em torno do conceito de crise demográfica japonesa poderia ter sido problemática se não tivesse sido tratada com cautela. A abordagem para contornar divergências entre leituras foi inspirada pelo filme *Rashomon*^{18,19} de Akira Kurosawa e pelo método de pesquisa homônimo.

Diz Richie (1990) que as autoridades da SCAP (*Supreme Commander for the Allied Forces*, militares americanos que ocuparam o Japão entre 1945 e 1952 no pós Guerra) demandavam a inclusão de valores democráticos e individualistas nos filmes. A velha ordem deveria ser criticada. O relativismo de *Rashomon* reflete o espírito desta fissura, retratando concepções sobre a “nova” sociedade japonesa que abandonava um certo recorte do passado. Persevera uma dúvida após o final do filme; não há final feliz Hollywoodiano, não há respostas prontas. A cultura japonesa pode ser preconceituosamente vista como monolítica, mas a perspectiva de *Rashomon* mostra amplo um espaço de contestação centrado no indivíduo que os americanos tentaram criar. Uma releitura adaptada ao contexto atual permite dizer que as personagens não têm controle sobre os rumos do roteiro e a tensão não resolvida é o verdadeiro centro da narrativa. A engenharia social americana do pós guerra teve um alcance limitado; o Japão continuou sendo o Japão. São nas crises e nos conflitos onde se veem os caminhos da história. Inspirados pela obra de Kurosawa, diversos acadêmicos consideraram as inconsistências entre fontes e informantes no processo de pesquisa como um problema a ser superado, e chamaram atenção ao “efeito *Rashomon*” (SPIEGEL, 1969; RYDER, 1970; FANSELOW, 1977; TREND, 1978; CONDRAN, BODE, 1982; STETS, STRAUS, 1989; ISKANDAR, 1996; ROTH, MEHTA, 2002).

O efeito *Rashomon* pode ser observado não só nos sujeitos de pesquisa, mas também entre pesquisadores. Heider (1988), em sua pesquisa sobre o campo da antropologia, levanta numerosas hipóteses para a existência do efeito *Rashomon*

¹⁸ Em japonês, 羅生門.

¹⁹ Os personagens de *Rashomon* discutem entre outras coisas o fato inquestionável de que alguém morreu. Há uma multiplicidade de interpretações e o assassinato de um samurai é o único ponto em comum a todos os relatos. O filme é baseado em dois contos do escritor Ryunosuke Akutagawa; o ambiente vem do homônimo conto *Rashomon* e a trama vem do conto “Dentro do Bosque” (*In the grove*, em inglês; *Yabu no naka*, em japonês) (AKUTAGAWA, [s.d.]; MURRAY, 2003; DAVIDSON, 1954). O texto do primeiro conto se passa nos arredores do portal *Rashomon*, em Kyoto, sob uma chuva forte. O segundo, “Dentro do Bosque”, é estruturado em uma sequência de depoimentos sobre o assassinato de um samurai e o estupro de sua esposa. Falam um lenhador, um monge budista, um policial, uma senhora de idade, um bandido chamado Tajoomaru, a viúva do falecido e o próprio morto através de uma médium. Não há qualquer pista de qual relato é o verdadeiro, todos defendem apaixonadamente sua versão dos fatos.

entre antropólogos. Certamente suas indagações podem ser estendidas a outros campos da ciência. Segundo Heider, um dos pesquisadores pode estar simplesmente errado; culturas e subculturas diferentes podem estar sendo observadas; a mesma cultura pode estar sendo estudada em momentos diferentes; e, por fim, os pesquisadores podem estar olhando de forma diferente para a mesma cultura. Este “olhar diferente” é ainda subdividido em diversos cenários influenciados por características pessoais (personalidade, conhecimento, experiência) e escolhas metodológicas. O dilema é que um relativismo imoderado acaba por refutar a si mesmo, enquanto o oposto, uma busca pela objetividade livre de qualquer viés, é impossível. A saída foi evitar extremismos²⁰ e explorar as nuances de uma base em comum, compreensível e comunicável, de preferência através de uma comparação entre perspectivas ao analisar um mesmo objeto.

Podemos tratar *Rashomon* tal qual um experimento mental revelador, uma ficção útil que liberta a razão de preconceitos. O efeito se propaga nos diversos níveis de análise, não apenas na trama, mas na visão de que há um significado construído coletivamente pelo cineasta, por quem assiste o filme, pelo escritor, pelo leitor da trama. Compõe ainda a lista de autores, os responsáveis por censurar tudo o que era produzido pelas mídias na época. Ironicamente o SCAP, suposto promotor de valores democráticos no Japão do pós Segunda Guerra, não encontrou dificuldades em implementar um sistema de regulação de conteúdo estruturalmente similar àquele do Japão do início do século XX, inspirado na Alemanha Nazista (GEROW, 2001). Retratar a crise demográfica japonesa foi similar. Buscou-se trabalhar não assumindo que os dados se bastam em si, mas contrastando-os com a análise das motivações de quem os utilizam e o contexto que informa esta análise. Toda forma de “neutralidade” foi tratada com suspeita. Essa perspectiva dialoga bem com o campo da demografia ao permitir explorar tanto os indicadores demográficos, de natureza factual e representativa de grandes grupos, quanto as interpretações e os usos políticos destes dados, mais subjetivas e pessoais.

A crise é uma forma de reencontrarmos a autenticidade. É uma situação de conflito intenso em que aqueles que padecem dela são forçados a escolhas drásticas

²⁰ A filosofia já discute a questão da verdade desde os seus primórdios, mas chama a atenção o surgimento de conceitos como a *pós-verdade*, enfatizando o relativismo extremo nos tempos atuais, principalmente na análise política. Enfatiza-se que não é objeto desta tese promover um debate filosófico. Mais informações em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 30 set. 2017.

entre o que preservar e o que deixar ir. Para alguns, existe no Japão atual algo importante sendo perdido que deveria ser preservado; para outros, é um momento de transformação, de deixar para trás coisas que já foram grandes no passado. Quando o contexto é de “normalidade”, tudo pode ser idealmente importante e necessário; nas crises, ideias e realidades são categorizadas e classificadas sob o peso da escassez de recursos para sobreviver. A ideia de crise não é a última estação desta *via crucis* até o genuíno, é a primeira. A escolha não vem de uma tentativa de tornar o enquadramento mais interessante, não se configura em mero recurso jornalístico para provocar desconforto e confusão. É porque genuinamente a situação atual é dramática.

A contraposição da linguagem silenciosa com um alarde ensurdecido pode provocar uma intensa resposta, muitas vezes emocional, barroca. Ou se emudece e não se fala em absoluto da crise demográfica, ou se fala efusivamente, em demorado, a ponto de gerar desconfiança. Atribui-se a Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista, a autoria da ideia de que ao repetir muitas vezes uma mentira ela se torna verdade e até o próprio mentiroso passa a acreditar nela. Adolf Hitler, em *Mein Kampf* ([entre 1937 e 1940], p. 259), defende que o ponto é o tamanho da mentira e não a quantidade de vezes que se repete. Nas mentiras grandiosas sempre há credibilidade. Fatos contradizendo mentiras escancaradas não alteram o *status quo*, levam à procura de alguma explicação alternativa para manter a crença inabalada.

A posteriori, aos céticos, a tarefa de “desmentir” a crise demográfica se torna uma hercúlea refutação de uma verdade estabelecida. A aversão à perda de referências instituídas supera a vontade de refletir sobre novas interpretações da sociedade. De fato, se a crise demográfica japonesa é fruto de uma especulação inicial, então existiu um momento antecedente em que era pura ideologia e um ulterior (atual) em que se constituiu como verdade. Uma questão ligada a ideais pessoais na mente de poucos se estruturou em uma história coletiva e nacional. Ainda que seja impossível dizer com certeza quando a conjectura passou por esta transição, hoje a crise demográfica japonesa é uma realidade.

A premissa da tese é de que a crise existe, não se considera a possibilidade de ela não existir, fim de especular sobre esta possibilidade, porque como será visto na contextualização do conceito, ela é inquestionavelmente presente. No mais, não se diz só o que a crise é, porém também o que ela não é. O percurso da tese envolve

defender a produtividade analítica da crise demográfica japonesa frente a outras categorias que poderiam ser consideradas suficientes para explicar o contexto demográfico japonês atual: Segunda ou Terceira Transição Demográfica; Controle Populacional Malthusiano; Choque Demográfico; Demodistopia; Crise Econômica; e, Crise Política. O uso da expressão “crise demográfica” não é original, mas uma apropriação e exposição cuidadosa do conceito, aplicando-o ao contexto japonês esmiuçado nesta tese. Neste sentido, é indispensável discutir questões de identidade nacional e história da ciência, ainda que o enfoque do texto seja um estudo de caso em demografia e estudos populacionais, justamente por se tratar de uma tese em um programa de demografia. O esforço demanda fôlego e capacidade de síntese, além de uma expectativa de que os leitores interessados possam refletir por si mesmos e buscar referências para além do que foi incluído.

Atuando negligentemente poderia se alegar a inexistência de quaisquer crises ou o fato de a demografia ser inapropriada para o estudo do Japão, mas estes pontos serão cobertos: há muitos “sintomas” de crise no Japão, empregando a noção médica do termo como metáfora. As ciências humanas e sociais, independentemente de sua origem, estão disponíveis para serem utilizadas em qualquer local de aplicação. A descrença extrema leva até a noção de Japão como um mito, sem substância concreta fora de uma ideologia conservadora e nacionalista como alguns acadêmicos radicais defenderam nos anos 1990, mas essa linha de argumentação não apresenta uma sistematização em torno das questões demográficas (DE BARY, TIEDEMANN, GLUCK; 2005).

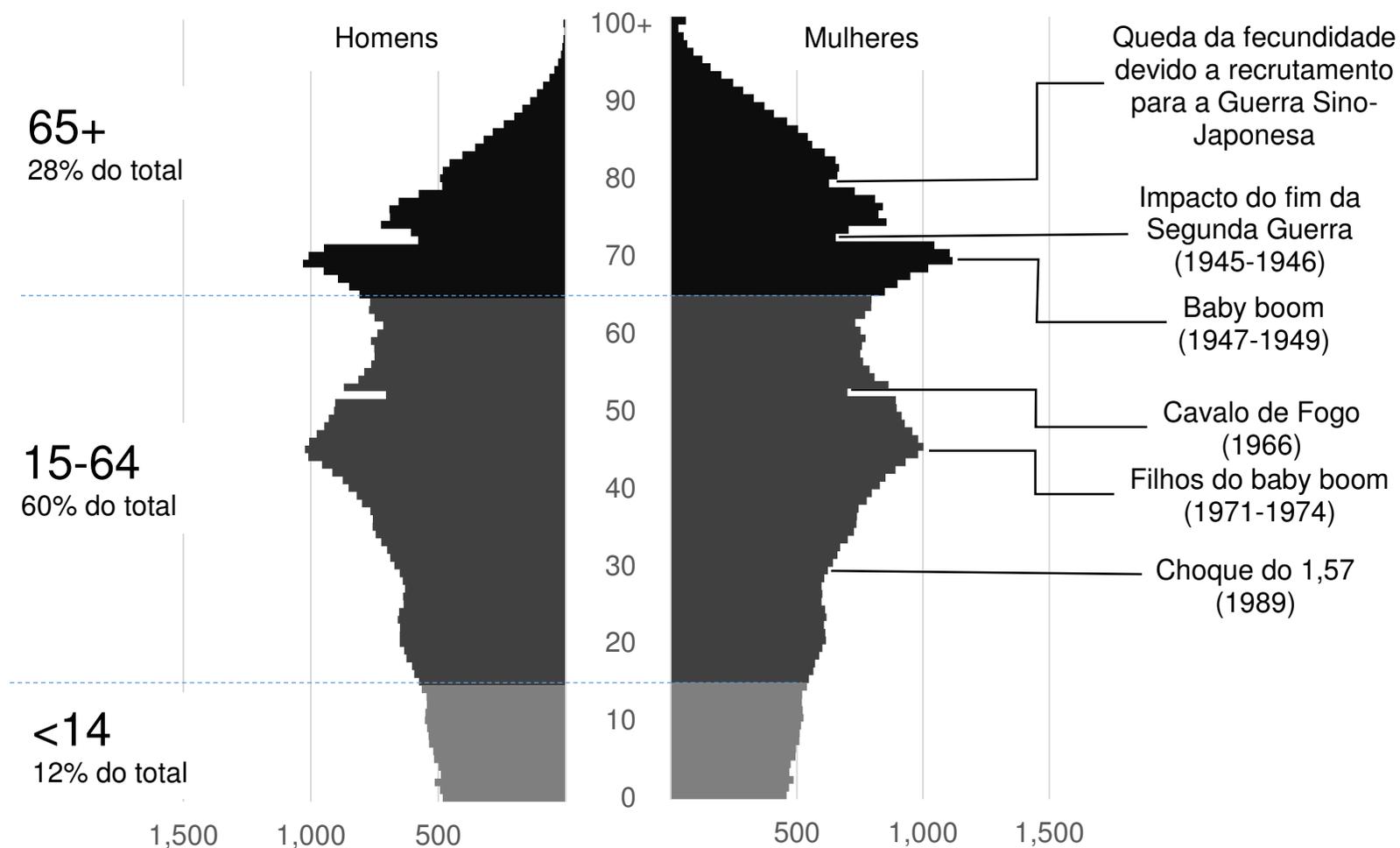
O Capítulo 1 apresenta o conceito de crise demográfica japonesa de que se faz uso nesta tese, o que inspirou a escolha desta definição e aponta para limites analíticos. Uma análise crítica sobre crise, demografia e Japão é apresentada de modo a nortear a interpretação de estatísticas apresentadas nos capítulos subsequentes. Aspectos da história, sociedade e cultura japonesa são abordados, incluindo a história da demografia enquanto ciência no Japão. A proposta do capítulo não é o desenvolvimento de um trabalho filosófico, de uma tentativa de história do conceito de crise demográfica ou epistemologia. A tese se limita a um debate sempre com vistas ao pragmatismo nos usos do conceito, no âmbito de uma pesquisa em ciência social aplicada para o estudo de questões sociais do Japão contemporâneo.

O Capítulo 2 apresenta a fecundidade e a mortalidade do Japão, os indicadores gerais e específicos destes dois componentes da equação balanceadora

nas últimas décadas. O segundo capítulo, portanto, situa aspectos da crise focalizando em números, diferentemente do primeiro capítulo onde se realiza um debate mais conceitual. Um fenômeno demográfico bastante particular do Japão, a saber, as alterações de comportamento reprodutivo no ano do Cavalo de Fogo, recebe atenção especial no final do Capítulo 2.

O conceito de crise demográfica japonesa²¹ não é acompanhado por uma modelagem estatística, como se costuma fazer nas demografias mais inspiradas pela matemática aplicada. Os dados apresentados também não incluem um estudo quantitativo da interpretação dos indicadores demográficos como ameaças, pesquisa que poderia ser conduzida através de um *survey* ou outro método quantitativo para estudo da opinião pública. Como é dito no Capítulo 1 desta tese, dados quantitativos não tornam algo mais ou menos verdadeiro, são instrumentos argumentativos ao lado de textos, diagramas, gráficos e figuras. Certamente isso não desqualifica as diferentes formas de agregar os números e ponderar as taxas como um meio precioso para apresentar informações relevantes, de tal modo que houve uma extensa mostra no Capítulo 2. Em termos de síntese, a pirâmide etária por idade simples de 2018 (*Figura 1*) provavelmente abarca as principais informações apresentadas no Capítulo 2.

Figura 1 - Pirâmide etária - Japão - 2018



MHLW. Gráfico adaptado da síntese dos resultados do *Jinkou Suikei 2018*. Disponível em: <<https://www.stat.go.jp/data/jinsui/2018np/index.html>>. Acesso em 13 abr. 2019.

Os indicadores demográficos não bastam por si, nem o clima de pessimismo quanto aos rumos do país, mas considerados em conjunto permitem criar uma possível explicação para o contexto japonês do presente e vislumbrar trajetórias para o futuro. Este incômodo nacional interfere na agência dos indivíduos japoneses ao ser mobilizado como fonte de autoridade moral e argumentativa. Certamente essa perturbação não é infundada, a crise demográfica japonesa envolve tanto aspectos físicos, quanto sociais, trazendo esta concretude nos eixos da fecundidade, mortalidade e migração. É certo que quem nasce, morre, e dificilmente, nos tempos atuais, deixa de migrar em algum momento de vida. Cada um dos eventos, nascimento, migração e óbito envolve uma história pessoal e coletiva afetada pela noção de crise demográfica. Neste ponto, a teoria da transição demográfica, da Segunda Transição Demográfica e da Terceira Transição Demográfica - discutidas no Capítulo 3 da tese - parecem insuficientes para explicar a crise demográfica japonesa.

O Capítulo 3 traz um debate sobre a teoria da transição demográfica. Discute-se a aplicação dos conceitos de Transição Demográfica, Segunda Transição Demográfica e Terceira Transição Demográfica ao caso japonês. O Japão é visto como exceção dentre os países desenvolvidos ao não incorporar um volume significativo de imigrantes internacionais à sua população para mitigar o envelhecimento social. Neste sentido, são apresentados dados da imigração internacional, de imigrantes internacionais categorizados por tipos de visto e uma breve contextualização dos grupos imigrantes internacionais mais significativos numericamente. Ainda no contexto da migração, os deslocamentos populacionais internos ao Japão têm agravado os efeitos da crise, então são apresentadas informações no nível subnacional das províncias.

O Capítulo 4 começa com algumas projeções populacionais que informam sobre futuros prováveis vistos a partir do atual contexto de crise. O Capítulo 4 traz algumas perspectivas de futuro e dilemas decorrentes das questões demográficas. Gênero e envelhecimento no mercado de trabalho e expectativas relativas ao papel da tecnologia são alguns dos temas abordados. Por ter inumeráveis desdobramentos, a crise demográfica dificilmente pode ser descrita de forma completa. Portanto, foram selecionados alguns tópicos norteadores para as implicações da crise. Outros possíveis temas são listados no capítulo como sugestões para pesquisas futuras, mas não explorados nesta tese.

CAPÍTULO 1 – Um debate inicial sobre crise, demografia, Japão e seus conceitos decorrentes

A atual crise demográfica do Japão é caracterizada por baixíssimas taxas de fecundidade, devido à postergação do nascimento de filhos; taxas específicas de mortalidade em declínio lento, compondo uma mortalidade bruta cada vez maior, devido ao envelhecimento populacional; e, saldo migratório internacional positivo e pouco significativo, insuficiente para compensar o valor negativo do crescimento natural. Do ponto de vista da interpretação e percepção destas características demográficas, observa-se: uma ideia de ameaça com raízes históricas, presente e concreta à estabilidade das instituições sociais; um senso de urgência para a eliminação ou mitigação desta ameaça; e, uma ausência de consenso quanto a causas e ações possíveis. A tese é uma descrição contextualizada. Não se busca resolver controvérsias, nem contornar o pessimismo; controvérsias e pessimismo foram incorporados à definição de crise. A crise é como a gravidade, puxando “para baixo” o passado, o presente e o futuro. Um desconforto permanente e sombrio, cuja permanência é previsível.

A pesquisa apresenta uma crise, mas uma instância específica de crise, selecionada dentro do universo semântico que o termo pode assumir. O raciocínio em torno das relações entre os conceitos necessários na definição de crise demográfica japonesa nos permite navegar com mais segurança entre abstrações e generalizações. A crise é demográfica; não só demográfica, mas também japonesa, ainda que no ato de contextualizá-la, acabe tocando levemente nas fronteiras de outras crises, como a econômica e a política, e nas relações internacionais japonesas. Adotou-se uma certa liberalidade no tratamento destes interstícios – entre crise, demografia e Japão - podendo ainda se pensar em termos de uma demografia da crise do Japão (no sentido de existir uma crise do Estado japonês com uma relação complexa com os indicadores demográficos) ou até em uma crise da demografia japonesa (no sentido de a demografia não corresponder a expectativas de respostas práticas aos dilemas da sociedade japonesa enquanto ciência social aplicada).

O fato de detalhes do conceito serem intensamente disputados confirma sua relevância. A ideia de crise é plausível. Não há nada absurdo em afirmar que a partir das fontes documentais pode se vislumbrar o contexto demográfico e o viés proposto pelo conceito. Ainda que os indicadores tenham uma margem de erro, não

é de se esperar que os números reproduzidos nesta tese estejam distantes do que pode ser medido de forma mais precisa. A proposta desta tese de interpretação dos indicadores leva em conta uma extensa bibliografia de diversos campos da ciência a qual inclui além das cifras, a história do conceito crise, da demografia enquanto ciência e do Japão.

Serão apresentados elementos para delimitar o objeto da tese, especialmente para orientar a interpretação e percepção dos indicadores. A análise exaustiva é inviável devido às incontáveis ramificações do tema. O recorte também permite um mínimo de reflexividade, já que a visão de crise debatida nesta tese é um fenômeno do presente. No processo de circunscrever, será feito um movimento inicial de aprofundamento no contexto demográfico do Japão contemporâneo.

A crise demográfica japonesa não pode ser desvinculada da forma como o mundo do trabalho molda e é moldada pela identidade japonesa. Matsutani (2006) diz que no Japão tradicionalmente uma pessoa ao ser questionada “o que você faz?”, responderia “trabalho para a Toyota” ou “trabalho para a Sony”. Em contraposição, nos EUA e em países desenvolvidos da Europa, a resposta seria “sou vendedor de carros”, “desenvolvo jogos de computador”, etc. O tradicional sistema japonês de contrato para a vida toda e promoção por tempo de empresa justificaria tal diferença entre uma identidade profissional japonesa fundamentada na empresa e uma identidade estrangeira fundamentada na ocupação. A garantia de estabilidade futura ao empregado permitiu pagar baixos salários a recém contratados e penalizou quem mudava de empresa, em muitos momentos privilegiando a lealdade em detrimento da meritocracia. O sistema de trabalho foi favorecido pelo *baby boom*, que forneceu a massa necessária de trabalhadores, e por um ambiente propício para investimentos. A falta de capital não foi um problema, apesar da destruição provocada pela guerra. Houve investimento em massa em educação e tecnologia, principalmente na aquisição de equipamento produtivo mais eficiente.

Para Matsutani (2006), o cerne da crise demográfica japonesa estaria na dificuldade em abandonar este modelo de gestão empresarial e desenvolvimento econômico. Em outras palavras, há uma incapacidade de aceitar o inevitável decréscimo populacional e a contração da economia, levando a esforços vãos em encorajar a maternidade ou recrutar mão de obra estrangeira. Segundo Matsutani, mesmo que fosse possível aumentar instantaneamente a fecundidade para altos níveis, levaria anos até que estes recém nascidos pudessem participar ativamente

como cidadãos da sociedade japonesa e contribuir para o crescimento econômico nos moldes tradicionais. A outra alternativa de empregar imigrantes estrangeiros, recai no problema do envelhecimento. Não importa se são japoneses ou não, todos envelhecem. No momento em que estrangeiros adquirem o acesso aos mesmos direitos dos japoneses, eles se tornariam parte do problema do sistema de previdência insolvente em algum momento. Para Matsutani, aparentemente não é possível fazer uma separação clara entre crise econômica, crise demográfica e crise política, já que o governo tem o papel de definir as diretrizes macroeconômicas afetadas pelos aspectos demográficos.

A crise demográfica japonesa é mais do que um problema econômico, assim como a demografia é mais do que um ramo da economia. As questões econômicas envolvidas na crise são relevantes, mas o reducionismo econômico nos estudos populacionais leva à caracterização de pessoas como insumo produtivo e de determinados grupos populacionais como custos ou “improdutivos”. Existem fronteiras ao se representar pessoas através de números; não convém olhar a dinâmica populacional como um simples sistema de agentes abstratos em um modelo matemático para cálculo e otimização de algum parâmetro econômico de comparação regional ou nacional. A determinação do valor de indivíduos ou determinados grupos de indivíduos por sua “performance produtiva” é moral e politicamente condenável e a falsa neutralidade da matemática não deve ser instrumental na reprodução de tal visão de mundo.

No limite, poderia se conceber a eliminação de determinados indivíduos – por morte ou por exílio - como alternativa para que outros tenham uma qualidade de vida melhor em um espaço com recursos limitados para a sobrevivência, espaço este supostamente compartilhado por pessoas “demais”. O Japão tem um histórico de baixa imigração e emigração internacional²², o que em muitos momentos dá margem a confusões entre os efeitos da mudança do total de indivíduos da população e o aumento ou queda da densidade populacional. Sem uma visão clara das motivações da produção dos dados e do processo de construção da análise macro, existe o risco de se caminhar para uma reafirmação de ultrapassadas teorias da eugenia, do darwinismo social ou do malthusianismo, já que dados e métodos estatísticos em si não definem seus usos. Como ilustrações concretas, o aborto no Japão do pós-

²² Os dados serão apresentados ao longo desta tese.

Segunda Guerra foi legalizado com base neste princípio - a primeira versão da lei do aborto chegou a receber o nome *National Eugenic Law* – e houve um fracassado projeto japonês de “exportação” de idosos colocado em prática do final dos anos 1980 ao início dos 1990²³.

Parfitt (1984, p. 388) chama a atenção para o que chamou de “Conclusão Repugnante” (*Repugnant Conclusion*). Parfitt argumenta que do ponto de vista do utilitarismo moral, o resultado de uma ação é melhor do que outro se (e somente se) o primeiro resultar em mais felicidade para a população como um todo. Quando não se leva em consideração a felicidade individual, o raciocínio lógico fundamentado no utilitarismo conduz à conclusão de que o melhor cenário é aquele no qual uma grande população vive com padrão de vida miserável²⁴. Diferentes alternativas à Conclusão Repugnante foram estudadas, como rejeitar qualquer redução no padrão de vida; buscar a minimização do sofrimento ao invés da maximização da felicidade; tomar uma postura masoquista de aceitar o *status quo*, já que uma das implicações é que sempre haverá um cenário pior; diferenciar o peso da população atual e das populações futuras no processo decisório; ou, aceitar que é a posição lógica a ser tomada (RYSBERG, TÄNNIJÖ; 2004). É basicamente o dilema vivenciado pelas nações que buscam aumentar a sua população, como o Japão vivenciando a crise demográfica, as democracias modernas vivenciam este *trade-off* entre população e padrão de vida.

Em muitos momentos, a expressão *crise populacional*²⁵ não é utilizada no Japão para caracterizar a situação atual. É um problema nomeado sem o peso que a sua gravidade requer, como se a precisão e o rigor exato tornassem demasiado exposta a vulnerabilidade de um país marcado por um orgulho nacional. Prevalece a

²³ Implicações da crise serão abordadas no Capítulo 4 desta tese.

²⁴ Segundo Parfitt (1984), a Conclusão Repugnante decorre de um experimento mental. Imagine uma população inicial A com dez bilhões de habitantes, cada com um determinado nível individual de felicidade. Um cenário com uma população B superior em número a A e com menor felicidade no nível individual poderia ser melhor. Por exemplo, uma população B com o dobro de pessoas (vinte bilhões de habitantes) com felicidade levemente superior à metade da felicidade de cada um dos indivíduos da população A. Se a felicidade pudesse ser quantificada, bastaria fazer um cálculo para verificar que 10 bilhões vezes 1 é menor do que 20 bilhões vezes 0,55. Convém então sob o viés moral utilitarista aumentar a população de A para B, já que no nível coletivo a felicidade seria maior. Extrapolando o raciocínio, poderia se imaginar uma população Z com um tamanho maior do que todas as anteriores de A a Y, mas com um padrão de vida individual que mal permite a sobrevivência, já que no nível coletivo a felicidade agregada seria maior.

²⁵ Em japonês, 人口危機, *Jinkou kiki* (KOCH, HERMER, COULMAS; 2007)

noção de uma japonesidade fundamentada no *tatemae*²⁶. Situações difíceis só podem ser superadas quando chamadas pelo nome apropriado, sem eufemismos e tom atenuado. A impressão que fica é que impera entre os japoneses – inclusive entre alguns cientistas sociais - um conjunto de mecanismos de defesa, em paralelo ao silêncio. Negação, repressão, relativização, concordância parcial e contradições são algumas das respostas (ou não-respostas) à crise demográfica e aos dilemas sociais decorrentes. É claro que a crise demográfica não é o único impasse atual dos japoneses; entretanto, a crise acaba “sumindo” com relativa facilidade em frente a outros problemas.

Arita (2017) analisou respostas a uma pergunta aberta sobre o significado de crise²⁷ entre os japoneses e classificou-as em 150 assuntos não-excludentes entre si. Boa parte dos respondentes²⁸ (39,4% do total) apontou para desastres naturais, principalmente terremotos (27,1%). Na sequência, piora do padrão econômico do respondente (14,9%); falência e perda do emprego (9,5%); e adoecer (8,5%). Certos tópicos tradicionalmente ligados à demografia apresentaram frequência muito baixa na classificação de Arita. Exemplos incluem casar (0,1%) ou não casar (0,3%); o divórcio e problemas de relacionamento no casamento (1,2%); ter filhos (0,3%) ou não (0,2%). O envelhecimento (processo) foi mencionado por apenas 0,5%. A “velhice” (fase da vida) foi apenas pouco mais mencionada (2,8%). O óbito de qualquer pessoa, inclusive do respondente, foi mencionado por apenas 4,3% do total. O sistema de classificação acaba revelando o viés de Arita ao analisar os dados. “Família” (158 vezes) foi tão mencionado quanto “terremoto” (157 vezes) e as duas palavras tenderam a aparecer na mesma resposta. “Desastre” foi mencionado 241 vezes, mas se tomadas em conjunto palavras como “pais” (27 vezes) e “filhos” (140 vezes), que tenderam a aparecer em respostas diferentes, a soma está longe de mostrar uma

²⁶ Honne é a intenção ou pensamento real de uma pessoa, algo que é interno ao indivíduo; *tatemae* são os princípios e as posições oficiais que o indivíduo representa, algo que é externalizado (MITSUBISHI CORPORATION, 1983). Se não há diferença entre o que a pessoa pensa e o que ela deve representar, não há nenhum dilema. Entretanto, quando honne e *tatemae* divergem, é praticamente uma arte satisfazer o honne sem ferir o *tatemae*. A lógica não provém de hipocrisia, mas de uma preocupação em manter a ordem social ao não perturbar pessoas próximas com problemas pessoais.

²⁷ Em japonês, 「あなたが考える『危機』とは何ですか」, “O que é esta *crise* sobre a qual você pensa?”.

²⁸ As questões sobre crise foram respondidas por 3400 japoneses com idades entre 20 e 40 anos. Apesar de ser o 16º ano consecutivo de aplicação do *Japanese Longitudinal Panel Survey* (JLPS), o tema “crise” foi abordado somente na edição de 2016 (ARITA, 2017).

contagem inexpressiva. Desastres naturais ou decorrentes da ação humana certamente podem constituir crises, mas aspectos demográficos parecem ter sido relegadas a segundo plano na análise.

Como defende Coulmas (2007), a popularização de termos técnicos do campo da demografia é um indicativo de conscientização por parte dos japoneses dos graves problemas demográficos. Se no princípio havia ênfase no processo, à medida que se constatou a genuinidade do problema, os adjetivos passaram a indicar características do presente. Ao longo das últimas décadas, falou-se inicialmente em *sociedade em envelhecimento*²⁹; depois, em *sociedade envelhecida*³⁰; posteriormente, nos superlativos, *sociedade em hiper envelhecimento*³¹ e *sociedade hiper envelhecida*³². Do ponto de vista da fecundidade, *queda no número de filhos*³³. Por fazerem parte do mesmo processo demográfico, os termos às vezes aparecem combinados em *sociedade com queda no número de filhos e em envelhecimento*³⁴ (KOCH, HERMER, COULMAS; 2007). Outra expressão utilizada é *período de queda da população*³⁵. Como referência, a Tabela 1 mostra uma busca simples realizada em três dos jornais com maior circulação no Japão e em três bases bibliográficas.

Tabela 1 – Número de resultados de busca de termos técnicos da demografia relacionados à crise em jornais japoneses selecionados e bases bibliográficas

| | Jornais | | | | Bases bibliográficas | | |
|--------|-------------------------|-------------------------|----------------|----------------------|----------------------|----------------|---------------------------|
| | Asahi Shimbun (artigos) | Asahi Shimbun (website) | Sankei Shimbun | Nihon Keizai Shimbun | CiNii | Google Scholar | Kokuritsu Kokkai Toshokan |
| 高齢化 | 3.237 | 10.165 | 13.842 | 17.622 | 21.722 | 197.000 | 53.146 |
| 人口減少 | 1.628 | 3.349 | 5.583 | 6.473 | 6.512 | 31.900 | 14.282 |
| 少子化 | 811 | 2.841 | 4.385 | 9.208 | 5.796 | 39.100 | 16.838 |
| 少子高齢化 | 880 | 2.291 | 4.814 | 5.135 | 3.918 | 24.200 | 12.547 |
| 高齢社会 | 160 | 1.269 | 1.576 | 1.557 | 9.836 | 42.200 | 20.144 |
| 超高齢化 | 98 | 348 | 677 | 346 | 1.018 | 6.740 | 2.043 |
| 超高齢社会 | 63 | 376 | 857 | 385 | 2.937 | 10.900 | 4.417 |
| 超高齢化社会 | 52 | 184 | 490 | 182 | 657 | 4.620 | 1.339 |

Nota: Resultados obtidos em busca realizada no dia 13 out. 2019 nos sites oficiais de cada veículo:

²⁹ Em japonês, 高齢化社会, *koureika shakai*

³⁰ Em japonês, 高齢社会, *kourei shakai*

³¹ Em japonês, 超高齢化社会, *choukoureika shakai*

³² Em japonês, 超高齢社会, *choukourei shakai*

³³ Em japonês, 少子化, *shoushika*

³⁴ Em japonês, 少子高齢化社会, *shoushikoureika shakai*

³⁵ Em japonês, 人口減少時代, *jinkougenshou jidai*

| | |
|---------------------------|---|
| Asahi Shimbun | https://www.asahi.com/ |
| Sankei Shimbun | https://www.sankei.com/ |
| Nihon Keizai Shimbun | https://r.nikkei.com |
| Google Scholar | https://scholar.google.com |
| CiNii | https://ci.nii.ac.jp/ja |
| Kokuritsu Kokkai Toshokan | https://iss.ndl.go.jp/ |

Tradução das expressões utilizadas nas buscas a seguir:

| | |
|--------|--|
| 高齢化 | Envelhecimento |
| 人口減少 | Queda de população |
| 少子化 | Queda do número de filhos |
| 少子高齢化 | Queda no número de filhos e envelhecimento |
| 高齢社会 | Sociedade envelhecida |
| 超高齢化 | Hiper envelhecimento |
| 超高齢社会 | Sociedade hiper envelhecida |
| 超高齢化社会 | Sociedade em hiper envelhecimento |

O que torna “técnicos” os termos levantados por Coulmas (2007) é a definição formal através de determinados indicadores e valores de corte estabelecidos por demógrafos. O *período de queda da população* é direto e simples. O total de pessoas em determinado território diminui ao longo da passagem do tempo. Mais intrincada é a questão do envelhecimento. Uma *sociedade em envelhecimento* é aquela à qual a proporção de pessoas acima de 65 anos está entre 7% e 14%. Uma *sociedade envelhecida* é aquela cuja proporção de pessoas nesta faixa etária é de 14% a 21%. A *sociedade hiper envelhecida* é aquela com proporção acima de 21%. Sobre as taxas de fecundidade, o número 2,1 filhos por mulher é a principal referência³⁶. Abaixo deste limiar, desconsiderando a imigração, a queda do número de filhos implica em queda de população. A definição e análise dos indicadores e valores de corte só fazem sentido ao comparar a dinâmica populacional de diferentes países³⁷.

Dentre mais de 200 países reconhecidos pela ONU, o Japão faz parte de um grupo seletivo com alta proporção de idosos, decréscimo populacional e baixa fecundidade (Figura 2). As Coreias e a China, por exemplo, são geograficamente próximas do Japão e a história do leste asiático é marcada por uma longa história de

³⁶ Assume-se que em seres humanos, ocorre em média o nascimento de 1,05 bebês do sexo masculino para cada bebê do sexo feminino. A fim de que cada óbito feminino seja repostado pelo nascimento de uma mulher, em média, as mães devem ter pelo menos 2,05 filhos, de modo que pelo menos uma das crianças seja do sexo feminino. (SIEGEL, SWANSON; 2004; p. 773).

³⁷ A prioridade desta tese é avaliar o caso japonês em profundidade, objetivo que seria impossível de ser atingido caso se optasse pela realização de comparação internacional extensiva. Alguns temas, porém, demandam a análise da conjuntura mundial, como, por exemplo, a migração internacional.

interações entre os três países. As taxas acabam os distanciando. As Coreias e a China apresentaram fecundidade abaixo de 2,1 filhos por mulher entre 2010 e 2015, mas não se observou queda de população no mesmo período e não eram *envelhecidas*, nem *hiper envelhecidas* em 2015. O Japão também se diferencia de países desenvolvidos como Alemanha, França, EUA e Reino Unido, porque estes não tiveram queda de população. No diagrama se vê uma semelhança do Japão com países do Sul e do Leste europeu, com a Geórgia e com as ilhas caribenhas de Porto Rico e Martinica.

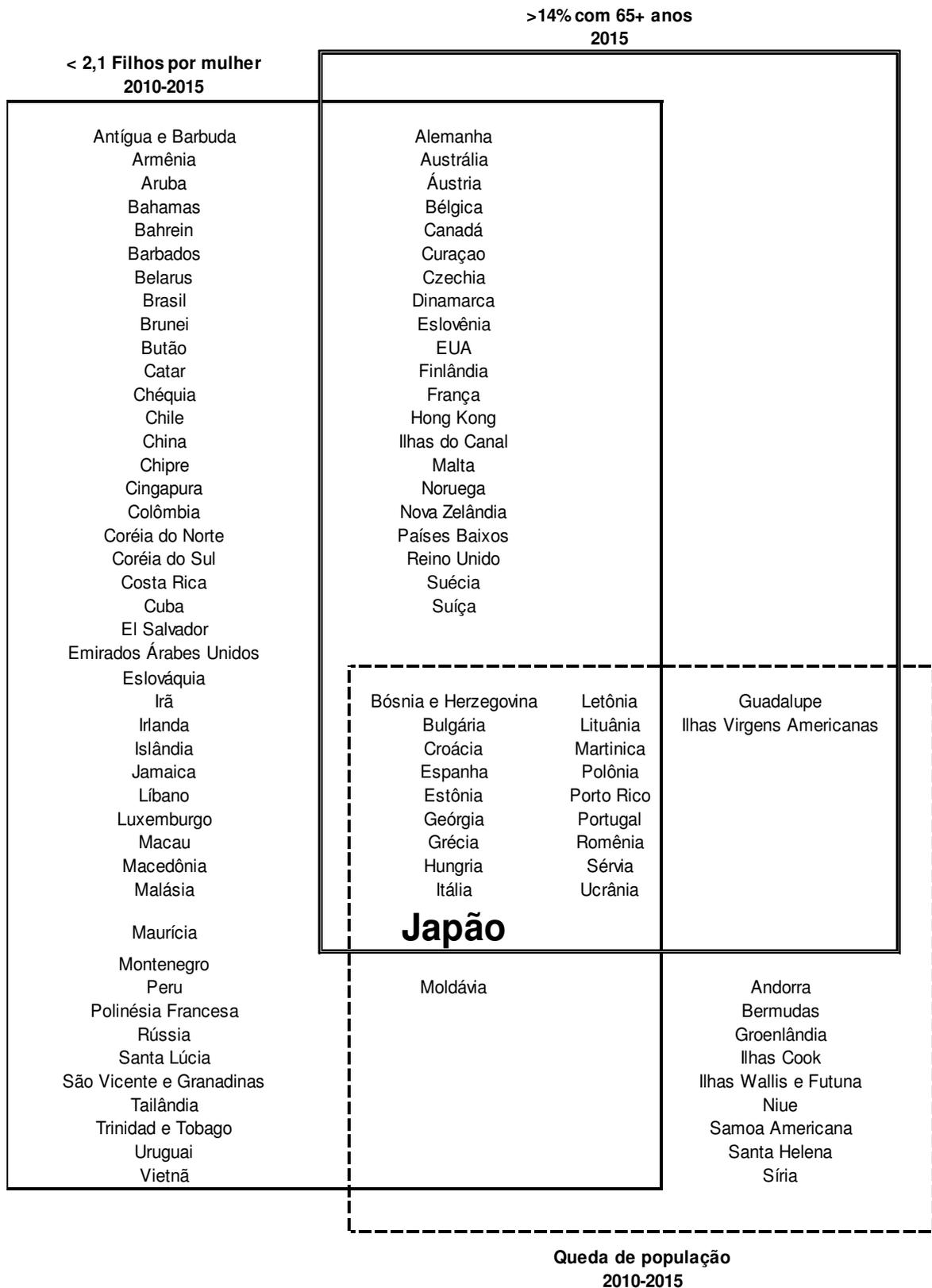
O diagrama da Figura 2 possui arbitrariedades devido à escolha dos indicadores utilizados, o período de análise e seus níveis de referência. Sobre o envelhecimento, Sanderson e Scherbov (2007; 2013) dizem que utilizar a idade cronológica na avaliação de comportamentos individuais e nas decisões sobre previdência social tem limitações. Estes dois temas são fundamentais no entendimento das implicações sociais da presente crise japonesa. Os dois autores ponderam que o comportamento de uma pessoa com idade de 65 anos hoje, certamente não é similar àquele de uma pessoa com a mesma idade no ano 1850 ou em 2050. A idade não é um bom indicador para dizer a partir de que momento alguém é “velho” ou se torna algo diferente de um adulto em termos de potencial e independência. Ao se falar em fecundidade, Smallwood e Chamberlain (2005) questionam o valor médio de 2,1 filhos por mulher como suficiente para repor a população perdida devido à mortalidade. O valor real depende da proporção de homens e mulheres nos nascimentos (Razão de Sexo ao Nascimento), da estrutura etária e dos níveis de mortalidade em cada idade (Taxas Específicas de Mortalidade). A variação é pequena em termos de ordem de magnitude, mas existe. Por fim, o que conduz à queda de população também precisa ser levado em conta. A população síria diminuiu devido a uma guerra que levou a óbitos e emigração em massa³⁸. É de se pensar até que ponto estudar o panorama de países em confronto bélico pode trazer *insights* para o impasse japonês.

Os indicadores e termos técnicos apresentados na Tabela 1 e na Figura 2 ajudam a contextualizar a crise demográfica japonesa, mas por si só são insuficientes

³⁸ A ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) mantém dados atualizados em um portal na internet do número de refugiados sírios registrados oficialmente em nações vizinhas e no norte da África. Em dezembro de 2015, já se contabilizavam cerca de 4,6 milhões de sírios em tal condição. Disponível em: <<http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php>>. Acesso em 11 fev. 2018.

para compreender em profundidade as implicações sociais da crise. Vale continuar cercado o tema de modo a mapear a complexidade da situação e explorar o conceito em profundidade.

Figura 2 - Baixa fecundidade, envelhecimento e queda de população – Mundo – 2010-2015



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). World Population Prospects: The 2017 Revision. Elaboração própria.

São poucas as alternativas que se podem dizer científicas à monotonia da simples aplicação de matemática e à impossível objetividade absoluta. É de se questionar se o problema são as palavras em si e não a escolha das ferramentas para explicar os fenômenos sociais. Um dos possíveis pontos de apoio é a “segurança” dos números, mas não é difícil se observar grande discrepância em artigos que utilizam a expressão “crise demográfica”. Podem ser considerados parte integrante de tal crise tanto um aumento (NOTESTEIN, 1968), quanto uma diminuição da fecundidade (SINN, 2005). Podem ser relevantes altas de mortalidade – em surtos (CURLIN, CHEN, HUSSEIN; 1976) ou em um processo longo e lento (KHALTURINA, KOROTAEV; 2008; RAZVODOVSKY, STICKLEY; 2009) - ou a mortalidade sequer ser relevante (KENNA, 2012). Assim também são alvo de longas controvérsias a quantidade e a proporção de imigrantes estrangeiros, por exemplo na Europa (BERRY, GARCIA-BLANCO, MOORE; 2015). Envelhecimento populacional pode ser um problema (BIANGIARDO, RIMOLDI; 2013). Ou não (GOODMAN, HARPER; 2007; GEE, 2002). Além disso, alguns indivíduos ou grupos podem ser mais afetados por uma crise do que outros e esta distinção pode se dar por diversos eixos, dentre eles o sexo (BURNARD, 1991). Reforça-se o ponto de que a crise demográfica japonesa é uma instância específica de crise que cabe ser avaliada em detalhes, sem generalização.

O que é particular em cada crise ou interpretação não inviabiliza o estudo por analogias e os princípios gerais não limitam a praticidade de seu poder de explicação. É tentador buscar uma solução única para um problema que parece estar presente em alguns países e tende a ser o futuro de outros. É tentador apelar para a autoridade intelectual ou à profundidade de análise de um único pesquisador consagrado de um campo científico consolidado. Não faz sentido, entretanto, buscar um consenso ou um paradigma dominante para a abordagem de todas as crises, até porque o poder do conceito vem desta abundância de significados. Um pequeno apanhado das ideias conduz a uma polifonia controversa representando um campo de contestação sobre como estudar o problema e pensar em alternativas. Refletindo sobre o objeto desta tese, o ideal é tratar o Japão como um estudo de caso representativo de determinado tipo de crise demográfica e comparar, quando conveniente, aspectos pontuais com crises de outros países. É necessário enfatizar que toda definição de crise é contestada, contingente e dependente de contexto e é nessa característica de promover debates e conflitos onde a crise serve como arma de ataque e escudo de defesa. A crise demográfica japonesa não é um simples

instrumento de conformidade dos indivíduos isolados ou ocupantes desfavorecidos em uma estrutura de poder na sociedade, mas serve de apoio para a criação de um destino compartilhado mantendo a tensão entre o senso comum de se tonar parte das maiorias e a manutenção daquilo que é singular.

O que se propõe é a rejeição da síntese da literatura – já que esta seria contraditória - e a criação de uma nova definição. Convém retomar a primeira metade da definição de crise demográfica proposta no início desta tese que lida com indicadores demográficos:

“A atual crise demográfica do Japão é caracterizada por baixíssimas taxas de fecundidade, devido à postergação do nascimento de filhos; taxas específicas de mortalidade em declínio lento, compondo uma mortalidade bruta cada vez maior, devido ao envelhecimento populacional; e, saldo migratório internacional positivo e pouco significativo, insuficiente para compensar o valor negativo do crescimento natural.”

Existem incontáveis formas de se classificar os países e nenhuma deixa de ter restrições. Não há solução fácil para contornar a falta de equivalência nas comparações entre países e apesar de números permitirem uma base comum, convém não se limitar a eles. Países que a princípio não mostram semelhanças com o Japão podem trazer boas ideias ao se adaptá-las ao contexto local. Para se tratar de um tema tão amplo quanto a crise demográfica japonesa, não se podem ignorar outras abordagens e outros campos que abrem alternativas para novos contrastes. Convém delimitar o cenário formado a partir da associação dos conceitos necessários para fundamentar a análise do contexto demográfico.

Se o contexto for estudado também em escala subnacional, as possibilidades de comparação aumentam. O governo da Tasmânia, território insular pertencente à Austrália, publicou em 2015 uma cartilha com uma estratégia para crescimento populacional dos atuais 510 mil habitantes para 650 mil até 2050 (STATE OF TASMANIA, 2015). O governo japonês poderia substituir Tasmânia por Japão e produzir uma cartilha similar em teor e conteúdo, já que como será visto nesta tese, no Japão, a percepção das questões populacionais não é muito diferente. Projeções do *Australian Bureau of Statistics* apresentadas na cartilha fazem alarde quanto a uma possível diminuição da população a partir de 2050. O órgão responsável pelo desenvolvimento do plano foi o *Department of State Growth*, nome que chama a

atenção. Em tempos atuais é estranho não haver ênfase na questão do desenvolvimento socioeconômico. As palavras do premiê da Tasmânia no documento soam ingênuas pelo simplismo e assustadoras, em certo sentido:

“It is a great time to be in Tasmania and an even better time to be a Tasmanian. We want more people to call Tasmania home because a bigger Tasmania is a better Tasmania. Population growth strengthens the economy, creates more job opportunities and a greater diversity” (STATE OF TASMANIA, 2015, p. 1).

A crise demográfica japonesa conduz a um declínio ou falência no papel do Estado em sustentar os três elementos essenciais de uma nação, a saber, o território, o povo e o governo. Jessop (2015) lista três formas de como a falência do Estado ocorre e todas podem ser vistas como implicações da crise demográfica japonesa: um declínio demográfico, uma perda de controle de territórios e uma perda de legitimidade no fracasso da conquista dos objetivos propostos pelo governo. O capítulo 3 desta tese apresenta alguns elementos que parecem confirmar os três elementos apontados.

Myrdal (1940 *apud* BARBER, 2008) já argumentava que a ideia de intervir na fecundidade dos casais para um aumento agressivo da fecundidade é mais fácil em contextos de nacionalismo imperialista do que em democracia. Essa forte intervenção do Estado na esfera privada seria a antítese do pensamento democrático de soberania do indivíduo; isso combinado com a ideia de fortalecimento de uma nação através do aumento da população remeteria a um determinado viés expansionista característico dos regimes nazistas e fascistas. A inépcia do Estado em atuar perante uma situação de crise toma um ar de tragédia, similar a uma situação de desalento perante um evento negativo de grandes proporções.

Tendo em vista as considerações de Livi-Bacci (2001), *crise demográfica* é uma expressão com diversos sinônimos: *choque*, *deslocamento sísmico* (*seismic shifts*) e *catástrofe*. Ele explica sua proposta apresentando o caso de uma epidemia na Itália medieval. Em um *choque demográfico tradicional* análogo a seu estudo de caso haveria um surto de mortalidade, queda da fecundidade, “explosão” na migração e desintegração de famílias; passado o choque, tudo tenderia a ser como antes. Para Livi-Bacci, o retorno à condição demográfica pré-crise é considerado endógeno

quando se adota uma visão ampla de sistema demográfico, tratando-o como uma rede complexa entre demografia, economia, sociedade e biologia³⁹.

A clássica teoria dos controles de Malthus (1798) preconiza um viés diferente de Livi-Bacci (2001), apesar de existir sobreposição quanto aos eventos concretos a que se refere. O *controle populacional* de Malthus (1798) tem conotação positiva, apesar de as fomes, as epidemias, as guerras e os grandes deslocamentos forçados de pessoas serem os mesmos descritos pelo *choque demográfico tradicional* de Livi-Bacci (2001). Segundo o *Ensaio sobre o Princípio da População* (MALTHUS, 1798), os controles são exercícios de virtudes cristãs. O voltar para a estabilidade populacional é uma prática moral na teoria malthusiana. Está implícito no *Ensaio* que até os desastres naturais – outra forma de controle populacional - são uma reação divina ao pecado humano. Assim, para Malthus este caminhar até o retorno da estabilidade é inerente à dinâmica interna da população, já que a reação do agente onipotente sobrenatural seria previsível.

A comparação do enquadramento de Malthus com o de Livi-Bacci permite observar que se tratam de trabalhos em períodos distintos do que se entende por ciência. Os atos divinos, tais quais os presentes no *Princípio*, foram removidos do argumento científico e os inerentes aspectos morais, obscurecidos, ainda que uma leitura atenta não exclua por completo um caráter prescritivo da obra de Livi-Bacci. Boa parte das diferenças apontadas entre Malthus e Livi-Bacci podem ser explicadas através da revisão da literatura sobre crises desenvolvida por Rycker e Don (2013). A revisão sintetiza que o significado contemporâneo de crise muda de acordo com a natureza das dificuldades percebidas ou experimentadas pelo seu formulador e a forma como se reconstrói as ideias associadas. Estas ideias incluem as expectativas dos envolvidos; a performance ou integridade da organização afetada; o *status quo*, a ordem presente ou o “normal”; os valores centrais da política que busca resolver ou mitigar a crise (ou a própria política); e, como o formulador teoriza história e temporalidade. Os diversos significados de crise também tem coisas em comum. São negativas; implicam em ameaça, alterando o equilíbrio interno; são anormais, extraordinárias, imprevisíveis e repentinas, mas nunca inesperadas; podem ser prevenidas; requerem decisões importantes, apropriadas e imediatas; envolvem alta ambiguidade, incerteza; geram danos extensivos; podem acompanhar sensação de

³⁹ Nesta tese será adotada esta perspectiva sistêmica que abarca todas estas diferentes dimensões.

pânico, medo, perigo ou choque. Neste sentido, definir a crise demográfica a partir de valores de corte para os indicadores é insuficiente, é necessário fornecer uma chave interpretativa e situar esta chave.

Em uma tese em demografia não cabe abordar apenas detalhes de histórias de conceitos ou simplesmente defender um processo formal de definição; o trabalho acabaria se tornando um estudo histórico-filosófico.

Koselleck em *Crisis* (2006) já registrou a história do principal conceito⁴⁰ de interesse desta tese de forma compreensiva, tratando em particular da trajetória a partir da Grécia antiga até a Alemanha dos dias atuais. Em linha com outros de seus textos, seu objetivo foi acompanhar o advento da modernidade através da história dos conceitos. O termo *crise* possuía para os gregos definições nas esferas do direito, da medicina e da teologia. A aplicação em outros campos teria se iniciado no século XVII, na política, na economia, na história e na psicologia. A Revolução Americana e a Revolução Francesa, no período imediatamente posterior, teriam fomentado versão similar à visão teológica dos primórdios gregos, mas com fundamentação secular. A retórica do apocalipse, como evento ou contexto de mudanças profundas sem retorno, teria sido utilizada para descrever e obter apoio para promover estas revoluções. O uso cotidiano de *crise* teria surgido depois, graças à sua flexibilidade, que rendeu ampla aplicação como metáfora. *Crise* é derivado do verbo grego *krino*, que significa *decidir*. Já teria sido aplicado a praticamente toda área que demanda decisão e escolhas.

No contexto do termo crise nos primórdios gregos, o já referenciado texto de Koselleck (2006) sugere uma grande proximidade entre o conceito teológico e o jurídico, por ambos estarem presentes no Novo Testamento bíblico. Apocalipse é literalmente *revelação* e o livro descreve o julgamento final da humanidade por Deus. Perante estes dois eixos análogos, era Ímpar na medicina grega a relação de crise com a ideia de tempo. Segundo Hulskamp (2012), a escola de medicina de Hipócrates caracterizava como crise o momento decisivo de um paciente doente: ou a doença vencida o paciente, ou o paciente superava a doença, ou a doença se transformava em algo completamente diferente. Dependentes de período do ano e clima, a “crise de

⁴⁰ Niels K. Andersen (2003, p. VI) resumiu o que é “conceito” para Koselleck: “Concept (Koselleck) is a word condensing a wide range of social and political meanings. Concepts comprise an undecided abundance of meaning, a concentration of which makes them ambiguous. Precisely through its ambiguity, the concept creates a space of signification, which is open to interpretation and can become a semantic battlefield”. Nesta tese será utilizado este conceito de “conceito”.

verão” poderia se transformar em uma “crise de inverno” e vice-versa. Ao se combinarem crises e estações do ano, surge a possibilidade de crises sucessivas ou que retornam após um período, enquanto o paciente estiver vivo, algo que não ocorre no livro das revelações escrito por João. Nele o julgamento divino é único e definitivo.

O Deus bíblico incluiu contagens de população na Lei Mosaica. A profecia do local de nascimento de Jesus se cumpriu pela convocação de José à participação de um censo em Belém da Judéia. Há espaço para alguma demografia em estudos teológicos. Por outro lado, é possível ilustrar os impactos da raiz teológica de crise no pensamento demográfico ao verificá-los no Inverno Demográfico (ID) professado por Daily e Ehrlich (1992). Em síntese, o ID refere-se ao contexto socioeconômico de queda da fecundidade e seu decorrente envelhecimento populacional. Supostamente embasado na ciência secular – apoiado dentre outros pelo Nobel de Economia Gary Becker -, o ID é basicamente uma alegoria à ideia bíblica de fim dos tempos. A abordagem do conceito tornou-se um filme⁴¹ intitulado *Demographic Winter: The Decline of the Human Family*. Na avaliação de Kathryn Joyce (2008), o filme é a “ponta de um iceberg ideológico” devido ao sensacionalismo do conteúdo e ao financiamento da produção por parte de grupos dos EUA ligados à direita política, evangélicos, católicos e mórmons. Graças a sua inspiração teológica, o ID pode ser associado à temporariedade e à expectativa de um fim, porém o termo “inverno” soa inapropriado por remeter à medicina e à possibilidade de uma sequência de crises. Biblicamente aqueles que padecem da crise dos tempos atuais encontram sua redenção na volta do messias. Para os formuladores do ID, a salvação estaria no retorno à família patriarcal.

A linha entre a razão e a fé – entre a previsão estatística e a profecia celestial - parece tênue ao se ouvir os prosélitos do ID. O site do filme o caracteriza como documentário, insinuando uma neutralidade na ciência na qual se embasaria o conceito. Observando o seu enredo, a carga ideológica implicada no seu financiamento e a escolha das imagens, talvez o filme possa ser visto como propaganda política, ficção científica ou tragicomédia. Há um uso dramatizado de elementos das ciências, não com o propósito de informar, mas de comover os espectadores e convencê-los da necessidade de se fazer algo. É uma caricatura da

⁴¹ Filme disponível aberta e gratuitamente no site oficial. “Demographic Winter” foi visualizado mais de 87 mil vezes entre julho de 2011, quando foi disponibilizado online, e abril de 2017. Disponível em: < www.demographicwinter.com>. Acesso em 20 Abr. 2017.

realidade, marcada por exageros emotivos, um teatro de tipos. O problema aqui é a incoerência velada entre meio e mensagem. Incomoda a falta de transparência sobre o exagero proposital na abordagem da suposta catástrofe no porvir. A propaganda política do ID não tem eficácia por ser orquestrada em detrimento de uma análise social bem fundamentada cientificamente. No afã de evitar que os estudos sintetizados no conceito ficassem restritos a especialistas, a tentativa de popularizar a teoria acabou por romper com a sobriedade necessária para tornar o argumento do enredo logicamente convincente. O ID é uma teoria que deve ser rejeitada para o caso japonês e lida de outra forma.

Domingo (2014) considera que existe um alinhamento entre as projeções demográficas e as distopias literárias: ambos acabam intervindo em prospectos de um cenário negativo. A distopia é um sinal de alerta para o presente, um retrato de um futuro certo e indesejável, caso tudo se mantenha como está. As distopias que se ocupam principalmente de mudanças demográficas ou questões populacionais configurariam um subgênero da literatura, o qual Domingo (2008) denomina “demodistopia”. As demodistopias são retratos de “infernos demográficos”, usando uma expressão do próprio Domingo (2008), onde a esperança da redenção já perdeu força. Preocupa a Domingo o uso da demografia como recreação, em sua qualidade de poder projetar os piores cenários. Existiria a satisfação de um desejo de poder por parte daqueles que se entretêm com a leitura das demodistopias. Estes se enxergariam como sobreviventes e autores de uma violência, mesmo que contra si mesmos. Em outras palavras, a demodistopia propicia à sua audiência a fantasia de ser simultaneamente o legislador, o juiz da sentença, o executor e o próprio réu. A tentação é forte, não há garantias de que os demógrafos consigam desligar seu deslumbramento literário dos livros e dos artigos do seu *métier*. A ideia de crise como fetiche distancia os dilemas sociais, ainda que somente na imaginação, isolando o indivíduo da realidade indesejável que o cerca. Convém olhar a crise como ela é, sem fugas para a idealização.

Se existe no campo da demografia uma grande teoria ou uma teoria que a distingue das outras ciências, a melhor candidata talvez seja a Transição Demográfica (TD). Esta ganhou proeminência mundial a partir dos EUA e dos demógrafos de Princeton, como Notestein (FREJKA, 2016). A fluidez do conceito de TD torna

controversa a sua aplicação ao Japão⁴², pois a impressão que se tem é que em seus primórdios TD significava algo bem específico e à medida que foi sendo alvo de críticas, foram surgindo adaptações, tipologias e ressalvas. Fala-se na literatura ainda em Segunda (STD) e Terceira Transição Demográfica (TTD). O Japão é considerado um dos principais expoentes da TD; a ocorrência da STD no Japão é no mínimo duvidosa; e, a TTD, característica de países de economia desenvolvida, certamente não condiz com o contexto demográfico japonês. De qualquer modo, as três teorias de transição – TD, STD e TTD - não abarcam a totalidade da ideia de crise ao assumirem que os dilemas sociais são coadjuvantes de um comportamento previsível de indicadores demográficos.

O que justifica a escolha de “crise” como eixo central desta tese é o poder do conceito. “Crise” não pode ser visto como uma mera palavra ou descrito apenas por um conjunto de fatos concretos. “Crise” contém em si uma multiplicidade de sentidos, aponta para diversos objetos e dá significado a fatos, recortando a realidade, dando ênfase a determinadas coisas e relevando outras. A crise atua em diversos níveis, desde o individual até o coletivo, ao ser aplicado a questões existenciais da psicologia e à economia de um país. No Japão, a presença da crise como questão a se lidar é permanente. Seus impactos são tão vastos que qualquer um se sente atingido por ela em algum nível, fomentando o engajamento em sua mitigação. A dificuldade de limitar os desdobramentos da crise faz com que todo grupo que vence a competição para usá-la como instrumento político acabe por legitimá-la. É praticamente uma batalha perdida mesmo para aqueles que obtêm sucessos momentâneos em limitar os impactos da crise. O senso de que algo está corrompido perturba a memória, o conceito é inculcado pela repetição nas diversas mídias, não se permite o esquecimento da crise sequer por um instante, mesmo que muitos não tenham noção do que ela significa.

A batalha na definição de crise demográfica no Japão manifesta-se em negociações públicas do “normal” e da interpretação dos instrumentos normativos, como a lei. Um exemplo. Uma notícia de março de 2015 no jornal *Japan Times* destacou protestos de grupos conservadores contra uma proposta de reconhecer uniões entre pessoas do mesmo sexo em *Shibuya*, município de Tóquio (THE JAPAN

⁴² Há uma discussão mais detalhada sobre esta questão no Capítulo 3 desta tese.

TIMES, 2015). Um representante de um destes grupos, o “Rede para a Promoção da Normalização da Educação”⁴³, declarou que tal política poderia levar a uma queda ainda maior da já baixíssima fecundidade japonesa. O “Força Japão! Comitê para a Ação Nacional”⁴⁴ diz que poderia ser o “fim das futuras gerações”. Houve críticas generalizadas contra uma reinterpretação da constituição cujo texto diz que o casamento é “baseado no consenso entre pessoas de sexo diferente”. Aqueles a favor da união homoafetiva dizem que o texto simplesmente enfatiza a igualdade de poder de decisão entre as pessoas que voluntariamente fazem parte da união - o caráter consensual - e não o sexo dos envolvidos. O projeto de lei foi aprovado em novembro de 2015 e estende os mesmos direitos concedidos aos casados heterossexuais para os casais homossexuais. Outras cidades estudam implementar leis similares (TOKYO SHINBUN, 2016). A matéria colocada por este caso é a controvérsia do que se mobiliza ou deve ser mobilizado pelo conceito de crise demográfica.

Uma das maiores dificuldades para se definir “crise demográfica” é contemplar o conflito do juízo de valor dentre aqueles que se utilizam da ideia, inseparável das raízes culturais que inspiram aqueles que a interpretam. Se o objeto de estudo é a crise demográfica japonesa, a origem do termo “crise” na Grécia e seu percurso no Ocidente talvez não seja relevante. Portanto, definir crise exige a passagem pelo embate entre o êmico e o ético (HARRIS, 1976). Análises podem ser relativizadas pela diferença de cultura, condicionadas a peculiaridades de tempo e de espaço, impedindo a aplicação do termo ao qualificar outras situações. Comparações internacionais são restritas e, no extremo, implica-se até em duvidar da possibilidade de compreender seu significado e sua aplicação locais.

Takeda (2004), socióloga japonesa, se diz a favor do uso de teorias ocidentais para o estudo do Japão. Seu trabalho sobre a economia política da reprodução no Japão é bastante influenciado pela obra de Foucault. Segundo Takeda, a partir do final do século XIX, o Japão passou por um processo de modernização onde foram adotados diversos conhecimentos do Ocidente - leis, sistema militar, medicina, higiene, educação, eugenia, imperialismo e a demografia. A época ficou conhecida por Revolução Meiji ⁴⁵ e se falava em “Espírito Japonês, Técnica

⁴³ Em japonês, 教育正常化推進ネットワーク, *Kyoiku Seijoka Suishin Nettowaku*

⁴⁴ Em japonês, 頑張れ日本!全国行動委員会, *Ganbare Nippon! Zenkoku Kodo linkai*

⁴⁵ “Meiji Restoration, in Japanese history, the political revolution in 1868 that brought about the final demise of the Tokugawa shogunate (military government)—thus ending the Edo (Tokugawa) period

Ocidental”⁴⁶. Neste sentido, para Takeda, os problemas sociais vivenciados pelo Japão atualmente seriam comuns a muitas outras nações desenvolvidas do Ocidente. O que distingue o Japão não seria a existência em si das questões demográficas, mas sim o modo, a velocidade e a intensidade dos processos históricos de intervenção do Estado na vida cotidiana. Além disso, rejeitar teorias ocidentais incondicionalmente seria um erro. Takeda se diz a favor de um uso – ou não-uso – de forma mais consciente que leve em consideração vantagens e desvantagens de cada conceito e enquadramento. No mais, não é frutífero condicionar a interpretação da crise demográfica do presente baseando-se apenas em suas supostas origens. Como disse Foucault (2008, pp. 4-5), que inspirou Takeda:

“A história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e validade, as de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração”

Na linha da história dos conceitos, convém considerar que similar ao que ocorre em países não-europeus, a demografia não é de desenvolvimento local e pode dar a impressão de que só permitiria um olhar distorcido de um Japão “autêntico”. Para o argumento desta tese, basta indicar uma forte relação entre a demografia do Japão e aquilo que se entende como problemas sociais deste país. Este vínculo é uma das razões de ser do próprio campo da demografia, há a expectativa de que ela seja um instrumento prático a que governos recorrem em busca de soluções para a sociedade (PRESTON, 1993). Autores como Hull (2005) simplesmente negam a realidade – social e da demografia enquanto ciência - ao apelarem para um “excesso” de crises, explosões, bombas e ameaças demográficas. Para Hull, mais graves seriam os cortes financeiros para a condução de pesquisas. Hull defende o direito de cada cidadão ser incluído nas estatísticas nacionais, de ter suas informações corretamente registradas e de ter acesso aos benefícios decorrentes de análises apropriadas.

(1603–1867)—and, at least nominally, returned control of the country to direct imperial rule under Mutsuhito (the emperor Meiji). In a wider context, however, the Meiji Restoration of 1868 came to be identified with the subsequent era of major political, economic, and social change—the Meiji period (1868–1912)—that brought about the modernization and Westernization of the country”. Fonte: <<https://www.britannica.com/event/Meiji-Restoration>>. Acesso em 22 nov. 2017.

⁴⁶ Em japonês, 和魂洋才, *wakonyousai*.

Bases de dados, pessoas capacitadas e gestão de sólidas instituições de pesquisa tem um alto custo. O pleito de Hull é legítimo, entretanto, pesquisas demográficas em si mesmas não têm valor nenhum, constituem apenas meios para um fim maior, de proporcionar uma intervenção eficaz para a melhoria da qualidade de vida através de um maior entendimento da natureza da sociedade.

Do ponto de vista de um distanciamento objetivo para o estudo do Japão, de um estranhamento, a antropologia – com origem fora do Japão como a demografia - permite compreender com maior profundidade as questões culturais envolvidas. A identidade do indivíduo japonês é, por tradição, indissociável dos grupos a que pertence, como a nação. Lévi-Strauss (2012) resumiu a filosofia japonesa através da afirmação de que o sujeito não é o ponto de partida para a reconstrução do mundo no pensamento, o sujeito é o ponto final. A identidade japonesa e seu imaginário são consequência do arranjo dos coletivos, formados por semelhança. No Ocidente, o percurso seria o inverso, partindo do sujeito em direção aos coletivos. Michitaro Tada (2009 [1972]) é enfático quanto à “mimese” como parte do caráter nacional japonês. Imitar, se parecer com o outro, copiar, tudo isso é qualificado como um gosto, um talento, uma preferência e uma segurança; a falta desta semelhança é fonte de ansiedade e desconforto. Há “prazer ao experimentar a desintegração do ‘eu’”, “alívio” durante a experiência de se conectar com outros seres humanos. A motivação é intelectual, sentimental e ética; é ainda um pressuposto social, um acordo tácito, subjacente. Estas pesquisas antropológicas apontam para a pertinência de estudar a crise no Japão através da demografia, já que esta permite ordenar agrupamentos humanos conforme semelhanças e diferenças entre indivíduos.

A demografia lida não só com o estudo do número total de componentes de uma população, mas também características do todo. Um dos principais atributos é a estrutura etária, que no nível individual se reflete em datas de nascimento e aniversários. Tradicionalmente no Japão, o aniversário era celebrado na virada do ano, independentemente do dia ou do mês de nascimento era atribuída a idade de um ano a um bebê japonês no momento do seu nascimento (SEKIZAWA, 2008). Por exemplo, um bebê nascido no dia 1 de março de 1940 e outro no dia 30 de dezembro do mesmo ano completariam dois anos em 1 de janeiro de 1941, mesmo com a diferença de nove meses entre suas idades. Segundo Yanagita Kunio (1990 [1940]), a idade mensurava não a duração da vida da criança no mundo material, mas o tempo de existência da alma concedida pela divindade daquele ano. Visto que todos os nascidos no mesmo

ano recebiam suas almas da mesma divindade, a idade era considerada a mesma. É como se a cada ano todos os nascimentos tivessem ocorrido em um único momento e todos envelhecessem junto. Existia um senso de comunhão do tempo, de destino coletivo, que é ímpar em relação a culturas em que os aniversários são festas privadas para o aniversariante e pessoas mais próximas. Envelhecer como japonês envolvia mais do que o compartilhar do território de nascimento.

A Revolução Meiji em 1867 e as reformas no pós-Segunda Guerra se traduziram nas duas leis versando diretamente sobre a eliminação do sistema de contagem tradicional das idades, o *kazoedoshi*⁴⁷. O inciso primeiro da Lei n. 50 de 1902⁴⁸, *Act on Calculation of Ages*, diz que “a idade deve ser calculada a partir do dia de nascimento”. A lei não mudou o costume, quando muito foi a formalização fracassada de uma tentativa de mudança cultural. O fato de existir uma segunda lei abordando o tema e o próprio conteúdo desta nova lei mostram que a lei de 1902 não “pegou”. A Lei n. 96 de 1949⁴⁹, *Act on Counting of Ages*, enfatiza que o povo deve se “esforçar” para contabilizar sua idade conforme manda a lei e que caso instituições públicas federais ou locais necessitassem se utilizar do sistema do *kazoedoshi*, a justificativa deveria ser expressamente declarada e registrada.

A barreira não-transposta pelas leis não se caracteriza apenas pela dicotomia entre o formal e o informal, mas entre o local e o estrangeiro, sendo que esta segunda contraposição tem um peso maior, apontando para um conflito entre a identidade nacional e as influências externas. Miyamoto (1973) diz que o ano de 1872 foi marcado por um evento peculiar no qual o governo eliminou 28 dias do calendário através de um decreto, transformando o dia 3 de dezembro de 1872 no dia 1 de janeiro de 1873. As quatro semanas foram roubadas da vida dos japoneses para que o calendário japonês fosse sincronizado com o utilizado na Europa e nos EUA. O senso de deslocamento no tempo fez com que os feriados fossem celebrados conforme o novo calendário somente em centros urbanos, havendo em alguns locais a celebração da virada do ano duas vezes no mesmo ano em regiões afastadas, uma seguindo o calendário antigo e a outra seguindo o novo calendário. O antigo calendário lunar teria

⁴⁷ Em japonês, 数え年 ou 数え歳

⁴⁸ Disponível em: <http://elaws.e-gov.go.jp/search/elawsSearch/elaws_search/lsg0500/detail?lawId=135AC000000050&openerCode=1>. Acesso em 23 out. 2017.

⁴⁹ Disponível em: <http://elaws.e-gov.go.jp/search/elawsSearch/elaws_search/lsg0500/detail?lawId=324AC1000000096&openerCode=1>. Acesso em 23 out. 2017.

perdido espaço somente na década de 1960. O período de criação da primeira lei de contagem da idade é caracterizado por um recente término forçado de dois séculos de auto imposto *sakoku*⁵⁰ (“isolamento nacional”) justificado pela interferência de potências estrangeiras na política interna do país⁵¹. O período da segunda lei de contagem de idades é caracterizado pela desmilitarização e democratização após o Japão perder a Segunda Guerra Mundial⁵².

Muitas das reformas legais que, pelo menos em teoria, conduziram a uma dinâmica social de mudanças institucionais nos moldes democráticos modernos ocidentais ironicamente foram introduzidos durante a ocupação japonesa pelos militares do SCAP. O senso de Estado de Exceção era fortalecido pela destruição provocada pela guerra. Por exemplo, as leis trabalhistas no Japão criminalizavam sindicatos no início do século XX; após a Segunda Guerra, o direito de greve e filiação a sindicatos foi garantido através da intervenção do SCAP, mas o receio de que movimentos trabalhistas pudessem se tornar um empecilho à recuperação econômica limitaram ações coletivas dos trabalhadores (MARUTSCHKE, 2005).

Há de se tomar cuidado ao atribuir aos EUA um papel civilizatório em seus contatos com um Japão atrasado e primitivo. É exemplar o caso das feministas americanas que traziam um discurso de emancipação das mulheres japonesas. Koikari (2002) observa que as feministas americanas acabaram por reforçar o imperialismo americano e sufocaram movimentos locais de resistência ao assumir o papel de levar “conceitos tão estranhos à cultura e prática japonesa” – nas palavras de Carmen Johnson, que produziu panfletos no Japão. A intervenção acabou por se tornar uma versão feminina do “fardo do homem branco” (*White Man’s Burden*)⁵³. O general MacArthur expressou grande apoio ao trabalho das feministas no Japão, concedendo a elas um poder de intervenção social que estas não tinham em seu país de origem (KOIKARI, 2002).

⁵⁰ Em japonês, 鎖国

⁵¹ Os primeiros Ocidentais a pisarem os pés no Japão chegaram no início do século XVI (MORAN, 1993). Foram três portugueses que trabalhavam na rota de comércio entre China e Europa e este encontro foi um acidente, fruto de um naufrágio. A primeira aproximação intencional, também foi com portugueses, não muito tempo depois, em 1549; neste ano o missionário jesuíta Francisco Xavier chegou ao país. Os jesuítas se utilizaram de sua influência nas rotas de comércio internacional no sudeste da Ásia para favorecer os senhores de terras católicos do Japão em detrimento daqueles que mantiveram sua fé budista. O *sakoku* foi rompido na invasão da baía de Edo (atual Tóquio) em 1853 pelo Comodoro Matthew Perry da marinha dos EUA.

⁵² O General Douglas MacArthur comandou a ocupação militar estadunidense do Japão ocorrida entre 1945 e 1952 e coordenou as mudanças (IOKIBE, MINOHARA; 2017).

⁵³ Poema de Kipling (1899).

Koikari (1999) diz que havia grande preocupação em relação à introdução de novas ideias de igualdade de gênero no Japão do pós guerra ao mesmo tempo que houve um grande influxo de soldados americanos no território japonês. A polícia de Kanagawa, província por onde estes soldados fariam sua entrada, teria enviado um alerta para que mulheres evacuassem a área. Autoridades nacionais recomendaram que mulheres evitassem circular sozinhas em locais onde poderiam se encontrar com soldados americanos e que andassem sempre acompanhadas por homens japoneses para as “proteger”. Uma das estratégias para garantir a proteção das mulheres “respeitáveis” teria sido disponibilizar prostitutas japonesas em bordéis exclusivos a soldados americanos, fato que foi bem recebido pelas forças de ocupação. Em busca da manutenção de uma suposta pureza das “mulheres de bem”, a sexualidade feminina passou a ser regulada de forma cada vez mais rígida, culminando em apreensão de mulheres suspeitas de serem prostitutas para avaliações médicas e questionamentos abusivos sobre a intimidade sexual. Em 1946 houve um grande protesto de um grupo diverso formado por membros do Partido Socialista Japonês, do Partido Comunista, sindicatos, movimentos feministas, entre outros. Estes grupos culpavam tanto o governo japonês, quanto o americano pela situação vexatória. A agenda progressista não avançou.

Uma das dificuldades em contornar a complexidade de estudo do Japão são as particularidades de sua história em relação a outras nações que foram alvo do processo “civilizatório” de potências ocidentais. Os encontros traumáticos com o estrangeiro trouxeram ao mesmo tempo um acentuado senso de consciência nacional, um temor de que a identidade coletiva pudesse ser perdida e, paradoxalmente, admiração. Oficialmente o Japão nunca foi colonizado e por algumas décadas esteve do outro lado, no grupo dos impérios colonizadores. Portanto, é possível situar historicamente certos momentos em que a tradição japonesa de supressão das manifestações destoantes da maioria da população foi mais forte⁵⁴.

Um dos períodos em que o apelo cultural pela unidade convergiu com a ascensão do ultranacionalismo oficial, incentivado pelo Estado, foi o final do século XIX e início do XX. Benedict Anderson (1993) identifica a relativa homogeneidade

⁵⁴ Após o período de intensas mudanças sociais no final do século XIX, conhecido como Revolução Meiji, prosseguiu um tempo de fracasso das instituições democráticas e ascensão dos militares ao poder (TIPTON, 2002). Outros acontecimentos foram a industrialização e a inclusão das massas na sociedade de consumo (IRIYE, 1989).

cultural e étnica como um dos principais fatores para este processo. Os outros seriam a antiguidade da casa imperial e a forma abrupta como se deu o contato com o estrangeiro não convidado. A antiguidade da casa imperial deu legitimidade para a exploração de sua imagem como figura de autoridade. Diferentemente de outros países, em toda a história registrada, o poder imperial teria se mantido dentro de uma única dinastia. A invasão da baía de Tóquio pelos EUA em 1853 levou ao fim de um quase isolamento⁵⁵ do resto do mundo por dois séculos e meio. Anderson diz que a chegada dos estadunidenses foi repentina, imponente e ameaçadora gerando uma reação de defesa através da nação. Há então um passado traumático de relações com os EUA que influencia a forma como a identidade nacional é contraposta à noção de ser parte de uma comunidade global. Possíveis efeitos incluem a dificuldade dos japoneses em desvincular uma visão negativa do atual declínio da população nacional em território japonês, em termos absolutos por queda de nascimentos em contexto de aumento da mortalidade ou em termos relativos pela entrada de imigrantes internacionais.

Existe na crise o senso de uma ruptura histórica, dramática e culturalmente informada. “Do mesmo modo que a população da nação como um todo, a família imperial está envelhecendo e encolhendo”, disse o editorial do jornal *The Japan Times* (2017). Akihito assumiu o posto em 1989, coincidentemente quando os demógrafos se conscientizaram que o Japão padecia de uma indesejada queda de fecundidade⁵⁶. O tabloide opinou sobre a aprovação de lei em junho de 2017 que permite ao imperador do Japão se aposentar. Até então era inconstitucional. Conforme a constituição vigente⁵⁷, qualquer mudança relacionada ao *status* do imperador deve passar pelo parlamento. Foi definida a data de 30 de abril de 2019 para a abdicação do imperador e esta vem acompanhada de uma mudança no calendário, já que se contabilizam os anos em documentos oficiais e programas de computador a partir da ascensão ao trono de um novo imperador (OSAKI, 2017). Desde 1 de abril de 2019 o Japão já está na era Reiwa, sucedendo a era Heisei, que terminou no ano 31. Os preparativos para a formalização levaram anos para serem concretizados, já em

⁵⁵ Quase isolamento pelo fato de o Japão ter mantido o porto de Nagasaki aberto para os holandeses (ANDERSON, 1993).

⁵⁶ Ver indicadores de natalidade e fecundidade no próximo capítulo desta tese.

⁵⁷ Carta Magna de 1947, elaborada pelos EUA em apenas 15 dias, um efeito colateral da Segunda Guerra.

agosto de 2016, o imperador Naruhito manifestava preocupação quanto à continuidade de seus deveres de imperador devido à saúde frágil – histórico de problemas cardíacos e câncer de próstata - e sua idade avançada, 82 anos.

Martin Keller, economista de formação e editor do periódico alemão *Rheinische Post*, chama o Japão de “o homem doente no Pacífico”⁵⁸ e “a terra do sol poente”, um país ultrapassado, onde os cidadãos são apáticos (RHEINISCHE POST, 2015). Em seu texto sobre o Japão, aponta diversos problemas como a alta dívida pública, o baixo crescimento do PIB, as políticas retrógradas de trabalho e família, entre outros, incluindo questões ligadas à remoção de conteúdo de livros didáticos sobre crimes de guerra. A dura crítica através da metáfora do homem doente, certamente nos remete à noção de crise médica apontada por Koselleck (2006), mas também ao conceito de “metabolismo demográfico” (RYDER, 1965). Em seu texto seminal sobre coortes, Ryder (1965) objetivava desenvolver uma ponte entre os ciclos de vida individuais e as mudanças sociais, mas ao expor semelhanças entre síntese/degradação bioquímica e nascimentos/óbitos em um conjunto de pessoas, ampliou a literatura que enquadra a população como corpo político. A população pode então ser vista como um ente único, com um funcionamento próprio, podendo por analogia com uma pessoa, “adoecer”.

No Japão, há a tradicional ideia de *kokutai*⁵⁹, que encontrou força em tempos de oposição à presença estrangeira em território nacional e no culto ao imperador em tempos pré-Segunda Guerra (DE BARY, TIEDEMANN, GLUCK; 2005). O termo é corriqueiramente usado nos dias de hoje sem a ênfase na moral e na religiosidade, sendo associado principalmente à estrutura administrativa do Estado, o conjunto dos parlamentares. De Bary, Tiedemann e Gluck (2005) compilaram textos clássicos das ciências sociais com traduções para o inglês em que o termo *kokutai* aparece como “national substance”, “national polity” e “national essence”. *Kokutai* tinha um viés religioso, moral e político, representando: os mitos xintoístas das origens divinas do país e da dinastia no poder; os princípios morais e virtudes indispensáveis para a unidade e ordem social; e, a instituição imperial (DE BARY, TIEDEMANN, GLUCK; 2005).

⁵⁸ *kranken mann im pazifik*

⁵⁹ Em japonês, 国体. O primeiro ideograma 国 significa país ou nação; o segundo, 体, corpo ou estrutura.

O passado das ideias ultranacionalistas assombra os japoneses mesmo depois de mais de meio século após o fim da guerra. A ideia de nação forjada a sangue (dos japoneses e dos estrangeiros) persiste, por exemplo nos debates sobre símbolos nacionais. A bandeira japonesa é uma poça vermelha no centro cercada de branco puro. Berquó (1993) propõe a imigração internacional como análoga a uma “transfusão de sangue” para tratar de países com “sintomas” de crescimento populacional zero ou negativo. Em suas palavras, “o buscar um equilíbrio para uma transfusão que não acabe por matar o doente, eis a questão” (1993, pág. 18). Suspendendo temporariamente argumentações contrárias fundamentadas nas diferenças entre uma pessoa doente e um país passando por dilemas demográficos – ou entre imigrantes e um tratamento médico -, podemos pensar em uma relevante consequência não-esperada da analogia de Berquó: a questão da incompatibilidade de tipo sanguíneo. Um indivíduo não é capaz de substituir seu tipo sanguíneo de acordo com a sua conveniência; poderíamos pensar o mesmo em relação ao caráter nacional mais ou menos receptivo quanto à imigração internacional. Nem todo imigrante internacional é tipo O negativo; nem todo país receptor é AB positivo. Isso se for desconsiderado o fato de existirem mais de 30 sistemas de classificação de tipos sanguíneos (REID, LOMAS-FRANCIS, OLSSON; 2012). Toda a analogia tem limites e, neste caso, é a barreira à imigração internacional envolve a questão da qualidade – as características dos imigrantes e do país receptor - serem tão importantes quanto a quantidade.

Nos anos imediatamente subsequentes à perda da Segunda Guerra, os usos da bandeira japonesa e do hino nacional ficaram restritos aos contextos autorizados pelo exército de ocupação americano; a saída dos americanos em 1952 deixou o país sem o reconhecimento legal destes símbolos nacionais (NIHON BENGOSHI RENGOUKAI, 2007). A situação só mudou em 1999 quando foi aprovada uma lei formalizando o *Kimi ga Yo*⁶⁰ como hino e o *Hi no Maru*⁶¹ como bandeira. Por remeter ao período imperialista e à figura do imperador como objeto de veneração, em muitas escolas se evitava cantar o hino e hastear a bandeira, ainda que memorizar o hino e respeitar a bandeira fizessem parte do currículo escolar. Os debates eram intensos e quando em 1998 o Ministério da Educação definiu que as escolas públicas

⁶⁰ Em japonês, 君が代

⁶¹ Em japonês, 日の丸

deveriam cantar o hino e hastear a bandeira em formaturas e recepções de novos alunos, houve protestos por parte dos professores e movimentação para que tal orientação fosse descumprida. Diretores de escola foram pressionados de todos os lados, por seus superiores e por seus subordinados. Sem saber o que fazer, Toshihiro Ishikawa, diretor de uma escola em Hiroshima⁶², cometeu suicídio em 28 de fevereiro de 1999, um dia antes da cerimônia de início do ano letivo de 1999.

Amino (1992) crítica a apreensão dos japoneses como um povo que se unifica sob a imagem do culto ao imperador, da rizicultura e dos valores dos samurais. Sua perspectiva é de que não faz sentido se falar em japoneses antes do uso da palavra *Nihon* (Japão) para se designar a população e o país do arquipélago. O líder de um dos diversos povos que vivia no território que se chama hoje Japão enviou uma correspondência diplomática se identificando como “príncipe do local onde o sol nasce” ao imperador da China no século VIII a quem foi referenciado na mesma carta como “príncipe do local onde o sol se põe”. Posteriormente este grupo de japoneses acabou dominando os outros povos, mas a história de unificação do país não teria sido pacífica, havendo diversas tentativas de independência por parte de cada uma das ilhas principais (*Honshu, Shikoku, Kyushu*) e por sub-regiões de cada uma destas ilhas. Longe de convivência harmoniosa, coesão e homogeneidade, a historiografia de Amino enfatiza o conflito entre os diferentes povos que compartilharam e compartilham o pequeno território japonês.

A discussão acalorada em torno da identidade nacional ocorre também nos concursos de Miss Japão, onde se seleciona a representante do país para participar do concurso Miss Universo. Em 2015, houve controvérsia em torno da vencedora do título, Ariana Miyamoto, filha de um oficial negro da marinha dos EUA e de mãe japonesa; no ano seguinte, venceu Priyanka Yoshikawa, filha de um indiano e também de mãe japonesa (THE JAPAN TIMES, 2016). Ambas modelos foram alvo de racismo, desde a infância através da adolescência, e, ao vencerem o prêmio, foram duramente questionadas por alguns japoneses quanto à sua autenticidade na incorporação dos arquétipos estéticos e culturais japoneses. Comentários na rede social *Twitter* incluem “*What’s the point of holding a pageant like this now? Zero national characteristics*” e “*It’s like we’re saying a pure Japanese face can’t be a winner*”, (THE JAPAN TIMES, 2016). Está implícito em tuites como estes que o anseio pela manutenção da pureza

⁶² Sera Senior High School. Em japonês, 広島県立世羅高等学校

racial é visto de forma análoga a uma demonstração de poder nacional. São uma expressão de opinião popular assustadoramente anacrônica aos desenvolvimentos no campo dos direitos humanos após a rejeição da cientificidade das teorias de raça do início do século XX.

Os desafios enfrentados pelas modelos são comuns a filhos de pai japonês com mãe estrangeira ou mãe japonesa com pai estrangeiro. A própria nomenclatura utilizada em relação a filhos e filhas de estrangeiros mostra a profundidade do problema, como mostra o artigo de Murphy-Shiguematsu (2000). Na década de 1950, comumente se utilizava a palavra *ainoko*⁶³, literalmente “filho do encontro”. Era um termo usado para indicar híbridos de animais, reforçando o aspecto de “coisa” e não “ser humano”. Na década seguinte passou a se usar *konketsuji*⁶⁴, “criança de sangue misturado”. Nos anos 1970, surge o *haafu*⁶⁵, do inglês “half”, acentuando o aspecto de um ser incompleto. Aqueles com pai ou mãe de raça negra não eram considerados *haafu*, o termo era reservado para filhos de brancos e japoneses que ganhavam proeminência na mídia. Depois veio *kokusaiji*⁶⁶, “crianças internacionais”, como se não tivessem pai ou mãe, mas fossem filhos do mundo globalizado, justamente em um momento em que a presença internacional das empresas japonesas aumentou. Na última década de século XX, tentou se compensar o problema da incompletude usando *daburu*⁶⁷, do inglês “double”. Hoje na mídia se vê o uso de *haafu* e *kuootaa*⁶⁸, “quarter”, para netos de estrangeiros.

Okamura (2017) fez um estudo mais amplo sobre os nomes dados aos *haafu* e montou um quadro (Figura 3) que mostra o termo, o significado e o suposto ano em que foi utilizado pela primeira vez. Existe uma adoração pelo exótico, a relação dos *haafu* com o resto da sociedade japonesa não é de simples rejeição, como apresentado no caso dos concursos de *miss*. Okamura mostra o exemplo através de propagandas de produtos e técnicas de maquiagem que deixariam a mulher com “rosto parecido com uma *haafu*” e declarações de médicos oferecendo cirurgias plásticas com o mesmo objetivo estético.

⁶³ Em japonês, 合いの子

⁶⁴ Em japonês, 混血児

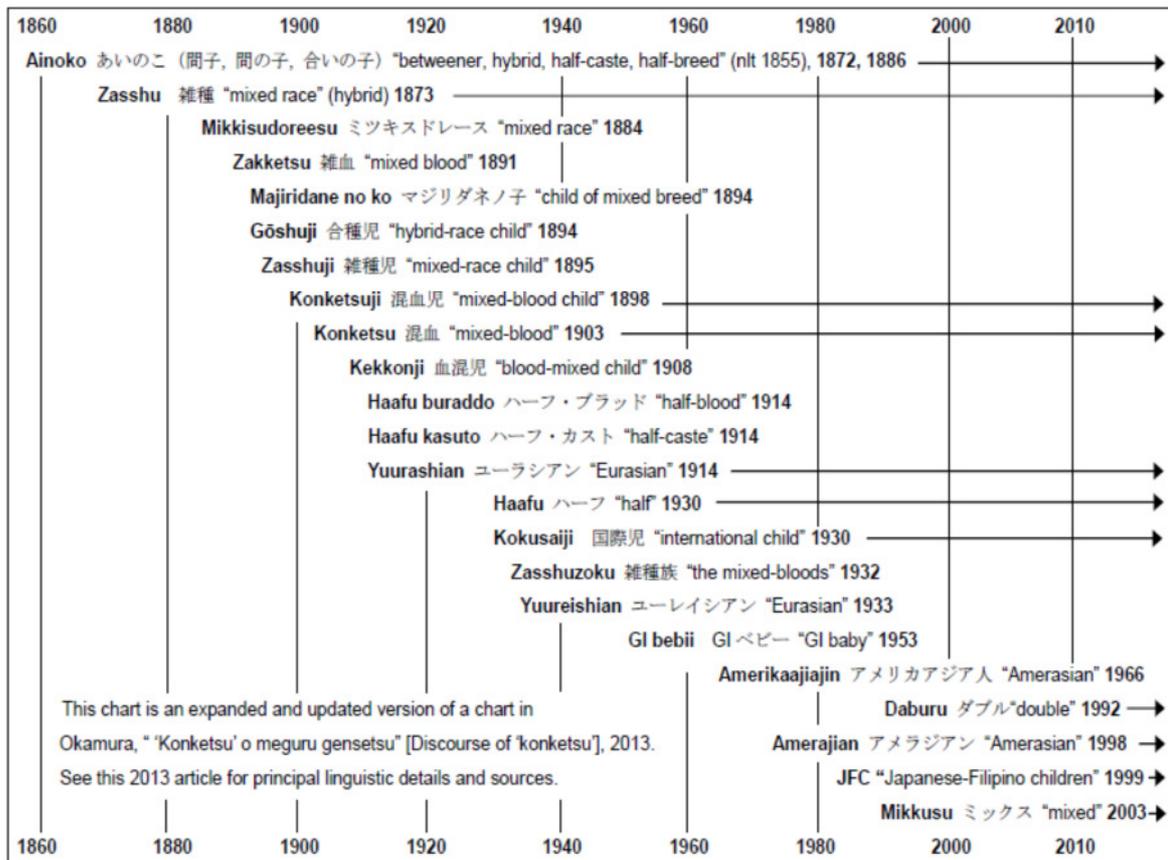
⁶⁵ Em japonês, ハーフ

⁶⁶ Em japonês, 国際児

⁶⁷ Em japonês, ダブル

⁶⁸ Em japonês, クォーター

Figura 3 – Termos indicando filhos de pai estrangeiro e mãe japonesa ou pai japonês e mãe estrangeira por ano do uso – Japão – 1860-2010



Fonte: Okamura (2017, p. 44, "Chart 1").

Em mais uma defesa do uso de teorias não-locais para o estudo do Japão, a teoria dos estigmas de Goffman parece ser perfeitamente plausível para informar a inversão de valores⁶⁹. Os marcadores físicos de distinção empregados para marcar o não-japonês são utilizados como uma medida de status social ao serem empregados voluntariamente por aqueles que não os possuem desde a nascença. Se no contexto individual dos *haafu* seus corpos se constituem símbolos de estigma social - talvez até uma certa forma de prisão -, para quem tem a opção de comprar a transformação física é uma demonstração de poder de escolha, justamente por não serem características "naturais". As características físicas ditas ocidentais só têm valor por

⁶⁹ "Signs conveying social information vary according to whether or not they are congenital, and, if not, whether, once employed, they become a permanent part of the person. (Skin color is congenital; a brand mark or maiming is permanent but not congenital; a convict's head-shave is neither congenital nor permanent.) More important, impermanent signs solely employed to convey social information may or may not be employed against the will of the informant; when they are, they tend to be stigma symbols. Later it will be necessary to consider stigma symbols that are voluntarily employed. It is possible for signs which mean one thing to one group to mean something else to another group, the same category being designated but differently characterized" (GOFFMAN, 1963, pp. 46-47).

sua distância em relação ao que é comum a um tipo físico dito japonês. A atração pelo Japão e pelos japoneses como entes exóticos tem a sua contrapartida; o Ocidente e os ocidentais são estranhos aos olhares japoneses. Pode se ver a questão como uma fobia social em escala nacional que agrava a crise demográfica, já que como dito anteriormente, a imigração internacional deixa de ser considerada como uma opção.

Todo japonês é um emblema dos coletivos a que pertence ao longo de sua vida. Não se convive com o estranho que não é enquadrado, transformado e adaptado ao local. Yamashiro (2013) e Chung (2010) mostram o medo e a ansiedade do Japão em permitir a inclusão de minorias e garantir os direitos dos estrangeiros em solo japonês. Chung (2010) trata especificamente dos coreanos no Japão, que estão na quarta geração nascida em solo japonês sem terem garantias dos seus direitos. Tampouco se observa uma ampla inclusão social de minorias históricas como os okinawanos e os ainu⁷⁰ (YAMASHIRO 2013). Nem mesmo os descendentes de japoneses nascidos no estrangeiro, dentre eles os decasséguis brasileiros, são reconhecidos em sua plenitude (YAMASHIRO 2013). A recente mudança na legislação para conceder visto à descendentes de 4ª geração é emblemática. Em vigor desde março de 2018, dentre outras exigências os interessados em obter o visto devem possuir idade entre 18 e 20 anos, nível de japonês comprovado por teste de proficiência oficial (*Japanese Language Proficiency Test*, Nível N4), não ser acompanhado por sua família e um cidadão japonês de referência (“assistente de recepção”) (MINISTRY OF JUSTICE, 2018). Em outubro de 2018, seis meses após o início da nova legislação, apenas duas pessoas haviam se candidatado para obter esta modalidade de visto, apesar de a reforma ter sido implementada com o limite de 4000 imigrantes por ano, a fim de mitigar efeitos da crise demográfica (ASAHI SHINBUN, 2018).

A incapacidade de lidar com a presença estrangeira leva a tentativas extremas de resolver o problema e até o que é “naturalmente” japonês⁷¹ é deslegitimado. Uma aluna de um colégio público de Osaka entrou com um processo contra o Estado devido ao fato de ter sido forçada a pintar o cabelo de preto (ASAHI SHINBUN, 2017a). Em Abril de 2015, professores da escola insistiram em um ponto

⁷⁰ Segundo Yamashiro (2013), os ainu são uma comunidade com língua e cultura próprias que tradicionalmente residiam em Hokkaido, ao norte do Japão.

⁷¹ “É claro que “talvez não exista nada de ‘maneira natural’ no adulto” (MAUSS, 1974 [1934], p. 216).

do regulamento escolar o qual exigia que os alunos tivessem cabelos pretos, mesmo após a mãe da aluna explicar que a cor castanha do cabelo de sua filha era natural. A aluna acatou a norma⁷², pintou o cabelo, mas a cada vez que a tintura perdia o efeito, a escola exigia que ele fosse pintado novamente. A aluna chegou a ser proibida de assistir aulas em setembro de 2016 e de participar em uma excursão escolar no mês seguinte. No processo legal, a adolescente alega danos morais pelo constrangimento e problemas de saúde provocados pela tintura. Em 60% dos colégios públicos japoneses, exige-se tanto de homens quanto de mulheres um “certificado de cabelo natural”⁷³, comprovando que o cabelo não foi pintado nem se aplicou procedimentos, como escova para alterar a textura capilar (ASAHI SHINBUN, 2017b). Talvez uma boa analogia para a crise demográfica seja a doença autoimune; uma enfermidade que faz o sistema imunológico atacar o próprio corpo do paciente. As implicações sociais da crise descritas nesta tese reforçam este ponto.

Não é à toa que as escolas deem tanta atenção aos cabelos. Existem rituais de passagem tradicionais no Japão relacionados à mudança de etapa no curso de vida das crianças, sinalizados por uma mudança no corte de cabelo, segundo Miyamoto (1973). Não havia um dia exato para a realização dos rituais, mas a partir do início da era Meiji, passou a se realizar no dia 15 de novembro de cada ano, data aproximada do solstício de inverno. Em Edo, território atualmente pertencente a Tóquio, filhos de samurais tinham seus cabelos completamente raspados desde o seu nascimento até a idade de 3 anos; depois, o cabelo era cortado uma única vez aos 5 anos; e, aos 7 anos, passavam a vestir um kimono e adereços de vestimenta completos como o de um adulto. O costume se espalhou para outras regiões no século XX e é conhecido como “753” (*shichi go san*). Mais difundido nacionalmente do que o 753, era o costume de aos 15 anos de idade se celebrar o *genpuku*⁷⁴, a transição para

⁷² “Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano, os fatos de educação dominam. A noção de educação podia sobrepor-se à noção de imitação. Pois há crianças, em particular que tem faculdades muito grandes de imitação, outras que as tem bem fracas, mas todas passam pela mesma educação, de sorte que podemos compreender a sequência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita os atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que tem autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente pelos outros. É precisamente esta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto, é condicionado pelos três elementos indissolivelmente misturados “ (MAUSS, 1974 [1934], p. 215).

⁷³ Em japonês, 地毛証明書, jigeshoumeisho.

⁷⁴ Em japonês, 元服

a maioria. Nesta idade, os homens raspavam o cabelo da franja e do topo da cabeça; as mulheres passavam a prender o cabelo em um coque no topo da cabeça e a raspar suas sobrancelhas. A condição do cabelo era, portanto, importante marca do desenvolvimento infantil e da transição para a idade adulta. Raízes históricas profundas – exemplificadas pelo caso dos cabelos - apontam para uma grande resistência à mudança, desfavorecendo tentativas simples de solucionar a crise demográfica, intensificando a sensação de situação sem saída.

A história dos estudos da população japonesa é permeada por nuances do ideal de pureza racial. Naho Sugita (2017) aponta evidências de que as políticas públicas japonesas voltadas ao trabalho e à saúde surgiram do interesse pela “qualidade” da população, um recorte amparado pela pseudociência da eugenia. Segundo a autora as ideias importadas da Inglaterra e dos EUA, do final do século XIX até o início do XX, indicavam como população alvo de tais políticas as mulheres por serem mães (ou terem este potencial) e as crianças por serem elemento determinante dos atributos das gerações futuras⁷⁵. O contexto europeu do período, assim como o japonês, era de debates intensos em torno da queda da fecundidade, fenômeno interpretado como ameaça nas teorias sociais biologizantes com ênfase na evolução e competição entre as supostas raças. Quem sistematizou pela primeira vez no Japão os estudos da eugenia foi Kaitoku Umino (1910) em sua obra “*Nihon Jinshu Kaizou Ron*”⁷⁶. Dentre outras coisas, o autor argumenta que não há necessidade de métodos especiais na melhoria da raça japonesa, buscando confirmar o paradigma darwiniano da seleção natural aplicado a seres humanos. Busca por alimento, autodefesa, competição pela sobrevivência, proteção da prole e defesa contra ameaças externas seriam as motivações principais na adaptação dos animais e do

⁷⁵ É digno de nota o relatório de pesquisa “*Social Insurance and Allied Services*” do inglês William Beveridge de 1942, considerado precursor do Estado de bem-estar social do pós-Segunda Guerra. O relatório é uma proposta ao Parlamento Britânico de um programa de distribuição de renda para famílias em condição de extrema pobreza conforme o número de crianças. Beveridge era membro ativo do *Eugenics Society*, instituição voltada para a “melhoria” da humanidade através do controle da reprodução. As atividades da instituição estão bem documentadas no periódico *Eugenics Review* contendo relatórios anuais e atas de debates. Incluía também artigos como “*Eugenics Aspects of Children’s Allowances*” escrito pelo próprio Beveridge (1943) no qual defende o seu relatório perante seus colegas na *Society*. Argumentos de Beveridge a favor da política incluem garantir igualdade de condições de competição entre crianças a fim de promover a seleção natural ao longo dos séculos, já que a seleção natural é um processo lento, ainda que a curto prazo possa haver aumento de indesejáveis do ponto de vista da eugenia. Outro ponto é que implementar políticas de renda leva pessoas a refletir sobre os custos de se criar filhos e desencoraja a reprodução dentre aqueles sem condições econômicas, supostamente inferiores no viés eugênico.

⁷⁶ Em japonês, 日本人種改造論, traduzível como “Um Tratado sobre a Melhoria da Raça Japonesa”

ser humano. O papel da Revolução Meiji em unificar o país frente à ameaça estrangeira é exaltado pelo autor, assim como a consequente busca pela ciência produzida no estrangeiro.

Em muitos círculos, parece que o eugenismo japonês sobrevive amenizado, talvez disfarçado. O artigo de Tanaka et al. (2004) mostra que o estudo da variabilidade genética humana pode ser utilizada para marcar a diferença entre japoneses e minorias vivendo em solo japonês. Os japoneses de *Honshu* teriam uma ancestralidade distinta daquela dos ainu e dos okinawanos. O artigo mencionado não foi fruto do interesse de um punhado de cientistas, mas uma ciência do século XXI validada através de revisão por pares em um periódico de reconhecida reputação acadêmica. A lista não é exaustiva, contudo outros trabalhos nos últimos anos versando sobre o mesmo tema em revistas de alto impacto científico incluem Tajima et al. (2004), Hammer et al. (2006) e Rasteiro e Chilchi (2009). No periódico *Nature*, explicam Jorde e Wooding (2004) que o isolamento geográfico total de populações humanas é raro e os seres humanos são bem descritos por um contínuo de variabilidade genética. Por outro lado, a variabilidade genética em seres humanos é estruturada conforme sua distribuição espacial e períodos de isolamento parcial acabam criando grupos geneticamente mais semelhantes. A genética permite determinar, aproximadamente, a ancestralidade de indivíduos. Desta forma, o estudo da genética humana teria o potencial de reproduzir aspectos das teorias tradicionais de raça, mesmo que não seja intenção do pesquisador. A quem se utiliza da crise demográfica japonesa, é importante marcar o limite da japonesidade que é afetado pela dinâmica demográfica atual e a genética opera como uma das ciências que reforçam estes limites. A antropologia física é outra.

Os estudos genéticos se aproximam de outro campo da ciência, a antropologia física. Um artigo de Oota et al. (1995) descrevendo características genéticas de esqueletos humanos japoneses de 2000 anos foi publicado no *American Journal of Physical Anthropology*. Nakagome et al. (2015) estudaram a validade de três teorias da antropologia física através dos estudos genéticos: a da ancestralidade única dos japoneses, a da substituição e a da hibridização. Na primeira, os japoneses de hoje seriam descendentes de um único grupo teria migrado do continente entre quinze e três mil anos atrás. Na segunda, este primeiro grupo teria sido completamente subjugado e substituído por um outro, que chegou ao Japão em uma outra onda migratória há cerca de dois mil anos atrás. A última é a que propõe a

ocorrência de uma mistura destas duas populações. Estas hipóteses provêm da medição das dimensões de crânios e dentes encontrados em sítios arqueológicos japoneses (HANIHARA, 1991). Os métodos utilizados para destacar a especificidade dos japoneses como um povo milenar podem ser vistos em dois simpósios internacionais e interdisciplinares organizados nos anos 1990, que incluíram além da morfologia cranial e dentária, o estudo da tipologia de túmulos funerários, estilo de pontas de flechas, espécies de arroz cultivadas e origem da língua japonesa (HANIHARA, 1990; OMOTO, 1996). Como defende Nanta (2008), a obsessão por parte dos japoneses em relação a sua identidade coletiva não é determinada pela técnica utilizada, mas pela forma como se formulam as perguntas de pesquisa.

A ciência japonesa é constantemente influenciada por aspectos culturais e políticos. Com a demografia não foi diferente. Kouji Sugi⁷⁷, um especialista em “estudos bárbaros”, tentou conduzir uma contagem de população no modelo dos censos europeus na província de Shizuoka (na época chamada Suruga) em 1869. A proposta foi mal recebida e proibida pelos seus superiores com a justificativa de que o levantamento de dados no ano da Revolução Meiji era inconveniente. Dez anos depois, Sugi recebeu autorização para coordenar um censo na província de Yamanashi (na época chamada Kai). Yamanashi foi escolhida devido a três fatores: pela proximidade do governo central em Tóquio; pela pequena população; e, por tradicionalmente ser uma região com poucos migrantes. A imigração, nos primórdios da demografia moderna japonesa, já era tratada como uma anormalidade. Kouji Sugi dedicou sua vida à estatística⁷⁸ e à defesa da realização de um censo nacional, mas faleceu em 1915 aos 70 anos de idade, cinco anos antes do primeiro censo demográfico japonês⁷⁹.

⁷⁷ Biografia de Sugi Kouji. Fonte: < <http://www.stat.go.jp/library/shiryosugi.htm#h01>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

⁷⁸ Sugi rejeitou o termo utilizado na tradução do termo “estatística” para a língua japonesa (統計, *toukei*). A tradução tem base etimológica e significado similar a “cálculo do total”, “balanço” ou “fechamento”. Sugi chegou até a criar *kanjis* baseando-se na fonética estrangeira su-ta-ti-su-ti-ku:

多智契 Fonte: < <http://www.stat.go.jp/library/shiryosugi/img/sugiback.jpg>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

⁷⁹ No mesmo período, foram publicados o *Shinbi Seihyou* em 1871 e o primeiro registro *Koseki* em 1877. Em japonês, 辛未政表. O *Shinbi Seihyou* é considerado o precursor do Anuário Estatístico do Japão, uma compilação referência de estatísticas demográficas, sociais e econômicas do país. Continha pouca informação, somente nomes de funcionários públicos, seus salários e gastos, entre outras coisas. O *Koseki* é um registro civil com endereço e parentesco. A lei ordenando a sua preparação já tinha sido decretada três anos antes da data de publicação. Cópia digitalizada disponível em <<http://dl.ndl.go.jp/info:ndljp/pid/994348>>. Maiores detalhes sobre o *Shinbi Seihyou* em <<http://www.stat.go.jp/library/shiryoguide/shiryosugi1.htm>>. Maiores detalhes sobre o *Koseki* de 1877 em: <<http://www.stat.go.jp/library/shiryoguide/shiryosugi3.htm>>. Acesso em 22 nov. 2017.

O marco temporal da separação entre demografia e estatística foi a Segunda Guerra (KOCH, 2008). De acordo com Kon et al. (2006), antes havia ênfase na estatística como ciência de Estado – estadística -, sendo os aspectos sociais, políticos e econômicos os principais objetos de estudo. A influência era a da ciência alemã. Depois, a visão inglesa e americana da estatística como subárea da matemática se tornou dominante. A preocupação passou a ser a modelagem e os métodos de cálculo, se perdendo a prioridade da aplicação a tentativas de tratar de questões sociais. Este percurso da ciência de Estado para a matemática foi um desenvolvimento que ocorreu em todo o mundo, mas não é coincidência que a influência da Alemanha e do Japão – países do Eixo - diminuiu à medida que a da Inglaterra e dos EUA aumentou – países Aliados. O pós-guerra trouxe um grande influxo de ciência e ideias antes inacessíveis por serem originárias de países adversários do Japão ao mesmo tempo em que o exército de ocupação americano influenciou em todas as esferas da sociedade. Pensar a demografia japonesa longe de uma teoria de Estado, portanto, é uma tendência fora dos moldes tradicionais e é o que justifica a pesquisa da crise demográfica como um objeto merecedor de grande atenção por parte dos cientistas locais.

Segundo Koch (2008), a demografia japonesa encontrou suas primeiras aplicações em problemas oriundos da modernização e da industrialização. Posteriormente no período entre guerras (duas décadas entre 1920 e 1940), quando os textos de Malthus foram traduzidos para o japonês, os focos passaram a ser a relativa superpopulação, o desemprego e a falta de alimento. Koch (2008) menciona também tanto o termo utilizado para demografia, quanto para censo demográfico. Somente em 1943 se empregou pela primeira vez “estudo da população”⁸⁰; até então se dizia “estudo da força do povo”⁸¹ em uma associação direta entre a população japonesa e poder. O censo demográfico era conhecido tanto por “momentum” ou “inércia da nação”⁸², quanto por “momentum” ou “inércia do povo”⁸³; hoje o censo é o “pesquisa da força da nação”⁸⁴. O termo em japonês para “demografia” possibilita ver

⁸⁰ Em japonês, jinkogaku, 人口学

⁸¹ Em japonês, minseigaku, 民勢学

⁸² Em japonês, kuni no ikioi, 国の勢い

⁸³ Em japonês, tami no ikioi, 民の勢い

⁸⁴ Em japonês, kokusei chousa, 国勢調査

a sua percepção como “aritmética política”⁸⁵; aponta ainda tanto para a ideologia imperial do início do século XX, quanto para suas decorrências atuais na arena da competição internacional do capitalismo. A crise demográfica é revelada na perda da força do crescimento populacional através do século XX, levando ao senso de que é uma civilização em declínio.

⁸⁵ Tamás Szmrecsányi (1999) situa o surgimento da aritmética política no século XVII e a define como “Escola de pensamento político e social que surgiu inicialmente na Inglaterra e na Holanda, e mais tarde na França, logo se espalhando pelo resto da Europa. Seus adeptos professavam uma abordagem quantitativa e contábil dos fenômenos socioeconômicos em geral, e dos demográficos em particular”.

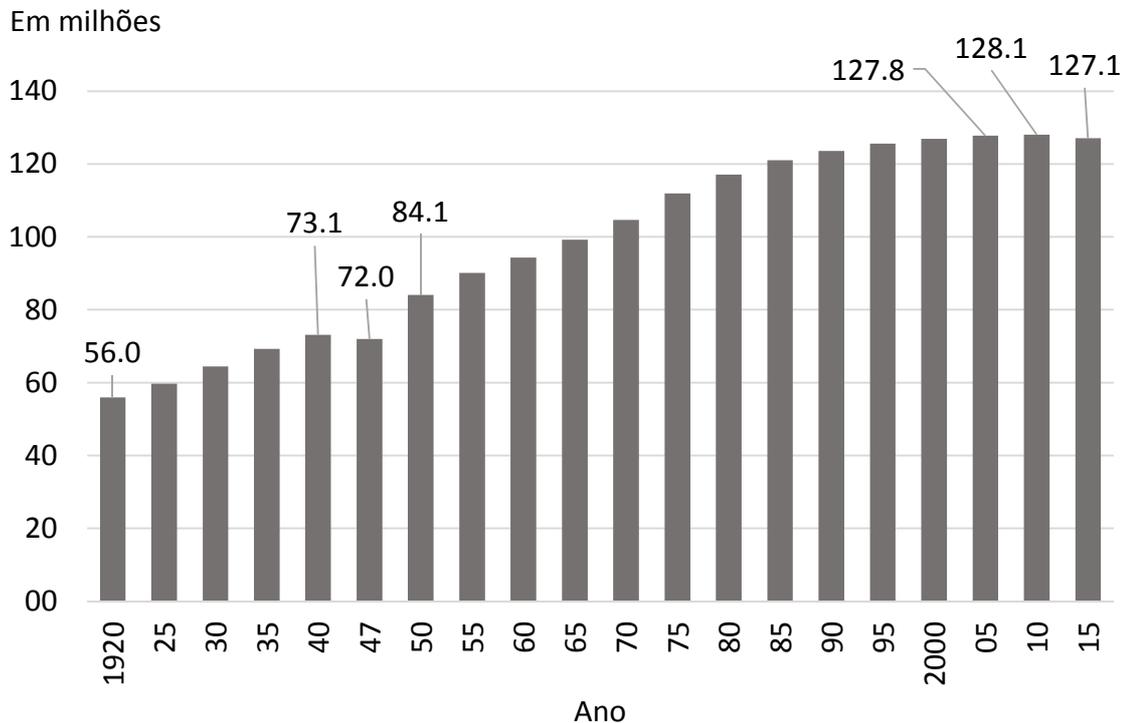
CAPÍTULO 2 – Crescimento natural, estrutura etária, antecedentes dos indicadores atuais de fecundidade e mortalidade e o Cavalo de Fogo

Neste capítulo será feita uma discussão da estrutura etária, da fecundidade e da mortalidade japonesa. Tendências das últimas décadas serão apresentadas principalmente na forma de gráficos. O capítulo contém também uma análise do fenômeno de queda da natalidade e da fecundidade do Ano do Cavalo de Fogo.

2.1 Crescimento natural e estrutura etária da população japonesa

Os indicadores demográficos do Japão contemporâneo são objeto de atenção tanto de acadêmicos, quanto da mídia local (COULMAS 2007; KINGSTON 2004; MATSUO 2001; SENDA 2015; TAKEDA 2004). A ideia que ambos grupos passam é de uma crise mais do que demográfica. O ano de 2015 foi marcado pela realização do vigésimo Censo Demográfico do Japão, país onde se realiza a pesquisa a cada 5 anos desde 1920 (MINISTRY OF INTERNAL AFFAIRS AND COMMUNICATIONS, 2016). O ano de 1945, final da Segunda Guerra, teve por consequência atrasar o levantamento por dois anos. Os dados de 1947 rompem também a sequência de contínuo crescimento populacional observado desde 1920 (Figura 4). Em 1940, a população era de 73,1 milhões de pessoas; o valor cai para 72,0 milhões em 1947; e, se recupera em 1950, com 84,1 milhões. Décadas depois, o Censo de 2015 mostrou uma queda na população (em relação ao censo anterior) pela primeira vez desde 1947. A população diminuiu em cerca de 936 mil pessoas entre 2010 e 2015. Em termos de indicadores, o contexto atual é fora do comum.

Figura 4 – População – Japão – 1920-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

Nota: Até o Censo Demográfico de 1947 se contabilizava a população presente e não a população residente; em 1950, adotou-se o critério de população residente no domicílio há no mínimo 6 meses; nas pesquisas seguintes, o tempo de residência mínimo foi diminuído para 3 meses (Ministry of Internal Affairs and Communications, 2016). Tratar a população dos censos como uma única série de dados é uma prática adotada por Taeuber (1958), uma das maiores referências em demografia do Japão em língua inglesa, e pelo governo japonês, apesar desta ressalva de uma primeira mudança na contagem de população presente para população residente e uma segunda mudança referente ao tempo de residência.

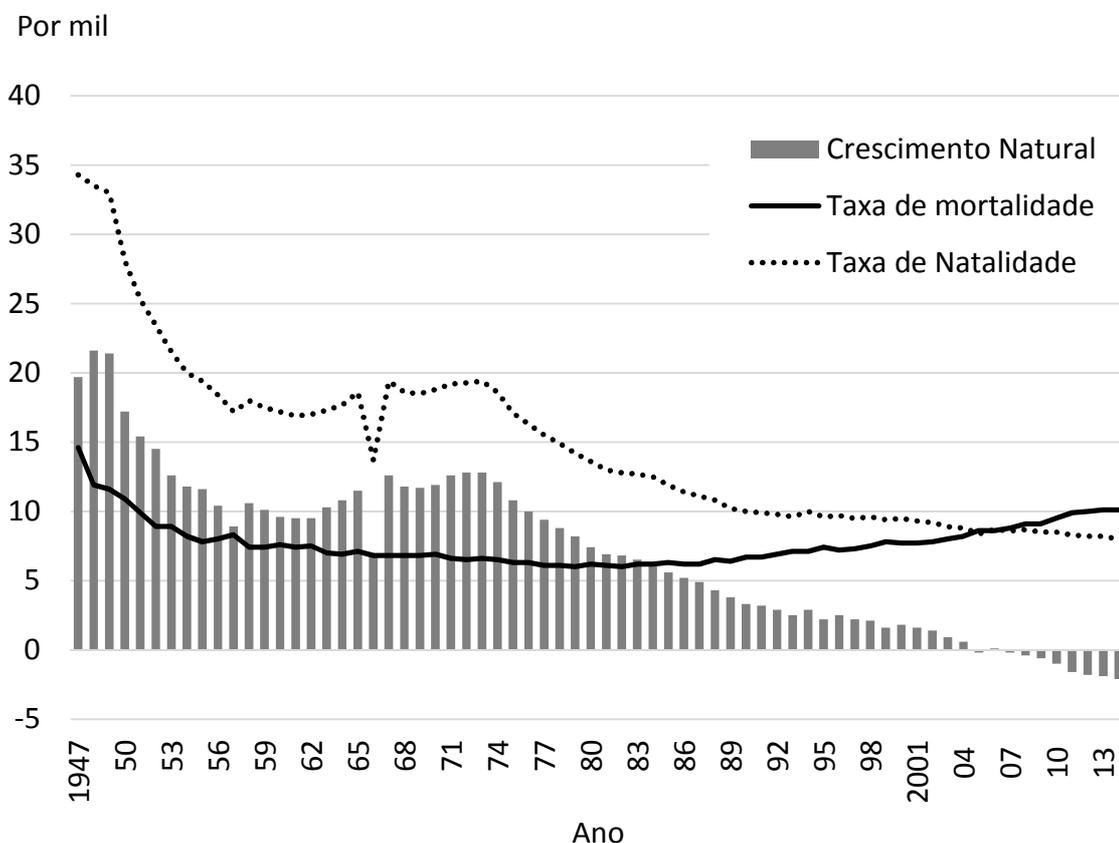
Parte da variação populacional pode ser explicada simplesmente pela diferença entre o número de pessoas nascendo e morrendo ao longo dos anos (Figura 5). Considerando dados das Estatísticas Vitais, a Taxa Bruta de Mortalidade⁸⁶ (TBM) tem sido maior do que a Taxa Bruta de Natalidade (TBN)⁸⁷ desde 2005, ou seja, o Crescimento Natural – a diferença entre TBM e TBN – tem sido negativo. A lógica é trivial, mas refletindo sobre o processo, a diminuição da população de determinada região em determinado período de tempo pode ser provocada por: um excesso de óbitos em relação aos nascimentos; por uma emigração maior do que a imigração; ou pela combinação destes dois fenômenos (PRESTON et al., 2001, p. 2). Em outras

⁸⁶ A Taxa Bruta de Mortalidade é calculada pela razão entre o total de óbitos e a população total em determinado período em determinada região (PRESTON et al., 2001, p.7).

⁸⁷ A Taxa Bruta de Natalidade é calculada pela razão entre o total de nascimentos e a população total em determinado período em determinada região (PRESTON et al., 2001, p. 7).

palavras, o saldo populacional é efeito de alterações no padrão e nível de fecundidade, mortalidade e migração. Estes indicadores tanto refletem transformações sociais lentas e profundas, quanto eventos peculiares que provocam variações bruscas. A crise se enquadra no primeiro caso; a Segunda Guerra e o Cavalo de Fogo⁸⁸ são exemplos representativos do segundo. Os eventos peculiares são importantes marcadores de anormalidade e utilizados como referência na construção de discursos de crises, dentre elas a crise demográfica, como se verá a seguir.

Figura 5 – Taxa Bruta de Natalidade, Taxa Bruta de Mortalidade e Crescimento Natural – Japão – 1947-2014



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

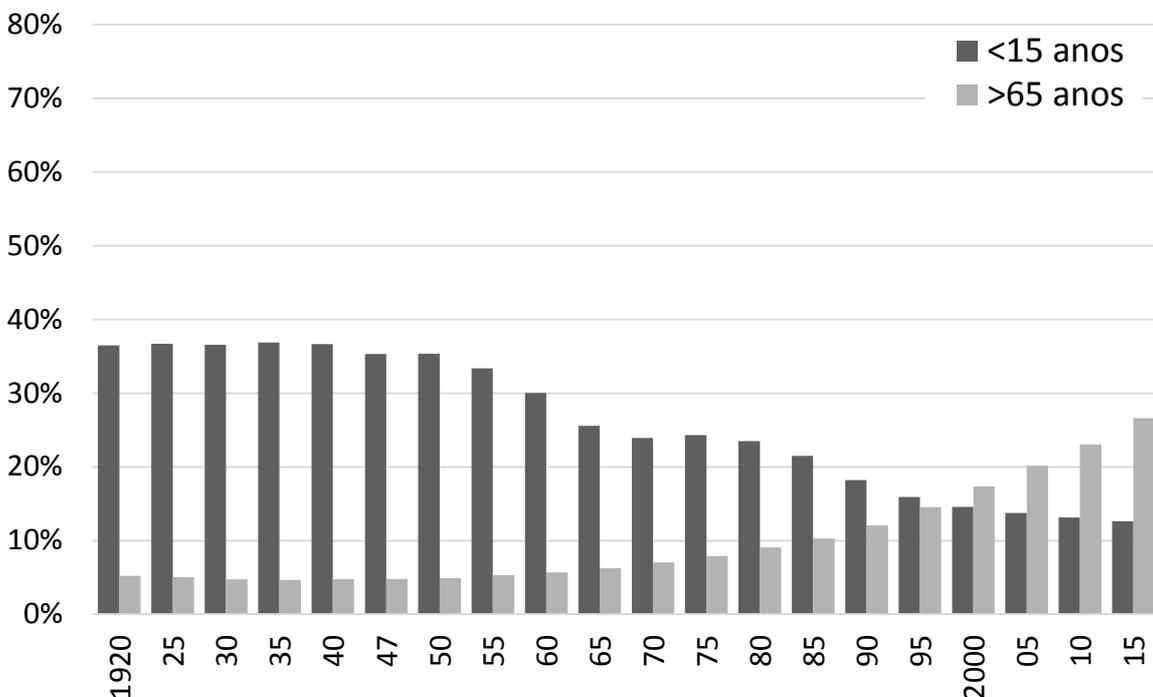
A crise não se observa apenas pela alteração no total da população, mas também de outras características. A queda no número de nascimentos leva a um aumento na idade média, processo como “envelhecimento populacional”. No caso japonês, o cenário da população já envelhecida é intensificado por uma sistemática

⁸⁸ Maiores detalhes do Cavalo de Fogo no final deste capítulo.

extensão da vida, um aumento da longevidade, os mais velhos morrem cada vez mais tarde. Como disse Saramago, “no dia seguinte, ninguém morreu” (SARAMAGO, 2005, pág. 11). A idade é importante. Boa parte do planejamento das políticas públicas e disponibilização do acesso aos seus benefícios são baseados na idade; basta lembrar dos casos da educação básica e das pensões e aposentadorias.

A Figura 6 mostra o declínio na proporção de crianças e adolescentes (até 15 anos de idade) e a ascensão da proporção de idosos (idade acima de 65 anos). No censo demográfico de 1920, início da série de dados, 36% da população total possuía idade abaixo de 15 anos. A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, de 1947 em diante, a porcentagem começa a cair. Em 2015, o valor do indicador chegou a 13%. No outro extremo, o número de idosos tem aumentado rapidamente nas últimas décadas. A intensificação do processo de envelhecimento é evidente quando se percebe que demorou cerca de 65 anos, entre 1920 e 1985, para a proporção de idosos aumentar em 5% (de 5% a 10%). Já em 1995, se observou porcentagem de 15% e, em 2015, chegou a 27%, aumentando 12% em 20 anos.

Figura 6 – Proporção da população com idade abaixo de 15 anos e com idade de 65 anos ou mais – Japão – 1920-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

O problema não é simplesmente o da redução da população, mas especialmente a queda de População em Idade Ativa (PIA). A PIA corresponde à parcela da população não representada na Figura 6, isto é, com idade entre 15 e 65 anos. Pela lógica da associação entre economia e idade cronológica, estas pessoas sustentam a economia ao já estarem qualificadas e inseridas no mercado de trabalho; acabam por levar a esta correlação o fato de os anos formativos da educação básica e técnica já haverem passado e a prevalência de baixo desemprego. A PIA está no auge da produtividade econômica, do consumo e pagam a maior parte dos impostos, sustentando boa parcela dos gastos públicos com educação e pensões. A PIA teve seu pico em 1990 e vem caindo desde então, constituindo 61% do total de japoneses em 2015.

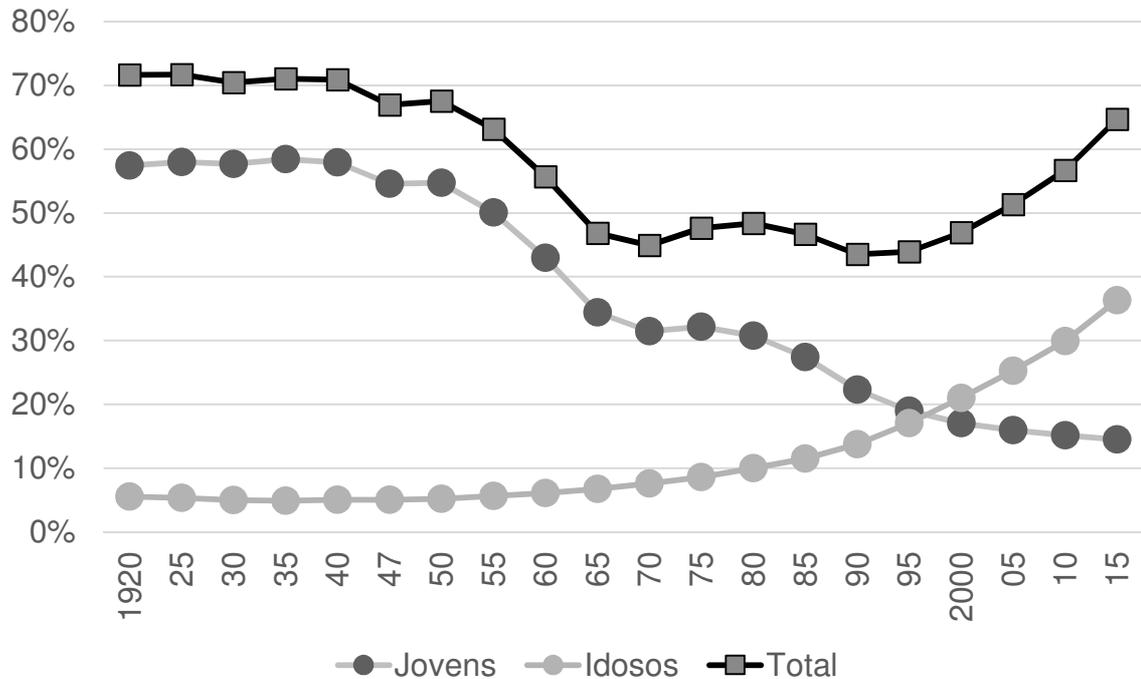
Separar a população nestes três grupos etários (0 a 14 anos; 15 a 64 anos; e, acima de 65 anos) é um passo de preparação de dados para o cálculo das Razões de Dependência, cuja forma atualmente comum foi desenvolvida por Notestein⁸⁹ (1944). A ideia na verdade é ainda mais antiga, do início do século XX⁹⁰ e basicamente é um estudo da relação entre parcelas da população por faixa etária. A Razão de Dependência dos Jovens é dada pela razão da população com idade inferior a 15 anos e a PIA. A Razão de Dependência dos Idosos é dada pela razão da população com idade superior a 65 anos e a PIA. A Razão de Dependência Total é a soma da Razão de Dependência dos Jovens e dos Idosos. Verifica-se na Figura 7 que a Razão de Dependência Total esteve próxima dos 50% entre 1965 e 1995. O final dos anos 1990 marca uma inversão na representatividade da Razão de Dependência dos Jovens e dos Idosos, sendo que os idosos passam a ter um peso maior a partir de

⁸⁹ “The first use of the term “total dependency ratio” and its first analysis in the form that is common today was in Notestein et al. (1944, Chapter 7, pp. 153-163). The total dependency ratio is defined there as the ratio of people 0–14 years old and those 65+ years old to those 15–64. (...) Shortly after Notestein et al. (1944) was published, Frank Notestein became the first director of the United Nations Population Division. Subsequently his version of the dependency ratio became a standard measure of aging used by the UN. The dependency ratio and its offshoot, the old-age dependency ratio, are now among the most frequently cited statistics in the discussion of aging” (SANDERSON, SCHERBOV; 2015, pp. 216-217).

⁹⁰ The forerunner of the dependency ratio first occurs in a book written in German by Karl Ballod, the title of which can be translated as “Statistical outlines, including demographic, economic, financial, and commercial statistics” (Ballod 1913). Ballod called his ratios Belastungskoeffizienten, or coefficients of burden. Ballod’s coefficient of burden was more precise than today’s dependency ratio. He divided populations into five age groups, children aged 0-14, teenagers aged 15-20, adults fully capable of working aged 21-59, elderly with reduced capacity for work aged 60-70, and the very old aged 71 and older, who are assumed to be incapable of working. Teenagers and older people with reduced capacity for work were assumed to be able to support only themselves. Thus, the coefficient of burden was defined as the ratio of children and the very old to prime-age adults” (SANDERSON, SCHERBOV; 2015, p. 215).

então. Dos anos 2000 em diante observa-se uma tendência de aumento da Razão de Dependência Total devido ao envelhecimento populacional.

Figura 7 – Razão de Dependência dos Jovens, dos Idosos e Total – Japão – 1920-2015



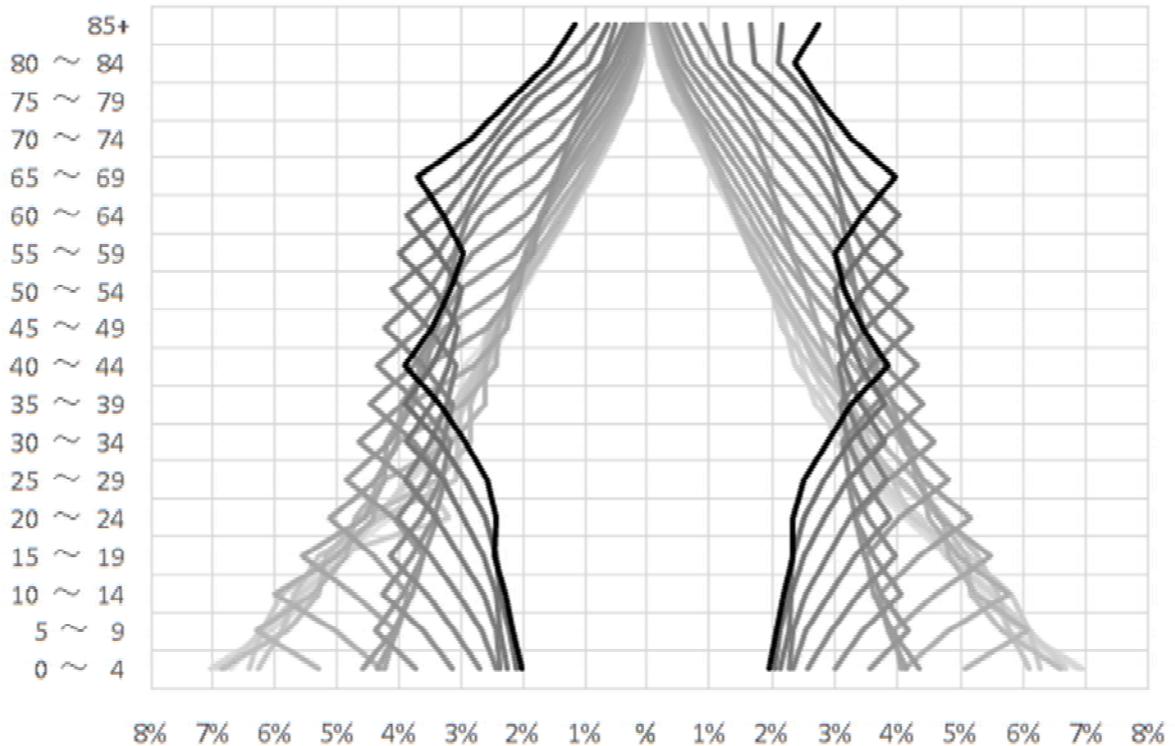
Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

A evolução da chamada pirâmide etária mostra claramente os efeitos da dinâmica demográfica japonesa. A base se estreitou drasticamente e o centro e o topo se alargaram (Figura 8). A queda no número de nascimentos tem ocorrido cada vez mais lentamente fazendo com que as curvas tendam a se sobreporem na faixa etária de zero a quatro anos. Na pirâmide mais escura, referente a 2015, observam-se dois picos. Destacam-se em 2015 nas idades entre 65 e 69 anos os chamados *baby boomers*, nascidos após a Segunda Guerra, nos anos iniciais da recuperação do país⁹¹. Os filhos da coorte dos *boomers* podem ser vistos no segundo pico, na faixa etária de 40 a 44 anos. Se fosse seguida esta tendência de ter filhos em torno dos 25 anos de idade, se esperaria um terceiro pico na faixa dos 15-19 anos. Porém, observa-

⁹¹ O período de grande instabilidade política e riscos à sobrevivência associado à Segunda Guerra levou os casais a postergarem a paternidade/maternidade. Passado o tempo de guerra, os casais acabaram por ter filhos todos de uma vez, provocando um alargamento da base da pirâmide etária.

se apenas um suave alargamento da pirâmide nesta faixa, correspondente aos netos dos *baby boomers*.

Figura 8 – Pirâmide etária – Japão – 1920-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o Censo Demográfico utilizado para a elaboração da pirâmide. As curvas referem-se aos anos de 1920, 1925, 1930 e assim por diante até 2015.

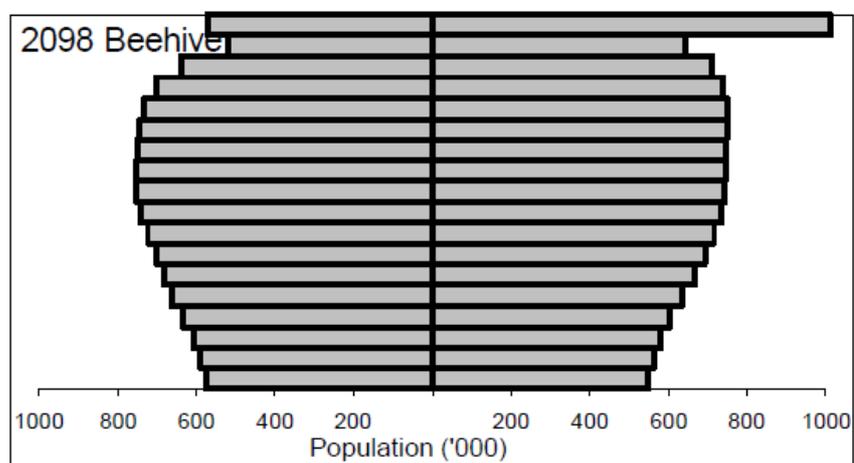
Um aspecto importante que a pirâmide etária permite visualizar é que a coorte dos *baby boomers* e a de seus filhos tem diminuído bem pouco o seu tamanho ao longo das últimas décadas. Ou seja, as taxas de mortalidade que as afetam são baixas. Em 2040, os *baby boomers* atingirão a faixa etária de 90 a 95 anos e seus filhos, a de 65 a 69 anos. Os dois alargamentos da pirâmide etária estarão localizados acima dos 65 anos. A proporção da população idosa será significativamente maior do que os atuais 27%, caso não haja um aumento da fecundidade e da imigração.

O contraste entre as formas das pirâmides sobrepostas da Figura 8 é evidente. Talvez a perspectiva de um futuro distópico no país permita dizer que a pirâmide japonesa remete à morte ou à extinção da população. Outros países oferecem exemplos semelhantes. McDonald e Kippen (1999) sustentam que o

envelhecimento da população australiana nos próximos 30 anos seria inevitável e que a imigração não seria uma saída eficaz para reverter a tendência. Com base nestas avaliações, os autores simularam dois futuros cenários das pirâmides etárias da Austrália em tipos: colmeia (“*beehive*”) (Figura 9) e caixão (“*coffin*”) (Figura 10). A “colmeia” é resultado de um saldo positivo de 80 mil imigrantes internacionais ao ano aliado a uma TFT de 1,65 filhos por mulher e mortalidade decrescente, que se traduz em um aumento aproximado de dez anos em expectativa de vida ao longo dos 100 anos entre 1998 e 2098. O “caixão” considera o cenário de zero imigrantes internacionais e uma TFT de 1,5 filhos por mulher, assumindo as mesmas projeções da mortalidade da “colmeia”. A diferença na TFT seria decorrente do comportamento reprodutivo diferenciado dos imigrantes.

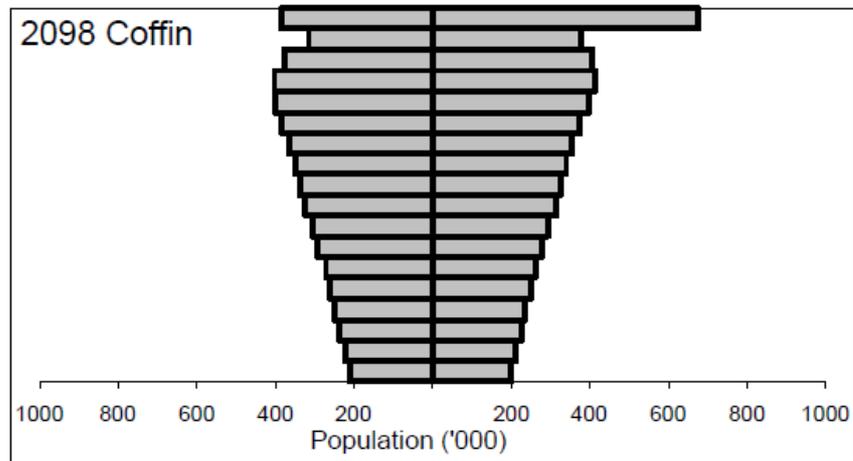
Existe um juízo de valor não apenas na análise dos pesquisadores australianos, mas na nomeação dos objetos a que remetem as pirâmides. Segundo os autores, “*the beehive-shaped age structure has a relative concentration of people in the working ages, while the coffin-shape implies substantial falls in the absolute size of the labor force*” (MCDONALD, KIPPEN; 1999, p. 19). Uma sociedade organizada de abelhas – suposta naturalmente centrada em uma ética de priorização do trabalho e da produtividade - é comparada com o aparato para sepultamento. Também segundo os autores, “*the beehive shape is clearly the superior option*” (MCDONALD, KIPPEN; 1999, p. 20). A pirâmide etária japonesa de 2015 (Figura 8) é semelhante ao formato de caixão proposto por McDonald e Kippen (Figura 10).

Figura 9 – Pirâmide etária em forma de “colmeia” – Austrália – Projeção para o ano 2098



Fonte: McDonald e Kippen, 1999, p. 20.

Figura 10 - Pirâmide etária em forma de “caixão” – Austrália – Projeção para o ano 2098



Fonte: McDonald e Kippen, 1999, p. 20.

2.2 Fecundidade total e específica, postergação dos nascimentos e nupcialidade

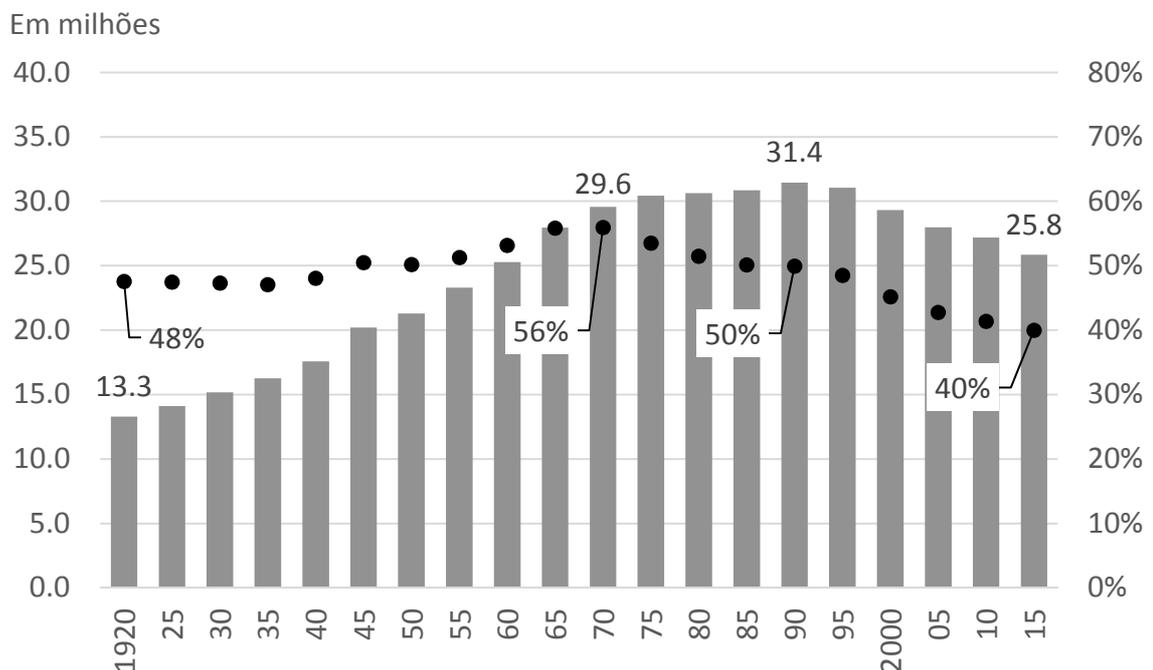
Os jornais *Al Jazeera* e *The Guardian* noticiaram sobre a crescente indústria da fertilização *in vitro* na Índia (AL JAZEERA, 2016; THE GUARDIAN, 2016). Haveria uma suposta tendência recente de mulheres idosas buscarem o procedimento para escapar do descrédito popular por não terem filhos. Em abril de 2016, Daljinder Kaur se tornou mãe de seu primeiro filho. Daljinder não tem certidão de nascimento, algo que não é incomum na Índia, e acredita ser 5 a 7 anos mais nova do que seu marido. O documento de Mohinder Singh Gill, o marido de Daljinder, registra seu nascimento em 1937, indicando que Daljinder teria pelo menos 72 anos de idade.

No outro extremo da idade reprodutiva, em 1939, o jornal médico parisiense *La Presse Medicale* apresentou o caso de Lina, uma menina peruana de 5 anos, que deu à luz a uma criança saudável (ESCOMEL, 1939). O médico que realizou a cesariana, doutor Lozada, disse se tratar de um caso raro de puberdade precoce em que a menina teve a sua primeira menstruação aos oito meses de idade.

Assume-se de modo geral que a idade é um fator importante para a determinação da fertilidade biológica, independentemente dos avanços da medicina ou dos casos raros da natureza. Costuma-se avaliar os indicadores de fecundidade tendo como parâmetros limítrofes os quinze anos de idade e os cinquenta. Como

consequência, o teto no número de mães pode ser estimado pela quantidade de mulheres nesta faixa etária. A Figura 11 mostra que no Japão desde 1920, em termos de proporção, cerca de metade das mulheres pertencem a esta faixa etária. Apesar de relativamente estável ao longo dos anos, após 1970 a porcentagem tem caído como pode ser visto no gráfico da Figura 11. Em números absolutos, o auge foi visto no censo demográfico de 1990, 31,4 milhões de mulheres. O valor tem diminuído desde então e hoje se encontra próximo de 26 milhões. A conclusão obtida a partir do gráfico é que, considerando apenas a idade como fator condicionante, a quantidade de mães em potencial está diminuindo. Existir uma “necessidade” pela continuidade da nação não é motivo forte o suficiente para garantir que mulheres em idade fértil terão bebês. Dentre as mulheres biologicamente férteis, existe a importante disjunção entre o desejo de ter filhos e o não-desejo de ter filhos, já que poder não é querer.

Figura 11 – Número de mulheres com idade de 15 a 49 anos e proporção em relação ao total de mulheres– Japão – 1920-2015

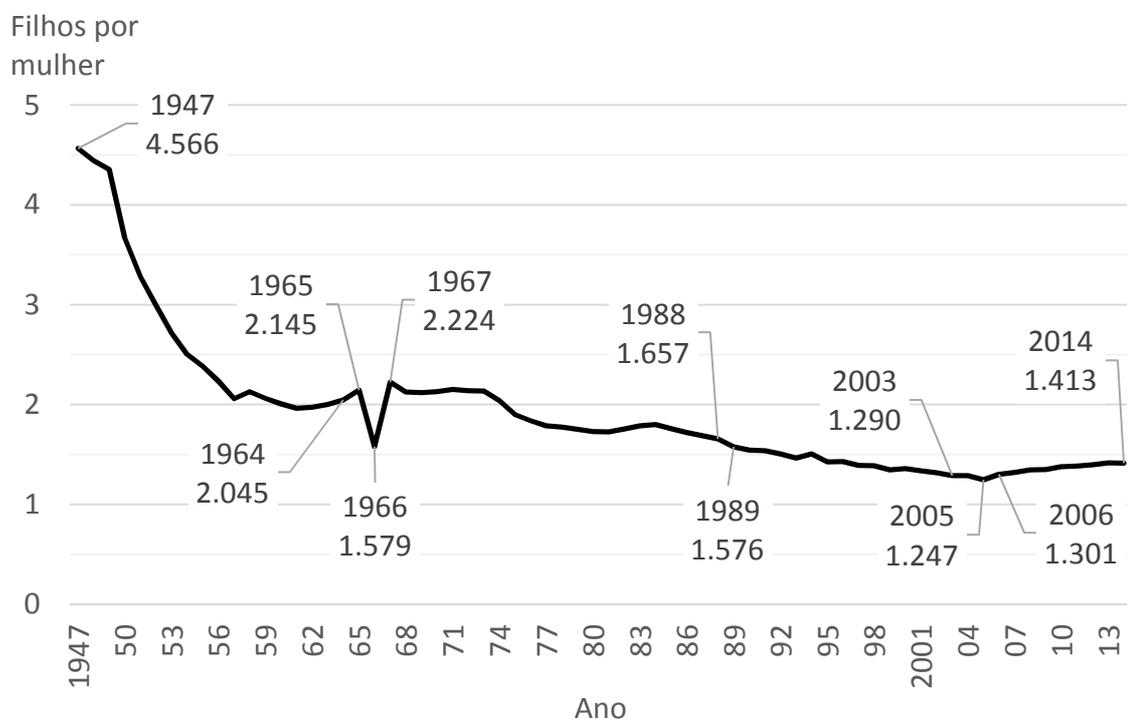


Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

Não somente o número de mulheres em idade reprodutiva tem diminuído (Figura 10), mas também o número médio de filhos por mãe tem chegado a níveis

nunca vistos (Figura 11). A Taxa de Fecundidade Total (TFT)⁹² pode ser entendida como o número de filhos que cada mulher teria caso todas as mulheres em idade reprodutiva tivessem filhos. É claro que por ser uma média é possível que o número de filhos indicado pela TFT não seja inteiro e isso não faça muito sentido, contudo a TFT é uma boa referência. No período pós-Guerra no Japão, a TFT caiu drasticamente até a primeira metade da década de 1950 (Figura 12). Os anos de 1965 a 1967 são anos atípicos devido ao evento denominado Cavalo de Fogo⁹³ de 1966. Em 1965 há um aumento da TFT em relação a 64, seguido de uma queda brusca em 1966 e um aumento em 67. O que há de particular neste “susto” é que ele já era esperado: o fenômeno do Cavalo de Fogo é cíclico e amplamente conhecido pelos japoneses. Azumi (1968) aponta que não havia disposição por parte do governo japonês na manutenção da agressiva queda de população dos anos 1950, isso não fazia parte dos desejos oficiais. Ainda sustenta que o declínio demográfico a longo prazo já constituía preocupação dos nacionalistas no Japão desde o Cavalo de Fogo.

Figura 12 – Taxa de Fecundidade Total – Japão – 1947-2014



Fonte: HFD - Human Fertility Database (2016). Elaboração própria.

⁹² Número médio de filhos nascidos vivos tidos por mulher ao final do seu período reprodutivo em determinado período e espaço geográfico (SIEGEL, SWANSON; 2004, p. 391; PRESTON et al., 2001, p. 95).

⁹³ Maiores detalhes do Cavalo de Fogo no final deste capítulo.

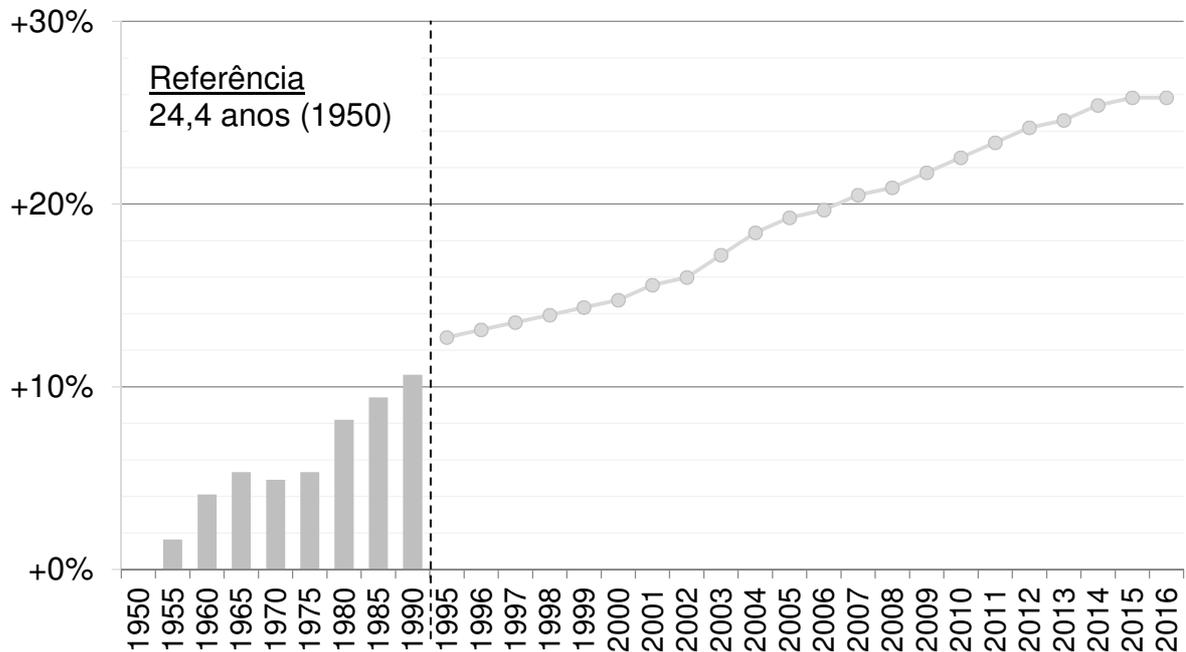
A TFT de 1989 foi um marco importante e ficou conhecida como o “Choque de 1,57” (1.57 *shokku*) (SUZUKI, 2012). Em 1989, após um processo lento e gradual, se chegou a 1,576 filhos por mulher, abaixo do 1,579 medido para 1966 quando ocorreu o fenômeno do Cavalo de Fogo, ano tido como anormal (Figura 12). O valor de 1,57 filhos por mulher para a TFT adquiriu um significado diferente ao ser incluído na construção de uma narrativa de crise, passando a ser sinal de um problema de médio e longo prazo ao invés de uma anomalia pontual, apesar de ter sido chamado de “choque”. A partir do marco reconheceu-se a existência de um problema crônico de queda de fecundidade (FUKUDA, MORIIZUMI; 2015).

Iwasawa e Moriizumi (2014) apontam que, de início, havia muita especulação sobre as causas do choque de 1989. As pesquisas demonstraram que a baixa TFT era fruto principalmente de uma postergação dos nascimentos, fenômeno conhecido como “Efeito Tempo”, similar ao observado em diversos países da Europa e nos EUA (BONGAARTS, FEENEY; 1998; BONGAARTS, SOBOTKA; 2012). Esta mudança de timing pode ser observada na Figura 13. Em 1950 mulheres tinham o seu primeiro filho com uma idade de 24,4 anos, em média. Observe-se que 1989 se encontra em meio a um longo período onde se observou tendência consistente de aumento da idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho⁹⁴. A série de dados apresentada no gráfico termina em 2016 com a idade de 30,7 anos, um aumento de 26% em relação ao valor de referência de 1950. A queda da fecundidade acompanhada da postergação dos nascimentos também pode ser observada na Figura 14 com as Taxas Específicas de Fecundidade (TEF)⁹⁵. Após um declínio no nível das curvas, percebe-se que o pico se desloca da faixa etária de 25 a 29 anos para a seguinte.

⁹⁴ O cálculo do Efeito Tempo sobre a TFT seria redundante em termos de conclusão, então não será apresentado aqui.

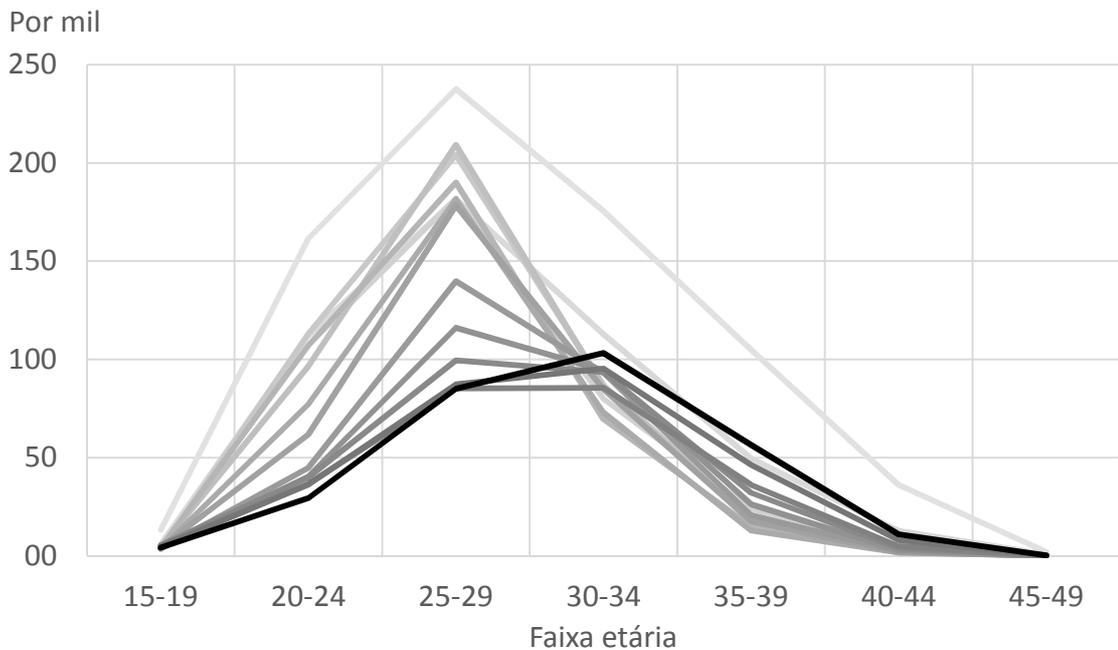
⁹⁵ A Taxa Específica de Fecundidade é calculada pela razão entre o total de filhos nascidos vivos estratificado por faixa etária da mãe e a população de mulheres em cada faixa etária em determinado local e em determinado período (PRESTON et al., 2001, p.94).

Figura 13 – Idade Média da Mãe ao Nascimento do Primeiro Filho normalizado pelo valor de 1950 (24,4 anos) – Japão – 1950-2015



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

Figura 14 – Taxas Específicas de Fecundidade – Japão – 1950-2015

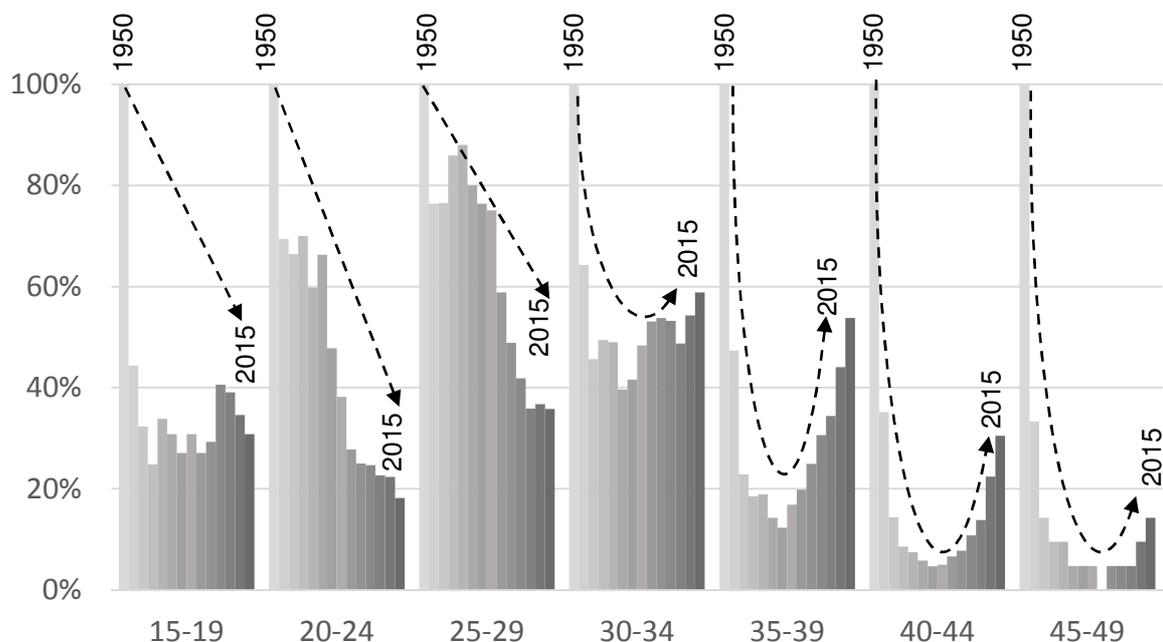


Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

Nota: A graduação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais] utilizado para a elaboração da curva. As curvas referem-se aos anos de 1950, 1955, 1960 e assim por diante até 2015.

Uma outra forma de olhar para as mesmas TEFs é ver ao longo do tempo quanto elas variaram em cada faixa etária. Deste modo, pode-se avaliar mais claramente a mudança de comportamento reprodutivo por idade desde 1950 e a já mencionada postergação da maternidade. Na Figura 15, assume-se o valor de 1950 como referência - correspondendo a 100% - e avalia-se em relação a este ano o quanto a porcentagem variou nas pesquisas subsequentes. O gráfico mostra que a TEF abaixo dos 20 anos decresceu recentemente e que dos 20 aos 24 anos e dos 25 aos 29 anos, há uma tendência de queda quase contínua. Nas faixas etárias seguintes há uma tendência de aumento expressivo. A conclusão é que há uma forte tendência de declínio da fecundidade das mulheres com menos de 30 anos e um aumento dentre as mulheres com mais de 35 anos. Os dados indicam, portanto, que incentivos à recuperação dos níveis de fecundidade devem ser voltados para o público de mulheres com idades abaixo dos 30 anos. Do ponto de vista dos estudos da fecundidade das mulheres japonesas, seria interessante entender as razões deste *gap* geracional; este ponto não será abordado nesta tese.

Figura 15 – Variação percentual no tempo das Taxas Específicas de Fecundidade em relação a 1950 – Japão – 1950-2015



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais] utilizado para a elaboração da curva. As curvas referem-se aos anos de 1950, 1955, 1960 e assim por diante até 2015.

O decréscimo da TFT continuou de 2003 a 2005 e o Japão em 2005 atingiu o valor mais baixo registrado na série, 1,247 filhos por mulher (Figura 12). Billari (2008) usa o termo *lowest-low* para a fecundidade do Japão do início do século XXI, alinhando-o com países europeus que veem a queda drástica da fecundidade como um problema social grave a ser combatido. Kohler, Billari e Ortega (2002) definiram a TFT nível *lowest-low* como abaixo de 1,3 filhos por mulher. Uma das justificativas dadas por Billari (2008) para a importância desta linha de corte do *lowest-low* é a de ser um nível nunca atingido por países europeus no passado. A premissa é de que este valor abaixo de 1,3 filhos por mulher deve ocorrer por um tempo prolongado, por isso a França durante a Primeira Guerra⁹⁶, Alemanha Ocidental entre 1984 e 1985 e a Alemanha unificada em 1993 não se enquadrariam como países passando por fecundidade *lowest-low*. Curiosamente, por este critério, o Japão não poderia ser caracterizado como tendo fecundidade *lowest-low* no início dos anos 2000, já que a TFT esteve abaixo do valor de corte por poucos anos! O período de baixa durou cerca de cinco anos. De qualquer modo, o reconhecimento de fazer parte de um grupo seletivo de países, deu ensejo para o governo japonês buscar soluções no exterior para os problemas internos, como discutido ao longo desta tese.

A segunda metade dos anos 2000 mostrou uma ligeira recuperação da TFT até 1,413 filhos por mulher em 2014 (Figura 12). O Japão escapou da linha de corte da TFT *lowest-low*, mas certamente não pode se dizer que se livrou da tão temida crise. Em síntese, a fecundidade do país pode ser descrita por um forte declínio no decênio 1947-1957; por um período de relativa estabilidade na década de 1960, com exceção do período 1965-1967 influenciado pelo Cavalo de Fogo; por uma fecundidade ainda mais diminuída até a primeira metade dos anos 2000; e TFT baixa atualmente, apesar de existir uma leve tendência de aumento.

Suzuki (2006) aponta que a nupcialidade teve um peso menor do que o já referenciado Efeito Tempo, porém, dependendo do período histórico analisado e do método utilizado para a estimativa do impacto, pelo menos 35% da queda de fecundidade poderia ser explicada por uma queda no número de casamentos. A explicação de Suzuki é que a porcentagem de filhos nascidos fora do casamento no Japão é muito baixa. É claro que não se pode limitar o potencial de ter filhos fora do

⁹⁶ 1914-1918.

casamento aos casais que coabitam e/ou aos casais solteiros, mas segundo o *Japanese National Fertility Survey* em 2015, 20% dos homens solteiros e 27% das mulheres solteiras estavam tendo um relacionamento amoroso com uma pessoa do sexo oposto, mas a taxa de coabitação entre solteiros foi abaixo de 2% para ambos os sexos (IPSS, 2016). Desde 1992 a proporção de solteiros sem experiência sexual de ambos os sexos com idade entre 35 e 39 anos nunca esteve abaixo dos 25% (IPSS 2016).

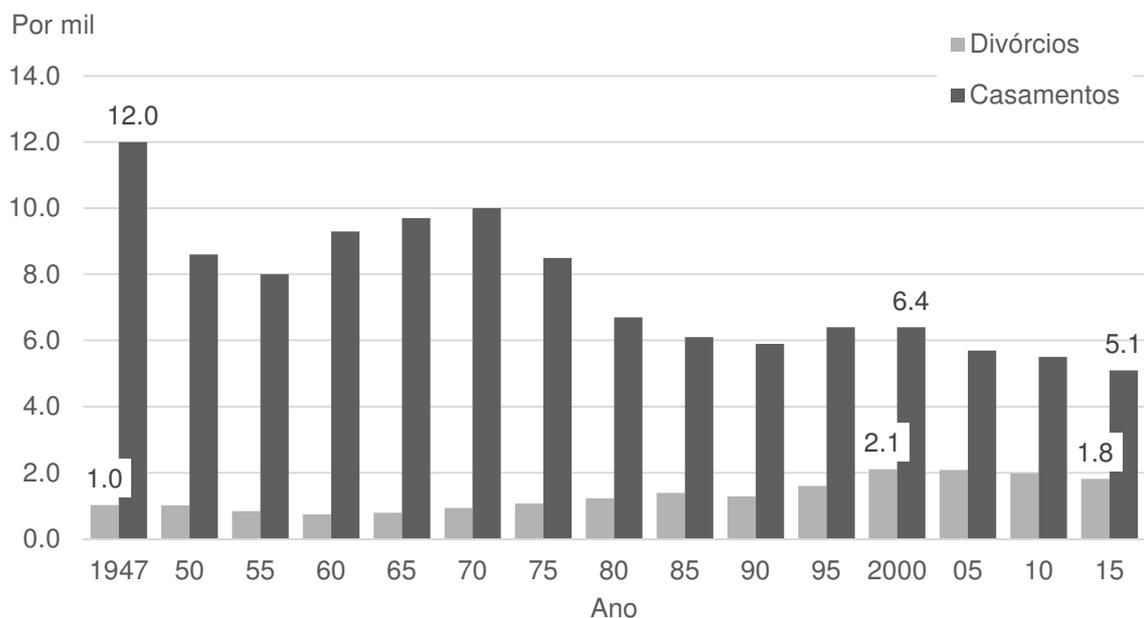
Dados do Censo Demográfico de 2015 mostram que 25,9% dos homens e 16,1% das mulheres entre 45 e 49 anos nunca haviam casado. A série histórica do indicador mostra que em 1990, os valores eram de 6,8% e 4,6%, respectivamente, para homens e mulheres na mesma faixa etária. A questão é que não somente menos japoneses estão se casando, mas também que há uma postergação dos casamentos, diminuindo o risco de gravidez devido a aspectos biológicos da fertilidade feminina. Segundo dados das Estatísticas Vitais, a idade média do primeiro casamento em 1947 era de 26,1 anos para os homens e 22,9 anos para as mulheres. Esta idade aumentou continuamente e em 1989, ano do “Choque de 1,57”, chegou a 28,5 anos para os homens e 25,8 anos para as mulheres. Em 2015, atingiu 31,1 anos para homens e 29,4 anos para mulheres.

Para Kono (1986), a postergação do casamento no pós-guerra ocorreu em resposta a condições econômicas desfavoráveis. Era esperado que novos casais tivessem seu próprio domicílio, mas imóveis no Japão eram muito caros. Esperava-se dos homens que só contraíssem matrimônio quando pudessem sustentar sua esposa e filhos sem o auxílio de outros familiares; esperava-se das mulheres que eletrodomésticos e outros utensílios fossem trazidos por elas ao novo domicílio. Cerimônias de casamento também eram muito caras. Em um contexto de recuperação da economia após a destruição da guerra, muitos casais optaram por postergar o casamento. A falta de oportunidades em uma cultura fundamentada no valores confucionista do esforço pessoal teria levado a uma sociedade semi-meritocrática extremamente competitiva cujas “vantagens do sucesso são grandes, mas os custos do fracasso são severos” (KONO, 1986, pág. 172). Nas palavras de Kono (1986, pág. 173):

Japanese society is not a land of continuing opportunity for people who seek a good career or success in life. Once a young man or woman fails to pass an employment examination to enter government or a prestigious corporation as a career officer, he or she is not given another chance.

Além da diminuição da nupcialidade e postergação dos casamentos em uma sociedade onde filhos fora do casamento são uma raríssima exceção, há um aumento no peso relativo dos divórcios. A Figura 16 mostra que o número de divórcios se manteve relativamente estável, em torno de 2,0 para cada mil habitantes, indicando um aumento no peso relativo das dissoluções. A questão é que da mesma forma que não é possível forçar os casais a terem filhos, é contraditório com a noção de democracia forçar solteiros a se casarem em nome da manutenção da estrutura social atual. A consciência da crise influencia nas escolhas individuais pressionando educadores, mídia e casais a tomarem decisões tomando o contexto demográfico como referência.

Figura 16 – Taxas de casamento e de divórcio – Japão – 1947-2015



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2017). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

A situação é dramática, mas há indicadores que geram esperança para a recuperação da fecundidade. O *Japanese National Fertility Survey* mostra uma

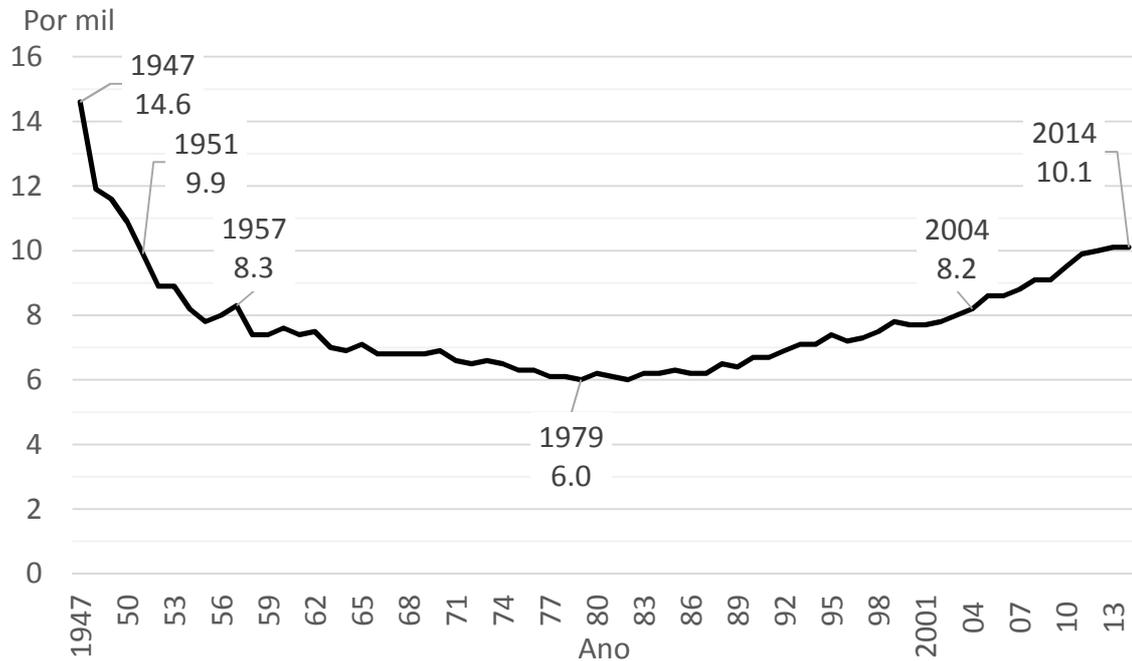
histórica demanda não atendida no número de filhos (IPSS, 2016). O número de filhos considerado ideal teve média de 2,32 por casal entrevistado em 2015, enquanto o valor observado foi de 1,68 filhos. Uma pergunta similar àquela do número ideal, porém diferente, é quantos filhos o casal planeja ter; a resposta para o mesmo ano resultou em média de 2,01 filhos. O ideal seria o número caso não houvesse qualquer tipo de limitação (econômica, por exemplo). A quantidade de filhos que os casais planejam e a quantidade que consideram ideal sempre estiveram acima do valor real nos últimos 30 anos. A diferença entre o número planejado e o real esteve em torno de 0,3 filhos e entre o ideal e o real, 0,7 filhos. A pesquisa também cobre solteiros e solteiras entre 18 e 35 anos, que, desde a edição de 1987, indicaram desejar pelo menos dois filhos, com apenas a exceção dos homens em 2015 (média de 1,9 filhos). Se eliminadas as restrições para a concretização da demanda por filhos, é de se esperar a partir destes dados que haja aumento da fecundidade.

2.3 Mortalidade bruta e específica, expectativa de vida e estratificação de óbitos conforme a causa

Um único componente da equação balanceadora é insuficiente para caracterizar a crise. Se a TFT é o indicador que sumariza a fecundidade, a TBM⁹⁷ é o que representa de forma mais abrangente os óbitos de um país em determinado período de tempo. A Figura 17 mostra que em 1947, verificou-se uma TBM de 14,6 óbitos para cada mil japoneses. Em menos de 5 anos, o número caiu para um valor abaixo de 10,0. Um breve surto de gripe asiática entre 1956 e 1958 gerou um pico de mortalidade nestes anos (FUKUMI, 1959). A taxa porém não ultrapassou 8,5 e continuou a cair de forma mais ou menos constante até que em 1979, a TBM atingiu pela primeira e única vez o mínimo histórico de 6,0 óbitos para cada mil habitantes. Somente no início da década de 1980, o indicador se manteve relativamente estável. A partir daí a mortalidade volta a crescer. Em 2004, atinge o mesmo nível do auge da pandemia de gripe em 1957 e em 2014 chegou a 10,1, valor muito próximo do início da década de 1950. Esse aumento da mortalidade explica a outra parte da variação do crescimento natural (diferença entre óbitos e nascimentos) da população japonesa.

⁹⁷ A Taxa Bruta de Mortalidade é calculada pela razão entre o total de óbitos e a população total em determinado período em determinada região (PRESTON et al., 2001, p.7).

Figura 17 – Taxa Bruta de Mortalidade – Japão – 1947-2014

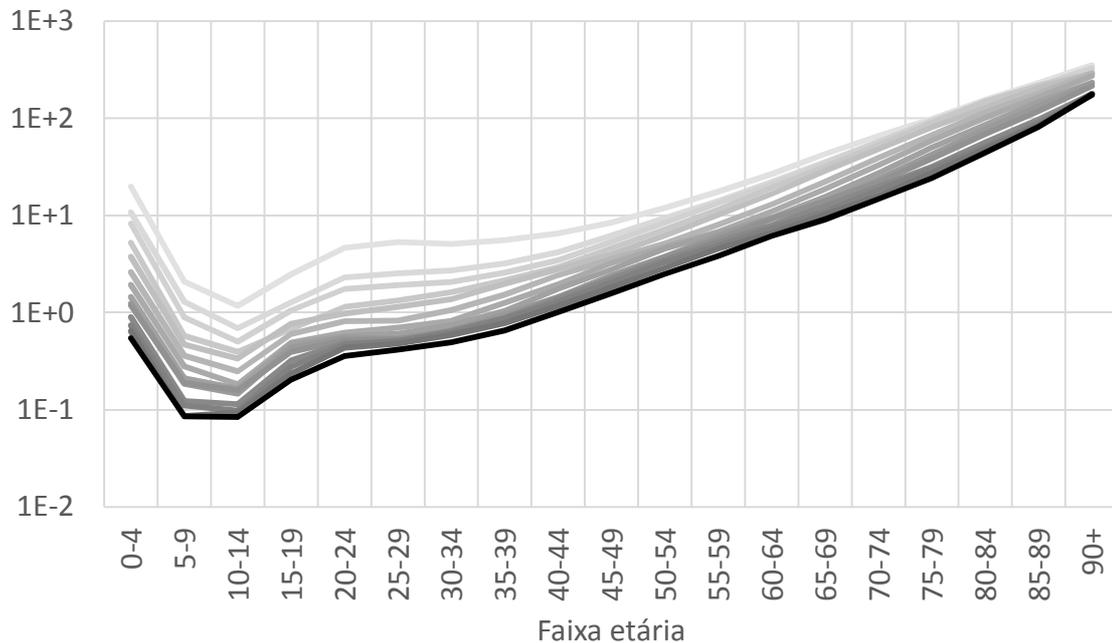


Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

A TBM pode ser diretamente comparada com a Taxa de Natalidade de modo a permitir uma visão geral do crescimento ou diminuição da população (Figura 5). O problema da TBM é a influência da estrutura etária. Mais velhos estão morrendo menos, mas morrem mais do que os jovens; este fato, combinado com o envelhecimento populacional faz com que a mortalidade da população como um todo aumente. Traduzindo este efeito para as taxas, a queda nas Taxas Específicas de Mortalidade (TEM) – mortalidade calculada em cada faixa etária –, apontando uma melhora nas condições gerais de vida da população, ao mesmo tempo em que há um aumento da TBM, o que observado isoladamente indicaria uma piora. É exatamente isso o que ocorre no Japão ao compararmos a Figura 17 que mostra TBM e a Figura 19⁹⁸ que mostra o logaritmo da TEM.

⁹⁸ A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais] utilizado para a elaboração da curva. As curvas referem-se aos anos de 1950, 1955, 1960 e assim por diante até 2015.

Figura 18 – Logaritmo das Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária – Japão
– 1950-2015



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais] utilizado para a elaboração da curva. As curvas referem-se aos anos de 1950, 1955, 1960 e assim por diante até 2015.

Utilizando a técnica de decomposição de diferenças entre taxas é possível separar os efeitos na TBM provocados pela mudança da estrutura etária e pela mudança nas TEM (KITAGAWA, 1955; DAS GUPTA, 1993; PRESTON et al., 2001). A Figura 17 mostra que a TBM do Japão no pós-guerra caiu até aproximadamente o ano de 1980 e depois aumentou, portanto, convém avaliar o histórico da TBM considerando o ano de 1980 como marco de separação no comportamento do indicador. Verifica-se na Tabela 2 que a queda das TEMs teve efeito maior na TBM do que a mudança da estrutura etária no período de 1950 a 1980, fazendo com que a TBM diminua. No período seguinte, de 1980 a 2010, ocorre uma inversão na representatividade dos dois fatores que influenciam a TBM e o envelhecimento populacional mais intenso faz com que a TBM aumente, ainda que as TEMs tenham diminuído.

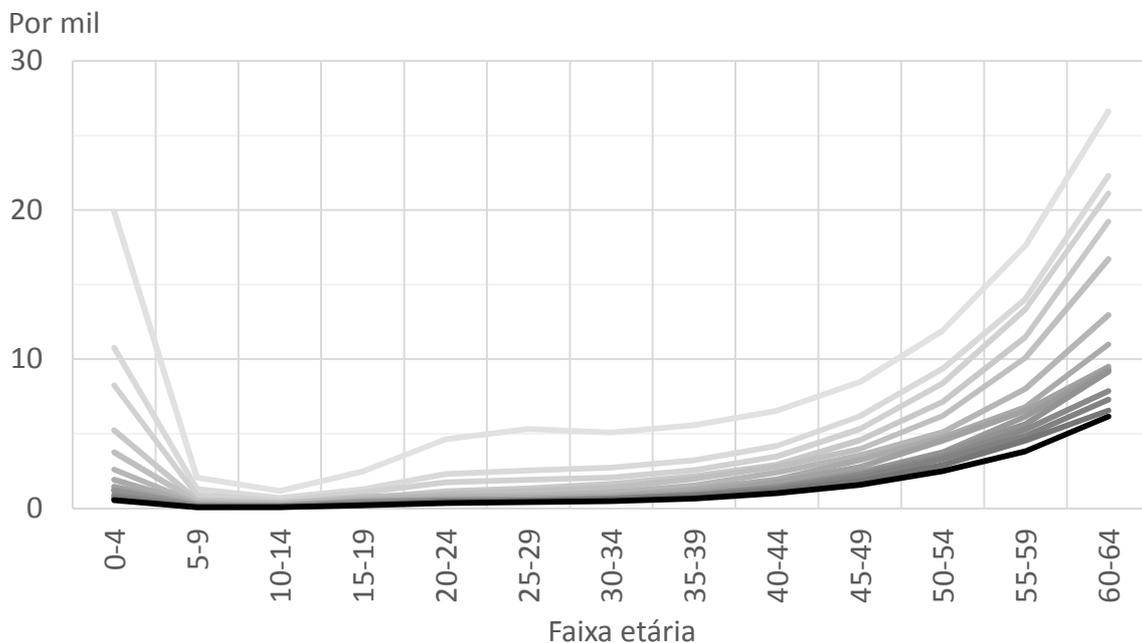
Tabela 2 – Efeito da estrutura etária e das TEMs na diferença entre TBMs para anos selecionados- Japão - 1950, 1980 e 2010

| | Entre 1950 e 1980 | Entre 1980 e 2010 |
|-------------------------------|-------------------|-------------------|
| Diferença na TBM (a+b) | -4,661 | 3,255 |
| a) Efeito da estrutura etária | 3,234 | 8,868 |
| b) Efeito das TEMs | -7,896 | -5,613 |

Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

A Figura 19 e a Figura 20⁹⁹ mostram a TEM sem a aplicação da função logaritmo¹⁰⁰. Apesar do aumento da TBM desde 1979, a TEM encolheu para todas as faixas etárias desde 1950. Dentre os japoneses de até 4 anos houve uma queda de 19,9 óbitos por mil pessoas em 1950 para 0,5 óbitos por mil pessoas em 2015. Na faixa etária de 60 a 64 anos, o indicador caiu de 26,6 para 6,2; dentre aqueles com idade superior a 90 anos, a mortalidade caiu pela metade, de 350 para 175.

Figura 19 - Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária de zero a 64 anos – Japão – 1950-2015

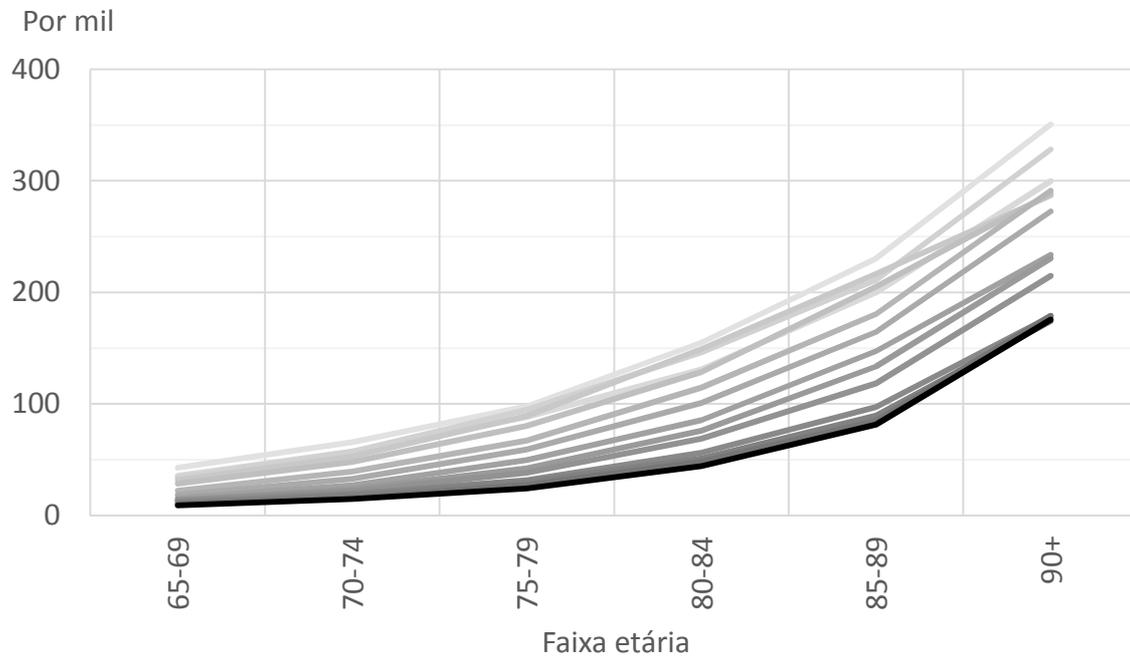


Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

⁹⁹ Idem anterior.

¹⁰⁰ A ordem de grandeza da diferença entre a mortalidade dos jovens e dos idosos impede a visualização de dados para todas as faixas etárias em um único gráfico como na Figura 17 em que foi aplicada a função logaritmo.

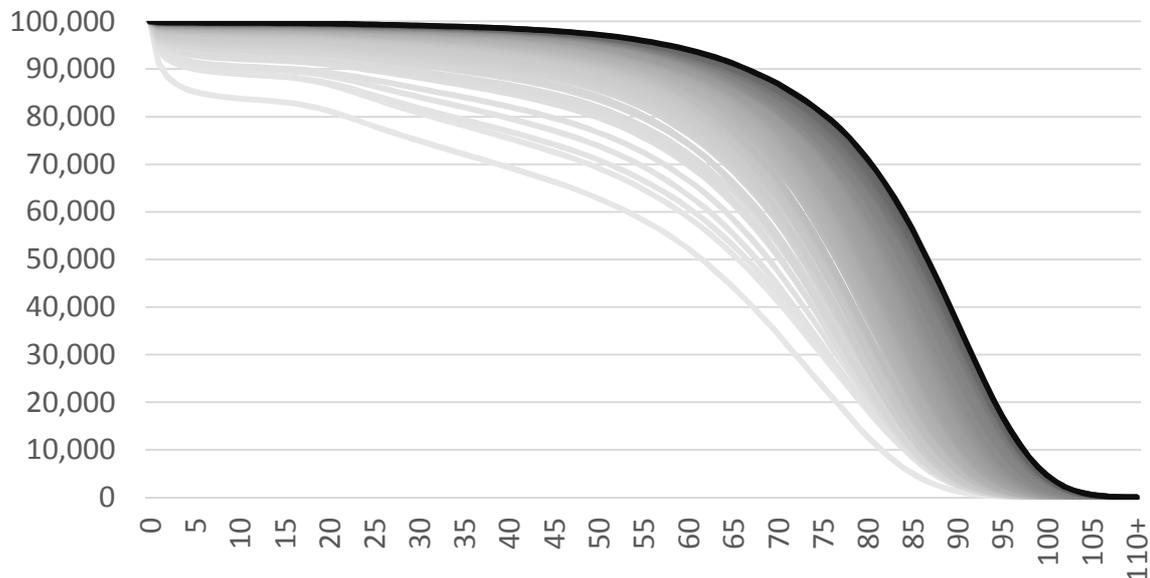
Figura 20 – Taxas Específicas de Mortalidade por faixa etária de 65 anos em diante
– Japão – 1950-2015



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2016). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
Elaboração própria.

Wilmoth e Horiuchi (1999) chamaram a atenção para um fenômeno relacionado à mortalidade já sugerido por outros pesquisadores e usaram o Japão como um dos exemplos para analisá-lo. Trata-se da retangularização da mortalidade, uma diminuição da variabilidade da idade de óbito. Isso ocorreu no Japão e em outros países analisados principalmente devido à forte queda da mortalidade abaixo dos 5 anos. A retangularização recebe este nome devido ao formato da curva de sobrevivência l_x da tábua de vida, que se aparenta cada vez mais com um retângulo, ou seja, uma linha horizontal nas idades iniciais (baixa mortalidade) que culmina em uma queda brusca nas idades avançadas (alta mortalidade). A Figura 21 apresenta as curvas l_x de 1947 a 2014 para o Japão, obtidas através das tábuas de vida disponibilizadas pelo *Human Mortality Database* (HMD). As curvas de sobrevivência representam o impacto das Taxas Específicas de Mortalidade do ano analisado em uma população hipotética inicial, neste caso, de 100.000 pessoas. Se observa claramente no gráfico a retangularização, na qual as curvas apontam para uma tendência de tomarem um formato retangular: uma reta horizontal nas idades mais baixas seguida por uma reta vertical em uma idade avançada.

Figura 21 – Curvas de sobrevivência l_x – Japão – 1947-2014

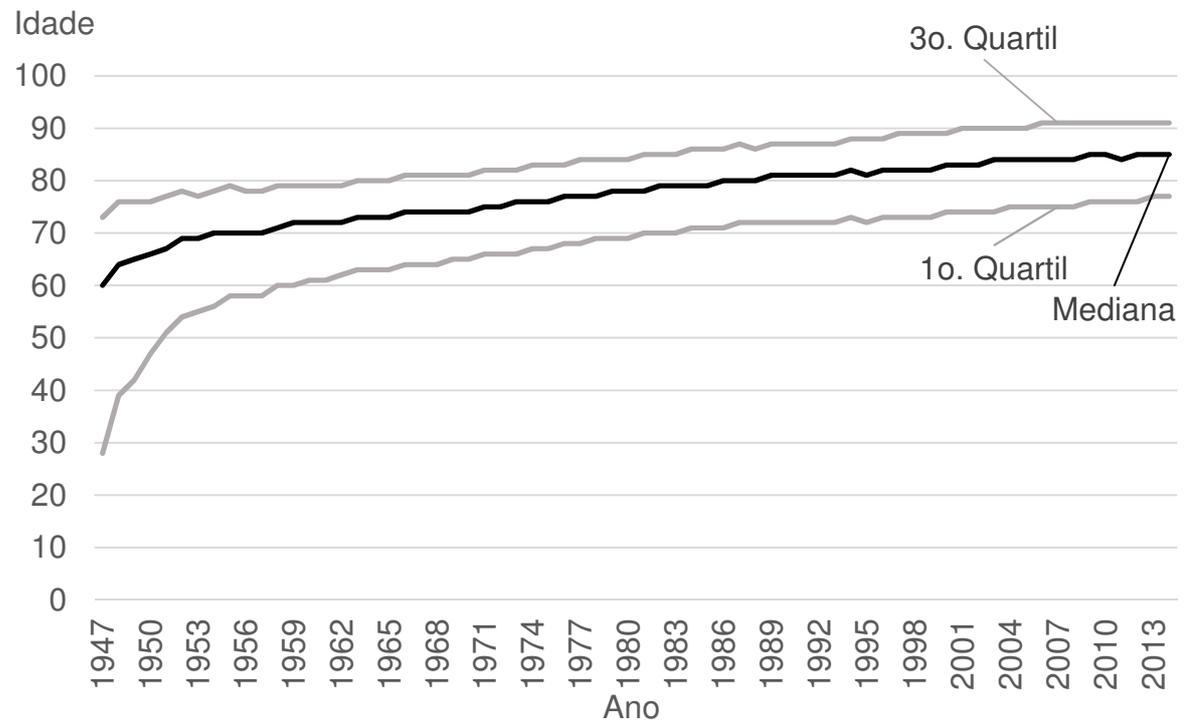


Fonte: *Human Mortality Database* (2016). Elaboração própria.

Nota: A graduação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do *Human Mortality Database* utilizado para a elaboração da curva. As curvas referem-se aos dados ano a ano de 1947, 1948, e assim por diante até 2014.

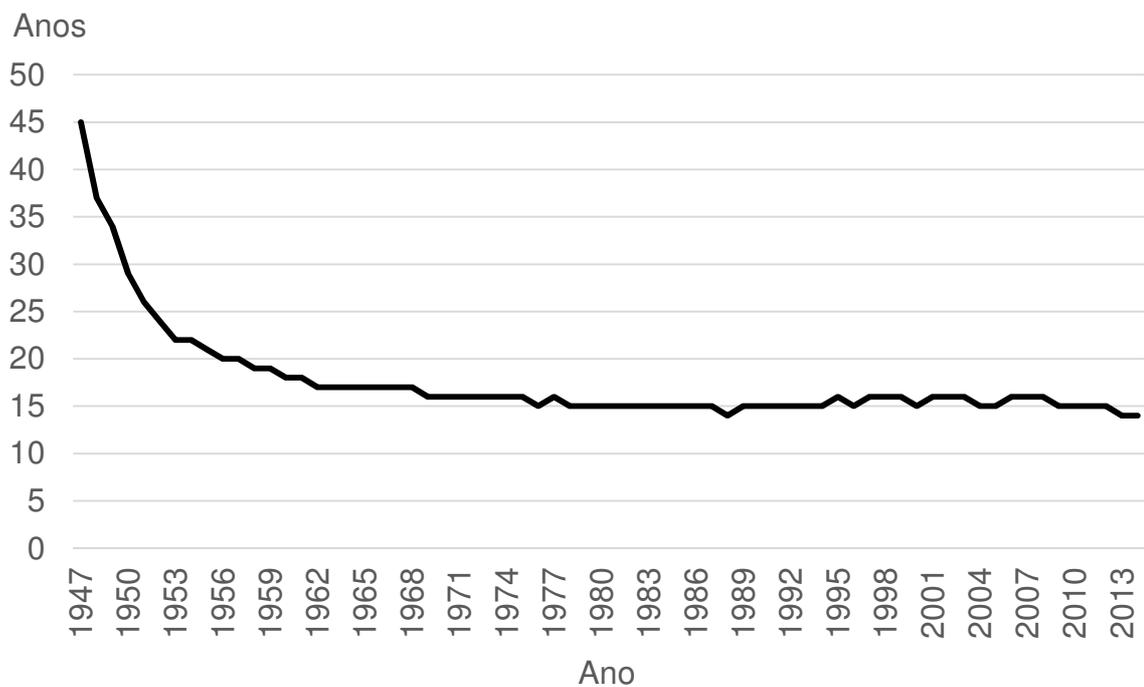
Wilmoth e Horiuchi não realizaram o cálculo de tábuas de vida para tantos anos. Por outro lado, os autores avaliaram indicadores que permitem intuir o fenômeno da retangularização. Uma das formas utilizadas por Wilmoth e Horiuchi (1999) para se medir a variabilidade da idade de óbito é calcular uma medida de dispersão, o intervalo interquartil (IIQ), na distribuição dos óbitos por faixa etária: trata-se da diferença em anos entre duas idades: aquela em que até 25% do total de óbitos ocorre e a outra em que até 75% do total dos óbitos ocorre (Figura 22 e Figura 23). Outro fenômeno observado por Wilmoth e Horiuchi (1999) é a compressão da mortalidade, uma concentração dos óbitos em uma determinada idade. Com a retangularização, as pessoas morrem cada vez menos em idades mais jovens e a curva dos óbitos tende a formar um pico em uma idade avançada. Este deslocamento da idade em que se concentram os óbitos mostra que a longevidade ainda não atingiu um limite e a dispersão diminui em torno de uma idade cada vez mais alta (Figura 24). Este limiar vai sendo “empurrado” mais e mais para frente. A distribuição dos óbitos por idade em cada ano e a longo prazo pode ser obtida também a partir do HMD. A ressalva é de que se tratam de dados interpolados por modelo e não coincidem necessariamente com os dados das Estatísticas Vitais.

Figura 22 – 1º Quartil, Mediana e 3º Quartil da idade do Óbito – Japão – 1947-2014



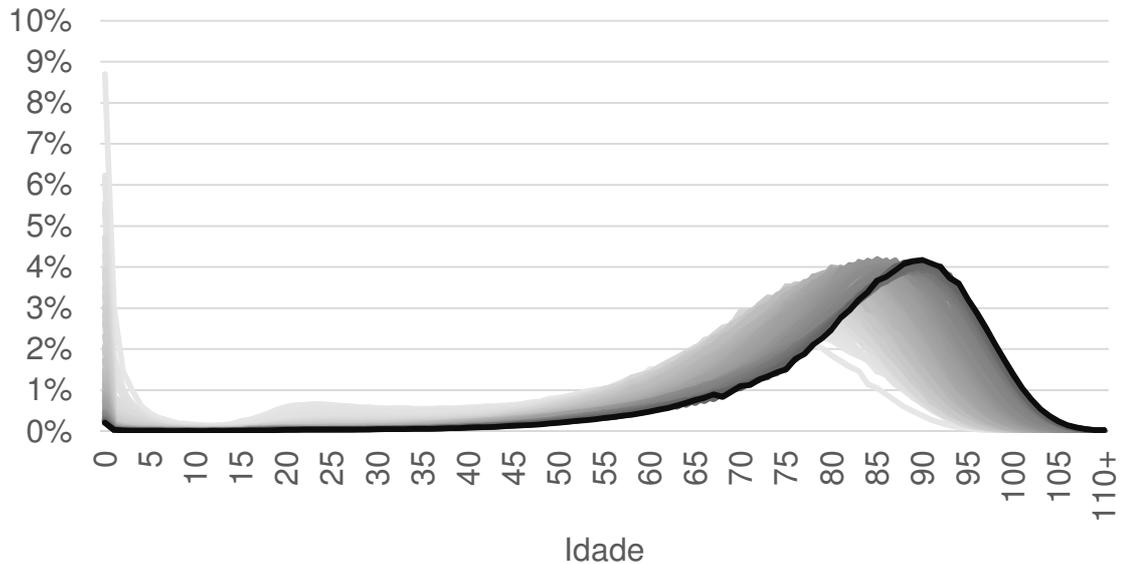
Fonte: *Human Mortality Database* (2017). Elaboração própria.

Figura 23 – Intervalo Interquartil da Idade do Óbito – Japão – 1947-2014



Fonte: *Human Mortality Database* (2017). Elaboração própria.

Figura 24 – Distribuição dos óbitos por idade simples – Japão – 1947-2014



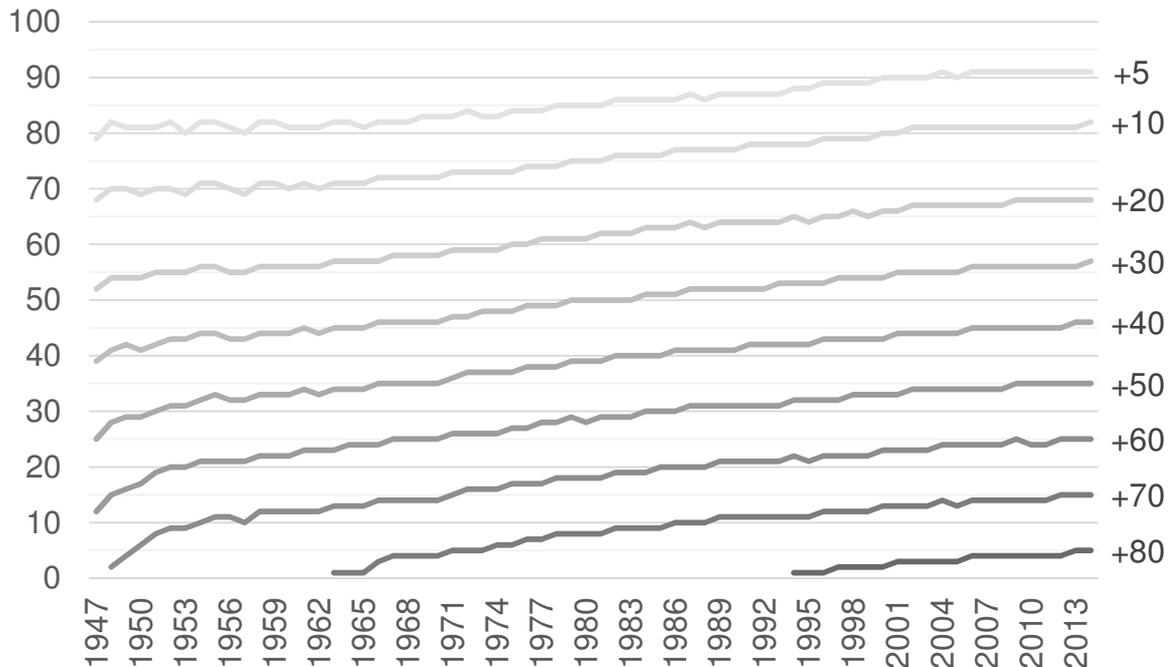
Fonte: *Human Mortality Database* (2017). Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o dado do utilizado para a elaboração da curva. Cada curva representa a distribuição percentual dos óbitos por idade em determinado ano. Por exemplo, o valor de 8,7% aos zero anos na curva mais clara, indica que esta porcentagem do total de óbitos ocorridos em 1947 ocorreu com esta idade.

Indicadores sociais e características individuais certamente devem ser tratados de forma distinta, mas a crise japonesa é sentida tanto como declínio de uma civilização, quanto como confronto com a questão da proximidade do fim da vida. Todos morrem um dia e ter a informação, mesmo que aproximada, da idade com que isso vai ocorrer altera a percepção do presente. Ryder (1975) propôs olhar a idade não em termos de anos passados desde o nascimento, mas anos remanescentes até o óbito. Em outras palavras, observar a expectativa de vida e não o tempo decorrido de vida. Um japonês com 45 anos de idade no início da década de 1950 tinha a mesma expectativa de vida de uma pessoa com 60 anos em 2014 (Figura 25). Em 1950, a expectativa aos 40 anos de idade era de 30 anos adicionais, apontando para uma expectativa de concluir planos profissionais e familiares até a aposentadoria aos 60 anos e desfrutar descansando os 10 anos finais até o óbito aos 70 anos. Hoje, os 30 anos remanescentes de vida são esperados por aqueles com 55 anos. O aumento da longevidade leva as pessoas com 55 anos a pensarem o resto de suas vidas até os 85 anos. Isso leva a questionamentos de se é possível passar todo este tempo remanescente sem experimentar novos relacionamentos, mais estudos e uma nova ocupação, ainda que em idade avançada. O novo contexto muda a perspectiva da

velhice por parte dos indivíduos e da sociedade, trazendo uma necessidade de adaptação.

Figura 25 – Expectativa de vida em cada idade – Japão – 1947-2014



Fonte: *Human Mortality Database* (2017). Elaboração própria.

Nota: Cada curva representa a expectativa de vida indicada ao lado direito (antecedida por sinal positivo). A gradação do claro em direção ao escuro indica aumento da expectativa de vida. Tomando como exemplo a primeira curva acima, a expectativa de vida de 5 anos (+5) corresponde à idade de 80 anos no ano de 1947 e de 90 anos no ano de 2014.

Saito (2010) diz que o Japão é um dos poucos países em que há dados de longo prazo sobre os centenários e os supercentenários (com idade superior a 110 anos). Um dos maiores problemas encontrados no estudo de pessoas desta faixa etária é a confiabilidade dos dados para comprovação da idade. Duas fontes no Japão são o *Jyumin Kihon Daicho*¹⁰¹ e o *Koseki Touhon*¹⁰²¹⁰³, consideradas confiáveis segundo Saito (2010). São registros oficiais de endereços dos cidadãos japoneses. Há também o Registro Civil, que não mostra a população por idade, mas apresenta a idade de óbito. A idade mais alta encontrada no Registro Civil é a de uma mulher com

¹⁰¹ Em japonês, 住民基本台帳

¹⁰² Em japonês, 戸籍謄本

¹⁰³ A diferença entre o *Jyumin Kihon Daicho* e o *Koseki Touhon* é que o primeiro mostra apenas o endereço atual do cidadão. O segundo registra também endereços de familiares e permite reconstituir a história de vida do indivíduo para uma melhor verificação da idade. O acesso às informações destes registros é bastante restrito.

125 anos que faleceu em 1943 (ROBINE, SAITO; 2003). Outra fonte é uma lista de centenários vivos¹⁰⁴ do Ministério da Saúde japonês – Ministry of Health, Labor and Welfare –que foi compilada ano a ano entre 1963 e 2006. Os Censos apresentam dados por idade simples até os 99 anos, mas agrupa a população de 100 anos ou mais em uma única categoria, então não há como detalhar mais as informações através desta fonte. Como referência, o Censo Demográfico apontou em 2015 a presença de 61.763 pessoas com idade acima de 100 anos, dos quais 53.380 eram mulheres e 8.383 eram homens. A baixa taxa de mortalidade em idades avançadas indica que estes números tendem a crescer e que aos japoneses é necessário repensar como serão as últimas décadas de vida, já que se a vida se estender até os 100 anos, um terço da vida dos indivíduos (aproximadamente 35 anos) será como aposentados.

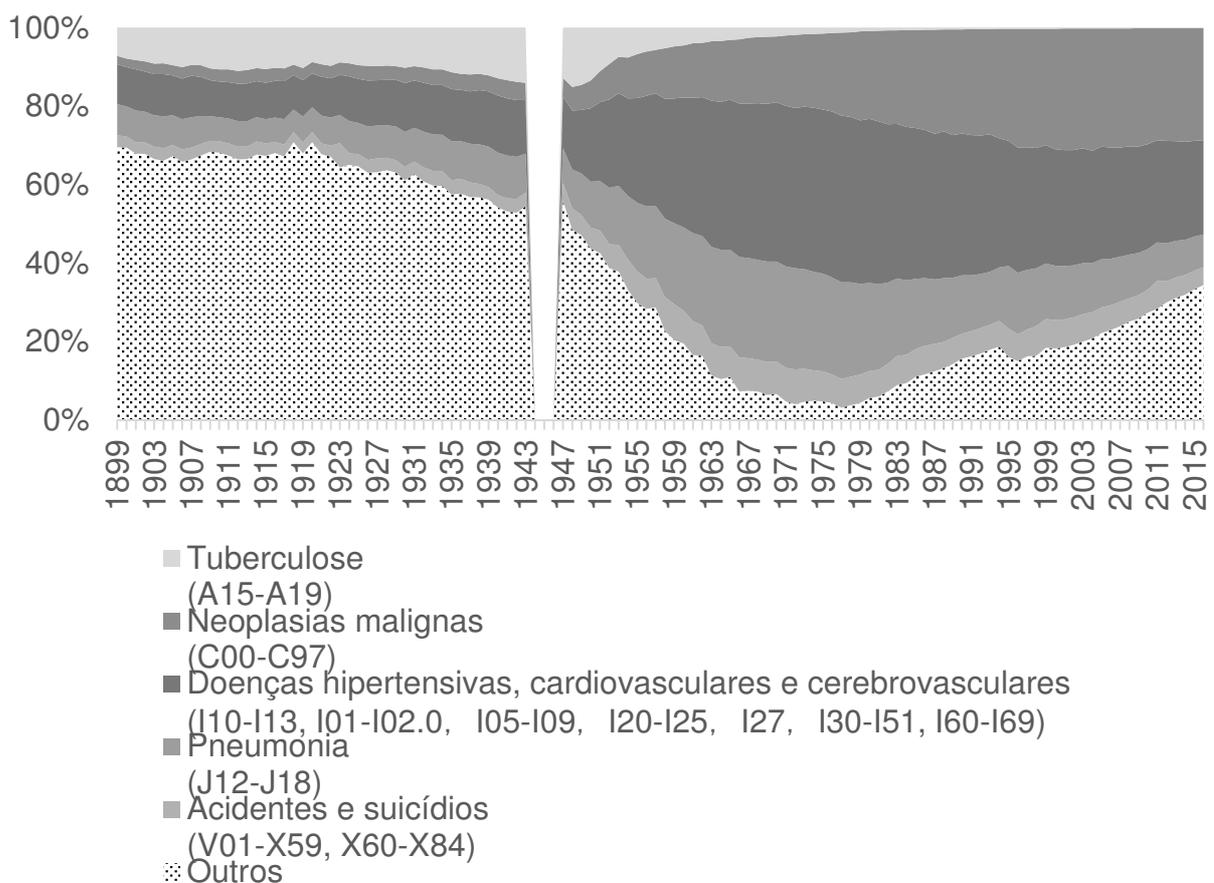
Horiuchi (2011) apontou as seguintes causas para o aumento da longevidade japonesa no pós-guerra: o rápido crescimento econômico; distribuição equitativa de renda e riqueza; alimentação; tradição de cuidado da saúde; fatores genéticos. Em síntese, o milagre japonês do pós-guerra foi diferente do intenso crescimento econômico de outros países. Teria se dado com relativa distribuição equitativa dos dividendos econômicos e isso permitiu um acesso amplo da população a diversas tecnologias médicas inacessíveis até então. Fatores culturais também influenciaram. A alimentação tradicionalmente composta de peixe, vegetais, soja, pouca carne vermelha e pouca gordura seria uma vantagem em situações onde o risco de inanição é baixo. Outro aspecto é a higiene pessoal e a prática de exercícios físicos enraizadas nos costumes japoneses. Por fim, fatores genéticos podem ter ajudado. Ainda há poucos estudos sobre o tema, mas os japoneses, por exemplo, possuem baixa prevalência de um gene associado à doença de Alzheimer.

Horiuchi (2011) menciona também que o Japão é apresentado como um caso de transição epidemiológica acelerada, dando eco à consideração de Omran (1971). A mudança das causas de óbito ocorrida em países europeus ao longo de séculos, ocorreram em poucas décadas no país de estudo desta tese. As estatísticas vitais disponíveis para a confecção da Figura 26 incluíam apenas o total de óbitos e os óbitos causados pelas seguintes causas: tuberculose, neoplasias malignas, diabetes mellitus, doenças hipertensivas, doenças cardiovasculares (exceto

¹⁰⁴ Em japonês, *Zenkoku Koureisha Meibo*, 全国高齢者名簿

hipertensão), doenças cerebrovasculares, pneumonia, bronquite crônica e enfisema, asma, úlcera gástrica e duodenal, doenças do fígado, insuficiência renal, senilidade, acidentes, acidentes de transporte e suicídio. Apesar das limitações no detalhamento, observa-se que a tuberculose praticamente deixou de se configurar causa de óbito a partir da década de 1980 e que ao longo do século XX, o câncer e as doenças cardiovasculares saltaram de 10% das causas de óbito para cerca de metade do total. Convém apontar a ressalva de que séries temporais de óbitos por causa devem ser vistas com restrições já que o padrão internacional para a classificação de óbitos foi sendo revisado ao longo dos anos. A melhoria das condições de vida das crianças e adolescentes – abaixo de 15 anos - e das mulheres explicam as principais mudanças no perfil de morbimortalidade (OMRAN, 1971).

Figura 26 - Proporção de algumas causas de óbito em relação ao total - Japão - 1899-2016



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2017). *Jinkou Doutai Chousa* [Estatísticas Vitais].
 Elaboração própria.

Nota: Dados dos anos imediatamente após o final da Segunda Guerra (1944, 1945 e 1946) não estavam disponíveis na fonte consultada.

Causa apreensão ao tentar se imaginar o que aguarda o futuro de um cenário atual onde as pessoas tendem a viver mais e com menos doenças. Em termos de qualidade de vida, se perdurar a crise demográfica, esta sobrevida seria apenas a prolongação de longo período de ansiedades cada vez mais intensas causadas por fatores demográficos.

2.4 O Cavalo de Fogo enquanto argumento a favor da importância dos estudos culturais e motivações individuais para informar a análise demográfica

O fenômeno conhecido como Cavalo de Fogo merece considerações especiais. O que fica claro a partir da análise do Cavalo de Fogo é a importância de se levar em consideração aspectos culturais tanto em estudos de teoria demográfica, quanto na sua aplicação prática nas políticas populacionais, já há praticamente um consenso na necessidade de se diminuir a fecundidade em países subdesenvolvidos e de se aumentar em países desenvolvidos. A modificação do comportamento humano é impossível de ser contida em sistemas simples de incentivos e punições, demandando uma análise por vezes complexa demais para ações precisas pontuais. Em certo sentido, o que se infere a partir do caso do Cavalo de Fogo é que a depender do senso de gravidade de um problema social, convém simplesmente adotar um viés pragmatista e tomar todas as medidas possíveis. Neste sentido fica clara a fronteira entre a ciência - enquanto um instrumento preciso de análise descritiva e/ou causal - e a ação política - um movimento da sociedade em direção a um ideal que contém uma expectativa, mas que está longe de ser livre de consequências inesperadas.

A queda de fecundidade e diminuição da razão de sexos ao nascimento devido ao Cavalo de Fogo são bem conhecidas no Japão. Konno (1961 apud Akabayashi, 2007) menciona um ditado popular japonês segundo o qual mulheres nascidas no ano ¹⁰⁵ do Cavalo de Fogo (em japonês *Hinoeuma* ¹⁰⁶) teriam temperamento agressivo e trariam infelicidade aos seus maridos. Akabayashi (2007) traça as origens remotas da crença à influência da China, onde se dizia que em anos do Cavalo de Fogo ocorreriam mais desastres naturais. No Japão, o mito foi reinterpretado e passou a se falar que eram anos com muitos incêndios.

¹⁰⁵ O Hinoeuma se repete a cada 60 anos, os últimos foram em 1906 e 1966.

¹⁰⁶ Em japonês, 丙午

Posteriormente, associou-se o infortúnio a pessoas. Homens nascidos nestes anos seriam não só propensos a roubar esposas de outros homens, mas a matar suas próprias esposas. De forma análoga, ocorreria com mulheres. Através do século XIX, acontece outra mudança cultural e a partir deste período apenas as mulheres são associadas à maus augúrios.

Kaku e Matsumoto (1975) têm outra versão para a associação da mulher com o cavalo de fogo. A lenda do Cavalo de Fogo teria se combinado com a história de Tóquio do século XVII de Yaoya Oshichi¹⁰⁷, uma verdureira que se apaixonou por um monge durante um incêndio e, em uma tentativa de reencontrá-lo, tentou atear fogo à cidade. O ano de nascimento de Oshichi é incerto, mas segundo os autores a cultura popular diz que foi em um dos anos do Cavalo de Fogo¹⁰⁸. Kaku e Matsumoto (1975) também mencionam uma notícia de jornal da década de 1930 em que uma mulher teria matado seu amante, antes de cortar-lhe o pênis e caminhar pelas ruas com o órgão guardado junto ao peito. O jornal teria dado destaque para o fato de a mulher ter nascido no ano do Cavalo de Fogo. Relatos como este dariam maior força à lenda.

O *Hinoeuma* afetou quanti e qualitativamente coortes de nascimento. As estatísticas oficiais de Taxa Bruta de Natalidade mostram flutuações nos anos de 1906 e 1966 que sugerem ter havido um controle do número de crianças nascidas nestes anos (Figura 27). A flutuação na natalidade em 1906, entretanto, parece estar em conformidade com variações de outros anos próximos (cai 5% em relação a 1905 e se eleva 15% em 1907, ano seguinte). Uma variação mais significativa só se faz presente no período imediatamente posterior à Segunda Guerra, no início da década de 1950. Em 1966, o contraste é mais aparente e o indicador, que mostrava certa estabilidade desde a segunda metade da década de 1950, parece diminuir significativamente (cai 26% em relação ao ano anterior e aumenta 42% no ano seguinte). As implicações da questão cultural ficam mais claras ao se considerar outro indicador em conjunto com a natalidade: a razão de sexo ao nascer¹⁰⁹. Esta cresceu

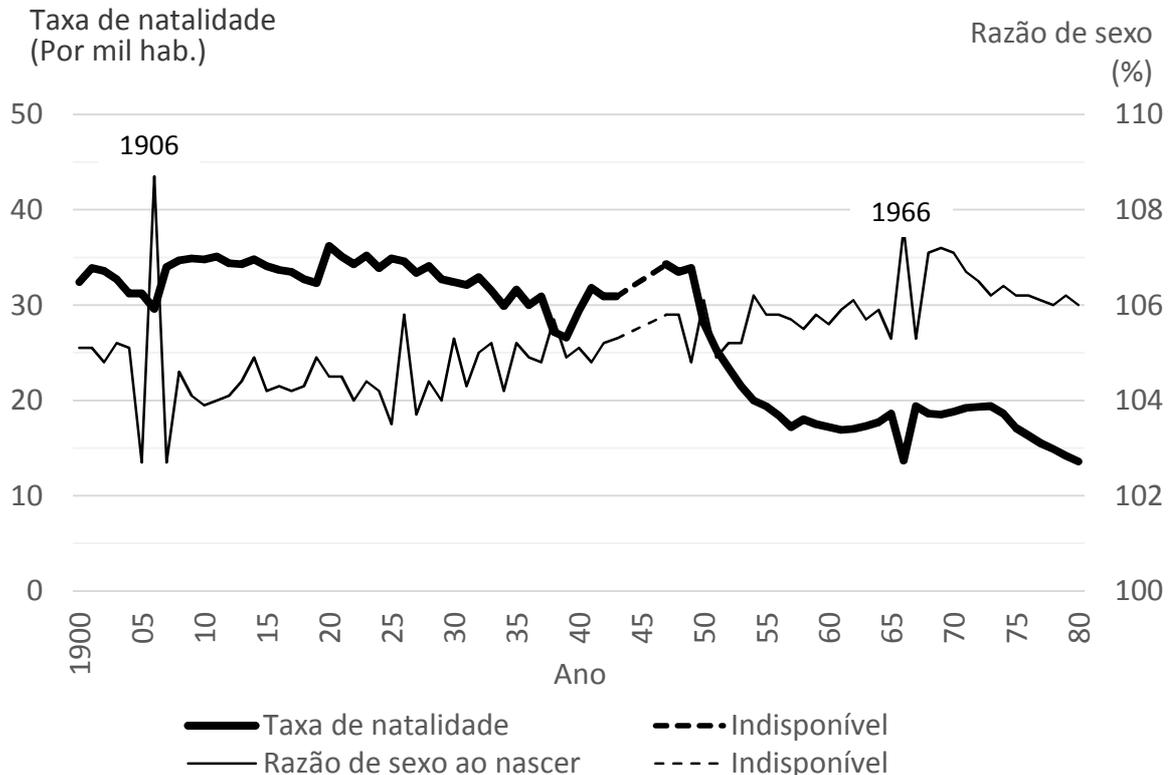
¹⁰⁷ Em japonês, 八百屋お七

¹⁰⁸ No século XVII, os anos do Cavalo de Fogo são 1606 e 1666. Houve um grande incêndio em Tóquio no ano 1682 e Oshichi tinha 15 ou 16 anos na época. A história de Oshichi foi imortalizada em romances e peças de teatro.

¹⁰⁹ Razão entre o número de filhos nascidos do sexo masculino e do sexo feminino. (SIEGEL, SWANSON; 2004, p. 130).

6% entre 1905 e 1906 e diminuiu 6% entre 1906 e 1907. Entre 1965 e 1966 aumentou 2% e caiu 2% entre 1966 e 1967.

Figura 27 - Taxa de Bruta de Natalidade e Razão de Sexo ao nascer – Japão – 1900-1980



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (1980). Elaboração própria.

Nota: Os dados referentes aos anos entre 1944 e 1947 estavam indisponíveis na fonte consultada.

Rohlf et al. (2010) apresentam alguns métodos utilizados para evitar filhas em 1906 e 1966. O uso de métodos que selecionam crianças por sexo não foi comum, em geral evitaram-se crianças de ambos os sexos. A principal estratégia em 1906 foi a postergação do casamento. Em 1965 houve um pico no número de mulheres casadas utilizando métodos contraceptivos e um pico no número de abortos em 1966. Segundo os autores, uma parte da variação da razão de sexo ao nascer poderia ser explicada pelo fato de pais de meninas não terem registrado suas filhas no verdadeiro ano de nascimento, já que a razão de sexo ao nascer declina de forma incomum um ano antes e um ano depois. As variações no comportamento dos pais teriam sido mais evidentes em áreas predominantemente rurais e, em menor grau, em áreas urbanas. Kaku (1975) diz que em 1966 houve ascensão estatisticamente significativa na mortalidade neonatal de meninas - provocado por um pico de acidentes e violência -,

mas não houve grande variação nos dados para meninos. No caso das meninas, o indicador teria atingido 7,78 para cada 100 mil nascidas vivas, enquanto que para o período de 1961 a 1967 (excluindo 1966) teria sido 4,97.

Azumi (1968) recorda que em 1906 não havia legislação referente a um prazo para o registro de crianças e, por ser o chefe de família o responsável por formalizar o pedido da certidão de nascimento, muitos provavelmente registraram suas filhas como nascidas em 1905 ou 1907. Segundo Azumi, os incentivos ao planejamento familiar no pós-guerra permitiram um controle maior sobre a vida reprodutiva. Houve ampla circulação de informações sobre contracepção, acesso a métodos contraceptivos e a legalização do aborto. As filhas, “escondidas” em 1906, simplesmente passaram a ser “evitadas” em 1966. Para ele, a modernização do pós-guerra defendida pelos sociólogos tem no *Hinoeuma* um contraexemplo. O amplo acesso à educação, a urbanização e o desenvolvimento de uma economia industrial não limitaram a continuidade da superstição. Diz Azumi que certamente nem todos acreditavam no mito, mas por existirem pessoas que acreditavam, alguns pais devem ter se sentido constrangidos a evitar o nascimento de meninas naqueles anos.

Segundo Yamada (2013), Akabayashi (2006; 2008) foi um dos poucos a desenvolver estudos comparando o curso de vida dos nascidos no Cavalo de Fogo de 1906 e 1966 e pessoas de outras coortes. Akabayashi diz que mulheres de 1906 mostraram uma taxa de nupcialidade menor e uma maior participação no mercado de trabalho, sugerindo que o tamanho da coorte influenciou nestes aspectos. Nascer neste ano não afetou os homens. Mais da metade dos nascidos em 1966, por sua vez, são filhos únicos. A proporção de crianças sem irmãos calculada por ano de nascimento atingiu um recorde neste ano (50,9%) que não foi batido até hoje. Nascidos em 1966 tiveram acesso maior ao ensino superior federal – de melhor qualidade - do que aqueles nascidos em outros anos, devido ao fato de o ingresso neste tipo de instituição ser anual e a concorrência ter sido menor¹¹⁰. Não foram encontradas evidências de que as mulheres de 1966 tiveram tratamento diferenciado no mercado matrimonial. A crise econômica que afetou o Japão no período em que a coorte de 1966 entrava no mercado de trabalho acabou resultando na não diferenciação com outras coortes no quesito do emprego. Yamada (2013) acrescenta que não houve tampouco diferença entre a alocação de recursos (gastos, poupança

¹¹⁰ Yamada (2013) diz não ser possível observar diferenças estatisticamente significativas em relação a acesso à educação superior.

e tempo) em domicílios ocupados por mulheres casadas da coorte de 1966 e casadas de outras coortes. Não há sinais de “maldição”, portanto.

Sobre o final da vida dos nascidos no Cavalo de Fogo, Konno (1961 apud Akabayashi, 2007) chama atenção para dezenas de suicídios femininos dentre aquelas nascidas em 1906. Em 1924, na província de Akita, uma mulher se envenenou e deixou uma carta dizendo “todas as minhas amigas se casaram, mas somente eu, por ter nascido no ano do Cavalo de Fogo, observo em tristeza a minha condição de não receber propostas de casamento”. Em 1928, duas mulheres de Tóquio escreveram “nós duas somos Cavalo de Fogo, ambas não podemos casar, somos miseráveis” antes de se jogarem no mar e morrerem afogadas. Ao contrário da expectativa propagada pelo mito, a desgraça ocorreu a elas ao invés de ser provocada por elas.

É possível se estimar o impacto do Cavalo de Fogo na pirâmide etária calculando índices de detecção de preferência de idade e dígito (SIEGEL, SWANSON; 2004; pp. 137-140). Neste caso, o propósito do cálculo seria o oposto do tradicional, visando verificar o grau de rejeição dos nascidos no *Hinoeuma*. A partir da idade dos nascidos em anos do Cavalo de Fogo (1846, 1906 e 1966) e do ano do Censo Demográfico, pode-se confirmar o dígito final da idade que seria influenciado pelo controle da fecundidade. Com exceção de 1947, devido ao atraso do Censo provocado pela Segunda Guerra, os nascidos no ano de Cavalo de Fogo diminuiriam a proporção de pessoas com dígito final de idade 4 ou 9, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 - Índice de Whipple e idades afetadas em cada Censo Demográfico pelos nascidos nos anos do Cavallo de Fogo – Japão – 1846, 1906 e 1966

| Ano do Censo | Idade por Ano de | | | Dígito final rejeitad | Whipple tradicional (Dígito 0 e 5) | Whipple modificado (Dígito 4) | Whipple modificado (Dígito 9) |
|--------------|------------------|-----|-----|-----------------------|------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| | ### | ### | ### | | | | |
| 1920 | 74 | 14 | - | 4 | 100% | 109% | 91% |
| 25 | 79 | 19 | - | 9 | 99% | 108% | 96% |
| 30 | 84 | 24 | - | 4 | 99% | 106% | 95% |
| 35 | 89 | 29 | - | 9 | 99% | 110% | 92% |
| 40 | 94 | 34 | - | 4 | 100% | 103% | 98% |
| 47 | 101 | 41 | - | 1 | 100% | 110% | 96% |
| 50 | 104 | 44 | - | 4 | 101% | 111% | 94% |
| 55 | 109 | 49 | - | 5 | 101% | 111% | 96% |
| 60 | 114 | 54 | - | 4 | 101% | 109% | 97% |
| 65 | 119 | 59 | - | 9 | 101% | 110% | 98% |
| 70 | - | 64 | 4 | 4 | 98% | 102% | 99% |
| 75 | - | 69 | 9 | 9 | 99% | 108% | 90% |
| 80 | - | 74 | 14 | 4 | 99% | 96% | 101% |
| 85 | - | 79 | 19 | 9 | 98% | 105% | 91% |
| 90 | - | 84 | 24 | 4 | 99% | 90% | 102% |
| 95 | - | 89 | 29 | 9 | 99% | 105% | 87% |
| 2000 | - | 94 | 34 | 4 | 99% | 88% | 103% |
| 05 | - | 99 | 39 | 9 | 99% | 99% | 88% |
| 10 | - | 104 | 44 | 4 | 101% | 90% | 101% |
| 15 | - | 109 | 49 | 9 | 101% | 97% | 96% |

Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1920 a 2015. Elaboração própria.

O cálculo do índice de Whipple tradicional, obtido para idades entre 23 e 62 anos e dígitos finais 0 ou 5, não mostra preferência significativa. O valor esperado pela Índice de Whipple em condições normais é 100% e a variação em torno do valor de referência é baixa. Isso aponta para uma boa qualidade na amostragem e coleta dos dados considerando este método. O método pode ser modificado mantendo-se a faixa etária e mudando o dígito final da idade avaliado. As idades afetadas pelo cavalo de fogo seriam 24, 29, 34, 39, 44, 49, 54 e 59 anos, com exceção do Censo Demográfico do ano de 1947, como já mencionado. Em determinados anos, observa-se uma rejeição de dígitos 4 e 9 possivelmente provocada pela influência dos nascidos em anos do Cavallo de Fogo. Em determinados anos, a variação em torno do valor de referência chega a ultrapassar 10%, já que o cálculo do índice resulta em aproximadamente 90%. Deste modo, se vê um impacto da coorte de 1966 na distorção do Whipple entre 1990 e 2010. Por ter sido uma variação eventual, com postergação e recuperação de nascimentos/registro nos anos posteriores, dados acumulados não mostram o efeito.

Por ser um evento que ocorre a cada 60 anos, há de se pensar o que acontecerá no ano 2026. Tanaka e Iwasa (2012) simularam um modelo de dinâmica cultural para avaliar a continuidade do mito. De modo a simplificar o problema, foram assumidas quatro premissas: as gerações não se sobrepõem; a transmissão cultural é vertical, ou seja, a crença no cavalo de fogo só é passada dos pais para os filhos; não há infanticídio baseado no sexo da criança; e, os casais não controlam sua fecundidade baseado na crença de outras pessoas, somente na própria. As variáveis de estudo eram se o controle da transmissão cultural era por parte do pai ou da mãe; se o controle do timing da gravidez e da fecundidade era por parte do pai ou da mãe; e a probabilidade de falha no controle de fecundidade. A conclusão a que se chegou é que a crença persiste quando a mãe tem uma forte influência no controle de fecundidade de seus filhos e na transmissão cultural da crença aos filhos. Se o pai tem uma influência maior neste controle e a crença é passada do pai para os filhos, o mito se extingue. Dentre estes dois extremos, o resultado depende da frequência inicial de indivíduos que acreditam no mito.

Modelos simplificados têm limitações. Como Tanaka e Iwasa (2012) alegam em seu próprio artigo, a premissa adotada em seu modelo de que as gerações não se sobrepõem é não-realística. Além disso, a decisão sobre ter filhos ou filhas no ano do Cavalo de Fogo só precisa ser tomada a cada 60 anos. A transmissão cultural pode ocorrer entre amigos ou através da mídia, diferentemente do modelo proposto. No mais, pais que não acreditam no mito podem evitar filhas para que elas não sofram preconceito por parte de pessoas que acreditam.

Uma das possíveis formas de manutenção do mito é através da propagação dele por via da migração. Kaku e Matsumoto (1975) verificaram consequências do Cavalo de Fogo dentre os japoneses que migraram aos EUA, especificamente na Califórnia e no Havaí. Ocorreu queda da Taxa de Natalidade em 1966 de maneira análoga ao apresentado no Japão. A história não se repete, mas rima. Pode haver adoção de mitos por parte de outras culturas, mesmo que esta ocorra com adaptações. Lee e Paik (2006) constataram o efeito na Coreia do Sul, onde se diz que a crença no Cavalo de Fogo foi introduzida durante a ocupação militar japonesa entre 1910 e 1945. Ocorreu uma modificação e a rejeição é voltada às mulheres nascidas em qualquer ano do Cavalo. A frequência do controle de fecundidade aumenta para uma vez a cada 12 anos e o efeito do ano do Cavalo foi

visível em 1978, 1990 e 2002, por exemplo. Há uma queda significativa da TFT em 1978 e aumentos significativos na razão de sexo ao nascer em 1978, 1990 e 2002.

Ao invés de rejeição, há casos onde ocorre preferência pelo nascimento em determinados anos. Yip, Lee e Cheung (2002) observaram uma preferência pelo nascimento de filhos no ano do Dragão em Hong Kong e Goodkind (1991) em Taiwan, Cingapura, China e Malásia.

CAPÍTULO 3 – Crítica à aplicação da teoria da transição demográfica ao Japão, migração internacional e impactos da crise demográfica por província

O contexto demográfico do Japão atual foi pré-anunciado pela teoria da Transição Demográfica (TD) e deste modo convém avaliar a aplicação da teoria ao caso japonês. Neste capítulo serão discutidas também as limitações de aplicação das teorias de Segunda Transição Demográfica (STD) e Terceira Transição Demográfica (TTD) ao caso japonês. Este capítulo é uma crítica direta à generalização das teorias de transição demográfica que utilizam o caso japonês como uma das justificativas para tal perspectiva. Por fim, é apresentado um panorama da migração internacional e demografia em escala espacial subnacional.

Caldwell (1976), em um resgate da história do desenvolvimento da teoria da TD, aponta que ao final do século XIX era de conhecimento geral que a fecundidade estava caindo em muitos países ocidentais e que provavelmente se estabilizaria em níveis baixos. Caldwell (1976) chama a atenção para duas tentativas de dividir esta transição em fases: uma de Thompson (1929) que dividia em três fases; e, outra de Blacker, que dividia em cinco (1947). Nenhuma destas duas tentativas explicava os motivos da queda de fecundidade, então Caldwell (1976) considera que nenhuma destas duas pode ser dita como uma formulação teórica da TD. Na opinião de Caldwell (1976), a teoria moderna da TD foi estruturada de forma madura por Notestein (1945). Notestein (1945) adotou três fases como Thompson que terminavam em um período de baixa mortalidade e baixa fecundidade sem explicações adicionais do que poderia vir depois.

Kirk (1996) chama atenção para o fato de que Landry (1934) formulou uma teoria similar à teoria de Thompson (1929) – uma transição em três fases -, porém um pouco melhor estruturada do ponto vista teórico ao explicar questões ligadas à mortalidade e apontar possíveis explicações sobre a queda da fecundidade. As ideias de Thompson só ganharam projeção 15 anos após a sua publicação e, naquele momento, Thompson desconhecia os estudos de Landry. Curioso também notar que, de acordo com Kirk (1996), Notestein provavelmente desconhecia as teorias de Thompson e Landry e talvez sequer considerasse a ideia de Transição Demográfica como uma teoria em 1945. O posterior desenvolvimento da teoria da TD a tornou mais parecida com a teoria de Blacker (1947), a qual incluía como fase final um período de

excesso de óbitos em relação aos nascimentos que poderia ou não ser compensada por saldo migratório.

3.1 A fragilidade da aplicação das teorias de transição demográfica ao Japão

Kuroda (1978) menciona que a TD também era chamada de “Evolução Demográfica” (*Demographic Evolution*), sinônimo utilizado por Notestein (1945) na obra em que formulou a teoria da TD. Talvez este termo condense melhor a perspectiva inicial da teoria em relacionar supostas fases do desenvolvimento econômico e um correspondente padrão dos indicadores demográficos. Esta hipótese se fundamenta em dados históricos de países europeus e passou a ser avaliada com muitas reservas em outros continentes. Dentre outras questões, não fica claro na teoria da TD o que é valor “alto” ou “baixo” de um indicador, qual deve ser a velocidade de mudança destes indicadores para se afirmar a existência de TD e a importância dos fatores culturais (TAEUBER, 1960). De início, se advogava um único tipo de TD, porém, posteriormente, passou a se discutir a existência de vários tipos, especialmente a partir dos estudos demográficos de países que teriam passado pela TD após a Segunda Guerra. No Japão, os números mostram um processo acentuado de queda das taxas de natalidade e mortalidade justamente a partir da segunda metade da década de 1940 (Tabela 4 e Tabela 5).

Tabela 4 - Estatísticas Vitais – Japão – 1870-1920

| Ano | População (em milhares) | Taxa de Natalidade (por mil) | Taxa de Mortalidade (por mil) | Crescimento Natural (por mil) |
|------|----------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1870 | 36.288 | 36,3 | 31,3 | 5,0 |
| 1875 | 37.198 | 36,4 | 31,3 | 5,1 |
| 1880 | 38.166 | 33,9 | 28,3 | 5,6 |
| 1885 | 39.245 | 33,7 | 28,1 | 5,6 |
| 1890 | 40.353 | 34,3 | 27,3 | 7,0 |
| 1895 | 41.789 | 36,3 | 27,0 | 9,3 |
| 1900 | 43.785 | 35,2 | 24,2 | 11,0 |
| 1905 | 46.257 | 37,0 | 25,3 | 11,8 |
| 1910 | 49.066 | 35,6 | 22,1 | 13,5 |
| 1915 | 52.500 | 33,2 | 22,3 | 10,9 |
| 1920 | 55.450 | | | |

Fonte: Okazaki (1962) *apud* Kuroda (1978, Tabela 1, p. 452).

Nota: A tabela apresenta uma retroprojeção a partir dos dados do primeiro censo demográfico, realizado em 1920. As retroprojeções não permitem definir quando teria se iniciado a TD no Japão (TAEUBER, 1958; MOSK, 1977). Dados pré-1920 são escassos, pouco confiáveis e suspeita-se de considerável subnotificação de nascimentos e do infanticídio no registro das estatísticas vitais.

Tabela 5 - Estatísticas Vitais – Japão – 1920-1975

| Ano ou período | Taxa de Natalidade (por mil) | Taxa de Mortalidade (por mil) | Crescimento Natural (por mil) |
|-------------------|------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1920-24 | 35,0 | 23,0 | 12,0 |
| 1925-29 | 34,0 | 19,8 | 14,3 |
| 1930-34 | 31,8 | 18,1 | 13,6 |
| 1935-39 | 29,3 | 17,4 | 11,9 |
| 1940-43 | 30,7 | 16,3 | 14,4 |
| 1944* | 29,2 | 17,4 | 11,8 |
| 1945* | 23,2 | 29,2 | -6,0 |
| 1946* | 25,3 | 17,6 | 7,7 |
| 1947 | 34,3 | 14,6 | 19,7 |
| 1948 | 33,5 | 11,9 | 21,6 |
| 1949 | 23,0 | 11,6 | 21,4 |
| 1950 | 28,1 | 10,9 | 17,2 |

(Continua na página seguinte)

(Continuação da Tabela 4)

| Ano ou período | Taxa de Natalidade (por mil) | Taxa de Mortalidade (por mil) | Crescimento Natural (por mil) |
|----------------|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| 1951 | 25,3 | 9,9 | 15,4 |
| 1952 | 23,4 | 8,9 | 14,4 |
| 1953 | 21,5 | 8,9 | 12,6 |
| 1954 | 20,0 | 8,2 | 11,9 |
| 1955 | 19,4 | 7,8 | 11,6 |
| 1956 | 18,4 | 8,0 | 10,4 |
| 1957 | 17,2 | 8,3 | 8,9 |
| 1958 | 18,0 | 7,4 | 10,5 |
| 1959 | 17,5 | 7,4 | 10,1 |
| 1960 | 17,2 | 7,6 | 9,6 |
| 1961 | 16,9 | 7,4 | 9,5 |
| 1962 | 17,0 | 7,5 | 9,5 |
| 1963 | 17,3 | 7,0 | 10,3 |
| 1964 | 17,7 | 6,9 | 10,7 |
| 1965 | 18,6 | 7,1 | 11,4 |
| 1966 | 13,7 | 6,8 | 7,0 |
| 1967 | 19,3 | 6,7 | 12,6 |
| 1968 | 18,4 | 6,8 | 11,6 |
| 1969 | 18,5 | 6,8 | 11,7 |
| 1970 | 18,8 | 6,9 | 11,9 |
| 1971 | 19,2 | 6,6 | 12,6 |
| 1972 | 19,3 | 6,5 | 12,8 |
| 1973 | 19,4 | 6,6 | 12,8 |
| 1974 | 18,6 | 6,5 | 12,1 |
| 1975† | 17,1 | 6,3 | 10,0 |

De 1920 a 1943 é apresentada a média para cada ano ou período.

* Valor estimado a partir do Demographic Yearbook da Organização das Nações Unidas.

† Valor provisório.

Fonte: Kuroda (1978, Tabela 3, p. 453).

O argumento de Taeuber¹¹¹ (1958) a favor da TD é que se a teoria estivesse associada a fatores culturais específicos da Europa, então tal processo poderia não ter ocorrido no Japão ou ter ocorrido de uma forma bastante distinta. Por

¹¹¹ Irene Taeuber foi uma competente pesquisadora com grandes contribuições à Demografia e suas pesquisas sobre o Japão se estenderam por décadas de trabalho: já em 1941 versou sobre a política de população do Estado japonês; sua obra prima, *The Population of Japan*, foi publicada quase vinte anos depois, em 1958; e, muitos artigos sobre o país vieram nos anos seguintes (NOTESTEIN, 1974).

outro lado, se a industrialização e a urbanização fossem os motores, então seria de se esperar algo similar. Seu ponto de vista é que o desenrolar dos acontecimentos a partir da segunda metade do século XIX no Japão acabou por confirmar esta segunda hipótese. Formou-se uma forte diferenciação entre o campo e as cidades. Empregos na indústria e comércio, trabalho por salário e alta renda nas áreas urbanas; agricultura, pobreza e uma dura rotina de vida caracterizaram o rural. A mortalidade diminuiu em ritmo muito mais rápido do que a fecundidade e o padrão de vida melhorou. Viu-se a postergação de casamentos e taxas de fecundidade reduzidas nas mulheres jovens em áreas urbanas. Sobre as etapas finais da transição, onde o alto crescimento populacional dá lugar a um crescimento moderado ou nulo, Taeuber (1958) adota uma perspectiva malthusiana. A autora estadunidense diz que no Japão o desarranjo entre população e recursos para a sobrevivência teriam levado a uma queda da fecundidade. A economia destruída pela perda da Segunda Guerra e a legalização do aborto seriam as causas de uma forte queda da fecundidade.

O saldo do pós-guerra é particular às terras nipônicas. Se o Japão se alinhou às potências Ocidentais e economias desenvolvidas em diversos quesitos de uma teoria geral de TD, houve divergências consideráveis quanto a causas. Ao defender a ideia de um percurso natural e justificado pela “ciência” da TD, Taeuber obscurece esta especificidade japonesa, tanto do ponto de vista cultural, quanto histórico. O que Taeuber (1958) deixa em suspenso na sua naturalização da TD são as consequências dos contatos do Japão com os EUA, os quais ela própria descreve como de alto impacto social. Muitas das mudanças referentes ao início da Transição Demográfica teriam sido provocadas pela abertura dos portos japoneses após a “visita” – nas palavras da autora - dos navios de guerra da marinha dos EUA em 1853. A mencionada ocupação americana do pós-Segunda Guerra ocorreu em período relativamente próximo às pesquisas de Taeuber no país. Cabe reproduzir trechos indicando a posição política delicada em que se situava a pesquisa de Taeuber:

“The absence of research on the population problem or population policy by SCAP [*Supreme Commander for the Allied Forces*] does not mean that other policies of SCAP failed to have a major impact on the population problem of Japan, or that the actions and policies of SCAP were not significant factors in the attempts to formulate policy on the part of the Japanese. It was SCAP that preserved the Japanese population as a relatively intact biological group. It was SCAP that contributed so greatly to the reduction of death rates and, through this, to the increase of population” (TAEUBER, 1958, p. 370).

“First, the adoption of population policies by a conquering army might well have furthered the already strong identification of population policy with militarism and war rather than with peace and welfare. Second, the advocacy of family limitation among the Japanese by an army of occupation that was predominantly American would have permitted the accusation of genocide. However, the extent to which SCAP policies or their absence were responsible for the national resort to abortion is an unanswerable question” (TAEUBER, 1958, p. 371).

Oakley (1978) aponta que as forças de ocupação americana no Japão do pós-Guerra não praticaram um “neutralismo militante” (*militant neutralism*) como teria afirmado Taeuber, mas sim uma “neutralidade protetora” (*protective neutralism*). Havia uma aberta influência americana na redução da mortalidade através da vacinação compulsória de crianças e no controle das migrações ao forçar o retorno dos militares japoneses em territórios ocupados. Entretanto, o controle da fecundidade dos japoneses por parte dos americanos ocorreu por ações indiretas. Oakley apresenta registros em documentos militares de um temor por parte das forças de ocupação em serem acusadas de genocídio pela igreja católica de Roma e pelos comunistas soviéticos, caso influenciassem diretamente na diminuição das taxas de fecundidade. Os riscos políticos aos militares não eram mera especulação de Taeuber, como se pode ler nas passagens reproduzidas anteriormente. O exército americano defendeu grupos japoneses a favor da facilitação de acesso a métodos contraceptivos e pró-aborto através do argumento de que os japoneses deveriam ter o direito de definir suas próprias políticas. Posteriormente estes grupos de influência compuseram o governo japonês e formalizaram a postura americana sobre o controle de fecundidade na forma de leis.

O grande alcance da influência dos EUA em relação aos rumos da política e sociedade japonesas permite intuir impactos também sobre a produção científica. O que Taeuber acaba fazendo ao não assumir uma posição clara sobre a relação entre o SCAP e a legalização do aborto é reafirmar a imagem e os interesses da potência dominante. A própria demógrafa age dentro dos limites da “neutralidade protetora” identificada por Oakley (1978), defendendo o discurso político das forças de ocupação. Seria um excesso apontar conflito de interesses, mas o acesso de Taeuber a extensos dados japoneses para escrever sua *magnus opus* “The Population of Japan”, publicada após dez anos de pesquisa por Taeuber, só foi possível graças à forma como a relação EUA-Japão se desenvolveu no pós-Segunda Guerra. O prefácio do livro deixa claro que os dados eram desconhecidos até este encontro com os EUA¹¹².

O fim do século XIX no Japão caracteriza-se pela apropriação e adaptação de tudo o que o Ocidente tem a oferecer. Arnason (1997) diz que o Japão é a única sociedade não ocidental a declarar que se igualou às nações mais desenvolvidas da Europa e aos EUA em termos de uma modernização ocidental, indicando uma aproximação do Japão com os países desenvolvidos em termos de uma modernização da economia. O problema é que, segundo o mesmo autor, as similaridades culturais com outros países do Leste asiático são muito grandes e óbvias para serem ignoradas, apontando para um distanciamento de noções ocidentais de sociedade. O “sucesso” japonês não serve como evidência de uma independência da TD em relação a fatores culturais e questões locais, como Taeuber (1958) declara. Fica claro a partir dos textos da especialista que o consenso em torno de ideias simples começou a dar lugar a uma controvérsia, onde as questões culturais passam a ter importância pelo menos equivalente às econômicas no estudo da TD. O malthusianismo embutido na teoria da TD também foi posto em cheque pelo desenvolvimento de tecnologias, por exemplo, para a produção de alimentos com maior eficiência em termos de tempo e de uso do solo.

Talvez a teoria de Taeuber tenha tomado este caráter inicial em prol de um ideal de minimizar rupturas bruscas em tendências históricas, observável em seu

¹¹² “The quantitative materials for Japan and the countries formerly subject to Japan were largely unknown in this country and in the prewar period few of these materials known to exist were available in libraries. General apathy concerning research on Japan was replaced by widespread interest, however, as a country and a people who had seemed remote became our enemy in the Pacific War and our responsibility in the years of occupation” (TAEUBER, 1958, p. IX).

cuidado em iniciar o recorte temporal de sua *magnus opus* sobre o Japão no período neolítico (TAEUBER, 1958). “*Japan's experience in recent years contradicts the prevalent assumption that the lethargy of traditional societies of the East prevents rapid social change. Japanese culture has been persistent but ever changing*”, diz em um artigo posterior (TAEUBER, 1962). Intencionalmente ou não, a autora omitiu de sua argumentação: uma guerra perdida, duas bombas atômicas, o papel dos EUA durante os sete anos de sua ocupação militar do Japão no pós-guerra e o imperialismo japonês que precedeu o conflito, isso se for considerada apenas parte da história do século XX. Preston (1986) diz que provavelmente as drásticas mudanças ocorridas no Japão nas décadas de 1940 e 1950 refletem um contexto econômico e institucional radicalmente alterado pela guerra e pela ocupação estadunidense, que teve como consequência mudanças abruptas nos valores associados ao cuidado de filhos e um senso geral de que havia gente “demais”. Taeuber faz apenas referências vagas à “experiência física e psicológica devastadora” dos japoneses (TAEUBER, 1960). Pode ainda ser um reflexo do fato de os estudos japoneses de Taeuber serem uma asserção entusiasmada da primeira TD completa fora do mundo Ocidental (TAEUBER, 1960).

É interessante comparar o tom da escrita de Taeuber com outros autores do período. Somente para citar um exemplo, Stolnitz (1955) alinha o Japão aos países do Leste Europeu em seu estudo internacional sobre a mortalidade no mundo entre o final do século XIX e início do século XX. O Japão é apontado como um caso intermediário, uma ponte entre a situação nos países da Europa Ocidental e os países da América Latina, África e Ásia:

“Certainly Japan today is more similar to much of non-Western Europe than to most underdeveloped areas. Whether this was also true in the earlier years is uncertain, however. As late as 1920's expectation of life in Japan was no higher than in Russia, although the latter was one of the high-mortality areas in its region. In any event, Japan's is the only major national experience on record which serves as a useful estimate of favourable life chances in Latin America-Africa-Asia” (STOLNITZ, 1955, pág. 26).

Associar o Japão com o estágio avançado de uma evolução social, o final da TD, é uma ode à ação americana no país e dá espaço para o surgimento de um orgulho nacional. É a descrição de uma utopia em um contexto de recuperação de uma guerra perdida. O grande suporte que Taeuber recebeu dos demógrafos e

instituições de pesquisa japoneses talvez tenha sido motivado por esta euforia e a neutralidade científica, uma ilusão. Posteriormente, passado o entusiasmo, Taeuber reconheceu parcialmente esta lacuna. Reproduzindo uma generalização da autora, “*the demographic modernization of Japan is almost classic in its context and its course*” apesar de que “*the Japanese experience was not a replication of Western experience*” (TAEUBER, 1964, p.102).

Cabem questionamentos que não serão respondidos nesta tese, mas são inevitáveis. A TD japonesa é fruto de uma dinâmica populacional própria do país ou foi provocada por fatores externos? Se foi fruto de dinâmica própria, infere-se que a TD é uma teoria não-generalizável e dependente de processos particulares a cada país. Por outro lado, se a TD foi forçada por fatores externos, o estudo do caso japonês se torna praticamente impraticável devido à impossibilidade de utilizar história e cultura local para explicar o comportamento de longo prazo dos indicadores¹¹³. A alternativa de considerar o SCAP - uma ocupação militar estrangeira - e sua influência como parte de um único sistema demográfico “genuinamente” japonês é inaceitável.

Herdeiro da aspiração de Taeuber, Lesthaeghe (2010) também tentou incluir o Japão como exemplo representativo de sua teoria, a da Segunda Transição Demográfica (STD) que viria após a TD. O fracasso de Lesthaeghe se deve ao ponto a que se refere a seguinte citação de Taeuber, de mais de 50 anos atrás: “*the most influential factors affecting population growth [in Japan] were not demographic. Revolutionary changes came in ways which were in some cases expected, in others rather weird*” (TAEUBER, 1962, p. 599). O caso japonês não pode ser enquadrado em uma teoria geral por mais que o país apresente semelhanças com outros países desenvolvidos. As técnicas demográficas, com toda a sua matemática, são insuficientes para delimitar a plenitude dos fenômenos sociais e para o pesquisador mais atento, certos padrões internacionais deveriam causar estranheza perante o contexto local. Indicadores com o mesmo comportamento muitas vezes acabam escondendo fenômenos e processos particulares a determinada sociedade. Embutido em uma teoria, está uma interpretação que incorpora a experiência de vida e preconceitos do pesquisador que a formula.

¹¹³ Stolnitz (1955, pág. 51) é categórico ao afirmar que: “Quantitative application of the concepts of demographic transitions, if made by analogy to Western experience, is apt to be futile or misleading as a guide to the mortality prospects confronting the underdeveloped world to-day. Japan, the other area most often used by way of example, seems only slightly more appropriate at best and for the same reasons”.

O fim da TD levaria à STD, porém, é difícil afirmar categoricamente a existência de uma mudança de valores sociais por parte dos japoneses no âmbito de uma possível STD, como faz Lesthaeghe (2010). O argumento chega a permitir a inferência de uma globalização simplista como fundamento, onde o mundo todo tenderia a compartilhar um certo conjunto de princípios morais, já que o cerne da STD é uma popularização das necessidades de alto nível na pirâmide de Maslow, correspondentes a um estilo de vida dito individualista. A hipótese de Maslow, que propõe uma hierarquia bem demarcada das necessidades humanas, foi questionada por diversos estudos mostrando que: devido à forma como foi construída, ela não é empiricamente verificável; Maslow nunca definiu claramente o conceito de “necessidade”, central à sua proposta de psicologia humana; e, que existe uma sobreposição de necessidades não adjacentes na pirâmide de necessidades de Maslow (WAHBA, BRIDWELL; 1976).

Dentre as consequências da STD estaria um incremento no número de coabitação de casais sem a formalização da união (LESTHAEGHE, 2010). Em relação ao Japão, Lesthaeghe usa dados de uma pesquisa de um jornal para ilustrar este ponto e não avalia a possibilidade de comparar a outras fontes ou buscar fontes mais confiáveis. Outra bibliografia utilizada para defender a mudança de valores, mais interessantes do que enquetes de jornais, são questões selecionadas do *Japanese National Fertility Survey*¹¹⁴.

Lesthaeghe obtém suas conclusões sobre os valores japoneses a partir de dados do *Japanese National Fertility Survey* apresentados em um *working paper* escrito por Matsuo (2001). Curiosamente a conclusão de Matsuo é divergente daquela de Lesthaeghe. Para Matsuo, se por um lado é inegável que certos indicadores demográficos apontem para a ocorrência da STD no Japão, os motivos que levaram ao comportamento dos indicadores não é o mesmo dos países ocidentais de onde parte a teoria. Matsuo faz um trabalho comparativo entre um survey conduzido na Holanda e o survey japonês mencionado. As perguntas realizadas em cada país são diferentes e em certos momentos a equivalência das perguntas sustentada por Matsuo é contestável. Em uma situação hipotética em que as mesmas palavras

¹¹⁴ A pesquisa é conduzida a cada cinco anos e envolve dois tipos de questionários, um para casais e outro para solteiros. Maiores informações sobre o survey podem ser encontradas em: < http://www.ipss.go.jp/site-ad/index_english/Survey-e.asp >. Acesso em: 23 nov. 2016.

fossem utilizadas nos dois países, cabe até indagar se poderíamos assumir que elas serão interpretadas da mesma forma pelos respondentes.

Coleman (2006) desenvolveu a teoria de uma Terceira Transição Demográfica (TTD) em curso nos países desenvolvidos com altos índices de imigração. A população local se tornaria minoria ante um volume cada vez maior de imigrantes estrangeiros. Porém, Coleman trata o Japão como exceção, haja visto que o país mantém fortes restrições à entrada de imigrantes internacionais. Certamente o Japão não está imune à pressão do acelerado crescimento demográfico dos países subdesenvolvidos, mas a realidade é que está longe de se poder dizer que existe um “vácuo demográfico” como em outras nações desenvolvidas, contrariando a avaliação de Davis (1986).

A questão da imigração internacional será abordada a seguir.

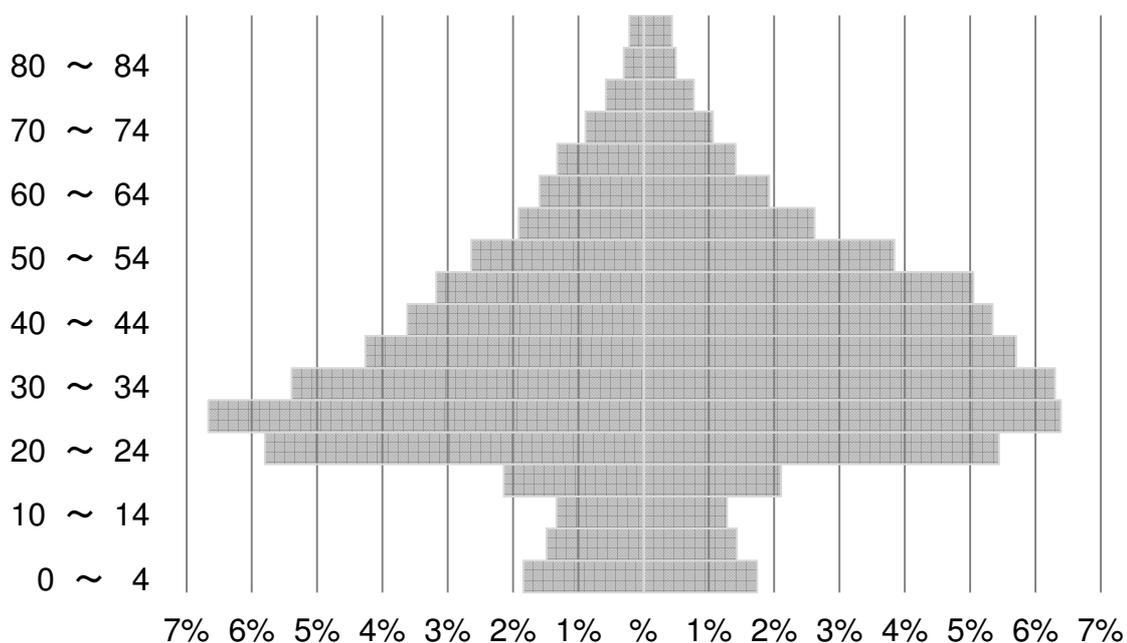
3.2 Tipos de vistos e principais grupos de imigrantes internacionais

A prevalência de um número maior de filhos parece difícil de se recuperar e a queda da mortalidade parece próxima de um limite. A alternativa que restaria ao Japão para manter um crescimento mínimo ou a estabilidade de sua população seria a imigração. Saskia Sassen (1998, pág. 55) diz, porém, que o Japão “nunca teve imigração, somente o recrutamento forçado de mão-de-obra, a colonização de outros países e a emigração de japoneses. O Japão carece da crença das contribuições positivas da imigração”. Seja para recrutar mão-de-obra, seja para tentar contornar efeitos indesejados da dinâmica demográfica, os imigrantes internacionais sempre ocuparam uma posição marginal dentro da sociedade japonesa. O rápido desenvolvimento econômico no Japão do pós guerra atraiu um grande fluxo de imigrantes ilegais (SASSEN, 1998). A ilegalidade atendia a interesses políticos na manutenção da marginalidade dos imigrantes, como será visto no debate sobre os *decasséguis nikkeys*.

Se o principal efeito positivo esperado da imigração é uma suposta compensação do envelhecimento populacional, é necessário observar a estrutura etária dos imigrantes. Interessaria ao Japão receber imigrantes mais jovens, em idade reprodutiva e economicamente ativa, e não idosos, mesmo que os imigrantes mais velhos em geral possuam um nível maior de educação e recursos financeiros. A pirâmide etária dos estrangeiros em solo japonês (Figura 28) tem uma “barriga” nas

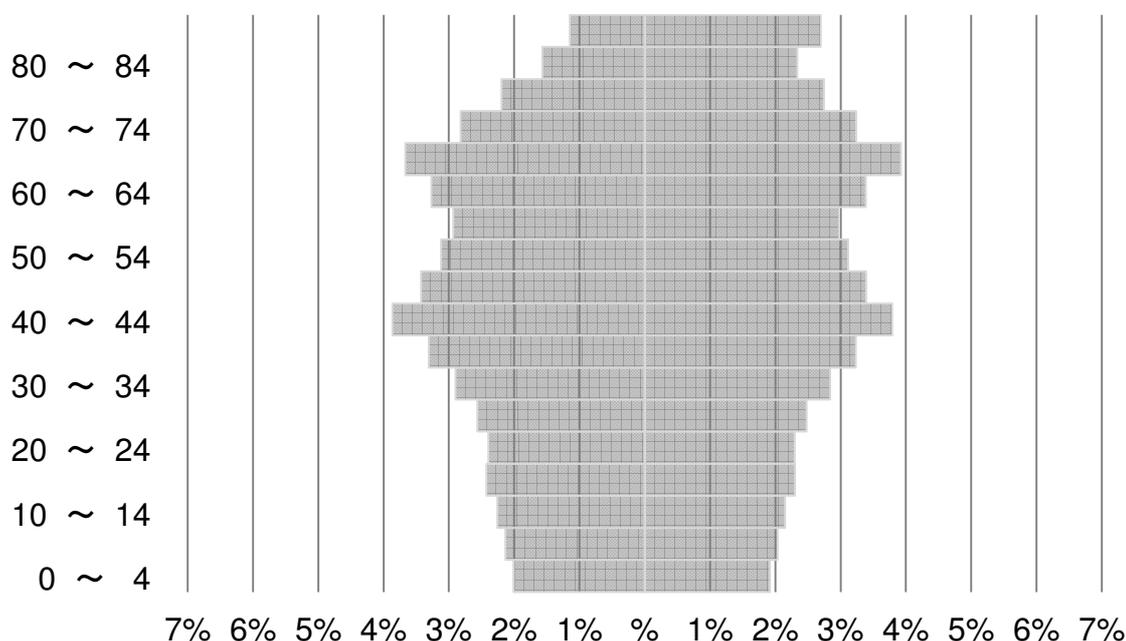
idades férteis e a proporção de imigrantes mulheres (54%) é maior do que de homens (46%). Em termos de uma análise superficial quanto ao potencial para o mercado de trabalho, a maioria dos imigrantes internacionais pode ser classificada dentro dos limites etários da população em idade ativa. Quando comparada com a pirâmide dos japoneses (Figura 29), a saída de trazer pessoas jovens para mitigar a crise parece razoável. O problema é de volume e não de distribuição etária. Segundo o *Ministry of Justice* (2016) em junho de 2016 havia 2.765.267 de estrangeiros em solo japonês, algo em torno de apenas 2% da população total.

Figura 28 – Pirâmide etária dos imigrantes internacionais - Japão – 2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censo Demográfico de 2015. Elaboração própria.

Figura 29 – Pirâmide etária – Japão – 2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censo Demográfico de 2015. Elaboração própria.

A lista completa dos tipos de status de residência no Japão mostra que, de modo geral, a residência pode ser obtida de três formas: de acordo com a ocupação, por laços de família ou por estadia prolongada (IMMIGRATION BUREAU OF JAPAN, 2018). Existem categorias profissionais de interesse definidas pelas ocupações às quais se concede um direito de residência mais ou menos longo (Tabela 5). A categoria dos pesquisadores e professores vinculados a instituições públicas ou privadas, por exemplo, tem garantida a residência permanente. A turistas e profissionais das áreas de esporte e entretenimento, categorias que podem ter limitadas as suas estadias para poucos dias, se concede o status oficial de residente temporário¹¹⁵. Dependentes de japoneses e de residentes permanentes, ou seja, cônjuge e filhos, também têm direito à residência permanente.

A Tabela 6 mostra que mais de 98% das novas entradas de estrangeiros ocorridas em 2017 tem o caráter de curta permanência¹¹⁶. Estrangeiros que entraram alegando o objetivo de estudar e realizar estágio técnico vêm em seguida. A residência

¹¹⁵ Em japonês, *Zairyuu shikaku*, 在留資格.

¹¹⁶ O texto da lei com uma lista exaustiva das ocupações em japonês e em inglês pode ser encontrado em: <<http://www.japaneselawtranslation.go.jp/law/detail/?id=3039&vm=03&re=01&new=1>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

por laços de família – que permite estadia mais longa - soma valores insignificativos perante o total de entradas, sendo dez mil pessoas com o status de cônjuges ou filhos de japoneses e cerca de dois mil com o status de cônjuges ou filhos de residentes permanentes. Em 2017 surgiu a nova categoria de cuidador(a) como ocupação possível para a solicitação de residência, mas apenas uma pessoa ingressou no Japão utilizando esta rubrica. Dados preliminares de 2018 divulgados pelo ministério da justiça, apontam que em 2018 houve também apenas uma pessoa na categoria. Os cuidadores estão em alta demanda no Japão, tanto devido a uma expectativa de maior participação das mulheres no mercado de trabalho, quanto devido ao aumento do número de idosos dependentes de ajuda para atividades diárias¹¹⁷.

¹¹⁷ Mais detalhes no Capítulo 4 desta tese.

Tabela 6 - Entradas de estrangeiros por status de residência¹¹⁸ – Japão - 2017

| Total | 25.092.020 | 100,0% |
|--|------------|--------|
| Visitante de curta permanência | 24.617.024 | 98,1% |
| Estágio técnico | 127.688 | 0,5% |
| Estudante | 123.232 | 0,5% |
| Entretenimento | 39.929 | 0,2% |
| Funcionário de governo estrangeiro | 29.684 | 0,1% |
| Dependente | 27.288 | 0,1% |
| Engenheiro/Especialista em humanidades/Serviços internacionais | 25.063 | 0,1% |
| Atividades específicas | 22.444 | 0,1% |
| Trainee | 16.393 | 0,1% |
| Residente de longa permanência | 16.309 | 0,1% |
| Cônjuge ou filho de japonês(a) | 9.998 | 0,0% |
| Diplomata | 9.092 | 0,0% |
| Transferências intraempresariais | 8.665 | 0,0% |
| Técnico | 3.692 | 0,0% |
| Atividades culturais | 3.377 | 0,0% |
| Docente em ensino superior | 3.166 | 0,0% |
| Professor | 2.992 | 0,0% |
| Cônjuge ou filho de residente permanente | 2.170 | 0,0% |
| Administrador ou investidor | 1.660 | 0,0% |
| Atividades religiosas | 924 | 0,0% |
| Artista | 394 | 0,0% |
| Pesquisa | 380 | 0,0% |
| Profissional altamente qualificado | 302 | 0,0% |
| Jornalista | 88 | 0,0% |
| Medicina | 63 | 0,0% |
| Serviços jurídicos ou contabilidade | 2 | 0,0% |
| Cuidado | 1 | 0,0% |

Fonte: Ministry of Justice (2019). Press release: Heisei 30nen ni okeru gaikokujin nyuukokushasuu oyobi nihonjin shukkokushasuu ni tsuite (sokuhouchi). Disponível em: <http://www.moj.go.jp/nyuukokukanri/kouhou/nyuukokukanri04_00078.html>. Acesso em: 7 fev. 2019.

Há duas décadas, Sassen (1998) já apontava para um aumento na demanda japonesa por mão-de-obra imigrante na área de serviços, além de uma necessidade de se rever a importância da mulher no capitalismo globalizado. O

¹¹⁸ A rigor, o que se chama de “visto” (Biza (ビザ) ou sashou (査証) só é utilizado para autorizar estrangeiros a pisarem em solo japonês, por exemplo, para realizar uma breve escala aérea ou para poderem formalizar documentos solicitando residência. Nesta tese, será utilizada a palavra visto com maior liberalidade.

serviço de cuidado, *care*¹¹⁹, pode ser visto como uma combinação destes dois fatores apontados por Sassen, já que em geral se avalia a atividade como uma ocupação feminina. Castles, de Haas e Miller (2014) argumentam que as mulheres migrantes são colocadas em posição de desvantagem através de mecanismos interconectados: a presunção de que elas não são as principais responsáveis pela renda doméstica e que o trabalho é uma ocupação temporária até se casarem; e, a existência de estereótipos e preconceito étnico e racial em um cenário de baixa proteção legal.

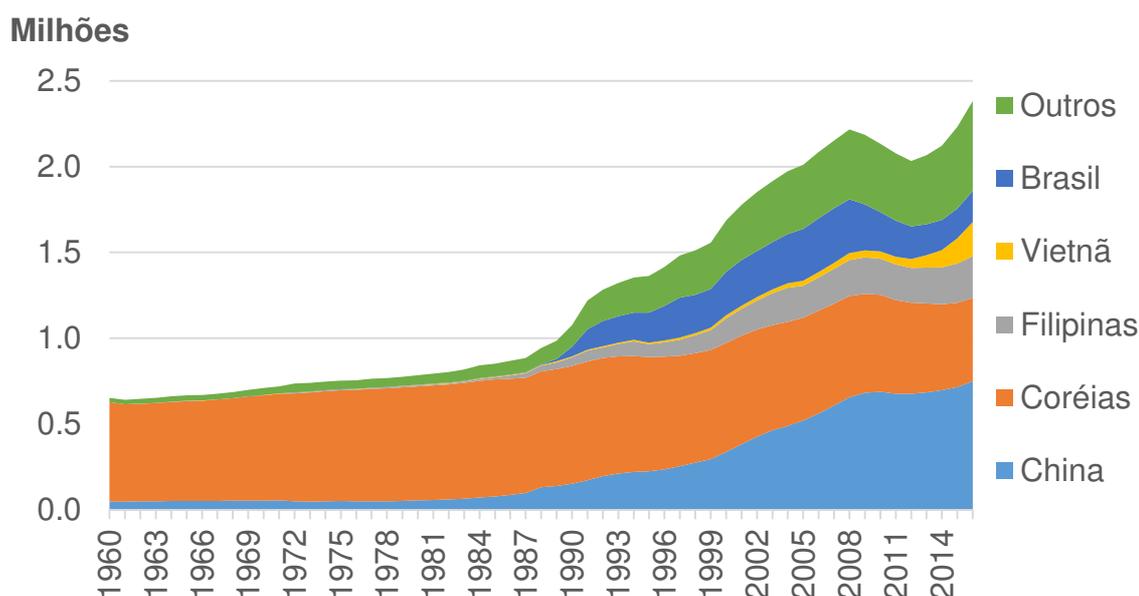
Korekawa (2018) expõe a baixa quantidade de trabalhos acadêmicos sobre a feminização da imigração no Japão e faz uma discussão sobre o tema analisando dados de chinesas, brasileiras e filipinas do último censo demográfico japonês, realizado em 2010. De modo geral, desemprego, desocupação e trabalhos manuais eram mais comuns às imigrantes do que às locais. A participação no mercado de trabalho por faixa etária das imigrantes mostrava um padrão em M mais acentuado do que o das japonesas no caso das filipinas; em M menos acentuado no caso das brasileiras; e, um declínio quase linear conforme a idade avança no caso das chinesas. A participação se mostrou ligada a outros fatores, como, por exemplo, o casamento com um japonês; neste caso, a curva de participação se aproximou da curva das japonesas. A concentração por sexo nas ocupações era menos acentuada entre imigrantes, ou seja, as locais mostraram uma maior divisão sexual do trabalho. O efeito no nível educacional na ocupação variou. Destaca-se que as chinesas com nível educacional mais alto ocupavam cargos mais altos do que as japonesas, efeito resultante da menor concentração por sexo, segundo Korekawa (2018). Neste ponto, Korekawa (2018) salienta que no Japão o duplo fardo de ser mulher e imigrante não se confirma. O status de imigrante daria maior flexibilidade nas áreas de atuação que não é permitida às japonesas, dando acesso a maiores salários e ocupações melhores, ainda que de forma não generalizada. Em resumo, Korekawa (2018) conclui que, considerando o aspecto do trabalho, no Japão é melhor ser mulher imigrante do que ser mulher japonesa.

Duas mudanças de tendência destacam-se nas estatísticas de imigrações no Japão do pós-Guerra, uma no final dos anos 1980 e outra no final dos 2000. Historicamente, a população com nacionalidade coreana residente em território japonês se manteve numérica e proporcionalmente representativa após a Segunda

¹¹⁹ Discussões mais aprofundada sobre o conceito no contexto local e implicações para políticas públicas pode ser encontrada na primeira edição da revista *Shakai Hoshou Kenkyuu* (IPSS, 2016).

Guerra (Figura 30). Se vê que a maioria absoluta do estoque de imigrantes internacionais tinha nacionalidade coreana até a segunda metade da década de 1980, em que se constata uma mudança de tendência, ocorrendo uma diversificação das nacionalidades dos imigrantes em território japonês. Os chineses ultrapassaram os coreanos como o grupo imigrante mais numeroso no Japão no final dos anos 2000, após três décadas de aumento da comunidade coreana, que hoje mostra um nível mais modesto de crescimento. O final dos anos 2000 também foi marcado pelo fato de o número de filipinos ultrapassar o de brasileiros. Os brasileiros de modo geral tem diminuído sua presença em território japonês, a ponto de serem hoje a quinta maior comunidade atrás dos chineses, coreanos, filipinos e vietnamitas (na sequência do maior grupo para o menor).

Figura 30 - Total de imigrantes com status de residência de médio e longo prazo por nacionalidade - Japão - 1960-2016



Fonte: Ministry of Justice. *Gaikokujin Touroku Kokusekibestu Jinninchousa Ichiranhyou*¹²⁰; *Shutsunyukokukanri Toukeinenpou*¹²¹; *Zairyugaikokujintoukei*¹²². Dados compilados pelo National Institute of Population and Social Security Research (IPSS). Elaboração própria.

Nota: A categoria "Outros" inclui apátridas. Nos dados da China estão incluídos Taiwan, Hong Kong e Macau.

Será abordado brevemente o histórico das migrações internacionais conforme a nacionalidade de origem das cinco maiores comunidades de estrangeiros

¹²⁰ Em japonês, 外国人登録国籍別人員調査一覧表

¹²¹ Em japonês, 出入国管理統計年報

¹²² Em japonês, 在留外国人統計

no Japão. O volume de coreanos e chineses no Japão na *Figura 29* pode dar a falsa impressão de que existe uma abertura de fronteiras excepcional para nacionais destes países. Hiroya Masuda¹²³ coordenou uma pesquisa sobre a queda de população no Japão e um dos assuntos abordados foi a migração (MASUDA et al., 2014a). Uma das conclusões do relatório do grupo de Masuda é que não é realista propor uma imigração em massa de estrangeiros para solucionar o problema. Em entrevista em junho de 2014, Masuda (2014b) explicou o raciocínio pelo qual chegou a tal conclusão. Haveria poucos países no leste e sudeste da Ásia com população disponível para oferecer ao Japão. A China, um dos candidatos mais populosos, já estaria vislumbrando questões populacionais similares às do Japão por consequência da política do filho único. Por outro lado, receber pessoas de outras regiões do mundo – absorver grupos com culturas muito diferentes da japonesa -, resultaria em “fadiga social”, segundo Masuda. Na visão de Masuda, portanto, imigrantes chineses e de outros países do leste da Ásia seriam bem-vindos no Japão.

Ruth Achenbach (2017) explica que com o fim da ocupação estadunidense em 1952, o Japão destituiu chineses e coreanos da nacionalidade japonesa que estes usufruíam desde a anexação das Coreias e de Taiwan anterior à Segunda Guerra. A proposta do exército dos EUA era a repatriação, mas o grosso da população estrangeira representada na metade esquerda da *Figura 29* já se encontrava em território japonês e um motivo ou outro escolheu não retornar aos seus países. Muitos dos chineses e coreanos que foram trazidos à força para trabalhar na indústria da guerra preferiram ser repatriados, mas alguns, com receio de instabilidades políticas em seus países de origem (como a guerra civil na China), optaram por ficar no Japão (ACHENBACH, 2017; CHUNG, 2010). Os estrangeiros que ficaram adquiriram direito à “residência permanente especial”¹²⁴, concedido a nacionais de territórios previamente ocupados pelo Japão antes da Segunda Guerra (CHUNG, 2010).

O milagre econômico japonês na década de 1980 levou a uma alta demanda por mão-de-obra, culminando na modificação das leis de imigração no início dos anos 1990, o que permitiu que a população de estrangeiros em território japonês dobrasse rapidamente (VOGT, ACHENBACH; 2012). Como toda crise econômica, a

¹²³ Hiroya Masuda esteve à frente do Ministério do Interior e das Comunicações entre agosto de 2007 e setembro de 2008. Este ministério é responsável por regular a administração pública, eleições, telecomunicações, correio e produzir estatísticas governamentais, como o Censo Demográfico.

¹²⁴ Em japonês, *tokubetsueijusha*, 特別永住者

década perdida japonesa (1990-2000) e a crise nas bolsas asiáticas não puderam ser previstas, mas isso não diminuiu a tendência de crescimento dos fluxos migratórios em direção ao país que na época era a segunda maior economia do mundo.

Dentre os novos chineses, o que ocorreu foi uma mudança no tipo de visto solicitado, antes o de trabalho, depois, o de estudante; anos de revolução cultural diminuiriam as oportunidades de chineses continuarem localmente seus estudos até a pós-graduação e o massacre na Praça da Paz Celestial em 1989 foi estopim para fortalecimento dos obstáculos à migração ao Ocidente (ACHENBACH,2017). Le Bail (2005) diz que esta nova leva de chineses financiou parte de seus custos de vida trabalhando em subempregos temporários, tendo em vista a expectativa de continuar no Japão após o término dos estudos, já que por serem altamente qualificados poderiam solicitar um visto permanente ou retornar à China para ocupações com renda mais alta. A entrada para estudo pode então ser vista como um pretexto, a modalidade de visto atrai trabalhadores qualificados, dispostos a receber baixos salários e a abrir mão dos direitos gozados por trabalhadores em contratos não-temporários.

Na ordem por tamanho das comunidades no território japonês, depois dos chineses e coreanos, vêm os filipinos. Lydia Jose (2007) apresenta um retrato da história da migração filipina para o Japão desde o final do século XIX e revela que até a década de 1960, a maior parte dos migrantes eram homens e músicos. Filipinos teriam trazido o boxe e o jazz ao Japão, antes inacessíveis (SUZUKI, 2008). Rhacel Parreñas (2010) diz que muito diferente é a migração recente das Filipinas cujas participantes chegaram a constituir cerca de 60% das milhares de mulheres que entraram no Japão com autorização para trabalhar na indústria do entretenimento. Muitas acabariam indo trabalhar ilegalmente como *hostess*, ocupação que envolve flertar com os clientes em *hostess clubs*, onde se consome grande volume de bebidas alcólicas, sem o provimento de serviços sexuais e outras na indústria sexual (PARREÑAS, 2010). Tyner (1996) diz que houve um grande estímulo por parte do governo filipino no convite a turistas internacionais a partir da década de 1970 em paralelo à construção de uma imagem dócil e sexualizada das mulheres locais, o que fomentou o turismo sexual de homens japoneses. No momento em que protestos de órgãos internacionais diminuiriam o fluxo de japoneses em direção às Filipinas, aumentou o fluxo reverso de filipinas em direção ao Japão (TYNER, 1996).

No final dos anos 2000, a pressão da crise demográfica permitiu a algumas filipinas encontrarem espaço no mercado de trabalho formal como cuidadoras de idosos e abandonarem a indústria sexual (SUZUKI, 2008). Um acordo bilateral assinado em 2008, o *Japan–Philippines Economic Partnership Agreement* (JPEPA), incluiu um programa de migração de enfermeiras filipinas para o Japão com o objetivo de cuidar de idosos, mas o curto tempo de treinamento antes da viagem e a exigência de proficiência na língua japonesa resultou em níveis irrisórios de aprovação de candidatas (YAGI et al., 2014).

O quarto maior grupo de estrangeiros no Japão é o dos vietnamitas. O Vietnã implementou o envio de mão-de-obra ao exterior em 1991, segundo Ishizuka (2013). Parcerias público-privadas entre empresas de recrutamento e o Estado vietnamita facilitam a saída de trabalhadores qualificados com esperanças de encontrar empregos com salários mais altos e maior proteção legal. Bancos e governo oferecem empréstimos com juros reduzidos para que candidatos a migrantes de baixa renda possam pagar por seu treinamento, acomodação, viagem e despesas com documentação. Por parte do Japão, estes vietnamitas são recepcionados na categoria de *trainee* e estágio técnico, geralmente através do *Japanese Industrial Training Program* (ITP) e do *Technical Internship Program* (TIP), sob a justificativa de adquirirem conhecimentos técnicos a serem utilizados em seu país de origem após o retorno. 75% dos emigrantes vietnamitas entre 2000 e 2010 tiveram como destino Taiwan, Malásia, Coréia do Sul e Japão, sendo o Japão o local onde conseguiram acumular mais recursos financeiros¹²⁵.

Bélanger et al. (2011) registraram as experiências frustradas de vietnamitas que não conseguiram juntar tanto dinheiro quanto planejavam ou queriam. Isso ocorreu por diversos motivos, por exemplo, a falência da empresa japonesa que os contrataram ou o alto custo de vida no Japão. Alguns acabam abandonando o programa de *trainee*/estágio e passam a trabalhar em empregos ilegais, que pagam melhor, permanecendo no Japão para além do tempo permitido pelo visto. Os problemas de adotar este caminho são o pagamento dos empréstimos adquiridos durante os preparativos para a viagem, que passa a ser responsabilidade da família do migrante, e a perda de uma soma considerável retido pelas empregadoras como garantia.

¹²⁵ Na média entre 2004 e 2011, 14.800 dólares americanos em três anos de trabalho (ISHIZUKA, 2013).

O quinto maior grupo de estrangeiros, último a ser apresentado neste subcapítulo sobre migração internacional, é o dos brasileiros. A Figura 26 mostra que os brasileiros já foram a terceiro maior comunidade de estrangeiros no Japão, mas atualmente a tendência é de diminuição em seu tamanho, especialmente a partir da crise econômica de 2007. A revisão das leis de imigração do início da década de 1990 concedeu vistos especiais a descendentes de japoneses, permitindo que um grande contingente de brasileiros migrasse para a terra dos seus ancestrais, encontrando nas ocupações de baixa qualificação uma possibilidade de acumular reservas e voltar aos seus países de origem (WOORTMAN, 1995).

O que pôde ser visto como peculiar no grupo dos brasileiros foi a falsa expectativa de não existirem problemas de adaptação em terras estrangeiras, uma alternativa de baixo custo político para o governo japonês trazer mão-de-obra para as indústrias em uma economia aquecida no final dos anos 1980 (CORNELIUS, 1995 *apud* SASAKI, 2006). Sasaki (2006) pondera que há motivação ideológica por parte do governo japonês quando este define a migração dos *nikkeys* como uma migração de retorno; a ideia de retorno minimiza, pelo menos nas aparências, os possíveis atritos entre migrantes e a comunidade que os recebe. Para os *nikkeys*, a ideia de retorno não soou estranha em um primeiro momento, já que no Brasil, estes descendentes de japoneses não eram reconhecidos como brasileiros por conta do seu fenótipo; o problema foi no Japão, quando não foram reconhecidos como japoneses devido a sua cultura, hábitos, ideias e língua (OLIVEIRA, 1997).

Lili Kawamura (2010) aponta que não houve inserção social dos *nikkeys* como cidadãos ao longo de décadas de imigração brasileira para o Japão. Para Kawamura (2010, pág. 105), “os migrantes em trânsito vivem em um espaço próprio interfronteiriço entre ambos os países, cujas regras não são definidas nem de acordo com as do Brasil, nem com as do Japão”. E ainda:

“Na visão da população japonesa, condutas divergentes dos padrões nipônicos devem ser mantidas em **espaços próprios** dos estrangeiros para não incomodar a tranquilidade e a segurança da população local. Observa-se nesse aspecto um cerceamento sociocultural inibindo a expressão da própria identidade dos imigrantes” (KAWAMURA, 2010, pág. 110, grifo meu).

“Espaço próprio” é um termo importante de ser explorado em maior profundidade. O japonês vê o brasileiro como alguém incapaz de entender o que é “próprio”, no sentido de “apropriado”. Como visto nesta tese, o Japão é uma sociedade fundamentada no arranjo das instituições sociais, onde o indivíduo ocupa os interstícios. No Japão, quem não sabe o seu lugar é mal visto. Ao relegar os brasileiros a um espaço marginal, os japoneses removem a agência dos brasileiros. Brasileiros não têm “espaço próprio”, no sentido de um local possuído por eles para a efetivação de mudanças sociais; o espaço onde (con)vivem é uma concessão temporária para a mera sobrevivência, revogável a qualquer instante e nunca uma posse. Brasileiros no Japão se acomodam, se adaptam. Espremidos em uma linha tênue entre Brasil e Japão, os *nikkeys* carregam um fardo duplo ao fazerem suas manobras em um *slackline* sociocultural sem nunca pisar os pés plenamente em nenhum dos países. É de se pensar até que ponto convém exaltar o projeto de vida como *dekasegui* em um cenário como o descrito; falas como a de Sasaki (1998, pág. 600) dão margem a uma leitura no mínimo ambígua do “privilégio”:

“De um modo geral, podemos dizer que todos os *nikkeis* – e a estes relacionados como cônjuges, filhos e dependentes – são *dekasseguis* em potencial. Embora apenas 10% da população descendente de japoneses no Brasil participe deste fluxo, a população restante tem a potencialidade de migrar, uma vez que preenchem os requisitos básicos necessários (ter ascendência japonesa e pertencer até a terceira geração, que na verdade é bastante negociável, pois ainda tem a alternativa de permanecer no Japão sob status de cônjuges, filhos ou dependentes do *nikkei*). Todos os *nikkeis* têm portanto essa iminência de vir a ser um candidato a *dekasegui*”

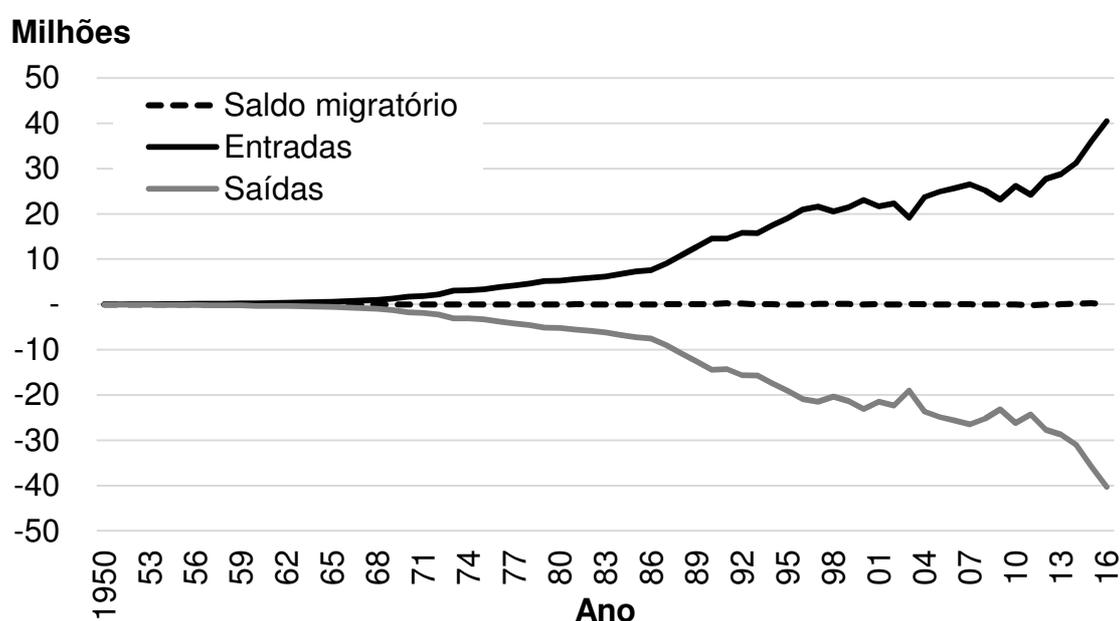
Aos poucos, no final da década de 1990, o perfil dos *dekasseguis*¹²⁶ começou a se diversificar, incluindo casais que tiveram seus filhos no Japão, e surgiram novos impasses ao processo de adaptação tanto na ida ao Japão, quanto no retorno ao Brasil (SASAKI, 1999).

Ao longo de uma sequência de dados abrangendo quase 70 anos, verificase compensação entre entradas e saídas, ainda que se observe um crescente número de pessoas migrando (Figura 31 e Figura 32). Em 2016, mais de 40 milhões de pessoas saíram do país e uma cifra muito próxima foi registrada para a entrada. O

¹²⁶ Em japonês, 出稼ぎ, literalmente aqueles de saem (出る) para juntar dinheiro (稼ぐ).

valor acumulado da diferença anual entre entrada e saída de pessoas de todo o período foi de 1,7 milhões de pessoas, cerca de 1% da população japonesa atual. O ano de maior saldo positivo foi 2015 (+258 mil pessoas) e o de maior saldo negativo, 2011 (-127 mil pessoas). Associando a Tabela 6 e os dados da Figura 31 e da Figura 32 pode se inferir que, ao longo da história japonesa, a estadia dos estrangeiros foi igual ou inferior a um ano, já que o saldo em cada ano é irrisório, apesar de os dados anuais não necessariamente apontarem a entrada e saída dos mesmos indivíduos.

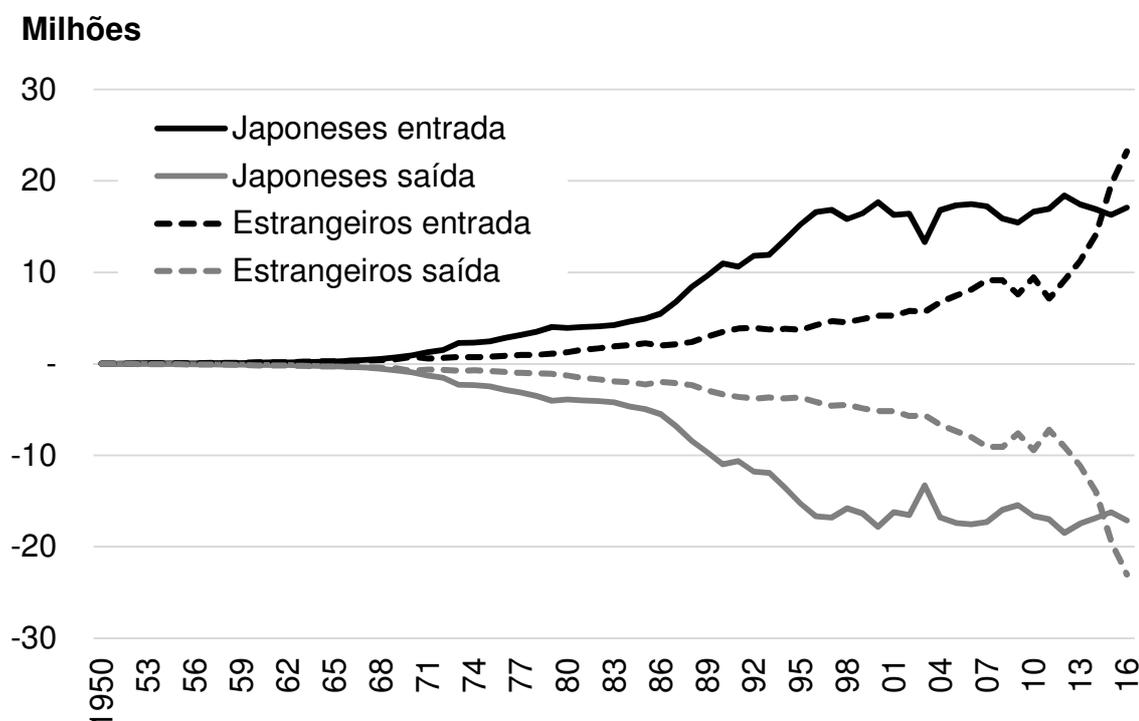
Figura 31 – Entrada e saída de migrantes e saldo migratório – Japão – 1950-2016



Fonte: Ministry of Justice (2017). Elaboração própria.

Nota: A saída de pessoas é indicada com valores negativos; a entrada, com positivos.

Figura 32 – Entrada e saída de japoneses e estrangeiros e saldo migratório – Japão – 1950-2016



Fonte: Ministry of Justice (2017). Elaboração própria.

Nota: A saída de pessoas é indicada com valores negativos; a entrada, com positivos.

3.3 Reflexos da crise na escala subnacional das províncias

Segundo Morrison (1978, pág. 226):

“Quando o crescimento populacional desacelera, o fenômeno não ocorre uniformemente em todos os locais e em todas as faixas etárias. Isso tem profundas implicações em como a nação vai experimentar a prolongada transição para a estabilidade. Alterações na população mensuradas em escala nacional são abstrações distantes da real experiência de regiões e localidades específicas. Estas experiências estão se mostrando diversas e às vezes dolorosas. Inevitavelmente, a opinião pública é sensibilizada quando pessoas com fortes laços a qualquer área geográfica encontram seus interesses econômicos e políticos drasticamente modificados.”

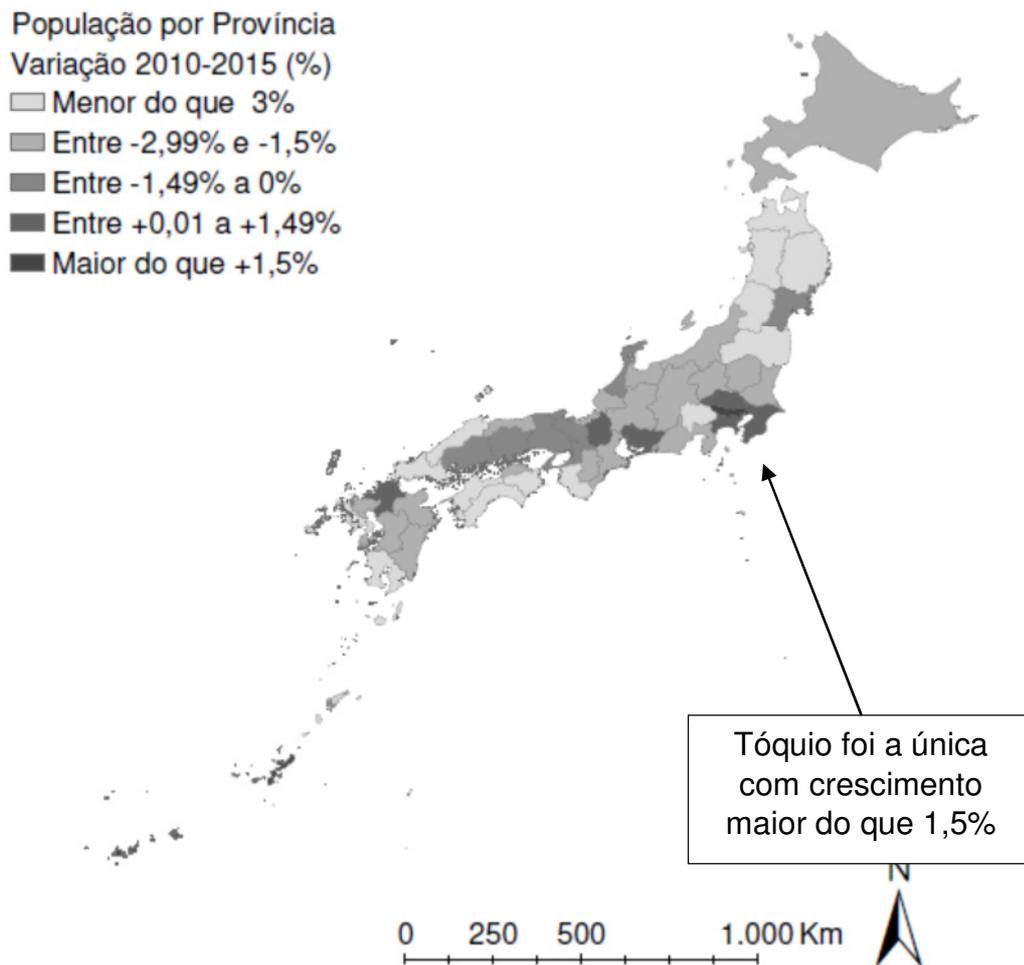
Morrisson (1978) identificou em seu estudo sobre a migração interna nos EUA um fenômeno similar ao que ocorre no Japão de hoje: a queda da taxa de crescimento natural em algumas regiões é intensificada por taxas crescentes de

emigração. Isso leva a graves dilemas. Morrisson (1978) dá o exemplo da migração de jovens adultos a qual diminui a população de crianças em seu lugar de origem, que por consequência reduz a necessidade de escolas públicas. A população do lugar de origem destes migrantes tende a se opor ao fechamento destas escolas, ainda que estas se encontrem superdimensionadas para a demanda, fato esse agravado pelo fato de haver um número reduzido de contribuintes pagadores de impostos devido à emigração. Aqueles que permanecem ficam ressentidos com os problemas deixados para trás pelos emigrantes, enquanto aqueles que os recebem, ficam desgostosos com os novos problemas, como o subdimensionamento de escolas.

A ênfase desta tese é em processos demográficos que ocorrem em escala nacional, mas convém apontar brevemente dados de como a crise opera em escala subnacional. Para tal propósito, serão apresentados números referentes ao ano de realização do último Censo Demográfico, 2015. A ideia é simplificar a análise ao não detalhar tendências históricas, mostrando apenas algumas pirâmides etárias (1955, 1985 e 2015), já que o Japão é dividido em quase 50 províncias e o simples trabalho de descrever a demografia de cada uma delas certamente permitiria escrever diversas dissertações e teses, que dirá explicar o rico volume de dados que pode ser obtido das estatísticas oficiais e pesquisas independentes. Migrações, fecundidade e mortalidade serão mostradas sem o nível de detalhamento utilizado até aqui para o Japão como um todo.

De modo geral o que se observa é uma reprodução daquilo que foi observado em escala nacional e uma forte concentração da população em Tóquio e províncias vizinhas, em detrimento de outras áreas. Em termos regionais, a população se concentra no local onde a economia é mais dinâmica e próximo à capital política japonesa e os fluxos populacionais estão direcionados para as mesmas províncias (Figura 33). Longe dos grandes centros o envelhecimento social é mais acentuado e, como será visto no capítulo 4, há literalmente um desaparecimento de municípios por falta de gente. Isso implica em uma necessidade de se estudar medidas que permitam uma distribuição espacial mais equilibrada da população e de recursos de sobrevivência, incluindo os fundos públicos para a mitigação da crise.

Figura 33 - Variação da população – Províncias do Japão – 2010-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censo Demográfico de 2015. Base territorial do ano 2000. Elaboração própria.

Em síntese, a partir dos dados para 2015, as províncias japonesas podem ser classificadas em quatro perfis demográficos, conforme a Tabela 7. Em termos de proporção, 2% das províncias tem o Perfil A, 4% tem o Perfil B, 13% tem o Perfil C e 81% tem o Perfil D. Houve no país uma única província com crescimento natural e saldo migratório positivos, a província de Aichi, ao qual se atribuiu o Perfil A. Okinawa e Shiga foram as outras únicas províncias que apresentaram crescimento natural positivo, mas a primeira teve saldo migratório praticamente nulo e a segunda, negativo, por isso se atribuiu a elas o Perfil B. Tóquio teve um crescimento natural praticamente nulo, o que em conjunto com os dados sobre imigração, aproxima seu perfil demográfico ao dos países que estariam passando pela Terceira Transição Demográfica, países estes que tem compensado parte da perda populacional devido à queda da fecundidade utilizando imigrantes (COLEMAN, 2006). Além de Tóquio, no

perfil C podem ser classificadas Saitama, Kanagawa, Chiba, Fukuoka e Osaka. As outras 38 províncias mostraram perdas de população por migração interprovincial ao mesmo tempo em que o número de óbitos foi maior do que o de nascimentos, o que foi chamado de Perfil D.

Tabela 7 - Quatro perfis demográficos - Províncias japonesas -2015

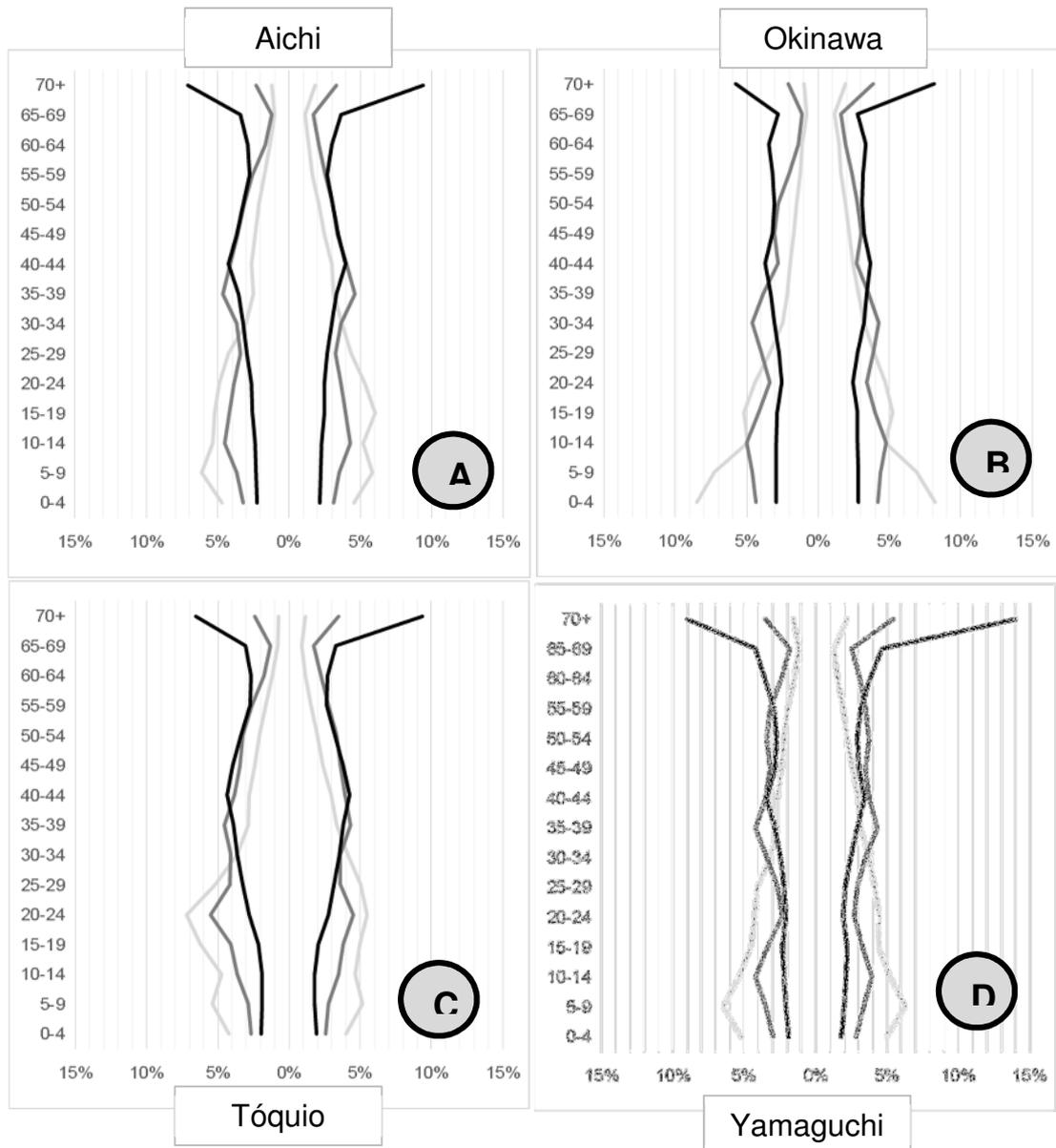
| Perfil | Crescimento populacional | | Províncias |
|--------|--------------------------|---------|--|
| | Por migração | Natural | |
| A | + | + | Aichi |
| B | - ou 0 | + | Okinawa, Shiga |
| C | + | - ou 0 | Tóquio, Saitama, Kanagawa, Chiba, Fukuoka, Osaka |
| D | - ou 0 | - ou 0 | Outras 38 províncias |

Nota: O saldo migratório considerado aqui é o decorrente da migração interprovincial.

Em 1955, a onda de aumento da fecundidade do *baby boom* já tinha começado a se arrefecer. Isso aparece nas pirâmides etárias de três das quatro províncias japonesas utilizadas como exemplos representativos de cada perfil demográfico e apenas Okinawa ainda possuía uma pirâmide com base larga (Figura 34). No Censo Demográfico de 1985, Okinawa continuou a ser a província com a maior proporção de crianças com idade inferior a cinco anos, mas a forma da pirâmide já estava mais parecida com as de Aichi, Tóquio e Yamaguchi. Em 1985, a geração do baby boom atingiu a faixa etária dos 35-39 anos e seus filhos aparecem como um segundo alargamento da pirâmide etária na faixa etária dos 10-14 anos. A pirâmide de Tóquio mostra um desenho um pouco diferente, pelo fato de ser historicamente uma das províncias que mais recebe imigrantes; o alargamento da pirâmide ocorre não apenas nas faixas etárias dos filhos da geração do *baby boom*, mas também na seguinte dos 20-24 anos. A curva de 2015 mostra o atual cenário da crise em que a alta proporção de idosos transforma as pirâmides em triângulos invertidos. Dentre as províncias, a situação é particularmente marcante em Yamaguchi, onde quase 25% da população está acima de 70 anos e a proporção de crianças com menos de 5 anos não chega a 5%. Como na escala nacional, verifica-se que a ausência de netos por

parte da geração do *baby boom* provoca um afinamento gradativo da pirâmide nas idades abaixo de 40 anos. A falta de dados mais detalhados dos japoneses acima de 70 nos para compor a sequência de pirâmides, dá as pirâmides um curioso formato de ovários.

Figura 34 - Pirâmides etárias - Províncias japonesas de Yamaguchi, Okinawa, Tóquio e Aichi - 1955, 1985 e 2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1955, 1985 e 2015. Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o Censo Demográfico utilizado para a elaboração da pirâmide. As curvas de cada uma das quatro províncias referem-se aos anos de 1955, 1985 e 2015.

Yamaguchi perdeu população devido ao saldo entre nascimentos e óbitos em 2015 com uma intensidade de -5,5 pessoas por mil (*Tabela 7*). Okinawa destoa

de todas as outras províncias quando o assunto é a taxa de crescimento natural, pois o valor que apresentava em 2015 é de 3,6 por mil. Como se vê nas pirâmides etárias da *Figura 32*, este crescimento é insuficiente para modificar o desenho da pirâmide. O país apresentava taxa negativa de 2,1 por mil e apenas duas províncias mostraram crescimento natural positivo naquele ano, além de Okinawa: Aichi e Shiga. Como se verá logo a seguir, Aichi teve saldo migratório interprovincial positivo; é uma das províncias com maior população oriunda de outros países; é uma das províncias mais populosas; e, teve crescimento natural positivo em 2015 - apesar de bastante próximo de zero -, de acordo com a *Tabela 7*. No geral, quanto maior a taxa de natalidade, menor é a taxa de mortalidade e maior é a taxa de crescimento natural.

Tabela 8– Maiores e menores taxas brutas de natalidade, mortalidade e de crescimento natural por província (por mil pessoas) – Japão – 2015

| Província | Taxa bruta de natalidade | Taxa bruta de mortalidade | Taxa de crescimento natural |
|--------------|--------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| - Japão | 8,0 | 10,1 | -2,1 |
| 1 Okinawa | 11,6 | 8,1 | 3,6 |
| 2 Aichi | 8,9 | 8,6 | 0,4 |
| 3 Shiga | 9,1 | 8,8 | 0,3 |
| 4 Tóquio | 8,5 | 8,5 | 0,0 |
| 5 Kanagawa | 8,1 | 8,3 | -0,2 |
| 6 Saitama | 7,8 | 8,6 | -0,8 |
| 7 Fukuoka | 9,0 | 9,8 | -0,8 |
| 8 Chiba | 7,6 | 8,8 | -1,2 |
| 9 Osaka | 8,1 | 9,4 | -1,3 |
| 10 Hyogo | 8,1 | 9,9 | -1,8 |
| | ⋮ | | |
| 38 Ehime | 7,5 | 12,6 | -5,1 |
| 39 Yamaguchi | 7,3 | 12,8 | -5,5 |
| 40 Wakayama | 7,4 | 13,0 | -5,7 |
| 41 Tokushima | 7,2 | 13,0 | -5,7 |
| 42 Iwate | 6,9 | 12,7 | -5,8 |
| 43 Shimane | 7,7 | 13,5 | -5,8 |
| 44 Aomori | 6,7 | 12,9 | -6,2 |
| 45 Yamagata | 7,1 | 13,4 | -6,3 |
| 46 Kochi | 6,8 | 13,6 | -6,8 |
| 47 Akita | 5,8 | 14,6 | -8,8 |

Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Estatísticas vitais [*Jinkou Doutai Toukei*] 2015. Elaboração própria.

Nota: Ordenado do maior crescimento natural para o menor.

A distribuição espacial dos imigrantes internacionais¹²⁷ é irregular entre as províncias, havendo grande concentração em algumas. Boa parte das províncias de destino destes migrantes se constituem também aquelas com maior população. O Censo Demográfico de 2015 mostrou que os imigrantes internacionais nas cinco províncias que mais os recebem – Tóquio, Aichi, Osaka, Kanagawa e Saitama - representam 54% do total (*Tabela 8*). Tóquio por si só representa o destino de 22% do total de imigrantes internacionais, quase 340 mil pessoas, mais do que o dobro de Aichi, segunda colocada. Se verifica a partir da *Tabela 8* que das 10 províncias com maior proporção de imigrantes internacionais, quatro estão em Kanto, três em Kinki, duas em Chubu e uma em Kyushu, mostrando também que na escala regional¹²⁸ persistem as diferenças. Maiores detalhes em Hanaoka et al (2015).

Tabela 9 – Imigrantes internacionais e população por província (em milhares) – Japão – 2015

| Província | Região | Imigrantes Internacionais | | | População | | |
|-----------|--------|---------------------------|------|---------|-----------|-----|---------|
| | | Total | % | Posição | Total | % | Posição |
| Tóquio | Kanto | 339 | 22% | 1º | 13.514 | 11% | 1º |
| Aichi | Chubu | 144 | 9% | 2º | 7.484 | 6% | 4º |
| Osaka | Kinki | 138 | 9% | 3º | 8.839 | 7% | 3º |
| Kanagawa | Kanto | 127 | 8% | 4º | 9.127 | 7% | 2º |
| Saitama | Kanto | 92 | 6% | 5º | 7.261 | 6% | 5º |
| Chiba | Kanto | 80 | 5% | 6º | 6.224 | 5% | 6º |
| Hyogo | Kinki | 71 | 5% | 7º | 5.537 | 4% | 7º |
| Shizuoka | Chubu | 51 | 3% | 8º | 3.701 | 3% | 10º |
| Fukuoka | Kyushu | 43 | 3% | 9º | 5.103 | 4% | 9º |
| Kyoto | Kinki | 41 | 3% | 10º | 2.610 | 2% | 13º |
| Outras | - | 442 | 28% | - | 57.710 | 45% | - |
| Japão | - | 1.567 | 100% | - | 127.110 | - | - |

Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censo Demográfico de 2015. Elaboração própria.

Nota: Os números são apresentados na sequência de províncias com o maior estoque de imigrantes para o menor. Tóquio recebe mais imigrantes internacionais, seguida por Aichi, Osaka e assim por diante. Em termos de tamanho da população, Hokkaido está em 8º, Ibaraki em 11º e Hiroshima em 12º.

O saldo migratório interprovincial intensifica a concentração de população (*Tabela 10*). Em somente 8 das 47 províncias, o saldo foi positivo em 2015. A mesma

¹²⁷ Com estadia temporária maior do que 3 meses ou residência permanente

¹²⁸ As 47 províncias são agrupadas em 8 regiões: 1-Hokkaido, 2-Tohoku, 3-Kanto, 4-Chubu, 5-Kansai, 6-Chugoku, 7-Shikoku e 8-Kyushu/Okinawa. Mapa no Apêndice A.

Tóquio com a maior população e maior quantidade de imigrantes internacionais é onde houve o maior saldo positivo, de quase 82 mil pessoas. Novamente o segundo colocado está bem distante, Saitama recebeu pouco menos de um sexto do volume de pessoas de Tóquio. Todas as províncias com saldo migratório interprovincial positivo - com exceção de Okinawa com o saldo positivo irrisório de 16 pessoas – estão tanto na lista daquelas que mais possuem imigrantes internacionais em seu território, quanto na lista daquelas com maior população. Hokkaido, apesar de ser a província que ocupa a oitava posição em quantidade de habitantes, foi aquela com maior perda de população devido à migração entre províncias. A população de Hyogo representa grande proporção da população nacional e tem muitos imigrantes internacionais, mas é a província com a segunda maior perda de habitantes por migração interprovincial.

Tabela 10 - Maiores e menores saldos migratórios entre províncias – Japão – 2015

| Província | Saldo | Província | Saldo |
|------------|--------|--------------|--------|
| 1 Tóquio | 81.696 | 38 Yamaguchi | -4.630 |
| 2 Saitama | 13.528 | 39 Ibaraki | -4.826 |
| 3 Kanagawa | 13.528 | 40 Gifu | -5.194 |
| 4 Chiba | 10.605 | 41 Kagoshima | -5.298 |
| 5 Aichi | 8.322 | 42 Nagasaki | -5.848 |
| 6 Fukuoka | 3.603 | 43 Shizuoka | -6.206 |
| 7 Osaka | 2.296 | 44 Aomori | -6.560 |
| 8 Okinawa | 16 | 45 Niigata | -6.735 |
| 9 Miyagi | -76 | 46 Hyogo | -7.409 |
| 10 Kyoto | -279 | 47 Hokkaido | -8.862 |

Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, *Jyuumin Kihon Daicho Jinkou Idou Houkoku* 2015. Elaboração própria.

Nota: Ordenado do maior saldo para o menor.

Para detalhes sobre migração interna japonesa, consultar Fielding (2016).
 Comparações internacionais em Bell et al (2015) e Rees et al (2016).

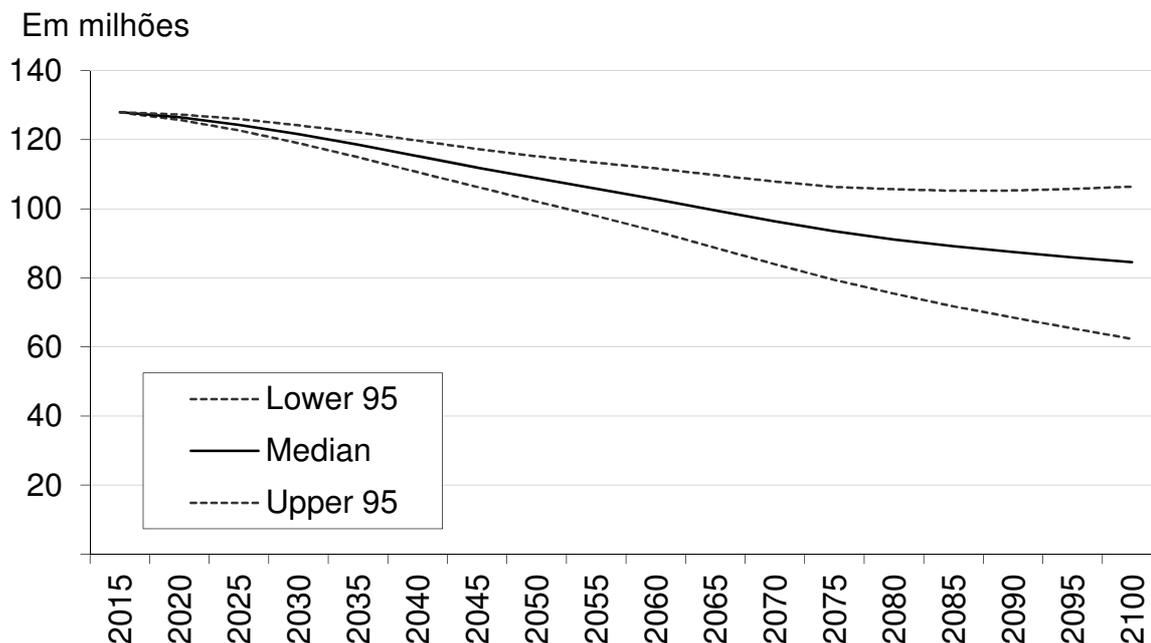
CAPÍTULO 4 – Perspectivas sem expectativas e os difíceis dilemas duradouros

O Capítulo 4 apresentará projeções populacionais da ONU e do National Institute of Population and Social Security Research (IPSS) a fim de ilustrar o declínio populacional indicado pelo contexto demográfico do Japão. Em um segundo momento, serão discutidas questões transversais motivadas pela crise.

Ryder (1965) diz que toda sociedade tem pretensões de uma imortalidade para além do alcance de seus membros. Esta sociedade, um coletivo funcional de componentes orgânicos, seria avaliada dentre outras formas através de sua estabilidade e previsibilidade. O fundamento se traduz quase que diretamente nas projeções demográficas, em um esforço quantitativo de criar um mundo possível, uma versão cifrada das demodistopias de Domingo. Assumem-se constantes determinadas características da população - ou um padrão para estas deduzido a partir de tendências do passado - para se calcular tamanho e composição de populações.

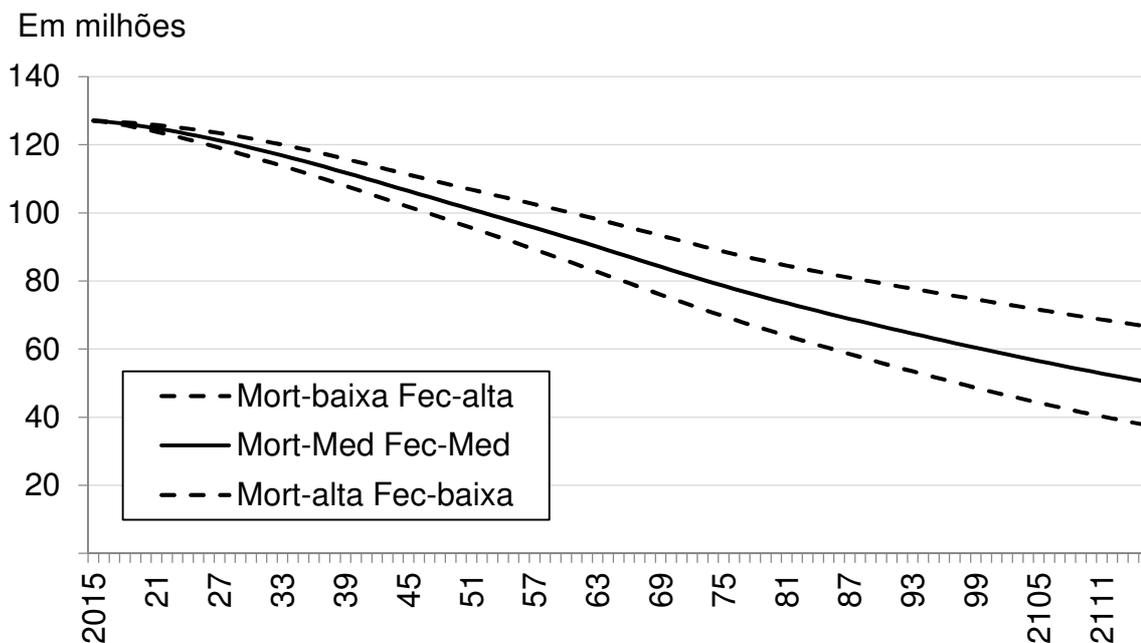
Os números da ONU (2017) são úteis por permitirem comparação internacional - apesar de não serem prioridade nesta tese - e utilizam um método probabilístico que envolve estimar 600 mil curvas para cada país, visando selecionar a curva mediana e limiares para simulações improváveis, indicados na Figura 35. Convém contrastar a projeção do IPSS (Figura 36) com a da ONU, já que os números do IPSS são utilizados para informar as políticas públicas japonesas, fornecendo elementos para definir mudanças na previdência, por exemplo. O IPSS utiliza o método de projeção por coortes e trabalha com cenários de baixa, média ou alta fecundidade e mortalidade. A longo prazo, a projeção da ONU mostra uma queda mais suave da população japonesa.

Figura 35 – Projeção ONU (2017) – Japão – 2015-2100



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2017 Revision. Population Division, DESA. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/>>. Acesso em: 2 out. 2017. Elaboração própria.

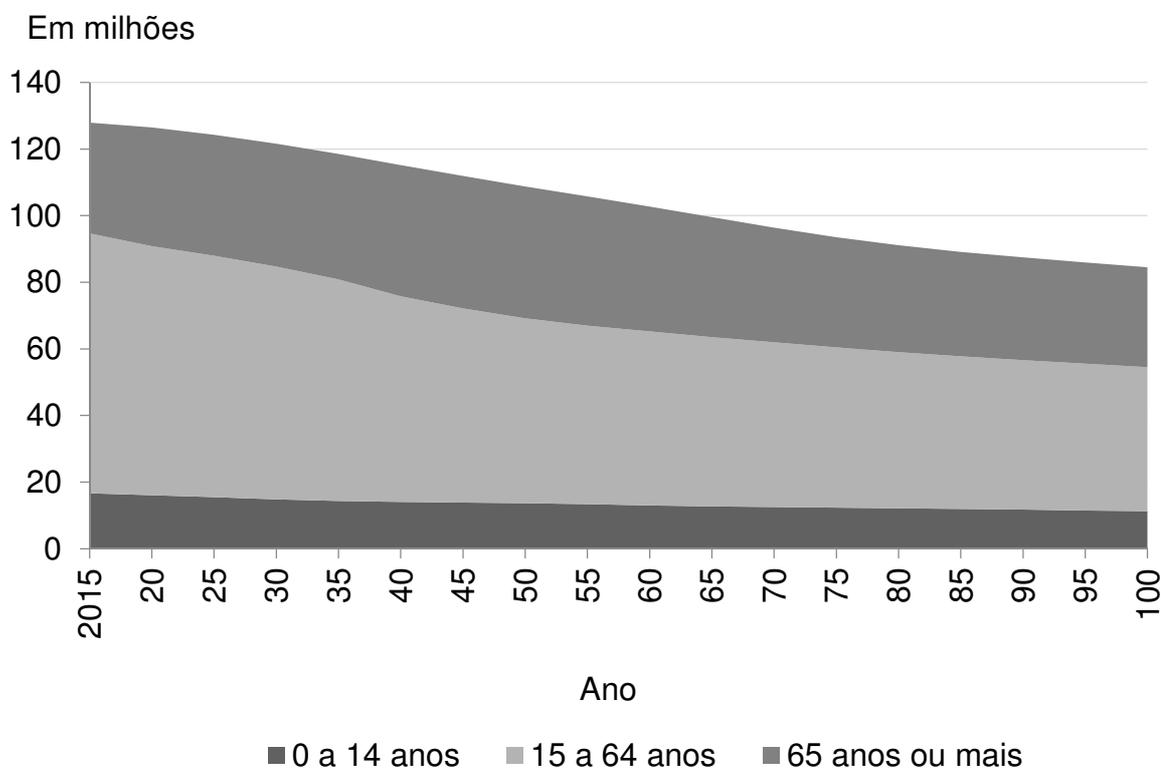
Figura 36 – Projeção populacional IPSS (2017) – Japão – 2015-2115



Fonte: IPSS (2017). Disponível em: <http://www.ipss.go.jp/pp-zenkoku/j/zenkoku2017/db_zenkoku2017/db_s_suikeikekka_10.html>. Acesso em: 2 out. 2017. Elaboração própria.

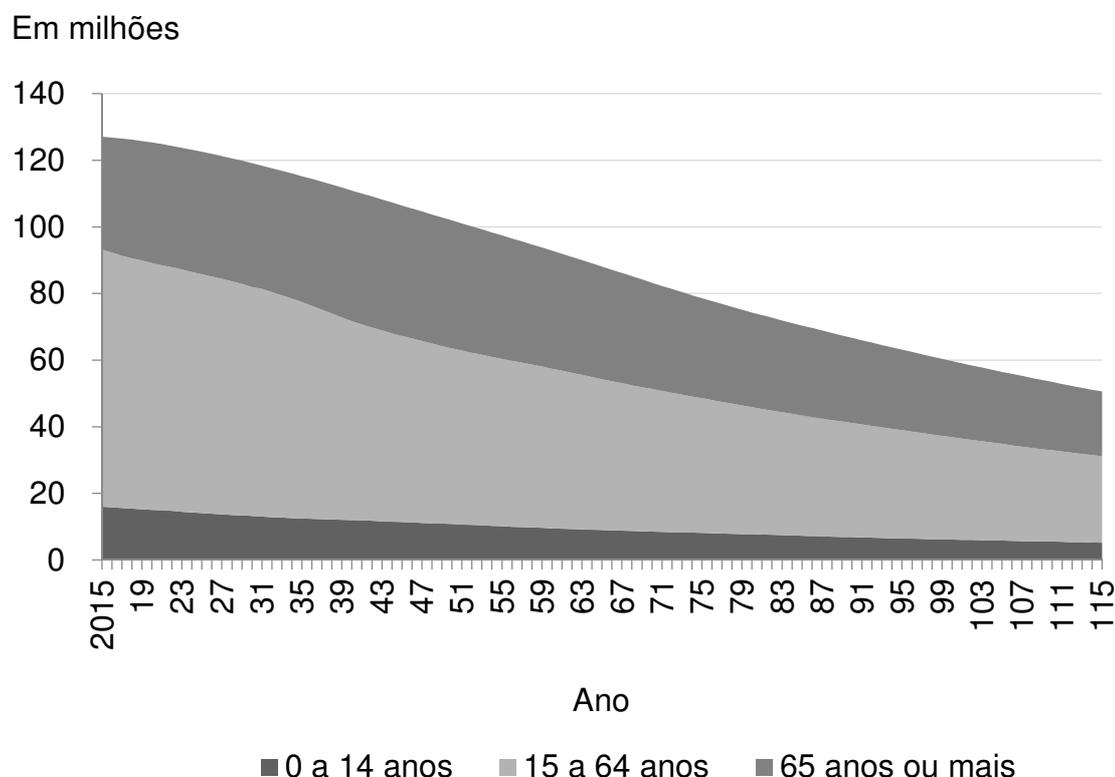
A Figura 37 e a Figura 38 mostram os dados por faixa etária para as projeções mais prováveis. A análise da estrutura etária de uma população parte da premissa de que ao se observar a idade de uma pessoa serão encontrados hábitos e características correspondentes. Os cenários apresentados pela ONU e pelo IPSS usam a associação entre idade e capacidade produtiva para descrever um futuro cenário onde há aumento da proporção de pessoas economicamente dependentes nas idades avançadas, assim como vem acontecendo nas últimas décadas (Figura 6 e Figura 7).

Figura 37- Projeção ONU (2017) Median - Grupos etários - Japão 2015-2100



Fonte: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). Probabilistic Population Projections based on the World Population Prospects: The 2017 Revision. Population Division, DESA. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/>>. Acesso em: 2 out. 2017. Elaboração própria.

Figura 38 - Projeção IPSS (2017) Média Fecundidade Média Mortalidade - Grupos Etários - Japão - 2015-2115

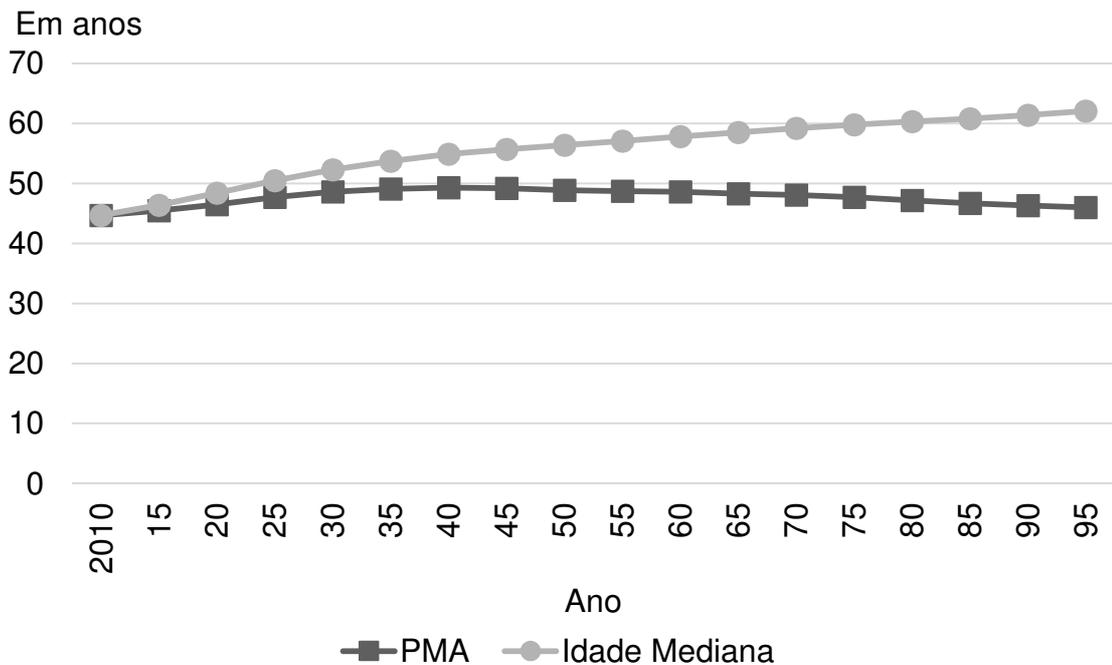


Fonte: IPSS (2017). Disponível em: < http://www.ipss.go.jp/pp-zenkoku/j/zenkoku2017/db_zenkoku2017/db_s_suikeikekka_10.html>. Acesso em: 2 out. 2017. Elaboração própria.

A perspectiva de um envelhecimento atrelado à idade cronológica e suas supostas consequências econômicas negativas pode ser questionada através do uso de novos indicadores e reinterpretação de indicadores já utilizados. A expectativa de vida na idade mediana de uma população é conhecida como *Prospective Median Age* (PMA) (SANDERSON; SCHERBOV 2005). A fim de entender a influência da PMA na análise social, é necessário comparar a idade mediana da população com o PMA ao longo do tempo. No curto prazo, a *Figura 38* aponta para algumas décadas de envelhecimento social, devido ao aumento da idade mediana com PMA quase constante (*Figura 39*). Apesar de haver prospectos de um lento aumento da idade mediana, o PMA tem uma queda no longuíssimo prazo, após 2065. Em outras palavras, um possível aspecto “positivo” do drástico envelhecimento populacional japonês é o de que a mortalidade dos idosos tem tendência a aumentar, já que a mortalidade nas faixas etárias mais jovens é pouco significativa. Se os gastos com saúde e previdência crescem nos grupos com idade mais avançada, mais óbitos

ocorrendo em menos tempo após a idade mediana (queda da PMA) implicam em um impacto menor nas finanças públicas, talvez até em um equilíbrio.

Figura 39 - Projeção IIASA SSP2 (2015) Idade Mediana e Prospective Median Age - Japão - 2010-2100



Fonte: Wittgenstein Centre for Demography and Global Human Capital (2015). Wittgenstein Centre Data Explorer Version 1.2. www.wittgensteincentre.org/dataexplorer

Houve diversas formas de tentar minimizar o impacto dos idosos. Yamada (2013) descreve um grupo de idosos participantes de um programa federal do governo japonês chamado Silver Columbia¹²⁹. A ideia era permitir que idosos pudessem vivenciar a experiência de morar em outro país. Somente aqueles com renda e poupança mais altas poderiam participar, já que um dos pré-requisitos era possuir poder aquisitivo suficiente para comprar uma casa e se manter sem trabalhar. Os entrevistados de Yamada (2013), emigrados para Vancouver no Canadá, relatam ter vivido uma boa experiência nestes últimos 20, 30 anos desde que se mudaram do Japão. O projeto envolvia outros países: Espanha, EUA, México, Brasil, vários países da Ásia e Austrália (LOS ANGELES TIMES, 1990). Planejava-se criar estruturas similares a pequenas cidades, “Silver Towns”, com população de cerca de 1000

¹²⁹ O nome do projeto seria uma homenagem aos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo às Américas, ano em que o Silver Columbia estaria em pleno funcionamento, após um breve período experimental (THE JAPAN TIMES, 2013). Ver Yamaki (2018) para maiores detalhes.

habitantes participantes do projeto (CHICAGO TRIBUNE, 1986). O Silver Columbia inspirou a criação da LongStay Foundation, privada com fins lucrativos, que promove a mesma vivência no exterior (THE JAPAN TIMES, 2013; YAMADA, 2013). O *Ministry of International Trade and Industry*, o qual desenvolveu o programa, sofreu duras críticas devido à semelhança à prática do *ubasute*¹³⁰, abandono de idosos.

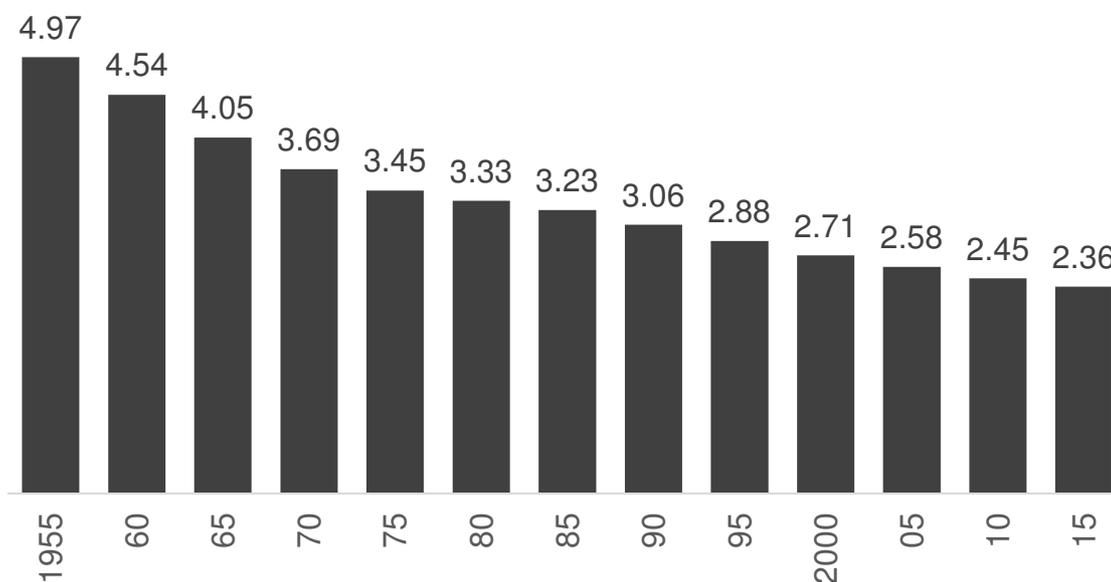
Uma opção também arrojada que chama a atenção foi a criação do *Government Pension Investment Fund* há quase vinte anos (GPIF, 2019). As aposentadorias e pensões no Japão funcionam no sistema *pay-as-you-go*, ou seja, quem paga os custos é quem está atualmente no ativo no mercado de trabalho contribuindo para a previdência. Com o envelhecimento social, a tendência é de aumento dos custos e diminuição das receitas, o que levou o governo japonês a criar um fundo público de investimentos para diminuir a carga sobre estes trabalhadores ativos. O fundo opera visando equilíbrio das contas da previdência no longo prazo, em um horizonte de 100 anos, trabalhando com um portfólio formado em sua maioria por ações de empresas japonesas. Movimentando uma soma superior a 100 trilhões de ienes, desde o ano 2001 o GPIF obteve um lucro acumulado de cerca de 50 trilhões de ienes, apesar da crise mundial causada pelos títulos imobiliários podres do banco *Lehman Brothers* em 2007 (um dólar americano equivale a cerca de 110 ienes).

A tradicional estratégia de modificar a idade da aposentadoria tem sido implementada há algumas décadas (JAPAN PENSION SERVICE, 2018). No caso do Japão o aumento da idade ao se aposentar não foi compulsório, foram criadas mais opções para quem deseja continuar trabalhando mesmo depois da idade mínima de 60 anos. Aos 60, há um desconto de 30% no valor da aposentadoria. Cada mês adicional trabalhado diminui este desconto em 0,5%; deste modo, por exemplo, o desconto cai para 24% se a pessoa se aposenta com 61 anos e 18% aos 62 anos. A partir dos 65 anos, o valor da aposentadoria recebe um bônus por mês trabalhado até o limite de 70 anos, quando o solicitante pode receber até 42% a mais sobre o valor normal, se tiver nascido após 1941. Para quem nasceu antes desta data o bônus pode ser ainda maior, chegando a 88%. Desta forma, o governo espera diminuir os gastos com as pensões e aposentadorias ao mesmo tempo que oferece a oportunidade de continuar trabalhando, cobrindo a demanda por mão de obra qualificada.

¹³⁰ Retratado no filme a Balada de Narayama (ANDERSON, RICHIE; 1960; p. 276). Baseado em um premiado conto de Shichiro Fukazawa, o filme conta a história de uma idosa de 70 anos que convence o filho a abandoná-la no topo da montanha Narayama para morrer de fome ao relento.

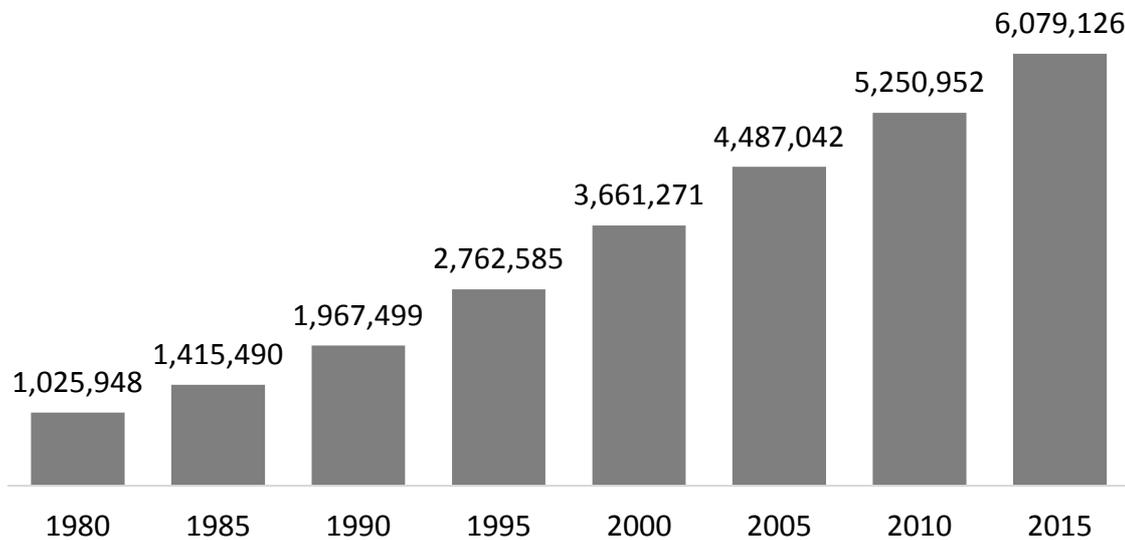
Com a diminuição da fecundidade e mudanças no comportamento das famílias, o número médio de moradores por domicílio tem diminuído, é o que informa os dados dos censos demográficos dos últimos 60 anos (Figura 40). A quantidade de domicílios compostos somente por um casal de idosos - um homem com 65 anos ou mais e uma mulher com 60 anos ou mais - cresceu quase 6 vezes nos últimos 35 anos (Figura 41). O número de idosos morando sozinhos tem aumentado e o perfil etário deles aponta para um envelhecimento acentuado (Figura 42). A melhoria no acesso à saúde e à educação permite muitas vezes uma vida relativamente independente nas últimas décadas de vida, mas certamente parte destas pessoas precisa de ajuda nas atividades do dia a dia como alimentação, locomoção, higiene pessoal e resolução de questões burocráticas em instituições públicas ou privadas. Mesmo casais de idosos precisam de auxílio de terceiros em eventualidades como levantar o cônjuge após uma queda, fazer compras pesadas, movimentar móveis dentro de casa durante uma faxina ou mudar de endereço.

Figura 40 - Número médio de moradores por domicílio – Japão – 1965-2015



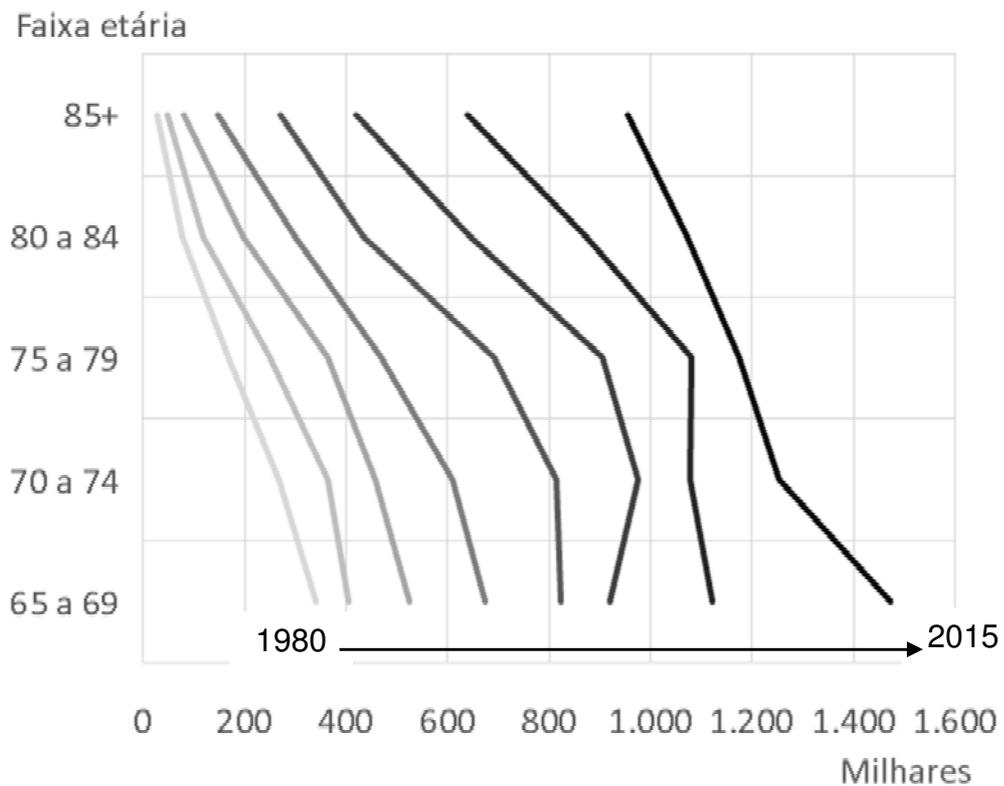
Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1955 a 2015. Elaboração própria.

Figura 41 - Domicílios ocupados somente por casal de idosos (homem com 65 anos ou mais e mulher com 60 anos ou mais) - Japão - 1980-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1980 a 2015. Elaboração própria.

Figura 42 - Idosos morando sozinhos por faixa etária - Japão - 1980-2015



Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Censos Demográficos de 1980 a 2015. Elaboração própria.

Nota: A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o Censo Demográfico utilizado para a elaboração da pirâmide.

Há um déficit de profissionais com formação em enfermagem e já se vê até casos de idosos saindo da aposentadoria para se tornarem cuidadores, às vezes para complementar a renda, em outros contextos, pelo simples desejo de ajudar (THE JAPAN TIMES, 2014). Mulheres imigrantes também tem sido consideradas como uma opção para a falta de braços para o trabalho de cuidar de idosos. Verifica-se uma evolução nas políticas de entrada destas profissionais que inicialmente se constituíam de acordos bilaterais com países específicos do leste asiático para modalidades de visto de entrada para especialistas¹³¹. Há em paralelo a esta evolução, um reconhecimento da dependência japonesa desta mão de obra estrangeira, observável nos objetivos de cada política. Os acordos bilaterais estavam oficialmente voltados para o fortalecimento das relações comerciais¹³² entre o Japão e três países; foram assinados em 2008 com as Filipinas¹³³ e a Indonésia¹³⁴ e em 2012 com o Vietnã¹³⁵. Hoje há dois percursos possíveis, um de formação em instituições de assistência social japonesa e outro de trabalho ou estágio para profissionais já formados. Ambos percursos são seguidos de uma prova para obter registro formal da competência técnica em atividades de cuidado, que em caso de aprovação permite trazer familiares para o Japão e renovar o visto indefinidamente.

Em 2017, surge a categoria de visto de cuidador com os mesmos percursos educacionais/profissionais dos acordos bilaterais, mas agora abertos para todos os países¹³⁶. Também em 2017, surge o novo visto de treinamento técnico para estágio em instituições de assistência social no Japão. Há provas para a manutenção do registro profissional após o primeiro ano, o terceiro ano e duas no quinto ano e o estagiário retorna ao seu país de origem para aplicar os conhecimentos adquiridos¹³⁷. Em abril de 2019, o visto para profissionais altamente qualificados passa a incluir vistos de 5 anos para cuidadores profissionais.

¹³¹ Esquema sintetizando a evolução das políticas disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/content/12000000/000484666.pdf>>. Acesso em 5 de mar. 2019.

¹³² Em japonês, 二国間の経済連携の強化

¹³³ Dados e documentos sobre acordo bilateral envolvendo cuidadoras das Filipinas disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/0000025247.html>>. Acesso em 5 de mar. 2019.

¹³⁴ Dados e documentos sobre acordo bilateral envolvendo cuidadoras da Indonésia disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/0000025091.html>>. Acesso em 5 de mar. 2019.

¹³⁵ Dados e documentos sobre acordo bilateral envolvendo cuidadoras do Vietnã disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/0000049737.html>>. Acesso em 5 de mar. 2019.

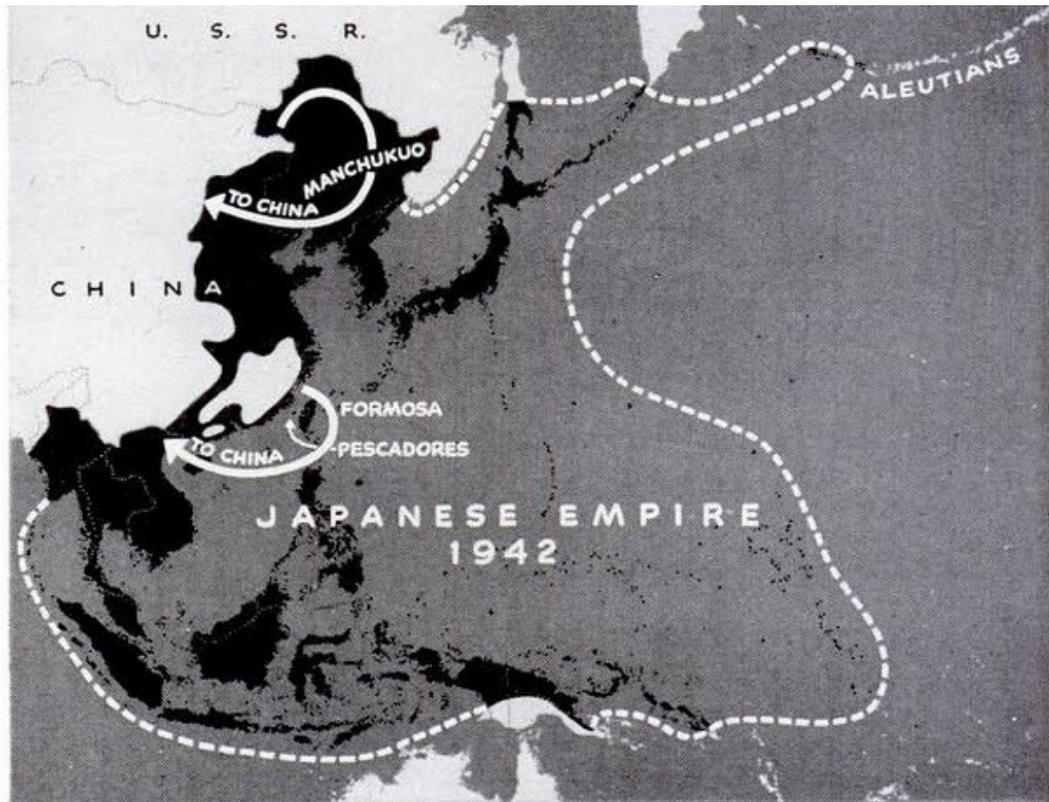
¹³⁶ Em japonês, 専門的・技術的分野の外国人の受入れ

¹³⁷ Em japonês, 本国への技能移転

Existe uma tensão permanente entre indivíduo e população, já que o nascimento, migração, envelhecimento ou óbito de um único indivíduo não devem influenciar na continuidade do coletivo como um todo. Por mais que o volume destas imigrantes seja irrisório e a sua entrada no Japão seja essencial para a sobrevivência de toda uma parcela da população – os idosos dependentes –, a presença das imigrantes conduz ao que Appadurai (2006) chamou de “ansiedade de incompletude”, uma tendência à não-inclusão e ao comportamento violento em relação a essas pessoas que relembram a maioria de seu anseio por uma reafirmação da pureza étnica¹³⁸. Este distanciamento moderado pelas condições estritas às quais as imigrantes tem de se submeter para garantir a sua permanência no país são sustentadas pela dinâmica de poder ativada através da pujança econômica japonesa. É interessante observar que estes países do leste e sudeste asiático com os quais o Japão mantém relações mais intensas – Vietnã, Filipinas, Indonésia, China e Coreias -, já fizeram parte do território japonês no auge da sua expansão durante a Segunda Guerra (Figura 43). Quem nasceu nestes territórios ocupados era cidadão japonês como qualquer outro e hoje, se não optou por viver em seus locais de origem após a Segunda Guerra, compõe parte da população de idosos carente de cuidados. Essa prisão da alteridade permanente do estrangeiro para criar uma identidade nacional “autêntica” impede os japoneses de vivenciarem um escape do suicídio demográfico. É difícil de entender a persistência em construir a fantasia de uma população fechada e confirmar as catastróficas projeções demográficas ano após ano.

¹³⁸ “Numerical majorities can become predatory and ethnocidal with regard to small numbers precisely when some minorities (and their small numbers) remind these majorities of the small gap which lies between their condition as majorities and the horizon of an unsullied national whole, a pure and untainted national ethnos” (APPADURAI, 2006, p. 8).

Figura 43 - Territórios pertencentes ao Império Japonês - Japão - 1942



Fonte: "What to do with Japan". FLEISHER, W. In: Life Magazine, 16 abr. 1945, pp. 88-97. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=vUkEAAAAMBAJ&lpg=PA88&hl=pt-BR&pg=PA88#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

Jeniffer Robertson (2014) menciona dados de uma pesquisa¹³⁹ no Japão no qual respondentes, principalmente idosos, dizem ter receio de contratar cuidadores e enfermeiros estrangeiros devido à possibilidade de dificuldades de comunicação e conflito cultural (NAIKAKUFU, 2000). Em outra pesquisa¹⁴⁰, 59,8% das pessoas dizem ter interesse em adquirir um robô para ajudar em suas tarefas de cuidador, enquanto 65,1% demonstraram interesse em serem cuidados por robôs (NAIKAKUFU, 2013). A autora chama a atenção para o caso de Paro (Diminutivo de *Pa-sonaru robotto*, do inglês *personal robot*) reconhecido pelo Guinness Livro dos Recordes em 2008 como o

¹³⁹ Questionário do *Cabinet Office (Naikakufu)* aplicado pessoalmente em novembro de 2000 a 3000 pessoas de todo o Japão com idade acima de 20 anos dos quais se obtiveram 2070 respondentes (69% de resultados válidos). Perguntou-se a pessoas que declararam não aceitar a imigração como saída para contornar a falta de cuidadores no Japão, qual seria o motivo de tal rejeição (múltipla escolha). 70% respondeu que é porque existe necessidade de se entender o idioma japonês para se realizar atividades de cuidador. 58% respondeu que é porque o trabalho de cuidador envolve todas as atividades da rotina de quem recebe o cuidado, havendo a necessidade de se conhecer normas e hábitos sociais japoneses.

¹⁴⁰ Questionário do *Cabinet Office (Naikakufu)* aplicado pessoalmente em agosto de 2013 a 3000 pessoas de todo o Japão com idade acima de 20 anos dos quais se obtiveram 1842 respondentes (61,4% de resultados válidos).

“Robô mais Terapêutico do Mundo” por sua habilidade em acalmar e animar pacientes de hospitais, idosos e moradores de casas de assistência (Figura 44). Duas unidades deste robô foram incluídas no registro civil *Koseki* do seu inventor, Shibata Takanori, em 2010. Takanori foi registrado como o pai dos dois robôs, que receberam como data de nascimento o dia em que foram produzidos. A inclusão no *koseki* garante o direito de ser reconhecido cidadão japonês e de receber um passaporte, privilégio raramente estendido a estrangeiros. Outros nove robôs foram incluídos entre 2004 e 2013 no *Juminhyo*, o registro civil de endereços que não inclui dados de parentesco, mas que dá direito a descontos em certos impostos e acesso ao sistema de saúde pública.

Figura 44 – Paro, “o robô mais terapêutico do mundo”



Fonte: *Kaigo robotto no kiso chishiki*. Ministry of Health, Labour and Welfare (2018). Disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/content/12300000/0903.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

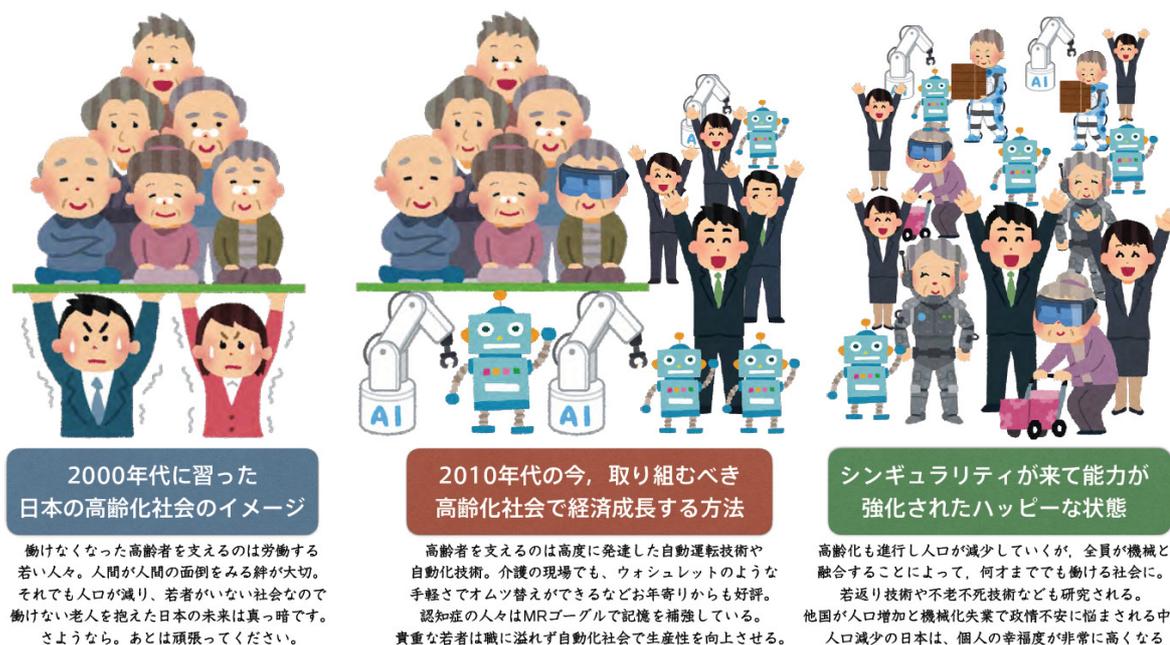
Já é senso comum que os frutos da tecnologia afetam os métodos da demografia visto que a capacidade de armazenamento e de processamento dos dados foram largamente ampliadas pelo aumento do poder computacional, mas talvez tenha chegado um momento de ir ainda mais longe. Certamente é de se pensar até que ponto os robôs são um alívio para a crise e também se estes eventos são um prelúdio de uma demografia futura que vai incluir populações não-humanas em seus estudos. Hoje, no agregado dos dados dos registros civis, os robôs mencionados seriam contabilizados como quaisquer outros japoneses por serem detentores de um precioso direito de “pertença” à população nacional. Foi modificado o próprio objeto da ciência demografia, a população a ser mensurada. Quiçá em algum momento estas máquinas passem igualmente a fazer parte dos censos, não só por estes precedentes

que estão sendo concretizados, mas por tendências no modo de recenseamento. O censo demográfico japonês trabalha com formulários distribuídos aos domicílios por recenseadores, cujas respostas podem ser enviadas online, pelo correio ou entregues ao próprio recenseador, segundo Wada (2018). Este especialista japonês, chefe da divisão governamental responsável pelo censo, apontou que o envelhecimento dos recenseadores tem sido um dos problemas considerados pela organização e dentre as contramedidas indica o incentivo a um aumento da resposta online, que chegou a 36,9% no último censo em 2015. É impossível de se saber se é um humano quem está respondendo um formulário online.

Máquinas permitem uma expansão das capacidades humanas em um período no qual os japoneses desesperadamente buscam saídas para o envelhecimento social. Divulga o ministério da saúde que as tecnologias disponíveis permitem, por exemplo: multiplicar a força física de idosos e cuidadores (exoesqueletos); melhorar a mobilidade dos idosos (andadores motorizados); eliminar o desconforto de idosos acamados se deslocarem até o banheiro ou dependerem de uma pessoa para isso (coletores automatizados); e, vigiar idosos com doenças cognitivas (sensores de movimento em pisos e tetos de domicílios)¹⁴¹. Em sua fuga para a tecnologia, os japoneses conseguem manter sua identidade e se tornam versões melhoradas de si, sem ter de enfrentar os preconceitos e conflitos com o Outro. Em fórum para discussão sobre a Tóquio das próximas décadas, Ochiai (2017) apresentou ideias por um viés extremamente otimista quanto a este futuro de naturalização da tecnologia em que idosos poderiam trabalhar até qualquer idade (Figura 45).

¹⁴¹ Materiais de referência disponíveis em: <<https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/0000209634.html>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

Figura 45 - Tecnologia como solução para a crise demográfica



Fonte: Konpyute-shon ni yorukindai no choukoku – tekunofobia teki kokusei kara tekunodoribun na chihouchiji e. Disponível em: <<https://www.seisakukikaku.metro.tokyo.jp/basic-plan/future-vision/pdf/5siryo3.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

As ferramentas que supostamente permitiriam um mundo mais igualitário, podem levar a um aumento das desigualdades em diversas esferas¹⁴². O acesso à panaceia tecnológica é mediado por interesses pessoais. A fim de contrabalancear o otimismo de Ochiai em um futuro no qual o cego vê, o surdo ouve e o coxo anda graças a hardwares e softwares avançados, poderia se imaginar uma demodistopia em que imigrantes sofressem preconceitos diversos ao perderem uma de suas principais moedas de barganha por representatividade, a capacidade de trabalho, já que máquinas compensariam a demanda. A perda do senso de urgência quanto ao aumento da fecundidade também poderia ocorrer, visto que poderia se transferir o

¹⁴² “Com todos os seus instrumentos ele aperfeiçoa os seus órgãos — tanto motores como sensoriais — ou elimina os obstáculos para o desempenho deles. Os motores lhe colocam à disposição imensas energias, que tal como seus músculos ele pode empregar em qualquer direção; os navios e os aviões não deixam que a água e o ar lhe impeçam a movimentação. Com os óculos ele corrige as falhas da lente de seu olho, com o telescópio enxerga a enormes distâncias, com o microscópio supera as fronteiras da visibilidade, que foram demarcadas pela estrutura de sua retina. Com a câmera fotográfica ele criou um instrumento que guarda as fugidias impressões visuais, o que o disco de gramofone também faz com as igualmente transitórias impressões sonoras; no fundo, os dois são materializações da sua faculdade de lembrar, de sua memória. Com o auxílio do telefone ele ouve bem longe, de distâncias que seriam tidas por inalcançáveis até mesmo em contos de fadas. (...) O ser humano tornou-se, por assim dizer, uma espécie de deus protético, realmente admirável quando coloca todos os seus órgãos auxiliares; mas estes não cresceram com ele, e ocasionalmente lhe dão ainda muito trabalho” (FREUD, 2010 [1930], pp. 38-39).

cuidado dos idosos para máquinas. A questão da igualdade de gênero também pode sofrer um revés similar. Homens, tendo sua produtividade aumentada, deixariam de ver as mulheres como potenciais colegas de trabalho.

A questão da igualdade de gênero, em particular, é difícil de ser pensada como algo que será resolvido “naturalmente” com mero desenvolvimento tecnológico. Para discutir o tema no caso japonês convém voltar um pouco no tempo. É interessante resgatar um período de políticas pró-natalistas desenvolvidas durante a Segunda Guerra. A população japonesa dada pelo Censo Demográfico de 1940 era de 73 milhões de pessoas e o governo japonês desenvolveu um plano visando aumentar este número para 100 milhões até 1960¹⁴³. O texto da política populacional apontava quatro objetivos: garantir o crescimento perpétuo da população japonesa; vencer a competição com outros países na quantidade e na qualidade do crescimento populacional; garantir soldados para a guerra e mão de obra para a indústria; e, distribuir a população sobre o território de forma a garantir o domínio sobre os povos do leste asiático. Há um chamado para o aumento da população em nome de um dever civilizatório por parte dos japoneses em relação a outros países do Leste da Ásia. Fala-se em outros trechos em dever pelo Estado e destino histórico. O parecer de Taeuber (1941) na ocasião foi de que as chances de sucesso seriam baixas, bastando observar as tentativas fracassadas de outros países, e a demógrafa previu que a questão demográfica teria consequências problemáticas no período posterior à guerra.

O poder de intervenção do governo militar na vida dos japoneses era grande e muito do texto da política se orienta no sentido de podar liberdades individuais. A política não pode ser classificada essencialmente como pró-natalista, já que havia uma preocupação em diminuir a mortalidade infantil e os óbitos causados por pneumonia, além de influir em fatores relacionados à exploração mais eficiente de recursos econômicos do Império. Há, entretanto, um detalhamento maior dos aspectos relacionadas à fecundidade. Um caso ilustrativo da política de 1941 é a proibição do aborto, que só foi legalizado pela influência das Forças de Ocupação dos EUA no pós-guerra, até para eliminar o risco de se utilizar a densidade demográfica como pretexto para novas guerras (TAEUBER, 1958). A política de 1941 envolvia também conscientização, dentre outras maneiras, pelo reconhecimento público com

¹⁴³ Há uma reprodução do texto completo da política populacional em: <<http://www.ipss.go.jp/publication/j/shiryousenzensiryous.asp>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

certificados para famílias com muitas crianças. Haveria virtude em se ter filhos, a incorporação deste valor moral na educação infantil seria importante e, no caso das mulheres, a inclusão de tópicos relacionados ao cuidado de filhos no ensino médio e superior para a promoção do “instinto materno”.

Outro direcionamento proposto pela política pró-natalista de 1941 envolvia a limitação do acesso ao mercado de trabalho por mulheres com idade acima de 20 anos. Segundo Boling (2015), hoje há estímulo financeiro para que as mulheres deixem de trabalhar, conhecido como “Dependent spouse allowance”, atrelado à renda de um casal caso um dos cônjuges tenha uma ocupação com determinado teto de renda anual. Geralmente este teto está associado ao trabalho feminino, já que acabam trabalhando em ocupações com salário mais baixo. Essa renda auxiliar se torna um desestímulo à entrada das mulheres no mercado de trabalho, já que ocupações com renda inferior ao valor da bolsa governamental não compensam financeiramente. Boling (2015) lembra ainda que a licença maternidade é de 14 meses com a manutenção de 67% do salário, enquanto a licença paternidade é de apenas 2 meses com 50% do salário. Se não há proibição como na ditadura militar, na democracia atual existe uma diferença considerável entre os sexos no estímulo financeiro. Em 1941 havia o relaxamento de despesas médicas e educacionais para famílias com grande número de dependentes e bônus financeiro para famílias. Do mesmo modo, hoje há um bônus mensal para cada filho com idade de até 15 anos (BOLING, 2015).

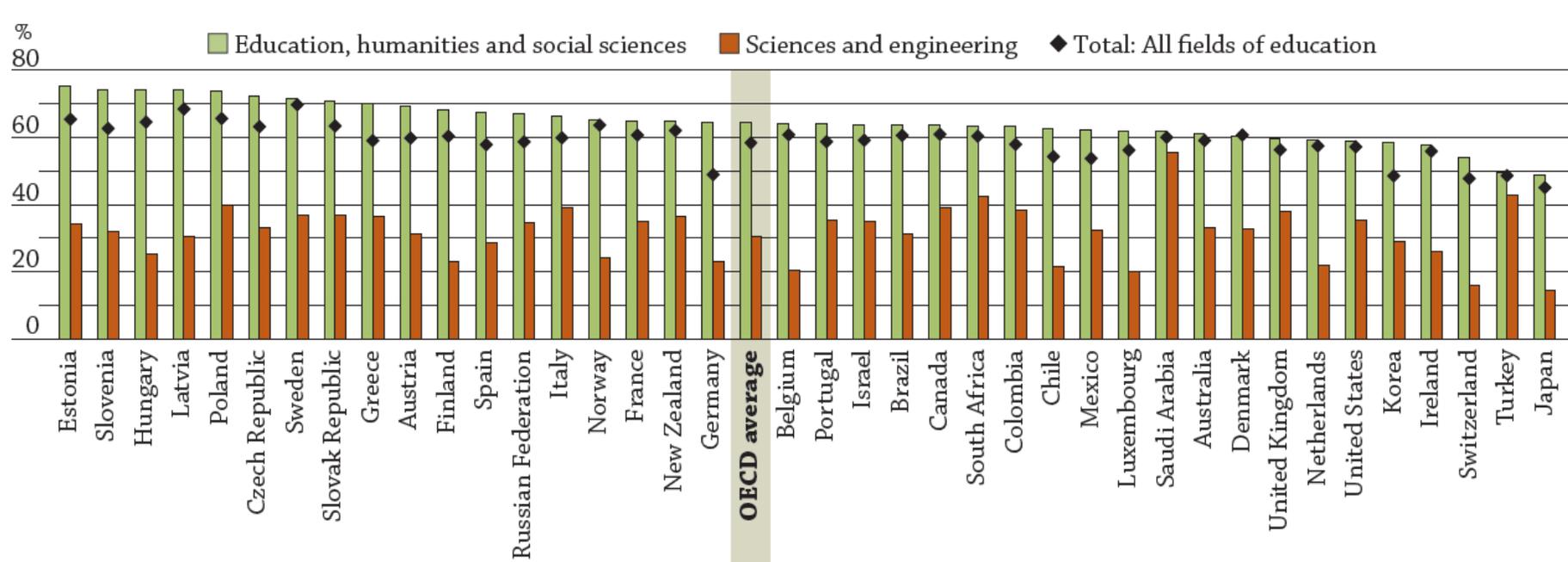
A crise atual dá margem a retrocessos, trazendo à tona ideologias ocultas. Em 2016, o diretor de uma escola em Osaka– *Osaka Shiritsu Matta Kita Chuugakkou* (Escola Municipal de Ensino Médio da Área Norte de Matta em Osaka) - ganhou notoriedade na mídia japonesa por abertamente expressar valores similares aos do período da guerra. Em seu discurso matinal aos alunos da escola¹⁴⁴, no dia 29 de fevereiro, o diretor disse que “A coisa mais importante para as mulheres é dar à luz a pelo menos duas crianças. Há mais valor nisso do que em trabalhar e ter uma carreira profissional. E o motivo, é que sem o nascimento de crianças o Japão vai desaparecer”. Sugeriu às mulheres postergar estudos e trabalho para engravidar e ter filhos e aos homens que os casais deveriam se ajudar. Ter filhos e cuidar deles seria uma forma de retribuir o cuidado recebido pelos pais. É difícil não pensar na orientação do

¹⁴⁴ O discurso está disponível na íntegra no site oficial da escola em: <<http://swa.city-osaka.ed.jp/swas/index.php?id=j702572&frame=weblog>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

Ministério da Educação em 1913 ao diretor da Universidade Imperial de Tohoku que admitiu as primeiras mulheres em cursos de graduação no Japão; o comunicado oficial orientava a rejeição da matrícula das três por falta de precedente, mas uma se formou em matemática e as outras duas foram até o doutorado em química (OGAWA, 2017).

O Global Gender Gap Report 2018 do Fórum Econômico Mundial coloca o Japão na 110ª posição entre 149 países no quesito de igualdade de gênero (WEF, 2018). O relatório traz diversas informações referentes ao tema. O sufrágio feminino no Japão foi aprovado em 1945, durante a ocupação americana do pós-Segunda Guerra. É gritante a predominância masculina em cargos de poder, como a gerência de empresas, funcionários do alto escalão do governo, juízes, ministros e parlamentares. Somente um entre dez japoneses nestas ocupações são mulheres. Ainda que haja acesso universal ao letramento e ensino fundamental, permitindo que a distância no acesso à educação básica entre homens e mulheres seja praticamente nula, a proporção de mulheres no ensino superior coloca o Japão na 103ª posição entre os países avaliados pela pesquisa. Em agosto de 2018, a mídia internacional noticiou um pedido público de desculpas por parte do diretor de uma das mais antigas escolas de medicina de Tóquio que admitiu adulterar notas de candidatas mulheres em processo seletivo para estudos de graduação, favorecendo a entrada de homens (LIES, 2018, MCCURRY, 2018). A área de formação pode abrir portas para ocupações melhor remuneradas e mais valorizadas, geralmente concentradas nas áreas ciências exatas e engenharias; entretanto, há um gap entre os sexos e mais uma vez, os homens japoneses são a maioria nestas áreas, compondo quase 85% do total de estudantes (Figura 46).

Figura 46 - Proporção de mulheres em cursos de bacharelado por área de estudo - Países selecionados - 2013



Countries are ranked in descending order of share of female bachelor's graduates in the fields of education, humanities and social sciences combined.

Source: OECD Education database, <http://stats.oecd.org/>.

Fonte: OECD (2016). Reprodução da Figura 2.

Stephanie Assmann (2014) considera que o enquadramento das recentes políticas de igualdade de gênero podem ser sintetizadas por três iniciativas: *Equal Employment Opportunity Law*¹⁴⁵ (EEOL); *Basic Act for a Gender-Equal Society*¹⁴⁶; and, *Third Basic Plan for Gender Equality*¹⁴⁷.

A *Equal Employment Opportunity Law* foi formulada em 1985 mesmo ano da ratificação por parte do governo japonês da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher¹⁴⁸, um tratado internacional formulado pela ONU que dispõe sobre os direitos humanos da mulher (ASSMANN, 2014). A lei entrou em vigor no ano seguinte, 1986. Esta primeira versão proibia a discriminação, mas não previa punições; além disso, não mencionava diferença de salários. Estes itens faltantes foram incluídos em uma revisão de 1997. Novas demandas passaram a ser debatidas e consideradas para uma nova revisão da lei, como a prevenção ao assédio sexual. Na revisão de 2007, foram incluídas a questão do assédio sexual, a proibição da discriminação contra homens e uma maior clareza quanto a aspectos gerais (formas de mudança do contrato, igualdade de conteúdo do trabalho conforme o cargo, etc.). Segundo Assmann (2014), na prática, as transgressões a esta lei não são punidas; a iniciativa da igualdade de gênero tem partido das empresas visando uma melhora de suas imagens públicas.

O *Basic Act for a Gender-Equal Society* expande a noção de igualdade para outras esferas da vida, como a participação na família, não focalizando somente no mundo do trabalho como o EEOL (ASSMANN, 2014). O *Basic Act for a Gender-Equal Society* funciona mais como um *guideline*, uma declaração de intenções. Kano (2018) chama a atenção para o fato de que o que o governo traduziu como *Basic Act for a Gender-Equal Society* literalmente seria “Ato Fundamental pelo planejamento e coparticipação social de homens e mulheres”, não havendo menção a palavras como “gênero” e “igualdade”. Nos últimos cinco anos, Shinzo Abe, Primeiro Ministro do Japão, tem feito muitos discursos em arenas de alta visibilidade internacional e

¹⁴⁵ Em japonês, 男女雇用機会均等法. Texto disponível em: < https://elaws.e-gov.go.jp/search/elawsSearch/elaws_search/lsg0500/viewContents?lawId=347AC0000000113_20170101_428AC0000000017>. Acesso em 23 out. 2019.

¹⁴⁶ Em japonês, 男女共同参画社会基本法

¹⁴⁷ Quando Assmann (2014) discutiu o tema, o Quarto Plano Fundamental de Igualdade de Gênero ainda não tinha sido aprovado. O primeiro plano é de 2000; o segundo, de 2005; o terceiro, de 2010; e, o quarto, de 2015 (KANO, 2018).

¹⁴⁸ Reportes do governo japonês à ONU sobre o andamento das atividades e maiores informações em: <https://www.mofa.go.jp/policy/human/conv_women/index.html>. Acesso em 23 out 2019.

sempre evita utilizar as palavras “gênero”¹⁴⁹, “igualdade”¹⁵⁰ e “feminismo”¹⁵¹, enfatizando palavras como “contribuir ativamente”¹⁵² ou “brilhar”¹⁵³ ao se referir ao papel desempenhado por estas mulheres inseridas no mercado de trabalho e em posições de liderança (KANO, 2018). Há uma polêmica em torno do uso ou não da palavra “gênero” nos discursos oficiais, ainda que a mídia e a sociedade em geral já tenha adotado a palavra como um termo usual (ETO, 2016).

Shinzo Abe formulou a sua política de revitalização da economia japonesa fundamentando em “três flechas”¹⁵⁴ ou três reformas: monetária, fiscal e estrutural (HASUNUMA, 2017). Um item da reforma estrutural tem sido amplamente divulgado pelo governo, estratégia definida como “Womenomics Diplomacy” por Hasunuma (2017). Kano (2018) pondera que as políticas de igualdade de gênero adotadas pelo Primeiro Ministro Abe – conhecidas como *Womenomics* – visam melhorar a imagem internacional do Japão ao mesmo tempo que se promove uma agenda neoliberal sob a égide de um discurso de defesa do interesse das mulheres. Teria havido uma mudança drástica na perspectiva de Abe, já que em um primeiro momento, o Primeiro Ministro rechaçou movimentos feministas e agora estaria adotando uma postura diferente. Para Kano (2018), o que levou a esta transformação foi a atenção internacional em relação ao tema do tráfico de mulheres cometido pelo Japão durante a Segunda Guerra; a crise demográfica; e, a longa história de interações entre o Estado e os movimentos feministas. Em particular, a questão demográfica levou Abe a propor uma licença maternidade de três anos, que na opinião de Kano (2018), é apenas uma forma de diminuir os gastos governamentais com instituições de cuidado de crianças, como creches. Não importa ao governo apenas uma maior participação no mercado de trabalho por parte das mulheres, mas também que elas exerçam o papel de mães e façam os trabalhos domésticos.

É preocupante imaginar mulheres sendo incorporadas em uma cultura de trabalho similar à atual, principalmente considerando que ainda se experimenta uma alta expectativa em relação à sua atuação nos trabalhos domésticos. O elevado

¹⁴⁹ Em japonês, ジェンダー. Em katakana, como todo estrangeirismo.

¹⁵⁰ Em japonês, 平等

¹⁵¹ Em japonês, フェミニズム. Em katakana, como todo estrangeirismo.

¹⁵² Em japonês, 活躍

¹⁵³ Em japonês, 輝く

¹⁵⁴ Um ditado popular diz que uma flecha é fácil de quebrar com as mãos, mas quando três flechas são unidas em um feixe, é praticamente impossível quebra-las.

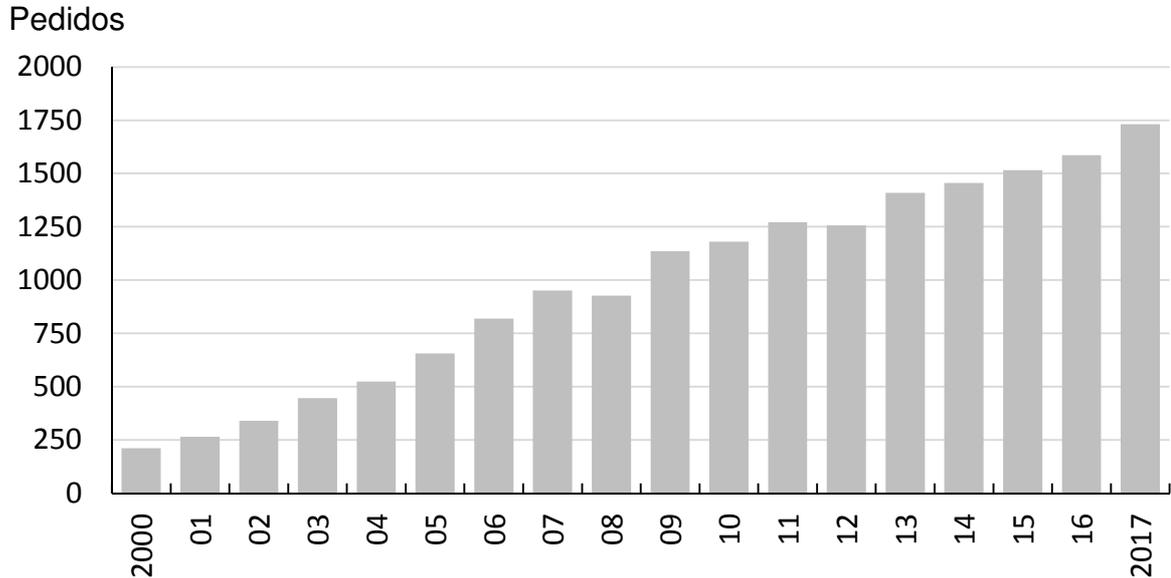
número de horas de trabalho - independentemente do sexo do trabalhador - é um fenômeno conhecido desde o final da década de 1970, em que se começou a debater o *karoshi*¹⁵⁵, a morte por excesso de trabalho (IWASAKI, TAKAHASHI, NAKATA; 2006). A crise econômica dos anos 1990 diminuiu a tendência de crescimento das horas trabalhadas, mas o valor voltou a crescer no início dos anos 2000 com a recuperação da economia (KANAI, 2009). Se por um lado a crise diminui o risco de óbito por excesso de trabalho, a recessão aumentou a taxa de suicídios no Japão devido às dificuldades financeiras, o desemprego e o emprego precarizado (KONDO, OH; 2010). Como referência, o Employment Status Survey de 2015 mostra que o número de homens trabalhando mais de 60 horas por semana tem se reduzido nos últimos cinco anos, mas ainda está acima de 4,5 milhões (STATISTICS BUREAU, 2016).

É desejável que a maior presença feminina traga mudanças a uma cultura de excessos extremamente nociva. Dois gráficos serão apresentados a título de amostra da pressão social neste contexto. O primeiro é o número de pedidos de formalização por parte de trabalhadores para doenças psiquiátricas supostamente causadas pelo excesso de trabalho¹⁵⁶, que tem aumentado a uma velocidade alarmante nos últimos dez anos (Figura 47). A quantificação das dimensões de um fator que pode levar a um *karoshi* vem de uma modificação recente no tratamento do tema, que após décadas de simples registro de dramas pessoais e familiares, finalmente passou a enfatizar a prevenção eficaz fundamentada em dados e pesquisas, segundo o MHLW (2018). No Japão, doenças vasculares que afetam o cérebro e o coração também podem ser médica e legalmente associadas às condições de trabalho. Dos cerca de 800 pedidos por ano pelo reconhecimento desta associação, cerca de 100 tem sido confirmados como óbitos causados por excesso de trabalho (MHLW, 2018). Os suicídios relacionados a trabalho têm mostrado uma leve tendência de queda, mas ainda se mantém em torno de dois mil casos por ano (Figura 48).

¹⁵⁵ Em japonês, 過労死

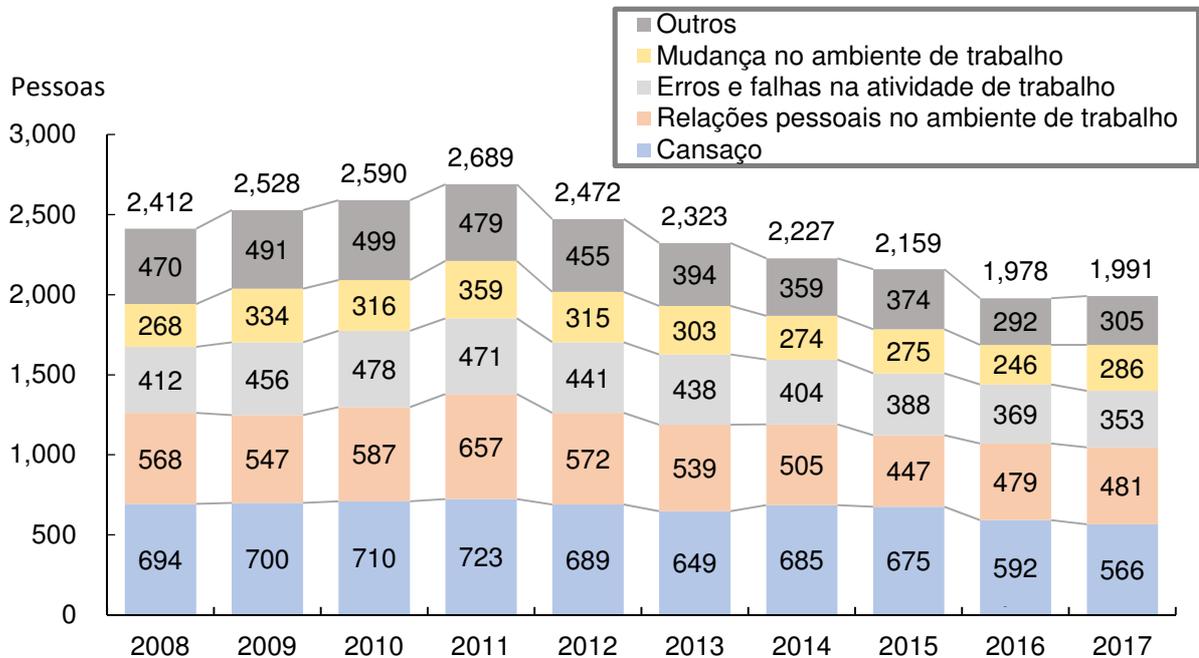
¹⁵⁶ Doenças psiquiátricas podem ser consideradas como acidente de trabalho quando atendem a três condições: não são decorrentes de trauma físico ou condição cognitiva, conforme enquadramento da ICD-10; há evidências de aumento severo da carga psicológica no trabalho pelo menos seis meses antes do surgimento da condição psiquiátrica (exemplo: assédio moral ou sexual, *bullying*, violência, etc.); e, há comprovação de que não há outro causador da condição psiquiátrica como questões pessoais e doenças pré-existentes. Guia sobre afastamento do trabalho disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/new-info/kobetu/roudou/gyousei/rousai/dl/zentai/eigo2.pdf>>. Acesso em: 6 de mar. 2019.

Figura 47 - Pedidos de avaliação de trabalhadores para doenças psiquiátricas supostamente relacionadas a trabalho - Japão - 2000-2017



Fonte: *Waga kuni ni okeru karoushi nado no gaiyou, oyobi seifu ga karoushi nado no boushi no tame ni koujita seisaku no jyoukyou – Heisei 29nendo.* MHLW. 2018.

Figura 48 - Suicídios relacionados a questões de trabalho - Japão - 2008-2017

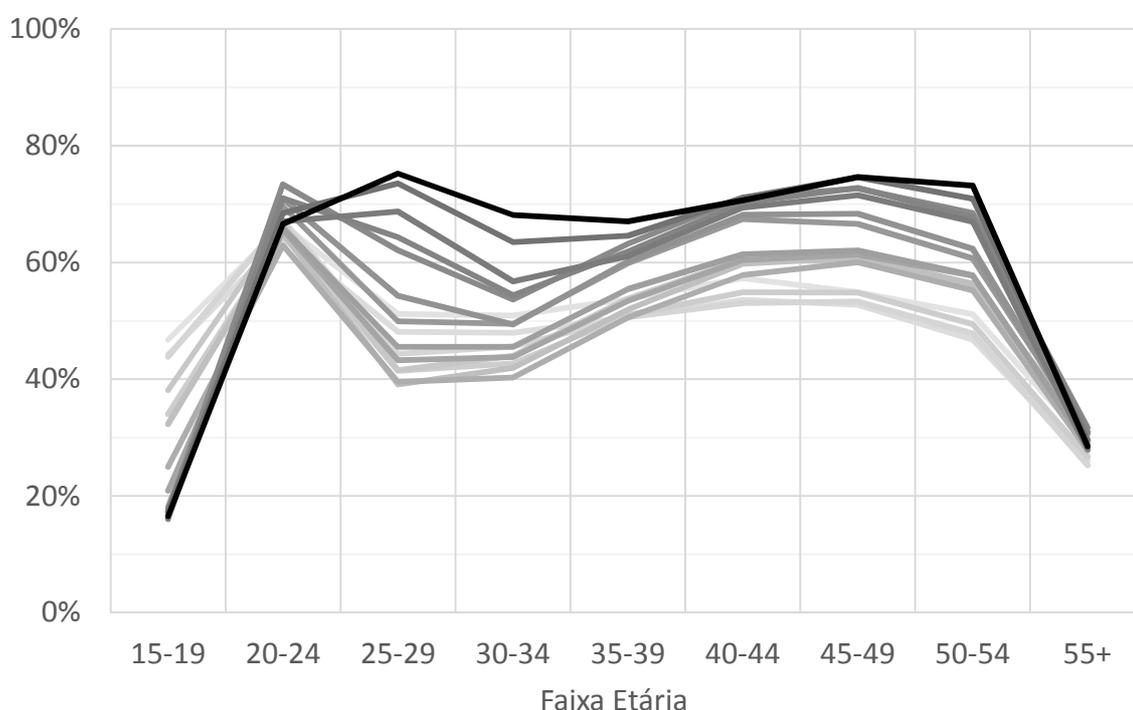


Fonte: *Waga kuni ni okeru karoushi nado no gaiyou, oyobi seifu ga karoushi nado no boushi no tame ni koujita seisaku no jyoukyou – Heisei 29nendo.* MHLW. 2018.

Dados do *Employment Status Survey* mostram que o padrão e o nível das curvas que representam a proporção de mulheres com emprego formal em cada faixa

etária se alterou significativamente ao longo dos anos (Figura 49). Se em meados dos anos 1950 quase 50% das mulheres com idades entre 15 e 19 anos tinha um emprego, esta porcentagem caiu para pouco mais de 15% na edição de 2012 da pesquisa, a mais recente. O grupo de 25-29 sofreu a maior mudança dentre todas as faixas etárias. Dentre mulheres de 35 a 54 anos, de forma geral, verifica-se um aumento quase contínuo da proporção de mulheres ao longo das pesquisas. Manteve-se inalterada a proporção de mulheres acima de 55 anos com emprego, porém este grupo inclui aposentadas. As aposentadas inflam os resultados nesta faixa etária. O ponto é que as mulheres deixavam seu trabalho formal ao se casarem ou terem filhos – inicialmente na faixa etária dos 20 aos 24 anos e posteriormente entre 25 e 29 anos – e retornavam ao mercado de trabalho depois que as crianças estivessem mais independentes – depois dos 40 ou 45 anos. A última curva (de 2012, com a cor mais escura) ainda tem resquícios do desenho em “M” das primeiras pesquisas, mas o vale entre os picos é muito mais suave.

Figura 49 – Mulheres com emprego em cada faixa etária – Japão – 1956-2012



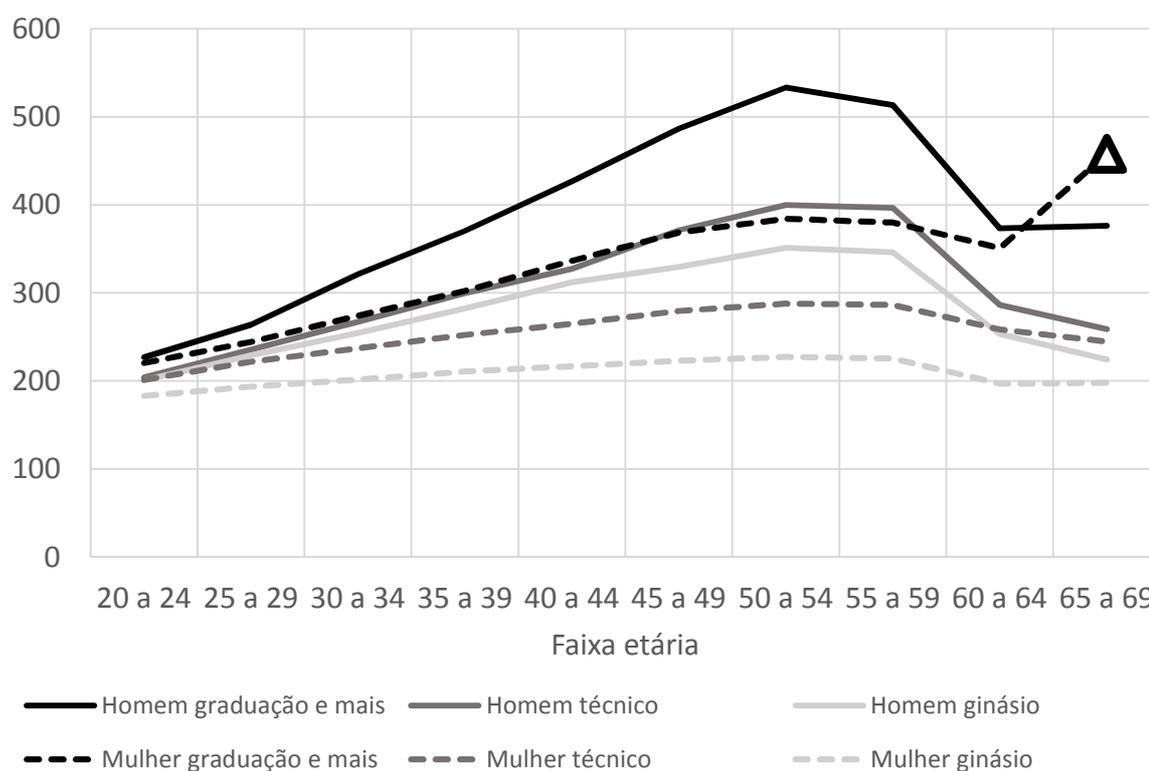
Fonte: Ministry of Internal Affairs and Communications, Employment Status Survey de 1956 a 2012. Elaboração própria.

Nota: A pesquisa é realizada desde 1956 – a cada três anos entre 1956 e 1982 e desde então a cada cinco anos – e tem como objetivo obter dados básicos sobre o mercado de emprego em escala regional e nacional (STATISTICS BUREAU, 2012). A gradação do claro em direção ao escuro indica a passagem do tempo, ou seja, quanto mais escuro, mais recente o Employment Status Survey utilizado para a elaboração da curva.

A renda aumenta com a idade tanto para homens, quanto para mulheres, até atingir o pico na faixa etária dos 50 a 54 anos (Figura 50). A exceção são as mulheres com nível educacional de graduação e pós, que estudaram por 16 anos ou mais (ver nota). Cada nível educacional corresponde a um aumento razoável da renda principalmente à medida que a idade aumenta e a carreira profissional avança. No caso das mulheres na faixa etária de 50 a 54 anos, as graduadas e aquelas que foram além da graduação chegaram a receber o dobro da renda daquelas que concluíram somente o ginásio. Entretanto, verifica-se que o salário de uma mulher praticamente não ultrapassa o salário de um homem com um nível educacional abaixo.

Figura 50 - Estrutura etária da renda anual de homens e mulheres por grau de instrução - Japão - 2017

Em milhares de
ienes em 2017



Fonte: *Chingin kouzou kihon chousa*. MHLW. 2017.

Nota 1: A pesquisa básica da estrutura etária de renda anual é realizada anualmente desde 1964. A fonte dos dados continha uma ressalva referente à renda das mulheres com idade entre 65 e 69 anos e educação terciária, indicando que o valor poderia não refletir a realidade devido ao baixo índice de respostas por pessoas com este perfil sociodemográfico. Disponível em: < <https://www.e-stat.go.jp/stat-search/files?page=1&layout=datalist&toukei=00450091&tstat=000001011429&cycle=0&tclass1=000001098975&tclass2=000001098980&second=1&second2=1> >. Acesso em: 7 mar. 2019.

Nota 2: Um dólar americano corresponde a aproximadamente 110 ienes.

A área de formação e a dificuldade de acesso aos cargos mais altos em instituições públicas e privadas explica parte desta diferença. A outra parte pode ser elucidada ao olhar o tipo de contrato de trabalho. Trabalhadores temporários recebem menos, carecem de estabilidade e têm menos direitos trabalhistas. O salário de mulheres e homens em contratos temporários variou pouco com a idade e foi bastante próximo dos 200 mil ienes no ano de 2017; a maior frequência de trabalhadores homens com contratos permanentes é que leva a este desenho das curvas de salário por idade (MHLW, 2017).

Buscando minimizar a pressão social sobre as mulheres no mercado de trabalho foram realizadas campanhas de conscientização por uma paternidade mais ativa (KINGSTON, 2004). Nesta seção será realizada uma análise qualitativa de dois pôsteres desta campanha como casos representativos, sem a pretensão de apresentar um relato completo de todo o material produzido pelo governo. Por haver registro da intenção dos autores da campanha, o pôster – a materialização desta intenção – será avaliada do ponto de vista da eficácia. Neste sentido, as imagens e slogans serão avaliados não por aquilo que transmitem em si mesmos, mas em um enquadramento que os contrasta com o objetivo da instituição que os criaram, a razão de suas existências. Em paralelo a uma descrição detalhada dos aspectos visuais, serão também discutidos os efeitos afetivos, o que as imagens provocam visualmente. Estes efeitos são aqueles sentidos pelo autor desta tese, então, reforçando o que foi dito, é um estudo muito limitado em escopo, que visa tão somente ilustrar, mais do que explicar de forma generalizada.

A Figura 51 mostra um pôster amplamente divulgado em estações de trem em 1999 com os dizeres em branco: “O homem que não cuida dos seus filhos não pode ser chamado de pai” (MINISTRY OF HEALTH, LABOR AND WELFARE, 1999; KINGSTON, 2004). O texto contrasta com a declaração do representante do Ministry of Health, Labor and Welfare. A proposta era utilizar mídias - televisão, pôsteres e jornais - para enfatizar a responsabilidade de ambos os pais na criação dos filhos e promover a ideia de que é um ato importante e divertido¹⁵⁷. Foi escolhido um dançarino chamado Sam, na época conhecido no Japão por ser casado com a pop star japonesa Namie Amuro, mãe do bebê retratado no pôster, para representar os novos pais. No

¹⁵⁷ Disponível em: <https://www.mhlw.go.jp/www1/topics/profile_1/koyou.html>. Acesso em: 23 mar. 2019.

pôster, cabelos longos e roupas brancas leves completam a imagem central de uma figura sorridente olhando para um bebê ainda mais sorridente no colo, seguro nos dois braços do pai. Sam tem um cavanhaque praticamente imperceptível. Amplas janelas com cortinas brancas compõem o fundo, iluminado por luz branca aparentemente natural, vindo de fora do recinto.

O uso de celebridades em campanhas tenta criar um sentimento de empatia pelos valores representados, objetivando a cópia do comportamento desejado por parte dos admiradores. A imagem da campanha de 1999 parece distante do homem japonês típico para gerar identificação por ser feminina demais. Um exercício interessante para se perceber a feminilidade da postura de Sam na *Figura 50* é esconder o seu rosto. A *Figura 52* mostra a mesma imagem com uma modificação: a supressão do rosto da pessoa que segura o bebê. Não é possível saber o sexo da pessoa com a criança no colo; poderia ser tanto um homem, quanto uma mulher.

Figura 51 – Campanha de conscientização por uma paternidade ativa - 1999



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (1999).

Figura 52 – Modificação da Figura 50 - 1999



A pose e a forma como o bebê é segurado, remete à memória de imagens femininas como o ícone maternal de Maria com Cristo no colo, conhecida como madona. A Figura 53 mostra uma montagem de fotos do altar particular de um *kakure kirishitan*^{158,159} de Nagasaki, que inclui uma representação artística de uma madona com traços físicos japoneses (NIHON KEIZAI SHINBUN, 2019). Um desenho estilizado não favorece um sentimento de proximidade por parte do espectador tanto quanto uma fotografia. Sam parece feliz ao olhar o filho, talvez orgulhoso; esboça um sorriso que a representação de Maria não mostra. Maria é uma figura de adoração e emana uma imponência que o pôster não tem. A imponência contrasta com as roupas soltas e os pés descalços de Maria. Parece estar relaxada com a criança no colo, como se este ato de cuidar do filho fizesse parte da sua natureza. É possível imaginar que os pés de Sam na sessão de fotografia também estavam descalços ou no máximo com algum calçado leve, talvez uma sandália.

¹⁵⁸ Em japonês, 隠れキリシタン

¹⁵⁹ Missionários jesuítas lograram êxito em criar algumas comunidades católicas em solo japonês em meados do século XV. Os séculos seguintes foram de perseguição da fé católica: padres foram expulsos e proibidos de voltar ao país, e os seguidores japoneses, forçados a abandonar sua crença. Alguns esconderam sua fé para escapar da morte por crucificação, das torturas e da apostasia. Estes ficaram conhecidos como *kakure kirishitan* ("cristãos escondidos"). No fim do século XIX, com o fim da proibição do cristianismo, os *kakure kirishitan* construíram igrejas e catedrais e passaram a realizar seus cultos abertamente. Em 2017, a UNESCO (2018) reconheceu dez vilas, um castelo e uma catedral dos cristãos escondidos como patrimônio cultural da humanidade.

Figura 53 – Representação de Maria com Jesus no colo em um altar - 2019



Fonte: <<http://www.mizu.gr.jp/kikanshi/no54/07.html>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

Será apresentada mais uma tentativa de conscientização masculina ainda na linha do “importante e divertido”, como objetivava o *Ministry of Health, Labor and Welfare*. Em 2002 optou-se por um comediante com nome artístico Papaya Suzuki¹⁶⁰ para protagonizar a nova campanha (Figura 54). Um trocadilho infame com o nome do comediante separa “Papa”¹⁶¹ (Em português, “Papai”) e “Iya”¹⁶² (Em português, “Não quero”) para passar a mensagem de que não querer cuidar dos filhos “não será perdoado”. O nome do artista aparece com letras cor de rosa para o trocadilho não passar despercebido. Um balão com texto escrito à mão destaca a descontração do pôster. O fundo é branco, a figura do pai e do filho têm uma sombra causada por uma luz branca forte que parece vir por trás da mensagem escrita. O pai e o bebê estão em uma altura diferente, a criança no chão, na altura dos pés do pai. A pose do pai parece forçada, não natural, assim como a luz, as roupas coloridas, o cavanhaque e o cabelo *blackpower*. A referência não é evidente como na outra campanha.

Desta vez, diferente da campanha de 1999, o pai não olha para o bebê, o bebê olha para o pai. Não há conexão partindo do pai, o pai está “ocupado” pedindo atenção do espectador do pôster ao estender sua mão, do mesmo modo que o filho estende sua mão para o pai. Remover a criança do enquadramento, como na *Figura 55*, não causa estranheza, o homem fotografado não tem relação com a criança aos seus pés. A imagem aponta para uma relação de dependência da criança em relação ao pai, mas a recíproca não é verdadeira. O pai é como uma montanha a ser escalada. O pai pode ser visto na figura de uma autoridade distante, contrastando com a imagem afetuosa da campanha de 1999. O pai sorri, mas não é para o filho e não está claro o motivo para o sorriso. Talvez para minimizar o teor da advertência do texto que acompanha a imagem, de que o pai que não cuida dos filhos não será perdoado; se for essa a proposta, de enfatizar o divertido em detrimento do importante, a campanha de conscientização perde um pouco da sua capacidade de convencer.

¹⁶⁰ Em japonês, パパイヤ鈴木

¹⁶¹ Em japonês, パパ

¹⁶² Em japonês, イヤ

Figura 54 - Campanha de conscientização por paternidade ativa - 2002



Fonte: Ministry of Health, Labor and Welfare (2002).

Figura 55 - Modificação da Figura 54



A pose do comediante na Figura 54 é artificial e incomum. É como se a figura mostrasse um malabarista tentando se equilibrar abrindo os braços em uma corda bamba, posição ocupada pela criança aos pés do pai. O sorriso não mostra afeto, como no outro pôster. Há uma certa agressividade contida naquilo que parece

ser mais do que um simples sorriso, é praticamente o retrato de uma gargalhada. Há na foto um senso de superioridade, de vaidade, de necessidade de ser visto. É uma pose de combate como a de um guerreiro lançando um projétil (Figura 56) ou um lutador de arte marcial exibindo um golpe (Figura 57).

Figura 56 - Artemision



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=zqb4Zvb5PNA>>. Acesso em 4 jun. 2019.

Figura 57 - Posição de Tai Chi "Fan through the back"



Fonte: <http://www.chi.dk/tai_chi_medicine.htm>. Acesso em 4 jun. 2019.

Em certo sentido a campanha de conscientização da importância da paternidade ativa funcionou, pois chamou a atenção para um problema social e incitou discussão aberta e coletiva. A limitação foi no sentido de direcionar os rumos da opinião pública. Houve forte reação contrária e o jornal Japan Times veiculou um slogan alternativo em 2002 difundido entre homens que se incomodaram com a campanha: “Empresas que não dão suporte aos funcionários homens que querem participar mais na criação de seus filhos, não deveriam ser chamadas de empresas” (KINGSTON, 2004). A duração da jornada de trabalho que permite uma paternidade ativa depende de uma percepção adequada dos gestores dessas demandas familiares por parte dos subordinados. Uma articulação entre o governo e a alta gestão das empresas seria fundamental para uma mudança cultural no ambiente de trabalho. Os pais e maridos que tentam participar mais ativamente do cuidado da casa e dos filhos têm que conciliar o trabalho doméstico e o trabalho fora de casa (ISHII-KUNTZ, 2018). Ainda há necessidade de muito debate em torno de outros estilos de vida, como aquele em que o homem realiza o trabalho doméstico em tempo integral.

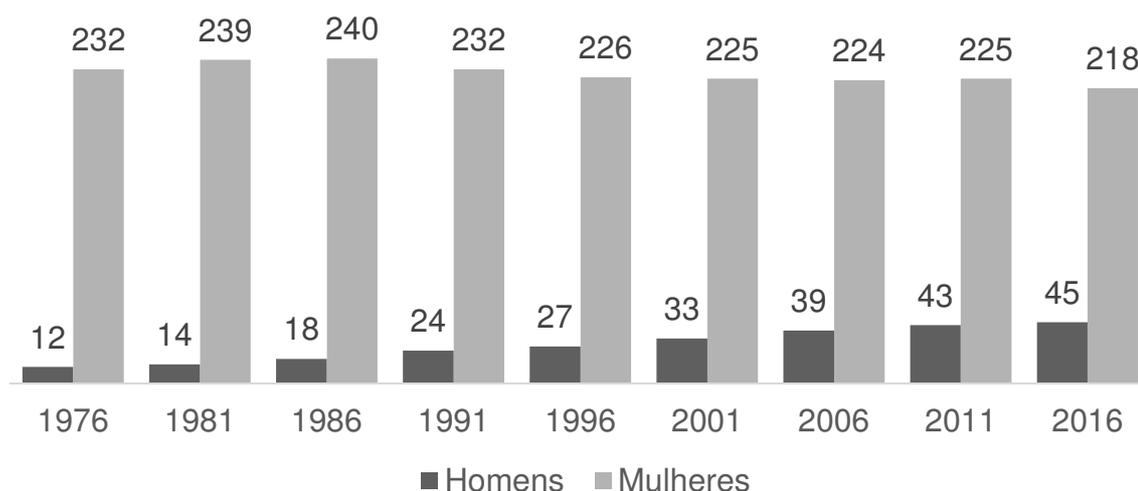
Mutsumi Ota (OTA, 1999), apontado pela mídia local como o primeiro homem a tirar licença paternidade no Japão, concorda que o principal problema é a cultura de trabalho nas empresas que não permite aos homens incluírem em suas rotinas maior porção do trabalho doméstico. Um problema sem solução apontado por Ota é o nível de tolerância dos indivíduos em relação a envolvimento governamental em questões de cunho privado. Diz que talvez não seja o governo quem devesse determinar a extensão da licença. Envolvido em atividades de promoção da paternidade através da ONG Ikujiiren¹⁶³, sugeriu algumas medidas para incentivar a participação masculina no trabalho doméstico. Uma delas é reproduzir no Japão o modelo norueguês de licença remunerada para cuidado de filhos. Neste modelo, a licença só é remunerada se ela tem uma duração mínima, incentivando os pais a tomarem licenças mais longas, caso não queiram deixar de receber o benefício. Outra medida seria a de os homens que nunca realizaram trabalhos domésticos experimentassem cuidar da casa e dos filhos, “à força se necessário”. Por fim, Ota reconhece que o sistema de previdência social não comportaria um aumento nos incentivos financeiros de estímulo à paternidade ativa, mas sugere um aumento na

¹⁶³ Em japonês, 育児連

porcentagem do salário que um funcionário pode receber ao tirar a licença paternidade, atualmente fixada em 25%.

Há autores que consideram fracassadas as tentativas de se mitigar a baixa fecundidade através da promoção de igualdade de gênero no mercado de trabalho (COULMAS 2007; KINGSTON 2004; SENDA 2015; TAKEDA 2004). Estes mostram a dificuldade de se mudar a visão da mulher como dona de casa e cuidadora de crianças e idosos. A pressão social para que mulheres se conformem a este papel e desenvolvam seu “instinto natural” levam a crises de ansiedade e depressão em um país onde não se desenvolveu uma tradição de tratamentos por terapeutas, psicólogos e psiquiatras (JOLIVET 2005). Aliado à pouca abertura das empresas em permitir o acesso a carreiras que levem a cargos gerenciais melhor remunerados (SENDA 2015), as mulheres são desfavorecidas em seus projetos de vida voltados para a conciliação de uma carreira no mercado de trabalho com a maternidade. Japonesas dedicam quatro horas diárias em tarefas domésticas, cuidado e compras, enquanto os homens não dedicam nem uma hora (Figura 58).

Figura 58 - Tempo médio diário em minutos dedicado por homens e mulheres a tarefas domésticas; cuidado de idosos, doentes e crianças; e, compras – Japão – 1976-2016



Fonte: *Shakai seikatsu kihon chousa*. Ministry of Internal Affairs and Communications (2016).

Nota: A pesquisa é realizada a cada 5 anos por amostragem, sendo entrevistadas cerca de 200 mil pessoas.

A comparação da Tabela 11 com a Figura 58 mostra que o casamento não modifica a ausência dos homens, enquanto mulheres têm um aumento de

aproximadamente duas horas diárias nas tarefas domésticas, mesmo quando se trata de casais em que ambos trabalham. Observa-se que o cuidado dos filhos fica todo a cargo das mulheres, já que ao comparar dados de casais sem filhos em relação a dados de casais com filhos, o acréscimo de tempo decorrente é somente da esposa. Infere-se ainda que em domicílios de casais de dupla renda com filhos, os avós ajudam no cuidado das crianças, pois o tempo gasto pelas mães com um ou mais idosos no domicílio é menor do que o tempo dedicado por aquelas sem nenhum idoso. Quando se trata de casais sem filhos, o tempo gasto pelas mulheres diminui com os idosos na casa, indicando que estes colaboram com as tarefas domésticas, mesmo quando não há crianças. Essas conclusões são confirmadas para toda a série temporal, desde 1986 a 2016, mostrando que na prática as campanhas visando mudança cultural nos papéis de gênero em âmbito doméstico não tem surtido efeito.

Tabela 11 - Tempo médio diário em minutos dedicado por maridos e esposas em domicílios de dupla renda a tarefas domésticas; cuidado de idosos, doentes e crianças; e, compras – Japão – 1986-2016

| | Tarefas domésticas; cuidado de idosos, doentes e crianças; e, compras | | | | | | |
|--------------------------------------|---|------|------|------|------|------|------|
| | 1986 | 1991 | 1996 | 2001 | 2006 | 2011 | 2016 |
| Maridos (inclui renda única) | 18 | 25 | 27 | 36 | 43 | 47 | 50 |
| Domicílios com dupla renda geral | 15 | 19 | 21 | 25 | 30 | 35 | 39 |
| Dupla renda sem filhos, nem idosos | 15 | 21 | 22 | 26 | 26 | 30 | 31 |
| Dupla renda com filhos, sem idosos | 15 | 19 | 20 | 26 | 33 | 39 | 46 |
| Dupla renda com idosos, sem filhos | 11 | 13 | 17 | 20 | 16 | 24 | 28 |
| Dupla renda com um idoso, sem filhos | 13 | 16 | 20 | 26 | 28 | 31 | 28 |
| Dupla renda com filhos e idosos | 12 | 19 | 21 | 24 | 23 | 30 | 32 |
| Dupla renda com filhos e um idoso | 12 | 19 | 21 | 27 | 26 | 30 | 31 |
| Esposas (inclui renda única) | 327 | 325 | 318 | 311 | 309 | 309 | 300 |
| Domicílios com dupla renda geral | 253 | 257 | 250 | 252 | 255 | 258 | 258 |
| Dupla renda sem filhos, nem idosos | 197 | 198 | 194 | 198 | 201 | 191 | 190 |
| Dupla renda com filhos, sem idosos | 270 | 279 | 273 | 277 | 285 | 293 | 294 |
| Dupla renda com idosos, sem filhos | 194 | 201 | 170 | 205 | 186 | 174 | 179 |
| Dupla renda com um idoso, sem filhos | 216 | 216 | 212 | 212 | 223 | 212 | 202 |
| Dupla renda com filhos e idosos | 261 | 274 | 261 | 262 | 270 | 265 | 268 |
| Dupla renda com filhos e um idoso | 252 | 261 | 263 | 267 | 274 | 281 | 268 |

Fonte: *Shakai seikatsu kihon chousa*. Ministry of Internal Affairs and Communications (2016).

Nota: A pesquisa é realizada a cada 5 anos por amostragem, sendo entrevistadas cerca de 200 mil pessoas.

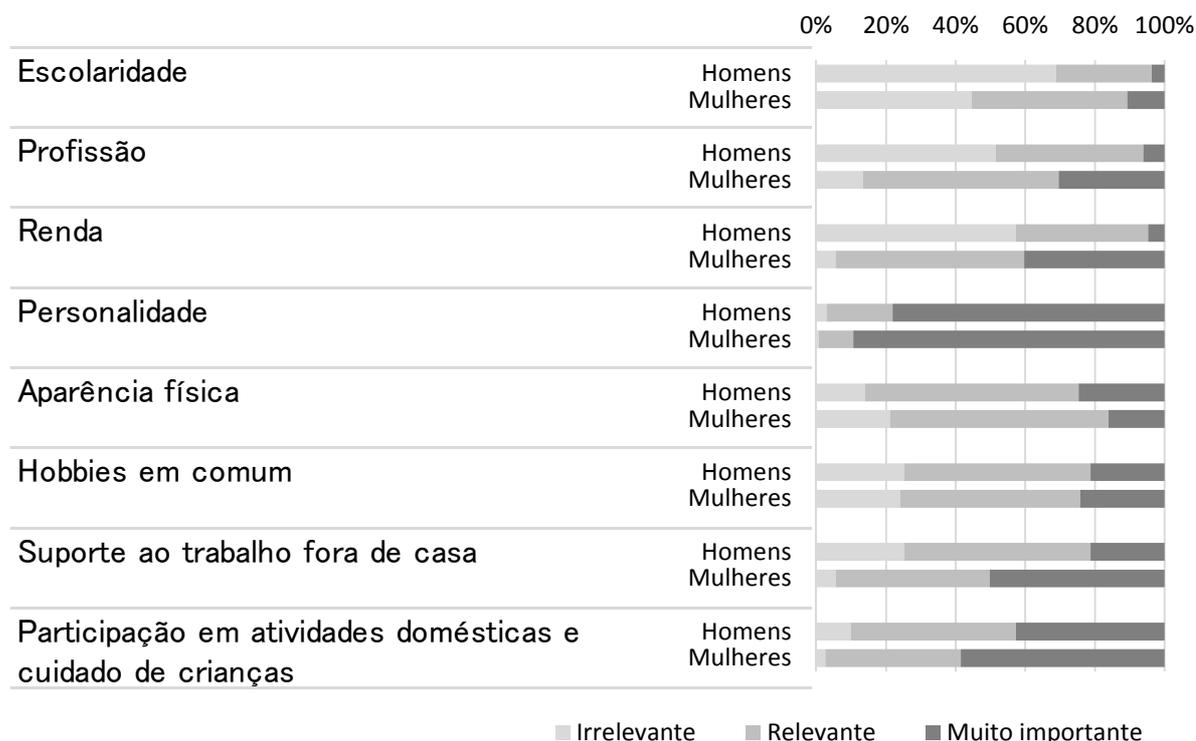
Petra Schmidt (2005) assinala que tradicionalmente a família japonesa era associada com o conceito de *ie* (literalmente “casa”). O *ie* não era apenas uma

linhagem de sangue e sucessão, mas um conjunto de relações necessárias para a manutenção do próprio sistema *ie* enquanto instituição. Diferente das nações ocidentais centradas nos direitos do indivíduo, todo o código civil e a sociedade eram fundamentados na ideia de *ie*, um conjunto de pessoas com o mesmo sobrenome sujeitos à autoridade do chefe do *ie*. O casamento nunca foi visto como um ato decisório entre dois indivíduos. A união marital era uma transação entre *ie* e *ie*, na qual um indivíduo saía de seu *ie* de origem e passava a fazer parte do *ie* do cônjuge. As mudanças vieram através da intervenção do SCAP, que não considerou compatível um regime democrático com o poder centralizado nas mãos do chefe do *ie*. Houve um forte movimento político para o retorno do *ie* após a saída dos americanos, sob o argumento de que a ruptura com os moldes tradicionais influenciou os mais jovens a abandonar idosos da família e a casamentos entre maridos e mulheres incapazes de deixar de lado o seu individualismo.

A falta de opções reflete uma alta expectativa sobre as mulheres nas atividades de cuidado, tanto no topo da pirâmide etária, quanto na base. A mídia recentemente chamou a atenção para o fenômeno conhecido popularmente no Japão como “divórcio após o óbito do cônjuge”, que ocorre a uma média de pouco menos de 2000 casos por ano (SAWAKI, 2017; NAKAGAWA, 2017; KYUUZOU, 2017). A legislação japonesa prevê que o cuidado dos dependentes (pais, irmãos, etc.) de uma pessoa casada que faleceu fique a cargo do cônjuge sobrevivente. A maioria dos requerentes desta modalidade de “divórcio” são mulheres, que após a morte de seus maridos, se tornam responsáveis pelo cuidado de sogro e sogra idosos com quem nem sempre mantém relações amigáveis.

Os resultados para os solteiros com intenção de se casar da pesquisa sobre fecundidade e casamento do Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-estar Social indica que a união conjugal é um momento de expectativas frustradas em relação ao cônjuge, em particular por parte das mulheres (Figura 59). Diferentemente dos homens, mulheres com intenção de se casar esperam por maridos com alta escolaridade, uma profissão valorizada e alta renda. Da parte comportamental, estas esperam que os homens deem suporte às suas atividades no mercado de trabalho e participem ativamente nas tarefas domésticas e cuidado de filhos.

Figura 59 – Relevância de características de um futuro cônjuge - Japão - 2015



Fonte: *Shushhou doukou kihon chousa*. Ministry of Health, Labour and Welfare (2015).

Sobre a estratégia de promover o casamento para aumentar a fecundidade, há um estudo de 2007 que aborda a frequência sexual de casados. Segundo Moriki et al. (2015), um quarto dos casados de ambos os sexos em qualquer idade não tiveram relações sexuais no ano de 2007. A análise dos autores mostra que o fato independe do tempo de casado, da renda do marido, da condição de ocupação da esposa, da coabitação com os sogros, do tipo de casamento (arranjado ou não) e da área de residência (rural ou urbana). Os fatores que influenciam são idade do marido superior a 35 anos, a presença de um ou mais filhos com menos de 3 anos, o stress relacionado ao casamento, o risco de divórcio, o contrato de trabalho do marido em jornada integral e a jornada do marido superior a 60 horas semanais. A cultura de trabalho afeta a rotina dos casados desfavorecendo as relações conjugais.

Iwasawa (2019) chama a atenção para o fato de que é extremamente difícil avaliar se determinada política pública japonesa de aumento da fecundidade foi exitosa ou não. Há tantas ações em paralelo sendo desenvolvidas pelo governo que não se consegue estudar apenas uma de forma isolada de seu contexto. Ter filhos costuma envolver ainda um planejamento de longo prazo por parte dos casais que raramente tomam a decisão de ter filhos baseado em um único incentivo. Em paralelo,

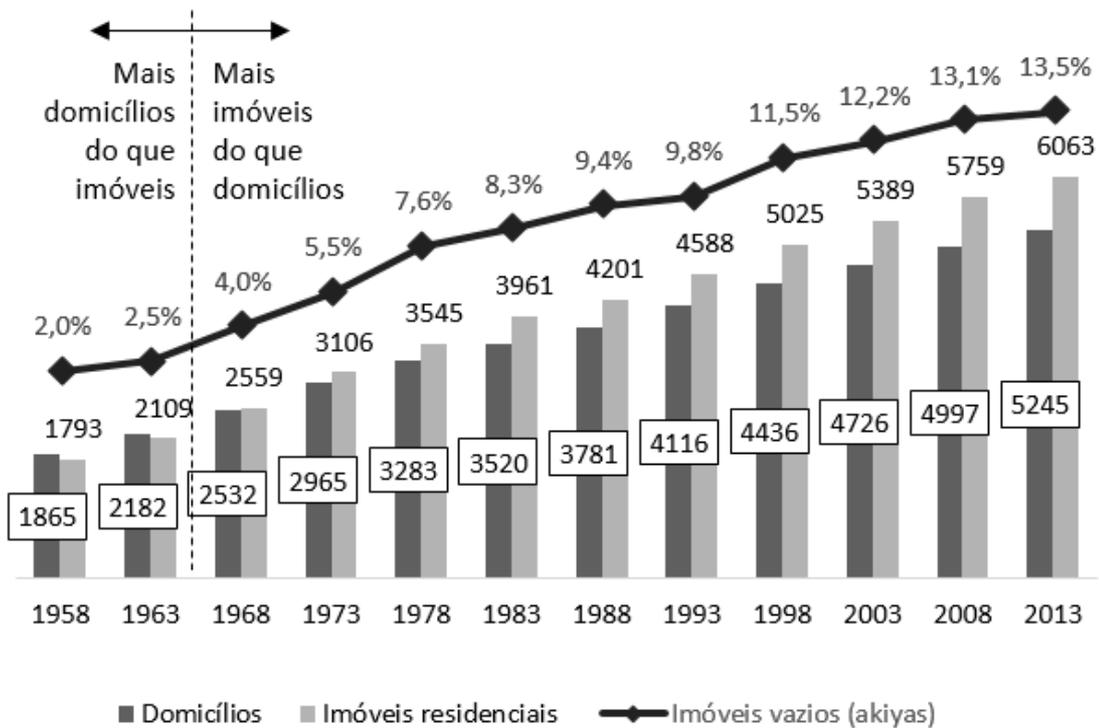
verifica-se uma tendência de diversificação dos cursos de vida e necessidades individuais em sociedades avançadas e, ainda que de forma mais limitada do que nas nações ocidentais, o Japão não é uma exceção. Neste ponto, o autor desta tese faz eco à recomendação de Iwasawa de buscar uma multiplicidade de meios para se contornar a questão da baixa fecundidade.

Iwasawa (2019) remete à pesquisa de Botev (2015) que aponta para um dilema: o estímulo extrínseco ao aumento da fecundidade – através de incentivos monetários, por exemplo – acaba por minar a motivação intrínseca, implicando em uma queda na fecundidade no longo prazo. Akagawa (2017 *apud* IWASAWA, 2019) chega a sugerir que a resposta para o problema é o silêncio, que quando todos pararem de defender aos gritos suas políticas de natalidade, a fecundidade se recuperará gradualmente. É de se questionar que tipo de mudança social pode surgir a partir do silêncio e da inércia política em uma sociedade inserida em uma cultura que preza por relações não-conflituosas.

As chamadas *akiya*¹⁶⁴, literalmente “casas vazias”, são outro problema decorrente da crise. O *Ministry of Land, Infrastructure, Transport e Tourism* (MLIT), dentre outros riscos decorrentes do abandono de imóveis, levantou os seguintes: acidentes envolvendo construções sem a devida manutenção por degradação da estrutura física; invasão criminosa de domicílio desocupado há muito tempo; concentração de animais sem dono e insetos (MLIT, 2014). As taxas de crescimento populacional servem de referência para diversos setores da economia e da sociedade, inclusive para suprir a demanda por imóveis residenciais. Em uma sociedade com alto crescimento populacional e economia acelerada, a tendência é de demolição de imóveis antigos e construção de novos para abrigar famílias recém-formadas com sede de consumo. Foi o que ocorreu até meados da década de 1960 (Figura 60). Com o envelhecimento e as ondas de migração para grandes metrópoles, o número de imóveis residenciais vazios no Japão cresceu a ponto de governos locais adotarem políticas específicas para evitar o problema. Cerca de metade dos imóveis vazios pesquisados pelo MLIT em 2014 foram obtidos através de herança. As três principais causas de estes imóveis estarem vazios são o óbito do morador anterior (35%), a mudança do morador anterior (28%) e a institucionalização do morador anterior em asilos e casas de repouso (14%).

¹⁶⁴ Em japonês, 空き家

Figura 60 - Domicílios, imóveis e imóveis vazios (akiyas) - Japão - 1958-2013



Fonte: Ministry of Land, Infrastructure, Transport e Tourism. 2014.

A população, o objeto da demografia, tem sido estudada muitas vezes desterritorializada, quando pode e deve ser considerada também como uma medida da intensidade com que o espaço é ocupado por pessoas (LEGG, 2005). As *akiyas* como decorrência da crise demográfica chamam a atenção para este fato, em um Japão populoso e povoado que perde em população absoluta e também em densidade populacional. Um fenômeno de natureza próxima ao *akiya* é o incentivo do governo federal à fusão de municípios, o *gappei*¹⁶⁵, que ocorreu mais intensamente em três períodos (MINISTRY OF INTERNAL AFFAIRS AND COMMUNICATIONS, 2010). De 1888 a 1889, durante a Revolução Meiji, 70 mil municípios se tornaram 16 mil, tendo como regra a referência de 300 a 500 domicílios por município, com o propósito de modernizar a gestão pública. O processo ficou conhecido como o *Meiji no daigappei*¹⁶⁶, a grande fusão de municípios do período Meiji. Na década de 1950,

¹⁶⁵ Em japonês, 合併

¹⁶⁶ Em japonês, 明治の大合併

após o fim da ocupação americana, mudanças no âmbito da gestão escolar de Ensino Médio, levaram o governo central a realizarem o *gappei* do período *Showa*, *Showa no daigappei*¹⁶⁷. A escala da mudança não se compara a aquela do período Meiji, mas o número de municípios foi reduzido de 10 mil para a metade em três anos. A nova referência foi população mínima de 8 mil pessoas, o que permitiria uma quantidade mínima de alunos para as novas escolas de ensino médio. O *gappei – Heisei no daigappei*¹⁶⁸ - mais recente foi levado a cabo a partir de 1999 com meta de reduzir o número de municípios de três mil para um terço deste valor.

A extensa lista¹⁶⁹ de benefícios obtidos por centenas de municípios que passaram por fusões é um retrato dos reflexos da crise demográfica nos governos locais do interior, longe das grandes metrópoles. Kanna¹⁷⁰ na província de Gunma surgiu em 2003 com a fusão de dois municípios, Manba e Nakasato. A união das receitas dos dois municípios permitiu uma reforma física das escolas públicas e resolveu o problema das classes multisseriadas no ensino básico de Nakasato devido à falta de alunos e de professores. Okuizumo¹⁷¹ na província de Shimane surgiu em 2005 a partir de fusão. A queda da população levou a uma diminuição gradativa na disponibilidade de transporte público entre os municípios anteriormente independentes de Nita¹⁷² e Yokota¹⁷³. Os moradores passaram a contar com um sistema público de ônibus reformulado, priorizando pontos como o antigo hospital municipal de Nita e a escola provincial de ensino médio em Yokota. Ibara¹⁷⁴ na província de Okayama já havia passado por uma grande fusão em 1953 e a partir de 2005 incorporou mais dois municípios, dentre eles Bisei¹⁷⁵. Bisei não tinha creches e após a união, os cidadãos passaram a ter acesso às creches públicas de Ibara. O serviço público de creches no Japão é pago, mas o custo é proporcional à renda domiciliar dos pais; após a fusão, o preço para se colocar crianças em creches de Ibara diminuiu.

¹⁶⁷ Em japonês, 昭和の大合併

¹⁶⁸ Em japonês, 平成の大合併

¹⁶⁹ Disponível em <http://www.soumu.go.jp/gapei/yuryou_jirei01.html>. Acesso em 8 mar. 2019.

¹⁷⁰ Em japonês, 神流町

¹⁷¹ Em japonês, 奥出雲町

¹⁷² Em japonês, 仁田町

¹⁷³ Em japonês, 横田町

¹⁷⁴ Em japonês, 井原市

¹⁷⁵ Em japonês, 美星町

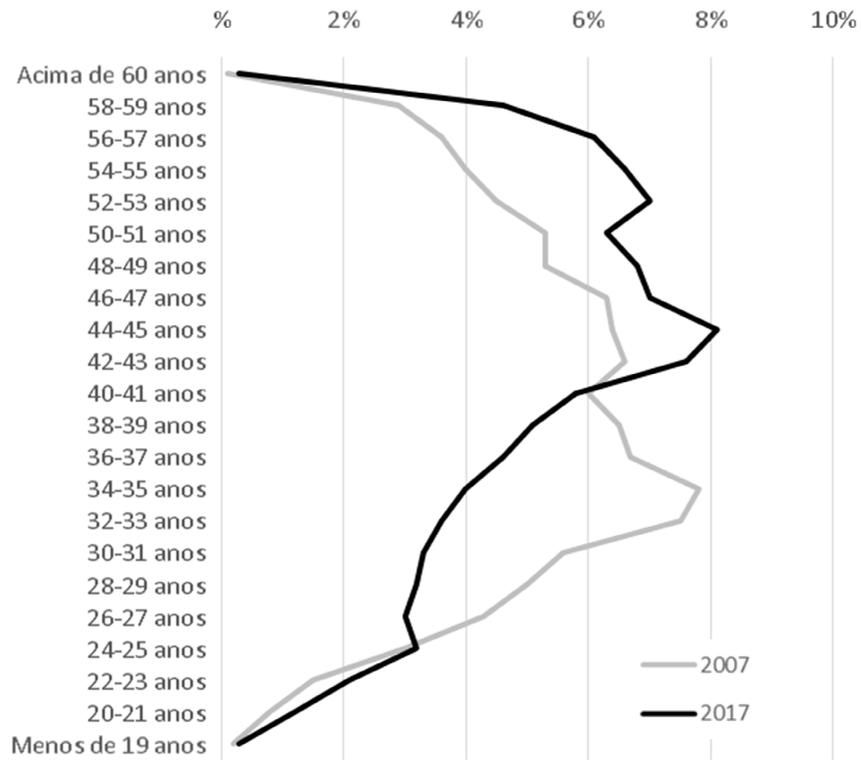
O funcionalismo público japonês pode ser entendido como uma metáfora geriátrica do discurso de Lincoln em Gettysburg¹⁷⁶. O governo do povo, pelo povo e para o povo, no Japão, se torna um governo dos idosos, pelos idosos e para os idosos (COULMAS, 2014). O departamento de recursos humanos do governo federal, *Jinjiin*¹⁷⁷, reafirmou em 2017 que o sistema de transferência de conhecimentos e habilidades e a gestão das promoções dentro da hierarquia governamental está passando por reformulações visando incorporar as questões demográficas do envelhecimento e diminuída proporção de jovens em regiões afastadas das grandes metrópoles¹⁷⁸. Existe expectativa de que um grande volume de servidores se aposente nos próximos 15-20 anos sem a reposição desta mão-de-obra, tanto em volume, quanto em especialidade e cargo ocupado. A estrutura etária dos funcionários públicos federais em cargos concursados apresentava um pico na faixa etária dos 34-35 anos em 2007 que se deslocou para a faixa etária dos 44-45, em 2017; a proporção de funcionários na faixa etária entre 24 e 40 anos caiu significativamente nestes dez anos (Figura 61). A baixa diversidade também se manifesta no eixo do gênero, já que as mulheres são minoria nesta ocupação: enquanto os homens totalizam 280 mil, as mulheres são 54 mil (Figura 62). Dados para o funcionalismo público em escala provincial e municipal não estão disponíveis, mas por serem demográficas as causas para os problemas nos recursos humanos em escala federal, é de se esperar que as características dos funcionários sejam similares em escala regional.

¹⁷⁶ “Four score and seven years ago our fathers brought forth on this continent, a new nation, conceived in Liberty, and dedicated to the proposition that all men are created equal. Now we are engaged in a great civil war, testing whether that nation, or any nation so conceived and so dedicated, can long endure. We are met on a great battle-field of that war. We have come to dedicate a portion of that field, as a final resting place for those who here gave their lives that that nation might live. It is altogether fitting and proper that we should do this. But, in a larger sense, we can not dedicate -- we can not consecrate -- we can not hallow -- this ground. The brave men, living and dead, who struggled here, have consecrated it, far above our poor power to add or detract. The world will little note, nor long remember what we say here, but it can never forget what they did here. It is for us the living, rather, to be dedicated here to the unfinished work which they who fought here have thus far so nobly advanced. It is rather for us to be here dedicated to the great task remaining before us -- that from these honored dead we take increased devotion to that cause for which they gave the last full measure of devotion -- that we here highly resolve that these dead shall not have died in vain -- that this nation, under God, shall have a new birth of freedom -- and that government of the people, by the people, for the people, shall not perish from the earth.” Disponível em < <http://www.abrahamlincolnonline.org/lincoln/speeches/gettysburg.htm>>. Acesso em: 9 de mar. 2019.

¹⁷⁷ Em japonês, 人事院

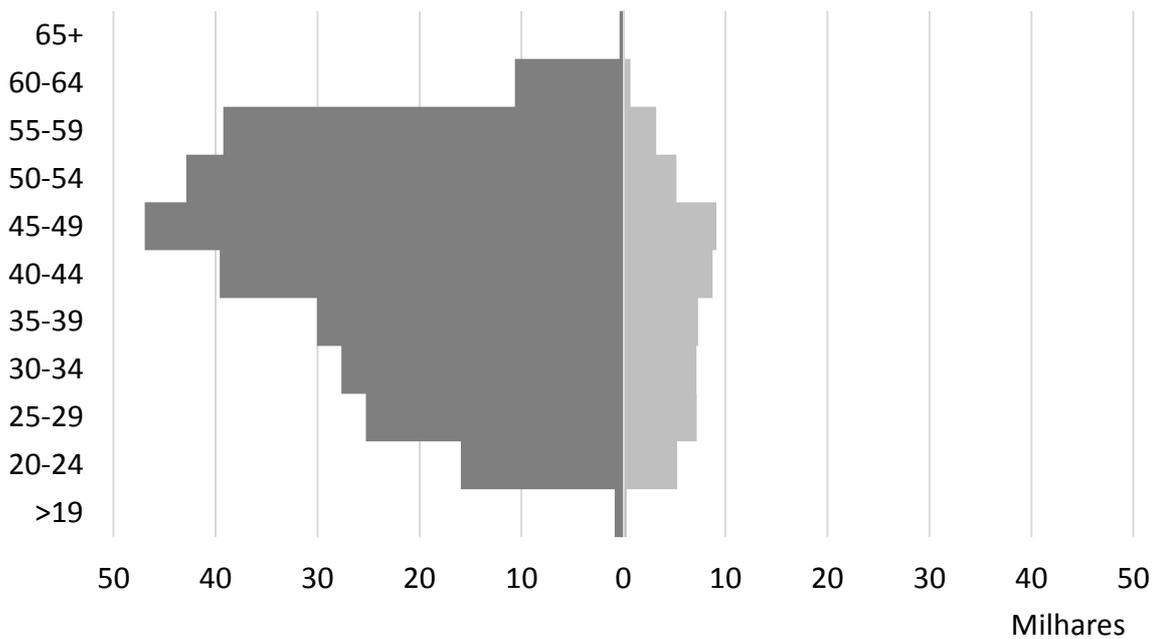
¹⁷⁸ Disponível em: < <http://www.jinji.go.jp/hakusho/h29/1-2-01-1-1.html#h29-1-2-zu1>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Figura 61 - Estrutura etária do funcionalismo público federal (cargos não-eletivos) - Japão – 2007-2017



Fonte: Heisei 29nen - Koumuin hakusho. National Personnel Authority (2017).

Figura 62 - Pirâmide etária do funcionalismo público federal (cargos não-eletivos) - Japão - 2017



Fonte: National Personnel Authority (2017). Disponível em: < http://www.jinji.go.jp/toukei/0211_ninnyoujoukyou/0211_ichiran.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

De modo a complementar os dados sobre cargos concursados convém falar sobre os cargos públicos eletivos, mais precisamente sobre quem são os eleitores japoneses que definem esta estrutura atual do governo, que como mencionado anteriormente tem entre seus problemas a baixa presença feminina¹⁷⁹. O voto não é compulsório no Japão e a participação nas eleições tem diminuído ao longo de cada edição estando atualmente em torno de 55%, com flutuações eventuais. No Japão basta ter idade para votar; a idade mínima de voto era de 20 anos, mas foi diminuída para 18 em 2016 a fim de promover uma maior participação de jovens nas eleições. Historicamente, pessoas com direito a voto com menos de 30 anos tiveram participação abaixo de todas as faixas etárias, apontando para uma apatia pela participação democrática pelo voto, que se espalhou também para a faixa etária dos 40 anos a partir de 2013. Até idosos com mais de 70 anos tem participação política maior nas eleições. Graças à pirâmide etária invertida, são os idosos que definem as pessoas no congresso; ainda que a maioria eleitoral tenha sido reduzida, compõe a maioria dos votantes aqueles com maiores idades.

Remetendo aos cabelos prateados, alguns se referem ao Japão como uma “*silver democracy*” (UCHIDA, 1986 *apud* COULMAS, 2007). Shimawasa, Oguro e Toyoda (2014) têm uma visão menos brilhante do cenário e mais pessimista, chamando o Japão de “*gray democracy*”; estes correlacionaram o avanço da idade do eleitorado com maiores gastos em assistência social voltada para idosos no nível do governo provincial. Aoki e Vaithianathan (2009) propõe o “*Demeny vote*” como uma solução para o problema do envelhecimento do eleitorado japonês, um sistema eleitoral proposto por Demeny (1986) no qual os pais de crianças menores de idade votam por si mesmos e pelos seus filhos, tendo um peso maior na escolha dos governantes. Isso permitiria contrabalancear os interesses no sentido de uma maior alocação nos gastos com pensões e previdência característicos em contextos onde há aumento da idade mediana de voto (TABELLINI, 1990; BREYER, CRAIG, 1997).

¹⁷⁹ O congresso nacional é dividido em duas casas, o Shuugiin (Em japonês, 衆議院) composta por 465 membros com mandatos de 4 anos e o Sangiin (Em japonês, 参議院) com 265 membros e mandatos de no máximo 6 anos. A cada 3 anos, metade do Sangiin precisa ser substituída por novos membros, seguindo legislação eleitoral vigente. Para ocupar um cargo no Shuugiin, o candidato deve ter 25 anos; no Sangiin, 30 anos. Parte dos assentos no congresso é definida por voto direto no candidato e outra parte por quantidade proporcional a partir de listas definidas por cada partido (por exemplo, um partido tem direito a dois assentos e pede que sejam escolhidos este dois políticos de uma lista de três). Guia sobre o sistema eleitoral do Japão disponível em: < http://www.soumu.go.jp/senkyo/senkyo_s/naruhodo/index.html>. Acesso em 10 mar. 2019.

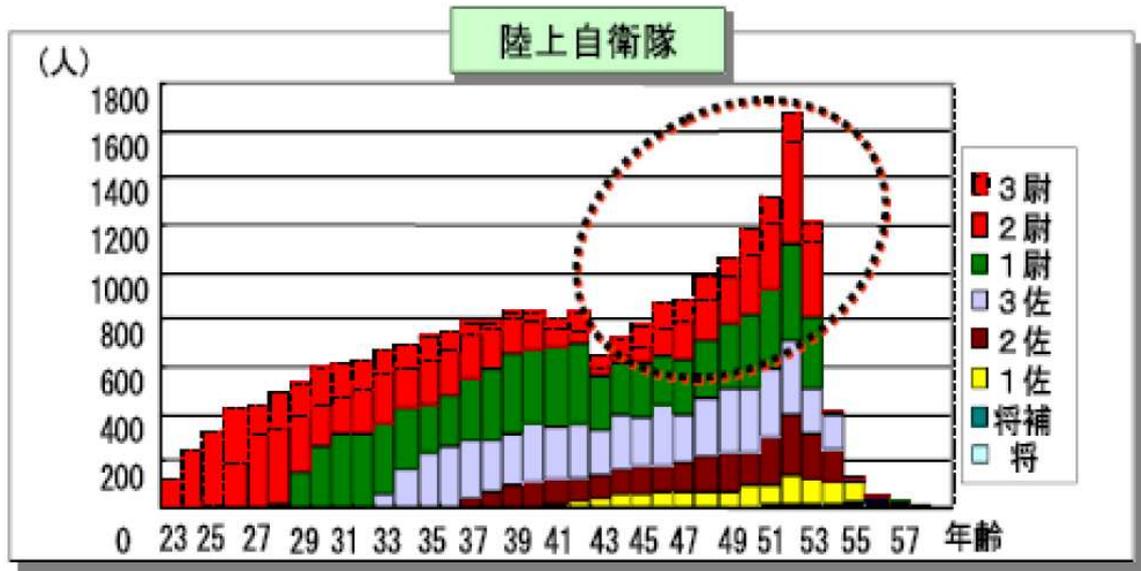
O alcance da medida é duvidoso, pois o desequilíbrio no tamanho das coortes é muito grande; dados do último censo demográfico informam que a proporção de jovens com menos de 15 anos é de 13% e de idosos acima de 65 anos de 27% (*Figura 5*). O entusiasmo por grandes sacrifícios pessoais por parte de pais e mães diminuiu ao longo do tempo, sendo substituídos por expectativas de independência dos filhos e cuidados na velhice. É incerto quanto os pais – com idades cada vez mais avançadas - estariam dispostos a prejudicar os prospectos de um sustento financeiro em sua próxima fase da vida.

As forças armadas padecem do problema da falta de recrutas e envelhecimento dos integrantes de patentes altas (SIEG, MIYAZAKI, 2018; KATO, 2018). Peck (2018) diz que “o maior adversário militar do Japão não é a China, mas a queda de população”. A idade mínima para entrada na carreira militar é de 18 anos, mas o limite máximo para ingresso foi aumentado de 26 para 32 anos em outubro de 2018¹⁸⁰. A possibilidade de envolvimento direto do Japão em uma guerra é relativamente baixa, mas as forças armadas são mobilizadas, por exemplo, para socorro de sobreviventes em catástrofes. A disponibilidade de dados etários é limitada, mas um relatório de 2009 do Ministério da Defesa mostra que o exército de fato está com necessidades de renovação de seu quadro e modificações na progressão de carreira (*Figura 63*). Em 2017, a presença das mulheres se resumia a 5% (6% no Exército, 3,8% na Marinha e 3,5% na Aeronáutica), o que levou o Ministério da Defesa a definir uma meta de 9% em todas áreas até 2030 (MOD, 2017). Os dilemas de idade e gênero observados no mercado de trabalho e no serviço público aparecem mais uma vez nas forças armadas, que implementaram em paralelo à meta de participação feminina diversos programas de equilíbrio entre vida profissional e pessoal: trabalho à distância, jornadas flexíveis e promoção de licença paternidade, dentre outros. Há ainda uma diversificação de linguagem na comunicação dos relatórios de atividades do exército com o uso de mangás (quadrinhos japoneses) a partir de 2006¹⁸¹, talvez para atrair jovens recrutas. Fica evidente que a propaganda da carreira militar e a suposta melhoria de condições de trabalho é conduzida por pressão do contexto demográfico.

¹⁸⁰ Disponível em: <<http://www.mod.go.jp/gsd/f/jieikanbosyu/news/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

¹⁸¹ Disponível em: <<http://www.mod.go.jp/j/publication/wp/comic/index.html>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Figura 63 - Estrutura etária dos cargos de comando do exército japonês por patente hierárquica - Japão - 2009

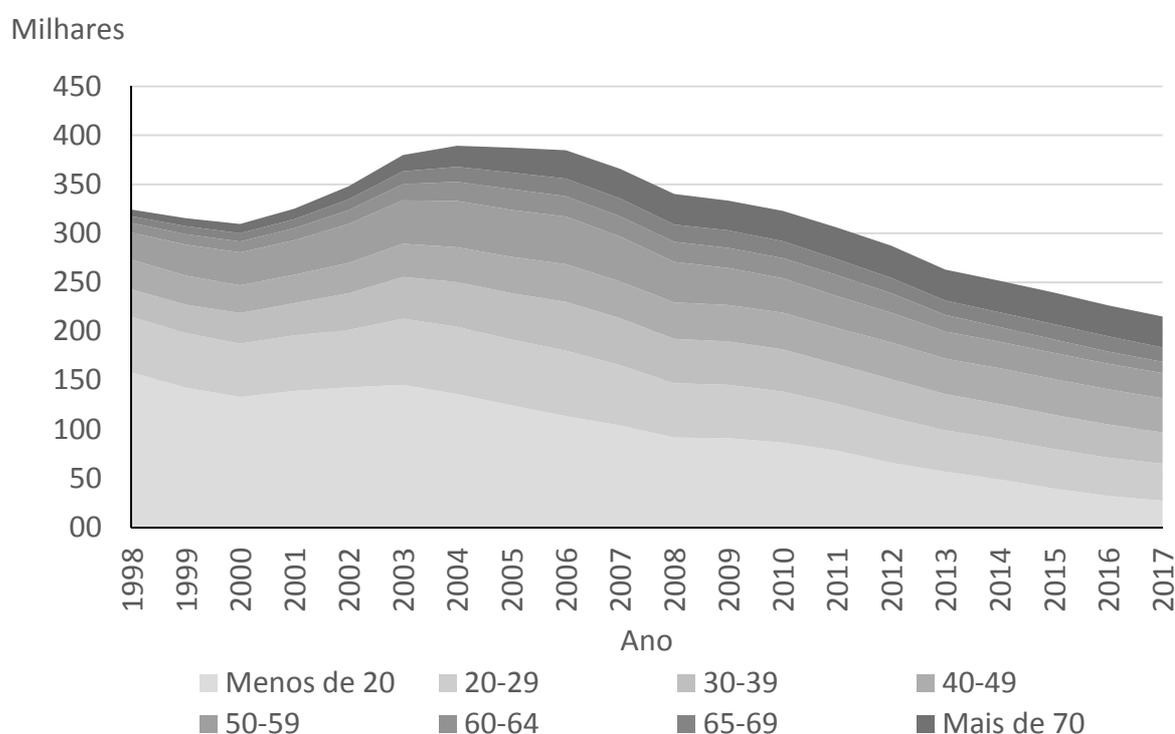


Fonte: Reprodução do *Jinji kyouiku seisaku no genjyou-kadai ni tsuite. Boueishou*. 2009. Disponível em: < <https://www.kantei.go.jp/jp/singi/ampoboue2/dai10/sankou.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2019. Nota: A escala vertical se refere a número de pessoas, enquanto a horizontal, à idade. A legenda do gráfico mostra hierarquias militares do exército em sequência: 3尉 (Second Liutenant), 2尉 (First Liutenant), 1尉 (Captain), 3佐 (Major), 2佐 (Liutenant Colonel), 1佐 (Colonel), 将補 (Major General), 将 (Liutenant General). O Segundo Tenente, em vermelho, é a hierarquia mais baixa e o Tenente General, a mais alta.

Como visto até aqui, Idosos japoneses migram, investem, trabalham, usam tecnologia, cuidam de filhos e netos, votam e ocupam posições diversas no governo. Longe de serem uma massa homogênea de dependentes, estes homens e mulheres com seus tons de cabelo cinza participam ativamente da sociedade com sua saúde e vitalidade, talvez até excessivas em alguns momentos. Jornalistas sensacionalistas reportam que as proporções de idosos acusados de crimes e de condenados após investigação tem aumentado, enquanto a de jovens tem diminuído (KYODO, 2015; MARTIN, 2008). O que ocorre de fato é que os números de detidos pela polícia aumentou de forma geral somente até meados da década de 2000, mas a queda nos números das coortes mais jovens tem sido mais intensa, fazendo com que o peso do número dos idosos seja maior, (Figura 64). Na faixa etária até 19 anos, o número de detidos tem caído desde 2003; de 20 a 49 anos, desde 2006; dentre aqueles com mais de 50, desde 2007. Segundo o Ministério da Justiça (2017), As taxas de reincidência beiram os 50% e a maioria dos crimes cometidos é de furto ou roubo. Uma pesquisa de 2016 realizada entre ladrões idosos presos de Tóquio, apontou que

o fator motivando os roubos e furtos não era pobreza, pois 87,5% não recebiam assistência social e 50% tinha casa própria (MINISTRY OF JUSTICE, 2017). Em geral os idosos sentiam dificuldades de manter seu padrão de vida e não acharam que seriam pegos. A taxa de idosos vítimas de crimes em geral tem diminuído, mas o número de abusos por parte de familiares e cuidadores em seus domicílios e em instituições tem aumentado.

Figura 64 – Número de detidos pela polícia por faixa etária – Japão – 1998-2017



Fonte: Heisei 30nen ban – Hanza Hakusho. Ministry of Justice (2018). Disponível em: <http://hakusyo1.moj.go.jp/jp/65/nfm/n65_2_7_3_1_2.html>. Acesso em: 11 mar. 2019.

Ao longo da tese, verificou-se a natureza ubíqua das implicações sociais da crise demográfica japonesa em todos os contextos da vida social. Essa insistência em atribuir diversos problemas e determinadas decisões à crise parece não encontrar fim. Outros temas não abordados na tese poderiam ser explorados, como a busca de ‘homens japoneses por esposas no exterior, a influência das olimpíadas de Tóquio em 2020 nas políticas migratórias, esterilização forçada de pessoas com deficiência, pena de morte, eutanásia, o aumento da desigualdade social e da pobreza infantil. Estes fatos expõem a naturalização do conceito crise demográfica como causa para (quase) todos os males.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de um esforço de síntese, a pesquisa foi um esforço pessoal de compreensão de mim mesmo e de autoexpressão. A proficiência em língua japonesa e o contato com a cultura facilitaram o meu acesso a dados e referências que são praticamente inacessíveis aos *gaijins* – estrangeiros, literalmente “pessoas de fora” -, mas traz um peso e uma responsabilidade. Houve muitos momentos em que eu gostaria de não ter tido o privilégio da educação, simplesmente para poder reproduzir trabalhos de gente que reproduzia outros trabalhos sem saber muito bem do que estava falando. Tenho consciência de que a minha socialização quando criança foi diferente e talvez tenha me tornado alguém que não pode ser enquadrado nem como japonês (por ser brasileiro demais), nem como brasileiro (por ser japonês demais). Acredito que essa dupla rejeição não é resultado de falta de conhecimento, creio que reclamo de “barriga cheia”. É um problema típico de quem recebeu uma educação bilíngue elitista, nas palavras de Kanno (2008). Pode se dizer que fazer uma pesquisa de doutorado e escrever esta tese foi uma reafirmação desta estrutura desigual que me concedeu o privilégio do acesso e esse é mais um ponto mal resolvido em termos pessoais.

Ainda há muito a se amadurecer em relação aos questionamentos lançados por esta tese. Ao longo do texto são colocadas diversas perguntas que não foram respondidas, ou por se desviarem demais do tema central, ou por constituírem assunto tão complexo que dependeriam de outro doutorado. Um exemplo é a migração interna no Japão, seção da tese cujo desenvolvimento teórico deixou muito a desejar. Pode se dizer, porém, que o objetivo ambicioso de conduzir uma pesquisa sobre o contexto demográfico do Japão a partir da construção do conceito de crise demográfica foi atingido. Convém reproduzir a definição de crise demográfica japonesa da pág. 30 desta tese:

“A atual crise demográfica do Japão é caracterizada por baixíssimas taxas de fecundidade, devido à postergação do nascimento de filhos; taxas específicas de mortalidade em declínio lento, compondo uma mortalidade bruta cada vez maior, devido ao envelhecimento populacional; e, saldo migratório internacional positivo e pouco significativo, insuficiente para compensar o valor negativo do crescimento natural. Do ponto de vista da interpretação e percepção destas características demográficas, observa-se: uma ideia de ameaça com raízes históricas, presente e concreta à estabilidade das instituições sociais; um senso de urgência para a eliminação ou mitigação desta ameaça; e, uma ausência de consenso quanto a causas e ações possíveis.”

Esta definição foi tomando forma ao longo dos capítulos onde se discutiu quais são os conceitos que dialogam com ela. Foi mostrado que “Controle Populacional Malthusiano”, “Demodistopia”, “Inverno Demográfico”, “Transição Demográfica”, “Segunda Transição Demográfica” e “Terceira Transição Demográfica” são inapropriados para descrever o contexto demográfico japonês e a sua dinâmica demográfica. Ou a ênfase destas explicações alternativas é focalizada demais nos indicadores, ou na percepção deles, sendo “crise demográfica” um conceito que combina estas duas características. História, antropologia, sociologia, economia e linguística foram algumas das áreas científicas que informaram esta pesquisa demográfica. A lacuna nos estudos japoneses do Brasil apresentada no início desta tese foi exposta e até certo ponto preenchida. O Japão foi descrito em profundidade com eventuais comparações internacionais a fim de contextualizá-lo.

A realidade da crise demográfica segue o arrazoamento de Hobsbawn e Ranger (1983, p.1) e sua “tradição inventada”:

“‘Invented tradition’ is taken to mean a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to inculcate certain values and norms of behavior by repetition, which automatically implies continuity with the past. In fact, where possible they normally attempt to establish continuity with a suitable historic past”

Samman (2015) retoma o argumento de Koselleck (2006) e diz que as crises - certamente para serem gerenciadas ou resolvidas, mas também para subsistirem como ideia -, dependem de uma contextualização do presente ligada a eventos e processos do passado. E já que crises sempre podem ser reinterpretadas

como não-crisis, a construção das crises são um esforço contínuo de persuasão. Neste sentido, o convencimento depende tanto do conteúdo de uma mensagem, quanto da forma como ela é apresentada aos ouvintes pelos interlocutores, em um processo dinâmico que se adapta ao longo do tempo. No âmbito da crise demográfica, como foi visto, o discurso sobre a demografia está fortemente relacionado com a questão do poder de decisão e/ou intervenção na esfera privada dos indivíduos japoneses. É uma crise nacional, apesar de se apresentar com diferente intensidade dependendo da região do Japão, mas que depende de iniciativas individuais para ser mitigada. Chamou a atenção o jogo da imagem nacional que por vezes justifica determinadas posturas vistas como exceção dentre os países desenvolvidos, por exemplo, um conservadorismo em relação a xenofobia, questões de gênero e cultura de ambiente de trabalho.

Quando persiste por muito tempo - como no Japão - o morrer mais gente do que nasce sem compensação das perdas populacionais por migração, a identidade coletiva entra em crise pelo receio do colapso. Situações desesperadoras levam a medidas motivadas pelo desespero dando brecha para abusos e disputas políticas em torno do significado de crise e diferentes formas de perpetuá-la para a manutenção das estruturas de poder. Olhar excessivamente para o passado impede mudanças revolucionárias que libertariam os japoneses deste senso de prisão em um pessimismo desmedido. A crise, como visto a partir da etimologia apresentada na introdução desta tese, é um momento de decisão. É necessário buscar o confronto com as incertezas do futuro ainda que o ineditismo do contexto demográfico no Japão e no mundo não forneçam uma base sólida para a realização de escolhas. A concepção paralisante de futuro precisa ser abandonada, não há como resgatar a situação de conforto do passado, pois novos tempos implicam em novos dilemas. O futuro a ser buscado não é o futuro do agora, que as projeções de hoje permitem vislumbrar, mas algo novo de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHENBACH, R. **Return Migration Decisions: A Study on Highly Skilled Chinese in Japan**. Wiesbaden: Springer, 2017.
- AKABAYASHI, H. *NFRJ03/NFRJ08 kara mita hinoeuma umare no sono go*. In: NISHINO, M.; INABA, A.; SHIMAZAKI, N. **Dai 2 kai kazoku ni tsuite no zenkoku chousa (NFRJ03) - Dai 2 ji houkokusho No. 1: Fuufu, Setai, Raifu koosu**, 2006, pp. 183-195. Disponível em: <http://nfrj.org/nfrj03_2006_pdf/nfrj03_200601_13.pdf>. Acesso em: 9 out. 2016.
- _____. *Hinoeuma sedai no sono go – Toukei kara wakaru koto*. In: **Nihon Roudou Kenkyuu Zasshi**, 2007, n. 569, pp. 17-28. Disponível em: <<http://www.jil.go.jp/institute/zassi/backnumber/2007/12/pdf/017-028.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2016.
- _____. *Lives of the Firehorse Cohort: What the Statistics Show*. In: **Japanese Economy**, 2008, v. 35, n. 3, pp. 34-54.
- AKAGAWA, M. **Kore ga kotae da! Shoushika mondai**. Chikuma Shinsho, 2017.
- AKUTAGAWA, R. **Rashomon e outros contos**. Tradução de Antonio Nojiri e Katsunori Wakisaka. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, [s.d.].
- AL JAZEERA. **Inside the world of India's booming fertility industry**. 2016. Reportagem de 5 set. 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/Sh3kLW> >. Acesso em: 6 set. 2016.
- ANDERSEN, N. A. **Discursive analytical strategies: Understanding Foucault, Koselleck, Laclau, Luhmann**. Bristol: The Policy Press, 2003.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Economica, 1993.
- ANDERSON, J. L.; RICHIE, D. **The Japanese Film: Art and Industry**. Nova Iorque: Grove Press, 1960.
- AOKI, R.; VAITHIANATHAN, R. **Is Dementia voting the answer to low fertility in Japan?**. Center of Intergenerational Studies, Hitotsubashi University, Discussion Paper, n. 435-2, 2009.
- APPADURAI, A. **Fear of small numbers: An essay on the geography of anger**. Durham e Londres: Duke University Press, 2006.

ARITA, S. *Hitobito no kangaeru "kiki" to wa nanika? – Shaken paneru chousa jiyuu kijutsu kaitou no bunseki*. Social Sciences of Crisis Thinking, Discussion Paper Series, n. 2, Institute of Social Science, University of Tokyo, 2017.

ARNASON, J. P. **Social theory and the Japanese experience**. Londres e Nova Iorque: Kegan Paul International, 1997.

ASAHI SHINBUN. **Kurozome kyouyou de futoukou umaretsuki chahatsu no jyoshikousei ga teiso**. 2017a. Reportagem de 27 out. 2017. Disponível em: < <http://www.asahi.com/articles/ASKBS6D22KBSPTIL024.html>>. Acesso em: 30 out. 2017.

_____. **Jigeshoumeisho Mugonkyuushoku Gakkou no ruuru wo kangaeru**. 2017b. Reportagem de 21 ago. 2017. Disponível em: < <http://www.asahi.com/articles/ASK815T7FK81UTIL04X.html>>. Acesso em: 31 out. 2017.

_____. **Nikkei 4-sei biza hakkyuu 2-ken dake - kakehashi kakage kazoku taidou wa mitomezu**. Reportagem de 28 out. 2018. Disponível em:<<https://www.asahi.com/articles/ASLBQ4T6TLBQULZU005.html>>. Acesso em: 2 fev. 2018.

ASSMANN, S. Gender Equality in Japan: The Equal Employment Opportunity Law Revisited. In: **The Asia-Pacific Journal**, Vol. 12, n. 45, 2014. Disponível em: < <https://apjif.org/2014/12/45/Stephanie-Assmann/4211.html> >. Acesso em 23 out. 2019.

AZUMI, K. The Mysterious drop in Japan's birth rate. In: **Trans-action**, v. 5, n. 6, 1968, pp. 46-48.

BALLOD, C. **Grundriss Der Statistik**: Enthaltend Bevoelkerungs-, Wirtschafts-, Finanz- Und Handels-Statistik. Berlin: J. Guttentag, 1913.

BARBER, W. J. **Gunnar Myrdal**: An intellectual Biography. Hampshire e Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2008.

BÉLANGER, D. et al. From Foreign Trainees to Unauthorized Workers: Vietnamese Migrant Workers in Japan. In: **Asian and Pacific Migration Journal**, 2011, v. 20, n.1, pp. 31-53.

BELL, M. et al. Internal Migration and Development: Comparing Migration Intensities around the World. In: **Population and Development Review**, vol. 41, n. 1, 2015, pp. 33-58.

BERQUÓ, E. Cairo-94 e o confronto Norte-Sul. In: **Novos estudos CEBRAP**, 1993, n. 37, pp. 7-20.

- BERRY, M.; GARCIA-BLANCO, I.; MOORE, K. **Press coverage of the refugee and migrant crisis in the EU**: a content analysis of five European countries. Relatório preparado para o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), 2015.
- BEVERIDGE, W. Eugenic aspects of children's allowances. In: **Eugenics Review**, 1943, vol. 34, n. 4, pp. 117-123.
- BIANGIARDO, G. C.; RIMOLDI, S. The role of families in the population crisis. **International Review of Sociology** – Revue Internationale de Sociologie, 2013, v. 23, n. 3, pp. 504-521.
- BILLARI, F. C. Integrating macro- and micro-level approaches in the explanation of population change. In: **Population Studies: A Journal of Demography**, 2015, v. 69, suplemento 1, S11-S20.
- BILLARI, F. C. Lowest-Low Fertility in Europe: Exploring the Causes and Finding Some Surprises. In: **The Japanese Journal of Population**, Vol.6, No.1, 2008, pp. 2-18.
- BLACKER, C. P. Stages in Population Growth. In: **The Eugenics Review**, v. 39, n. 3, 1947, pp. 88-101.
- BOLING, P. **The politics of work-family policies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BONGAARTS, J.; FEENEY, G. On the Quantum and Tempo of Fertility. In: **Population and Development Review**, Vol. 24, No. 2, 1998, pp. 271-291.
- BONGAARTS, J.; SOBOTKA, T. A Demographic Explanation of the Recent Rise in European Fertility. In: **Population and Development Review**, Vol. 38, n. 1, 2012, pp. 83-120.
- BOTEV, N. Could pronatalist policies discourage childbearing? In: **Population and Development Review**, Vol. 41, No. 2, 2015, pp. 301-314.
- BREYER, F.; CRAIG, B., Voting on Social Security: Evidence from OECD Countries. In: **European Journal of Political Economy**, v. 13, n.4, pp. 705-724, 1997.
- BURNARD, T. Inheritance and independence: Women's status in Early Colonial Jamaica. **The William and Mary Quarterly**, 1991, v. 48, n. 1, pp. 93-114.
- CALDWELL, J. C. Toward a Restatement of Demographic Transition Theory. In: **Population and Development Review**, Vol. 2, No. 3/4, 1976, pp. 321-366.

- CASTLES, S., DE HAAS, H., & MILLER, M. J. **The age of migration**: International population movements in the modern world. 5a. Edição. Nova Iorque: Macmillan International Higher Education, 2013.
- CHICAGO TRIBUNE. **Japan Finding spot for its Senior Citizens - Abroad**. 1986. Reportagem de 15 out. 1986. Disponível em: < <https://goo.gl/iylTPL>>. Acesso em: 15 dez. 2016.
- CHUNG, E. A. **Immigration and citizenship in Japan**. Cambridge University Press, 2010.
- COLEMAN, D. Immigration and Ethnic Change in Low-Fertility Countries: A Third Demographic Transition. In: **Population and Development Review**, 2006, v. 32, n. 3, pp. 401–446.
- CONDAN, J. G.; BODE, J. G. *Rashomon, Working Wives, and Family Division of Labor*: Middletown, 1980. In: **Journal of Marriage and Family**, v. 44, n. 2, 1982, pp. 421-426.
- CORNELIUS, W. Japan: The Illusion of Immigrant Control. In: CORNELIUS, W.; MARTIN, P. L.; HOLLIFIELD, J. F. (Ed.) **Controlling Immigration – A Global Perspective**. Stanford (California): Stanford University Press, 1995, pp. 375-414.
- COULMAS, F. **Population decline and ageing in Japan**: the social consequences. Londres: Routledge, 2007.
- CURLIN, G. T.; CHEN, L. C.; HUSSEIN, S. B. Demographic crisis: The impact of Bangladesh civil war (1971) on births and deaths in a rural area of Bangladesh. **Population Studies: A Journal of Demography**, 1976, v. 30, n. 1, pp. 87-105.
- DAILY, G. C.; EHRLICH, P. R. Population, Sustainability, and Earth's Carrying Capacity. In: **BioScience**, Vol. 42, No. 10, 1992, pp. 761-771.
- DAS GUPTA, P. **Standardization and Decomposition of Rates**: a User's Manual. Washington: Current Population Reports, Series P23-186, U.S. Bureau of Census, U.S. Government Printing Office, 1993.
- DAVIDSON, J. F. Memory of defeat in Japan: A reappraisal of *Rashomon*. In: **The Antioch Review**, Vol. 14, No. 4, 1954, pp. 492-501.
- DAVIS, K. Low Fertility in Evolutionary Perspective. In: **Population and Development Review**, Vol. 12, Supplement: Below Replacement Fertility in Industrial Societies: Causes, Consequences, Policies, 1986, pp. 48-65.
- DE BARY, W. T.; TIEDEMANN, A.; GLUCK, C. *Sources of Japanese Tradition*, v. 2, 2a. Ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 2005.

- DEMENY, P. Pronatalist Policies in Low-Fertility Countries: Patterns, Performance and Prospects. In: **Population and Development Review**, v. 12, suplemento, pp. 335-358, 1986.
- DOMINGO, A. "Demodystopias": Prospects of Demographic Hell. In: **Population and Development Review**, Vol. 34, No. 4, 2008, pp. 725-745.
- _____. Demography as a seed of dystopia. In: **Papers de Demografia**, n. 432, 2014. Disponível em: <<https://www.uclouvain.be/cps/ucl/doc/demo/documents/Domingo.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2016.
- DURKHEIM, E. **O Suicídio**: Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ESCOMEL, E. La plus jeune mère du monde. In: **La Presse Medicale: Articles originaux**, Paris Masson et cie., 1939, p. 875. Disponível em: <<https://goo.gl/dBj7Le>>. Acesso em: 9 ago. 2017.
- ETO, M. 'Gender' Problems in Japanese Politics: A Dispute over a Socio-Cultural Change towards Increasing Equality. In: **Japanese Journal of Political Science**, Vol. 17, n. 3, 2016, pp. 365–385.
- FANSELOW, J. F. Beyond *Rashomon* – Conceptualizing and describing the teaching act. In: **TESOL Quarterly**, 1977, v. 11, n. 1, pp. 18-40.
- FIELDING, T. **Asian migrations**: social and geographical mobilities in Southeast, East, and Northeast Asia. Nova Iorque: Routledge, 2016.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FREJKA, T. **The demographic transition revisited**: a cohort perspective. Working Paper. WP-2016-012. Rostock: Max Planck Institute for Demographic Research, 2016.
- FREUD, S. O Mal-estar na civilização. In: FREUD, S. Obras Completas, volume 18, o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUKUDA, S; MORIIZUMI, R. Desired Family Size in Japan: Evolving Patterns and Fertility Outcome. In: **Journal of Population Problems**, Vol. 71, No. 3, 2015, pp.179-200.
- FUKUMI, H. Summary Report on the Asian Influenza Epidemic IX Japan. In: **Bulletin of the World Health Organization**, 1959, v. 20, n. 2-3, pp. 187-198.
- GEE, E. M. Misconceptions and misapprehensions about population ageing. **International Journal of Epidemiology**, 2002, v. 31, pp. 750-753.

- GEROW, A. Japan: Film. In: JONES, D. (Ed.). **Censorship: A World Encyclopedia**. Nova Iorque: Routledge, pp. 1267-1270, 2001.
- GOFFMAN, E. **Stigma**: Notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.
- GOODKIND, D. M. Creating New Traditions in Modern Chinese Populations: Aiming for Birth in the Year of the Dragon. In: **Population and Development Review**, v. 17, n. 4, 1991 pp. 663-686.
- GOODMAN, R.; HARPER, S. Japan in the New Global Demography: Comparative Perspectives. **The Asia-Pacific Journal**, 2007, v. 5, n. 0, pp. 1-5.
- GPIF. **Nenkin tsumitatekin to wa**. 2019. Disponível em: <<https://www.gpif.go.jp/gpif/>>. Acesso em: 7 mar. 2019.
- HAMMER, M. F. et al. Dual origins of the Japanese: common ground for hunter-gatherer and farmer Y chromosomes. In: **Journal of Human Genetics**, v. 51, n. 1, 2006, pp. 47-58.
- HANAOKA, K. et al. Have Destination Choices of Foreign Residents Contributed to Reducing Regional Population Disparity in Japan? Analysis Based on the 2010 Population Census Microdata. In: **Population, Space and Place**, vol. 23, n. 1, e1975, 2017.
- HANIHARA, K. Dual Structure Model for the Population History of the Japanese. In: **Japan Review**, No. 2, 1991, pp. 1-33.
- HARRIS, M. History and significance of the emic/ethic distinction. In: **Annual Review of Anthropology**, 1976, v. 5, pp. 329-350.
- HASUNUMA, L. Political Targets: Womenomics as an Economic and Foreign Relations Strategy. In: **Asie.Visions**, N. 92, 2017.
- HAUSER, P. M.; DUNCAN, O. D. Eds. **The Study of Population: An Inventory and Appraisal**, Chicago: University of Chicago Press, 1959.
- HEIDER, K. G. The Rashomon Effect: When Ethnographers Disagree. In: **American Anthropologist**, New Series, v. 90, n. 1, 1988, pp. 73-81.
- HFD – Human Fertility Database. Max Planck Institute for Demographic Research and Vienna Institute of Demography, 2016. Disponível em: <<http://www.humanfertility.org>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- HITLER, A. **My Struggle**. Stalag Edition. Munique: Zentral Verlag der NSDAP, Franz Eher Nach. GMBH, entre 1937 e 44.

- HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- HORIUCHI, S. Major Causes of the Rapid Longevity Extension in Postwar Japan. In: **The Japanese Journal of Population**, Vol.9, No.1, 2011, pp. 162-171.
- HULL, T. H. The Asian Demographic Crisis: Matters of Data. **Asian Population Studies**, 2005, v. 1, n. 3, pp. 257-259.
- HULSKAMP, M. A. A. Space and the body: Uses of astronomy in Hippocratic medicine. In: BAKER, P. A.; NIJDAM, H.; VAN'T LAND, K. **Medicine and Space: Body, surroundings and borders in Antiquity and the Middle Ages**, Leiden: Brill, 2012, pp. 149-167.
- IMMIGRATION BUREAU OF JAPAN. **ZairyuuShikaku Ichiran Hyou**. 2018. Disponível em: < <http://www.immi-moj.go.jp/tetuduki/kanri/qaq5.html> >. Acesso em: 5 fev. 2019.
- IOKIBE, M.; MINOHARA, T. **The history of US-Japan Relations**. Cingapura: Palgrave Macmillan, 2017.
- IPSS. **The Fifteenth Japanese National Fertility Survey in 2015**. Tóquio: National Institute of Population and Social Security Research, 2016. Disponível em: < http://www.ipss.go.jp/ps-doukou/e/doukou15/Nfs15_points_eng.pdf >. Acesso em: 11 dez. 2016.
- IPSS. **Shakai Hoshou Kenkyuu**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em:< <http://www.ipss.go.jp/syoushika/bunken/sakuin/kikanshi/0101.htm> >. Acesso em 5 out. 2019.
- IRIYE, A. Japan's drive to great power status. In: **The Cambridge History of Japan**, Volume 5: The Nineteenth Century, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, pp. 721-782.
- ISHII-KUNTZ, M. *Ikuji-Kaji to dansei roudou*. In: **Nihon Roudou Kenkyuu Zasshi**, n. 699, 2018, pp. 27-39.
- ISHIZUKA, F. **International labor migration in Vietnam and the impact of receiving countries' policies**. JETRO – Institute of Developing Economies, Discussion Paper, n. 414, 2013.
- ISKANDAR, M. B.; UTOMO, B.; HULL, T.; DHARMAPUTRA, N. G.; AZWAR, Y. **Unraveling the mysteries of maternal death in West Java**: reexamining the witnesses. Depok, Indonesia: Pusat Penelitian Kesehatan UI, 1996.

- IWASAKI, K.; TAKAHASHI, M.; NAKATA, A. Health Problems due to Long Working Hours in Japan: Working Hours, Workers' Compensation (Karoshi), and Preventive Measures. In: **Industrial Health**, 2006, v. 44, pp. 537-540.
- IWASAWA, M. Low Fertility and Policy: How Can We Evaluate Policy Impact? In: **Working Paper Series (J)**, No. 21, IPSS, 2019. Disponível em: < http://www.ipss.go.jp/publication/j/WP/IPSS_WPJ21.pdf >. Acesso em 2 out. 2019.
- _____; MORIIZUMI, R. Shusshou Doukou Kihon Chousa. In: **Journal of Population Problems**, Vol.70, No.4, 2014, pp. 351-424.
- JAPAN PENSION SERVICE. **Roureki nenkin (Showa 16nen 4gatsu 2ka igo ni umareta kata)**. Disponível em: < <https://www.nenkin.go.jp/service/jukyuu/roureinenkin/jukyuu-yoken/20150401-03.html> >. Acesso em: 7 mar. 2019.
- JOLIVET, M. **Japan: the childless society? The crisis of motherhood**. Londres: Routledge, 2005, 258 páginas (Publicação original 1997).
- JORDE, L. B.; WOODING, S.P. Genetic variation, classification and 'race'. In: **Nature Genetics**, v. 36, n. 11, 2004, pp.S28-S33.
- JOSE, L. N. Y. Why are Most Filipino Workers in Japan Entertainers? In: **Kasarinlan: Philippine Journal of Third World Studies**, 2007, v. 22, n. 1, pp. 61-84.
- JOYCE, K. The Tip of an Ideological Iceberg. Review: The Demographic Winter: The Decline of Human Family. In: **Harvard Divinity Bulletin**, v. 36, n. 2, 2008.
- KAKU, K. Were girl babies sacrificed to a folk superstition in 1966 in Japan? In: **Annals of Human Biology**, 1975, v. 2, n. 4, pp. 391-393.
- _____.; MATSUMOTO, Y. S. Influence of a folk superstition on fertility of Japanese in California and Hawaii. In: **American Journal of Public Health**, 1975, v. 65, n. 2, pp. 170-174.
- KANAI, A. "Karoshi (Work to Death)" in Japan. In: **Journal of Business Ethics**, 2009, v. 84, pp. 209–216.
- KANO, A. Womenomics and Acrobatics: Why Japanese Feminists Remain Skeptical about Feminist State Policy. In: **Feminist Encounters: A Journal of Critical Studies in Culture and Politics**, Vol. 2, n. 1, 06, 2018. Disponível em < <https://doi.org/10.20897/femenc.201806> >. Acesso em 24 out. 2019.
- KANNO, Y. **Language and education in Japan: Unequal access to bilingualism**. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2008.
- KATO, M. Japan's Self-Defense Forces struggle to meet recruiting targets. Artigo online para "The National Interest". 24 de outubro de 2018. Disponível em: <

<https://asia.nikkei.com/Politics/Japan-s-Self-Defense-Forces-struggle-to-meet-recruiting-targets>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

KAWAMURA, L. Brasileiros no Japão: Direitos e Cidadania. In: Anais do VII Congresso Internacional de Direito da USJT. O Brasil no Mundo. Universidade São Judas Tadeu, 2010, pp. 104-116.

KENNA, M. E. The “Beanpole Family”: Cultural aspects of “the Demographic Crisis” in Greece. **South European Society and Politics**, 2012, v. 17, n. 4, pp. 553-551.

KHALTURINA, D. A.; KOROTAEV, A. V. Alcohol and narcotics as factors of the demographic crisis. **Sociological Research**, 2008, v. 47, n. 3, pp. 18-31.

KINGSTON, J. Social transformations: family, gender, aging, and work. In:

KINGSTON, J. **Japan’s quiet transformation: social change and civil society in the 21st century**. Londres: Routledge, pp. 257-305, 2004.

KIPLING, R. The White Man’s Burden. In: **McClure’s Magazine**, n. 12, pp.290-291, 1899.

KIRK, D. Demographic Transition Theory. In: **Population Studies**, v. 50, n. 3, 1996, pp. 361-387.

KITAGAWA, E.M. Components of a Difference between Two Rates. *Journal of the American Statistical Association*, 50 (1955), pp. 1168-94. In: UNITED NATIONS POPULATION FUND. *Readings in Population Research Methodology*. Illinois: v. 1, Basic Tools, 1993.

KOCH, M. History of Demography in Japan. In: COULMAS, F. et al. (Eds.). **The demographic challenge: A handbook about Japan**. Leiden; Boston: Brill, Cap. 6, pp. 97-117, 2008.

_____.; HERMER, C.; COULMAS, F. **Trilingual glossary of Demographic terminology**. Leiden; Boston: Brill, 2007.

KOHLER, H.; BILLARI, F. C.; ORTEGA, J. A. The emergence of lowest-low fertility in Europe during the 1990s. In: **Population and Development Review**, 2002, v. 28, n. 4, pp. 641-680.

KOIKARI, M. Rethinking gender and power in the US Occupation of Japan, 1945-1952. In: **Gender & History**, v. 11, n. 2, 1999, pp. 313-335.

_____. Exporting Democracy?: American Women, "Feminist Reforms," and Politics of Imperialism in the U.S. Occupation of Japan, 1945-1952. In: **Frontiers: A Journal of Women Studies**, Vol. 23, No. 1, 2002, pp. 23-45.

- KON, A. et al. **Gendai no Shakai to Toukei**: Toukei nimo tsuyoi shimin wo mezashite. Tóquio: Sangyoutoukeikenkyuusha, 2006.
- KONDO, N.; OH, J. Suicide and karoshi (death from overwork) during the recent economic crises in Japan: the impacts, mechanisms and political responses. In: **Journal of Epidemiology and Community Health**, 2010, v. 64, pp. 649-650.
- KONNO, E. **Gendai no meishin**. Tóquio: *Shakaishisho Kenkyuu Shuppan Bu*, 1961.
- KONO, S. Comment: [Perspective on Nuptiality and Fertility]. In: **Population and Development Review**, Vol. 12, Supplement: Below-Replacement Fertility in Industrial Societies: Causes, Consequences, Policies, 1986, pp. 171-175.
- KOREKAWA, Y. Analyzing Immigrants' Social Integration in Japan from Gender Perspective. Working paper series (J). IPSS, 2018. Disponível em: <http://www.ipss.go.jp/publication/j/WP/IPSS_WPJ17.pdf>. Acesso em: 5 out .2019.
- KOSELLECK, R. Crisis. In: **Journal of the History of Ideas**, v. 67, n. 2, 2006, pp. 357-400.
- KUNIO, Y. Tabemono to Shinzou. 1990 [1940]. In: **Yanagita Kunio Zenshuu**, v. 17. Tóquio: Chikuma Bunko, 1990.
- KURODA, T. The demographic transition in Japan. In: **Social Science & Medicine**. Part A: Medical Psychology & Medical Sociology, v. 12, 1978, pp.451-457.
- KYODO. Police take action against more elderly than juveniles for first time. Reportagem online para o jornal The Japan Times. Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/news/2015/07/16/national/crime-legal/police-take-action-elderly-juveniles-first-time/#.XIXvhqB7nIV>>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- KYUUZOU suru "shigo rikon" musuko ga shindara, yome ga zaisan motte tonsou suru. **Shuukan Gendai**, Tóquio, Kodansha, 25 abr. 2017. Disponível em: <<http://gendai.ismedia.jp/articles/-/51533>>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- LANDRY, A. **La révolution démographique**: études et essais sur les problèmes de la population. Paris: Ined, 1934.
- LE BAIL, H. La nouvelle immigration chinoise au Japon, In: **Perspectives chinoises**, n. 90, 2005. Disponível em:<<http://perspectiveschinoises.revues.org/901>>. Acesso em 13 fev. 2019.
- LEE, J.; PAIK, M. Sex Preferences and Fertility in South Korea during the Year of the Horse. In: **Demography**, Vol. 43, N. 2, 2006, pp. 269-292.

LEGG, S. Foucault's Population Geographies: Classifications, Biopolitics and Governmental Spaces. In: **Population, space and place**, v. 11, n. 3, pp. 137–156, 2005.

LESTHAEGHE, R. **The unfolding story of the second demographic transition**. Population and Development Review, v. 36, n. 2, 2010, pp. 211-251.

LÉVI-STRAUSS, C. Lugar da cultura japonesa no mundo. In: LÉVI-STRAUSS, C., **A Outra Face da Lua: Escritos sobre o Japão**, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 11-37.

LIES, E. **“Makes me shake with rage” – Japan probe shows university cut women's test scores**. Reuters. Reportagem de 7 de Agosto de 2018. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/us-japan-women-exams/makes-me-shake-with-rage-japan-probe-shows-university-cut-womens-test-scores-idUSKBN1KS0S9>>. Acesso em: 6 mar. 2019.

LIVI-BACCI, M. Demographic Shocks: the view from history. In: **Popolazione e Storia**, v. 2, n. 2, 2001, pp. 93-115.

LOS ANGELES TIMES. **Japan's Next Export May Be Its Elderly, U.S. Developer Suspects**: Aging: Others, however, scoff at the suggestion that the Japanese are buying golf courses here as sites to build Asian retirement communities later. 1990. Reportagem de 5 mar. 1990. Disponível em: < <https://goo.gl/kHNBBn>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

MARUTSCHKE, H. P. Labour Law. In: RÖHL, W. (Ed.) **History of Law in Japan since 1868**. Leiden: Brill, 2005.

MATSUO, H. **Is Japan a Second Demographic Transition country? Observations based on union, first birth status and values in The Netherlands and Japan**. Groningen: Faculty of Spatial Sciences, Population Research Center, University of Groningen, 2001. (Discussion paper).

MCDONALD, P.; KIPPEN, R. **The Impact of Immigration on the Ageing of Australia's Population**. Edward Elgar Publishing, 1999.

MALTHUS, T. **An Essay on the Principle of Population**. Londres: 1798. Disponível em: < <http://esp.org/books/malthus/population/malthus.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

MARTIN, A. Elderly offenders on rise. Reportagem online para The Japan Times. 16 de outubro de 2008. Disponível em: < <http://www.japantimes.co.jp/news/2008/10/16/national/elderly-offenders-on-rise/#.VTFvudKrQgk>>. Acesso em 17 de abr. 2015.

MASUDA, H. et al. ***Seichou wo tsuzukeru 21seiki no tame ni - Sutoppu shoushika Chihou senryaku***. 2014a. Disponível em: < <http://www.policycouncil.jp/pdf/prop03/prop03.pdf>>. Acesso em: 9 de dez. 2016.

_____. et al. ***Jinkou Genshou Mondai***. 2014b. Disponível em: < <https://youtu.be/qutXSH0olgY>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

MATSUO, H. **Is Japan a Second Demographic Transition country?**

Observations based on union, first birth status and values in The Netherlands and Japan. Groningen: Faculty of Spatial Sciences, Population Research Center, University of Groningen, 2001. (Discussion paper).

MATSUTANI, A. **Shrinking-population Economics – Lessons from Japan**.

Tóquio: International House of Japan, 2006.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**, Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974, V. 2, pp. 209-233.

MCCURRY, J. **Tokyo medical school admits changing results to exclude women**. The Guardian. Reportagem de 8 de Agosto de 2018. Disponível em: < <https://www.theguardian.com/world/2018/aug/08/tokyo-medical-school-admits-changing-results-to-exclude-women>>. Acesso em: 6 mar. 2019.

MINISTRY OF DEFENSE. **Boueishou ni okeru jyosei shokuin no katsuyaku ni tsuite**. 2017. Disponível em: < http://www.mod.go.jp/j/approach/agenda/meeting/jinji/gijiroku/jinji/29_02.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MINISTRY OF HEALTH LABOR AND WELFARE. **Jinkou Doutai Chousa**. 1980. Disponível em: < <http://www.e-stat.go.jp/SG1/estat/Pdfdl.do?sinfid=000031455769>>. Acesso em: 9 out. 2016.

_____. **Koyou Kintou • Jidou Kateikyoku**. 2004?. Disponível em: < http://www1.mhlw.go.jp/topics/profile_1/koyou.html>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. **Jinkou Doutai Chousa**. 2016. Disponível em: < <http://www.mhlw.go.jp/toukei/saikin/hw/jinkou/kakutei15/index.html>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

_____. **Waga kuni ni okeru karoushi nado no gaiyou, oyobi seifu ga karoushi nado no boushi no tame ni koujita seisaku no jyoukyou – Heisei 29nendo**. 2018. Disponível em: < <https://www.mhlw.go.jp/wp/hakusyo/karoushi/18/index.html>>. Acesso em: 6 mar. 2019.

MINISTRY OF INTERNAL AFFAIRS AND COMMUNICATIONS. **Heisei no gappei nit suite no kouhyou**. 2010. Disponível em: < <http://www.soumu.go.jp/gapei/>>

gapei.html>. Acesso em: 8 mar. 2019.

_____. **Heisei 27nen Kokusei Chousa**: Chousa kekka no riyou an-nai – yu-za-gaido. 2016. Disponível em: < <http://www.stat.go.jp/data/kokusei/2015/users-g/pdf/all.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MINISTRY OF JUSTICE. **Shutsunyukoku Kanri Toukei Toukei-hyou**. 2016a. Disponível em: < http://www.moj.go.jp/housei/toukei/toukei_ichiran_nyukan.html>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. **Zairyu Gaikokujin Toukei Toukei-hyou**. 2016b. Disponível em: < http://www.moj.go.jp/housei/toukei/toukei_ichiran_touroku.html>. Acesso em: 23 nov. 2016.

_____. **Manual para yonseis**. 2018. Disponível em : < <http://www.moj.go.jp/content/001277059.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

_____. **Heisei 30nenban Hanzai Hakusho**. 2017. Disponível em: < <http://hakusyo1.moj.go.jp/jp/65/nfm/mokuji.html>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

MINISTRY OF LAND, INFRASTRUCTURE, TRANSPORT AND TOURISM. **Heisei 26 nen – akiya jittai chousa – shuukei kekka**. 2014. Disponível em: < http://www.mlit.go.jp/report/press/house02_hh_000088.html>. Acesso em: 8 mar. 2019.

MITSUBISHI CORPORATION. **Japanese Business Glossary**. Tóquio: Toyo Keizai Shinposha, 1983.

MIYAMOTO, T. **Minshuu no bunka**. Tóquio: Miraisha, 1973.

MORIKI, Y. et al. Sexless Marriages in Japan: Prevalence and Reasons. In: MORAN, J. F. **The Japanese and the jesuits**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1993.

MORRISON, P. A. Emerging public concerns over U. S. population movements in an era of slow growth. In: ESPENSHADE, T. J.; SEROW, W. J. **The economic consequences of slowing population growth**. Nova Iorque: Academic Press, 1978, pp. 225-246.

MOSK, C. The demographic transition of Japan. In: **The Journal of Economic History**, Vol. 37, No. 3, 1977, pp. 655-674.

MURRAY, G. **Breaking into Japanese literature**: seven modern classics in parallel text. Tóquio: Kodansha International Ltd, 2003.

- MURPHY-SUIGEMATSU, S. Identities of multiethnic people in Japan. In: DOUGLASS, M.; ROBERTS, G. S. (Eds.). **Japan and Global Migration**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2000, p. 196-216.
- MYRDAL, G. **Population: A Problem for Democracy**. Cambridge: Harvard University Press, 1940.
- NAKAGOME, S. et al. Model-based verification of hypotheses on the origin of modern Japanese revisited by Bayesian inference based on genome-wide SNP data. In: **Molecular Biology and Evolution**, v. 32, n. 6, 2015, pp. 1533-1543.
- NAIKAKUFU. **Gaikokujin roudousha mondai ni kan suru yoron chousa**. Tóquio: 2000. Disponível em: <<https://survey.gov-online.go.jp/h12/gaikoku/index.html>>. Acesso em: 7 mar. 2018.
- _____. **Kaigo robotto ni kansuru tokubetsu yoronchousa**. Tóquio: 2013. Disponível em: <<https://survey.gov-online.go.jp/tokubetu/h25/h25-kaigo.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2018.
- NAKABAYASHI, T.; NAKABAYASHI, M. **Ensaio de Haikai**. São Paulo: Paulos Comunicação e Artes Gráficas, 2003.
- NAKAGAWA, S. Shigo rikon wo kangaeru. **NHK Seikatsu jyohou blog**, Tóquio, NHK, 16 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.nhk.or.jp/seikatsu-blog/cat-12320/265359.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- NANTA, A. Physical anthropology and the reconstruction of Japanese identity in postcolonial Japan. In: **Social Science Japan Journal**, v. 11, n. 1, 2008, pp. 29-47.
- NIHON BENGOSHI RENGOUKAI. **Kouritsu no gakkou genba ni okeru "hi no maru" • "kimi gayo" no kyousei mondai ni kan suru ikensho**. 2007.
- NOTESTEIN, F. W. The population council and the demographic crisis of the less developed world. **Demography**, v. 5, n. 2, 1968, pp. 553-560.
- _____. Obituary: Irene Barnes Taeuber 1906-1974. In: **Population Index**, 1974, v. 40, n. 1, pp. 13-17.
- NOTESTEIN, F. W. Population: The long view. In: SCHULTZ, T. W. **Food for the World**. Chicago: University of Chicago Press, 1945.
- NOTESTEIN, F. W. et al. **The Future Population of Europe and the Soviet Union: Population Projections 1940-1970**. League of Nations Geneva, 1944.
- OAKLEY, D. American-Japanese Interaction in the Development of Population Policy in Japan, 1945-52. In: **Population and Development Review**, Vol. 4, No. 4, 1978, pp. 617-643.

- OECD. "Who are the bachelor's and master's graduates?", In: **Education Indicators in Focus**, No. 37, Paris: OECD Publishing, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/5jm5hl10rbtj-en>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- OGAWA, M. History of Women's Participation in STEM Fields in Japan. In: **Asian Women**, 2017, Vol. 33, No. 3, pp. 65-85.
- OGAWA, N.; SHAH, I. H. **Low Fertility and Reproductive Health in East Asia**. Dordrecht: Springer, Cap. 9, pp. 161-185, 2015.
- OKAZAKI, Y. Population estimates by Sex and Age 1870-1920. In: **Institute of Population Problems - Research Series**, No. 145, 1962.
- ONU. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **World Population Prospects: The 2017 Revision, Methodology of the United Nations Population Estimates and Projections, Working Paper No. ESA/P/WP.250**. Nova Iorque: United Nations, 2017. Disponível em: <https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2017_Methodology.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- OKAMURA, H. "The language or 'racial mixture' in Japan: How ainoko became haafu, and the haafu-gao makeup fad." In: **Asia Pacific Perspectives**, Vol. 14, no. 2, pp. 41-79.
- OLIVEIRA, Adriana Capuano de. **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório**. 1997. 198f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281376>>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- OMRAN, A. R. The epidemiologic transition: a theory of the epidemiology of population change. In: **Milbank Memorial Fund Quarterly**, vol. 49, n. 4, 1971, pp. 509-538.
- OOTA, H. et al. A Genetic Study of 2,000-Year-Old Human Remains from Japan Using Mitochondria1 DNA Sequences. In: **American Journal of Physical Anthropology**, v. 98, n. 2, 1995, pp. 133-145.
- OSAKI, T. Japan sets date for Emperor Akihito's abdication as April 30, 2019. Reportagem online ao jornal *The Japan Times*. 1 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/news/2017/12/01/national/emperors-abdication-date-confirmed-april-30-2019/#.XKzeEth7nIU>>. Acesso em 9 abr. 2019.

- OTA, M. Dad Takes Child-care Leave. In: **Japan Quarterly**, v.46, n.1, 1999 pp.83-89. Disponível em: <<http://eqg.org/document/JapanQuarterly.html>>. Acesso em 3 jun. 2019.
- PARFITT, D. **Reasons and Persons**. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- PARREÑAS, R. S. Homeward bound: the circular migration of entertainers between Japan and the Philippines. In: **Global Networks**, 2010, v. 10, n. 3, pp. 301–323.
- PECK, M. The Japanese Military's Greatest Enemy Isn't China... but shrinking population. Artigo online para "The National Interest". 13 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/blog/buzz/japanese-militarys-greatest-enemy-isnt-china-33411> >. Acesso em: 11 mar. 2019.
- PEIXOTO, A. **Trovas Populares Brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.
- PRESTON, S. H. Changing Values and Falling Birth Rates. In: **Population and Development Review**, Vol. 12, Supplement: Below-Replacement Fertility in Industrial Societies: Causes, Consequences, Policies, 1986, pp. 176-195.
- _____. The Contours of Demography: Estimates and Projections. In: **Demography**, Vol. 30, No. 4, 1993, pp.593-606.
- PRESTON, S. H.; HEUVELINE, P.; GUILLOT, M. **Demography**: measuring and modeling population processes. Oxford: Blackwell, 2001.
- RASTEIRO, R.; CHILCHI, L. Revisiting the peopling of Japan: an admixture Perspective. In: **Journal of Human Genetics**, v. 54, n.6, 2009, pp. 349-354.
- RAZVODOVSKY, Y.; STICKLEY, A. Suicide in urban and rural regions of Belarus, 1990-2005. **Public Health**, v. 123, n. 1, 2009, pp. 27-31.
- REES, P. The Impact of Internal Migration on Population Redistribution: an International Comparison. In: **Population, Space and Place**, vol. 23, n. 6, e2036, 2017.
- REID, M. E.; LOMAS-FRANCIS, C. OLSSON, M. L. **The blood group antigen factsbook**, Amsterdam: Academic press, 2012.
- RHEINISCHE POST. Das Land der untergehenden Sonne. Reportagem de 16 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.rp-online.de/wirtschaft/japan-das-land-der-untergehenden-sonne-aid-1.5018710>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- RICHIE, D. **Japanese Cinema**: An Introduction. Hong Kong: Oxford University Press, 1990.

- ROBERTSON, J. Human Rights vs. Robot Rights: Forecasts from Japan. In: **Critical Asian Studies**, v.46, n.4, pp. 571-598, 2014.
- ROBINE, J.; SAITO, Y. Survival beyond Age 100: The Case of Japan. In: **Population and Development Review**, Vol. 29, Supplement: Life Span: Evolutionary, Ecological, and Demographic Perspectives, 2003, pp. 208-228.
- ROHLFS, C.; REED, A.; YAMADA, H. Causal effects of sex preference on sex-blind and sex-selective child avoidance and substitution across birth years: Evidence from the Japanese year of the fire horse. In: **Journal of Development Economics**, 2010, v. 92, pp. 82-95.
- ROTH, W. D.; MEHTA, J. D. The *Rashomon* Effect: Combining Positivist and Interpretivist approaches in the analysis of contested events. In: **Sociological Methods & Research**, v. 31 n. 2, 2002, pp. 131-173.
- RYCKER, A. DE; DON, Z. M. Discourse in Crisis, Crisis in Discourse. In: RYCKER, A. DE; DON, Z. M. (Eds.). **Discourse and Crisis: Critical perspectives**. Amsterdam, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- RYDER, N. Notes on stationary populations. In: **Population Index**, Vol. 41, No. 1, 1975, pp. 3-28.
- RYDER, R. G. A Topography of early marriage. In: **Family Process**, v. 9, n. 4, 1970, SPIEGEL, J. P. Campus conflict & professorial egos. In: **Transaction**, v. 6, n. 11, 1969, pp. 41-50.
- RYSBERG, J.; TÄNNJÖ, T. **The Repugnant Conclusion: Essays on population ethics**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.
- SAITO, Y. Supercentenarians in Japan. In: MAIER, H. et al. (Eds.), **Supercentenarians**, Demographic Research Monographs, Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2010, pp. 75-99. Disponível em: < <https://goo.gl/T3fGq6>>. Acesso em 11 ago. 2017.
- SAMMAN, A. Crisis Theory and Historical Imagination. In: **Review of International Political Economy**, v. 22, n. 5, 2015, pp. 966-995.
- SANDERSON, W.; SCHERBOV, S. Average remaining lifetimes can increase as human populations age. In: **Nature**, v.435, pp. 811-813, 2005.
- _____. A new perspective on population aging. In: **Demographic Research**, vol. 16, 2007, pp. 27-58.
- _____. The characteristics approach to the measurement of population aging. In: **Population and Development Review**, vol. 39, n. 4, 2013, pp. 673-685.

- _____. Are we overly independent on conventional dependency ratios? In: **Population and Development Review**, v. 41, pp. 687-708, 2015.
- SARAMAGO, J. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SASAKI, E. Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte: ABEP, 1998, pp. 577-603.
- _____. Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 243-274.
- _____. A imigração para o Japão. In: **Estudos avançados**, 2006, vol. 20, no 57, pp. 99-117.
- SASSEN, S. **Globalization and its Discontents**. Nova Iorque: The New Press, 1998.
- SAWAKI, K. En wo kitte raku ni naritai. **Asahi Shimbun Digital**, Tóquio, Asahi Shimbun Company, 5 jun. 2017. Disponível em: < <http://www.asahi.com/articles/ASK5B7XF6K5BPTIL03B.html>>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- SCHMIDT, P. Family Law. In: RÖHL, W. (Ed.) **History of Law in Japan since 1868**. Leiden: Brill, 2005.
- SEKIZAWA, M. Notions of life, old age and death in ageing Japan. In: COULMAS, F. et al. (Eds.). **The demographic challenge: A handbook about Japan**. Leiden; Boston: Brill, Cap. 18, pp. 345-360, 2008.
- SENDA, Y. **Childbearing and Careers of Japanese Women Born in the 1960s: A Life Course That Brought Unintended Low Fertility**. Tóquio: Springer, 2015.
- SHIMASAWA, M.; OGURO, K.; TOYODA, N. **Does Japan have a Gray Democracy? An empirical analysis of prefectural data**. Center for Intergenerational Studies, Institute of Economic Research, Hitotsubashi University, Discussion Paper Series n. 615, 2014.
- SIEG, L.; MIYAZAKI, A. Shrinking applicant pool: Japan's Self Defense Forces struggling to recruit amid population crisis. Artigo online para "The Japan Times". 26 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/blog/buzz/japanese-militarys-greatest-enemy-isnt-china-33411>>. Acesso em: 11 mar. 2019.
- SIEGEL, J. S.; SWANSON, D. A. **The methods and materials of demography**. San Diego; Londres: Elsevier, 2004.

- SINN, H. Europe's demographic deficit: A plea for a child pension system. In: **De Economist**, v. 153, 2005, pp. 1-45, Tinbergen Lectures.
- SMALLWOOD, S.; CHAMBERLAIN, J. Replacement fertility, what has it been and what does it mean? In: **Population Trends**, vol. 119, 2005, pp.16-27.
- STATE OF TASMANIA. **Population growth Strategy**. Disponível em :<https://www.stategrowth.tas.gov.au/policies_and_strategies/populationstrategy>. Acesso em: 6 fev. 2018.
- STATISTICS BUREAU. **The 2012 Employment Status Survey Outline of the Survey**. 2012. Disponível em: <<http://www.stat.go.jp/english/data/shugyou/2012/a1.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2016.
- STATISTICS BUREAU. **Heisei 27nen Roudouryoku Chousa Nenpou**. 2016. Disponível em: <<http://www.stat.go.jp/data/roudou/report/2015/index.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- STETS, J. E.; STRAUS, M. A. The marriage license as a hitting license: A comparison of assaults in dating, cohabiting, and married couples. In: **Journal of Family Violence**, v. 4, n. 2, 1989, pp. 161-180.
- STOLNITZ, G. J. A Century of International Mortality Trends: I. In: **Population Studies**, Vol. 9, No. 1, 1955, pp. 24-55.
- SUGITA, N. Nihon ni okeru jinkou-shakai hoshou ron no keifu – Tachi bunko wo tegakari ni. In: **Jinkou Mondai Kenkyuu**, v. 73, n. 4, 2017, pp. 239-253.
- SUZUKI, N. Filipino Migrations to Japan: From Surrogate Americans to Feminized Worker. In: **Senri Ethnological Reports**, 2008, n. 77, pp. 67–77.
- SUZUKI, T. Fertility Decline and Policy Development in Japan. In: **The Japanese Journal of Population**, Vol.4, No.1, 2006, pp. 1-32.
- _____. Very Low Fertility in Eastern Asia and Europe: Trends, Determinants and Policy Responses. In: **Journal of Population Problems**, Vol.68, No.3, 2012, pp. 14-31.
- SZMRECSÁNYI, T. Da aritmética política à demografia como ciência. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 16, n. 1/2, 1999, pp. 3-17.
- TABELLINI, G. **A Positive Theory of Social Security**. CEPR Discussion Papers 394, Centre for Economic Policy Research, 1990.
- TADA, M. **A cultura gestual japonesa - Manifestações modernas de uma cultura clássica**. São Paulo: Martins fontes – Selo Martins, 2009.

TAEUBER, I. Japanese Population Policy. In: **Population Index**, v. 7, n. 4, 1941, pp. 264-267.

_____. **The population of Japan**. Milbank Memorial Foundation, 1958.

_____. Japan's Demographic Transition Re-examined. In: **Population Studies**, 1960, v. 14, n. 1, pp. 28-39.

_____. Japan's Population: Miracle, Model or Case Study? In: **Foreign Affairs**, 1962, v. 40, n. 4, pp. 595-604.

_____. Demographic Modernization: Continuities and Transitions. In: **Population Bulletin of the United Nations**, 1964, v. 7, n. IV, pp. 90-108.

TAJIMA, A. et al. Genetic origins of the Ainu inferred from combined DNA analyses of maternal and paternal lineages. In: **Journal of Human Genetics**, v. 49, n. 4, 2004, pp. 187-193.

TAKEDA, H. **The political economy of reproduction in Japan: between the nation-state and the everyday life**. Routledge, 2004.

TANAKA, M. et al. Mitochondrial genome variation in eastern Asia and the peopling of Japan. In: **Genome Research**, Vol. 14, no. 10a, 2004, pp. 1832-1850.

TANAKA, C. M.; IWASA, Y. Cultural evolution of a belief controlling human mate choice: Dynamic modeling of the hinoeuma superstition in Japan. In: **Journal of Theoretical Biology**, v. 309, 2012, pp. 20-28.

THE GUARDIAN. **Indian woman in her 70's gives birth to healthy baby boy**. 2016. Reportagem de 10 mai. 2016. Disponível em: < <https://goo.gl/dWMUSj> >. Acesso em: 9 ago. 2017.

THE JAPAN TIMES. **Overseas voyages by retirees include more than a few shipwrecks**. 2013. Reportagem de 24 fev. 2013. Disponível em: < <https://goo.gl/YpaEcE> >. Acesso em: 15 dez. 2016.

_____. **Older workers play vital role in Japan's nursing sector from suffering labor shortage**. 2014. Reportagem de 4 ago. 2014. Disponível em: < <https://goo.gl/9puHn9> >. Acesso em: 15 dez. 2016.

_____. **Conservatives lash out at Shibuya Ward initiative to recognize same-sex relationships**. 2015. Reportagem de 12 mar. 2015. Disponível em: < goo.gl/4YVUYx >. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. **Women of Indian descent crowned Miss Japan**. 2016. Reportagem de 5 set. 2016. Disponível em: < <http://www.japantimes.co.jp/news/2016/09/05/national/social-issues/woman-of-indian-descent-crowned-miss-japan/> >

#.V82Ob_krLIV>. Acesso em: 5 set. 2016.

_____. **What the abdication law passed over**. 2017. Editorial de 16 jun. 2017.

Disponível em: < <https://goo.gl/LtWZBB> >. Acesso em: 11 ago. 2017.

changes.

THOMPSON, W. S. Population. In: **The American Journal of Sociology**, vol. 34, n. 6, 1929, pp. 959-975.

TIPTON, E. K. **Modern Japan: A social and political history**. Londres: Routledge, 2002.

TOKYO SHINBUN. **Shibuyaku Dousei Kappuru Jyourei Ichinen Tayou na Sei he no Shien no Wa**. Reportagem de 12 abr. 2016. Disponível em: < goo.gl/PwUviv >. Acesso em: 12 dez. 2016.

TREND, M. G. On the reconciliation of qualitative and quantitative analyses: A case study. In: **Human Organization**, v. 37, n. 4, 1978, pp. 345-353.

TYNER, J. A. Constructions of Filipina Migrant Entertainers. In: **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, 1996, v. 3, n. 1, pp.77-94.

UCHIDA, M. **Shiruba- demokurashi- Kourei shakai no seijigaku**. Tóquio: Yuhikaku, 1986.

UMINO, K. **Nihon Jinshu Kaizo Ron**. 1910. Disponível em: < <http://dl.ndl.go.jp/info:ndljp/pid/832934> >. Acesso em: 8 fev. 2018.

UNESCO. **ICOMOS report for the World Heritage Committee - Evaluations of Nominations of Cultural and Mixed Properties 2018**. 42nd ordinary session, Manama, 24 June - 4 July 2018.

VAN LEEUWEN, T. Semiotics and iconography. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (Eds.). **Handbook of Visual Analysis**. Londres: Sage Publications, 2001, pp. 92-118.

VOGT, G.; ACHENBACH, R. International Labor Migration to Japan: Current Models and Future Outlook. In: **Asien: The German Journal on Contemporary Asia**, 2012, n. 124, pp. 8-26.

WADA, T. **Improvement of Census Data Quality - Non-response Problem**. In: The Population Census Conference, 29. Sessão 4. Da Nang, Vietnã: Association of National Census and Statistics Directors of America, Asia and the Pacific (ANCSDAAP), 11-13 jul. 2018. Disponível em: < http://www.ancsdaap.org/YZboard/file_down.php?code=bbs_02&no=68&file_number=0 >. Acesso em: 5 mar. 2019.

- WAHBA, M. A.; BRIDWELL, L. G. Maslow reconsidered: A review of research on the Need Hierarchy Theory. In: **Organizational Behavior and Human Performance**, v. 15, n. 2, 1976, pp. 212-240.
- WILMOTH, J. R.; HORIUCHI, S. Rectangularization revisited: Variability of age of death within human populations. In: **Demography**, Vol. 36, N. 4, 1999, pp. 475-495.
- WOMACK, J. P.; JONES, D. T.; ROOS, D. **A máquina que mudou o mundo**: baseado no estudo do Massachusetts Institute of Technology sobre o futuro do automóvel. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- WOORTMANN, E. F. Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: Tradição e modernidade. In: **Revista de Antropologia - USP**, 1995, v. 38, n. 2, pp. 7-36.
- XIE, Y. Demography: Past, present, and future. In: **Journal of the American Statistical Association**, 2000, vol. 95, n. 450, pp. 670-673.
- YAGI, N. et al. Policy Review: Japan–Philippines Economic Partnership Agreement (JPEPA)—Analysis of a failed nurse migration policy. In: **International Journal of Nursing Studies**, 2014, n. 51, pp. 243–250.
- YAMADA, C. Achieving Dreams in One’s Post-retirement “Second Life”: A Study of Seniors’ Migration from Japan to Canada. In: **Senri Ethnological Studies - The Anthropology of Aging and Well-being: Searching for the Space and Time to Cultivate Life Together**, vol. 80, 2013, pp. 81-95.
- YAMADA, H. Superstition effects versus cohort effects: is it bad luck to be born in the year of the fire horse in Japan? In: **Review of Economics of the Household**, 2013, v. 11, n. 2, pp. 259-283.
- YAMAKI, M. Koronia shou. In: **Koronia Zuihitsu Senshu**, n. 3, Ed. Topan-Press Ltda. 2008, pp. 328-334.
- YAMAKI, M. D. **Conflitos e diferenças no ambiente de trabalho de uma empresa japonesa no Brasil: um estudo de caso na Toyota**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, Santo André, SP.
- _____. **Project Silver Columbia and LongStay**: Insights from Japan for the study of the worldwide elderly population. In: XII International Congress on Japanese Studies in Brazil (CIEJB) / Estudos Japoneses: Singularidades e Novos Rumos / Programação e Resumos, Campinas, 2018, v. 1. p. 135-135.
- YAMASHIRO, J. H. The Social Construction of Race and Minorities in Japan. In: **Sociology Compass**, v. 7, no. 2, 2013, pp. 147-161.

- YAMAZAKI, T. *Kango kaigo bunya ni okeru gaikokujin roudousha no ukeire mondai*. In: **Referansu**, v.2, 2006, pp. 4–24. Disponível em: <www.ndl.go.jp/jp/diet/publication/refer/200602_661/066101.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2018.
- YIP, P. S. F.; LEE, J.; CHEUNG, Y. B. The influence of Chinese zodiac on fertility in Hong Kong SAR. In: **Social Science & Medicine**, v. 55, n. 10, 2002, pp. 1803-1812.

Apêndice A - Mapa do Japão – Regiões e Províncias



Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Regions_and_Prefectures_of_Japan_2.svg>. Acesso em: 15 abr. 2019.

| Hokkaido | Tohoku | Kanto | Chubu | Kansai | Chugoku | Shikoku | Kyushu |
|----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|-----------|-----------|
| Hokkaido | Aomori | Ibaraki | Niigata | Mie | Tottori | Tokushima | Fukuoka |
| | Iwate | Tochigi | Toyama | Shiga | Shimane | Kagawa | Saga |
| | Miyagi | Gunma | Ishikawa | Kyoto | Okayama | Ehime | Nagasaki |
| | Akita | Saitama | Fukui | Osaka | Hiroshima | Kochi | Kumamoto |
| | Yamagata | Chiba | Yamanashi | Hyogo | Yamaguchi | | Oita |
| | Fukushima | Tokyo | Nagano | Nara | | | Miyazaki |
| | | Kanagawa | Gifu | Wakayama | | | Kagoshima |
| | | | Shizuoka | | | | Okinawa |
| | | | Aichi | | | | |

<https://www.esrij.com/products/japan-shp/>